









~~Handwritten scribbles~~

L CA

---

3201



Parnaso Lusitano

ou

*Poesias Selectas.*

Journal de la Société

PARIS. — DE L'IMPRIMERIE DE RIGNOUX,  
rue des Francs-Bourgeois-S.-Michel, n° 8.



# Parnaso Lusitano

OU

## *Poesias Selectas*

DOS

AUCTORES PORTUGUEZES ANTIGOS E MODERNOS,  
ILLUSTRADAS COM NOTAS.

PRECEDIDO  
DE UMA HISTORIA ABREVIADA DA LINGUA  
E POESIA PORTUGUEZA.

L.  
3201  
—  
TOMO I.



PARIS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD,  
QUAI VOLTAIRE, N.º II.

—  
M DCCG XXVI.



Á SERENISSIMA SENHORA

**Dona Izabel Maria,**

*Regente do Reino.*

Senhora,

*A promessa lisonjeira  
com que Vossa Alteza  
Real deu nova esperança*

e vida às Artes Portu-  
guezas já quasi extinctas  
por tantos seculos de des-  
favor e desgraça, me ani-  
mou a ajunctar n'esta  
collecção o mais precioso da  
Poesia Nacional, e a de-  
dica-la a Vossa Alteza  
Real, como primicias dos  
abundantes fructos que de  
tam creador amparo hão-  
de brotar.

Aos pés de Vossa  
Alteza Real se prostra  
com profundo respeito,

O mais humilde e leal vassallo.

João Pedro Ailland.

Paris, 30 de agosto, 1826.

APPENDIX

The following is a list of the names of the persons who have been admitted to the office of Justice of the Peace for the County of ... in the year 1780. The names are arranged in alphabetical order.

1. ...

2. ...

3. ...

4. ...

5. ...

6. ...

7. ...

8. ...

9. ...

10. ...

11. ...

12. ...

13. ...

14. ...

15. ...

16. ...

17. ...

18. ...

19. ...

20. ...

21. ...

22. ...

23. ...

24. ...

25. ...

26. ...

27. ...

28. ...

29. ...

30. ...

31. ...

32. ...

33. ...

34. ...

35. ...

36. ...

37. ...

38. ...

39. ...

40. ...

41. ...

42. ...

43. ...

44. ...

45. ...

46. ...

47. ...

48. ...

49. ...

50. ...

---

---

*A quem ler.*

---

A minha primeira ideia quando intentei esta colleccão, foi dar ao público um extracto das melhores poesias de nossos classicos. Reflecti depois que não seria ella completa, porque alguns generos ha que não tractaram aquelles illustres escriptores : e em tam rica litteratura como é a portugueza, pena fôra mostrar pouquidade e pobreza. Resolvi-me por esse motivo a sahir dos limites classicos. Mas ainda apparecia outra difficuldade : especies ha de poesia em que não escreveram senão auctores vivos; aterrava-me a lembrança de haver de julgar e escolher obras que aguardam ainda o conceito da posteridade, quasi sempre unico tribunal recto das cousas dos homens, especialmente de materia de gôsto. Todavia o mesmo motivo de querer fazer esta escolha o mais completa que é pos-

sivel, me determinou a arrostar ess'outro escolho. Procurei nos escriptores vivos cingir-me quanto racionavelmente pude á mais geral opinião, escolhendo aquelles trechos que mais approvados teem sido; observando pola minha parte a mais vigorosa imparcialidade que humanamente se póde. E sendo, como sou, alheio a toda disputa e rivalidade litteraria e poetica, se algum' hora no decurso d'esta obra julgarem deslizei d'essa proposta impassibilidade, peço que o attribuam a êrro de meu juizo, não a proposito deliberado\*.

Queria eu tambem ao princípio con-

\* Muito tempo hesitei se daria logar n'êsta collecção a um poeta (hoje morto) em quem de certo houve algum ingenho, mas que ignorou e desprezou a tal ponto a lingua, tam cynicamente violou o decoro do stylo, as mais indispensaveis regras do gôsto e da boa razão, que seus poemas são uma *sentina* de gallicismos, e um apontoado de termos baixos, de expressões que não usa gente de bem, de construcções barbaras, de versos prosaicos, semeados áquem



servar a cada escriptor sua particular orthographia ; mas a isso obstaram dous insuperaveis obstaculos. Primeiro — não haver, sôbre tudo nos classicos, uma base boa ou má em que cada um d'elles fundasse a sua orthographia para se poderem regularizar as incalculaveis anomalias que se encontram em uma mesma obra, na mesma pagina ás vezes. Segundo — que havendo sido muitas das obras de nossos poetas antigos e modernos publicadas posthumas, é impossivel a-

além de uma ideia feliz de um bom verso, de uma imagem poetica. Já se ve que esta descripção a ninguem quadra senão ao Santos e Silva. Cedi tambem n'este ponto á opinião que o considera mais do que elle vale, e escolhi o que me pareceu menos barbaro da tal excentrica *Brazilhada* : e provavel é que escolhesse mal, porque difficil é julgar um homem bem quando está *cahindo com somno*.

Fui obrigado a pôr um grande pedaço, porque em maior espaço appareceria um maior número d'esses poucos *descuidos felizes* do auctor.

certar com o verdadeiro *systema orthographico* d'elles. Esta impossibilidade augmentou ainda e se estenden á aquellas que apezar de publicarem suas obras em vida, cahiram em mãos de novos editores todos ignorantes ou descuidados (nenhum conheço, a quem fique mal o epitheto) que em vez de as melhorarem, estragaram e confundiram tudo. Ora d'alguns d'esses não foi possível, por mais diligencias que se fizeram, descobrir as primeiras edições, as quaes, segundo observei, ainda assim, não serviriam de muito.

Accresciam a estes dous motivos a feia apparencia que teria a obra que mais houvera ficado recosida manta de retalhos furtacôres, do que uma colleccão de poetas da mesma lingua.

Determinei pois imprimir tudo com regular e geral *orthographia*; cujos principios extrahi do uso dos melhores classicos, uso que nem sempre seguiram, mas que manifestamente se ve quizeram seguir; e são estes:

I. Conservar fielmente a ethymologia quando se lhe não oppõe a pronúncia.

II. Combiná - la com a pronúncia quando ésta se oppõe á inteira conservação d'aquella.

III. Nas palavras de raiz incognita seguir o uso geral.

IV. Nas diversas modificações dos verbos conservar sempre a figurativa quando a pronúncia não obsta.

V. Não pôr accentos (agudo e circumflexo que são os unicos portuguezes) senão onde a palavra sem elles se confundiria com outra. (Tambem me servi do agudo para marcar a die-resis por não estar ainda adoptado entre nós o signal (..) que é bem necessario.)

Julgo haver prestado algum serviço á litteratura nacional em offerecer aos estudiosos de sua lingua e poesia um rapido bosquejo da historia de ambas. Quem sabe que tive de encetar materia nova, que portuguez nenhum d'ella escreveu, e os dous estran-

geiros Bouterweck e Sismondi incorrectissimamente e de tal modo que mais confundem do que ajudam a conceber e ajuizar da historia litteraria de Portugal; avaliará decerto o grande e quasi indizivel trabalho que me custou esse ensaio. Não quero dá-lo por cabal e perfeito; mas é o primeiro, não podia se-lo. Além de que, a maior parte das ideias vão apenas tocadas, porque não havia espaço em obra de taes limites para lhe dar o necessario desenvolvimento.

.....

# BOSQUEJO

## DA HISTORIA DA POESIA

### E LINGUA PORTUGUEZA.

---

#### I.

Origem de nossa lingua e poesia.

A lingua e a poesia portugueza (bem como as outras todas) nasceram gêmeas, e se criaram ao mesmo tempo. Êrro é commum, e geral mesmo entre nacionaes, pela maior parte pouco versados em nossas cousas, o pensar que a lingua portugueza é um dialecto da castelhana, ou hespanhola segundo hoje inexactamente se diz.

Das variadas combinações das primitivas linguagens das Hespanhas com o Grego, o Latim, com os barbaros idiomas dos invasores do norte, e alfim com o Arabigo, nasceram em diversas partes da Peninsula diversissimas linguas que nem dialectos se podem cha-

mar geralmente, porque, além de não haver uma commum, de muitos d'elles é tam distincta a indole e tam opposta que se lhes não colhe similhaça.

Ninguem ignora hoje que o Proençaal foi a primeira que entre as linguas modernas se cultivou, mas que por sua breve dura não chegou nunca á perfeição. Das nações da Hespanha, as mais vizinhas áquelle crepusculo de civilização primeiro melhoraram sua linguagem: mas tambem lhes coube igual sorte; nunca de todo se puliram. O Castelhana e Portuguez, que mais tarde se cultivaram, permaneceram pelo sabido motivo da conservação da independencia nacional, e vieram a completo estado de perfeição e caracter cabal de linguas cultas e civilizadas. O Biscaíno, Catalão, Gallego, Aragonez, Castelhana, Portuguez e outras mais foram e são ainda alguns distinctos idiomas: porém so os dous ultimos tiveram litteratura propria e perfeita, linguagem commum e scientifica, tudo emfim quanto constitue e caracteriza (se é licita a expressão) a *independencia* de uma lingua.

Grande similhaça ha entre o Portuguez e Castelhana; nem podia ser menos

quando suas capitaes origens são as mesmas e communs : porêm tam parecidas como são pelas raizes de derivação; no modo, no systhema d'essas mesmas derivações, na combinação e amalgama de idênticas substancias e principios se ve todavia que diversos agentes entraram, e que mui variado foi o resultado que a cada uma proveio. Filhas dos mesmos paes, diversamente educadas, distinctas feições, vario genio, porte e ademan tiveram: ha comtudo nas feições de ambas aquelle *ar de familia* que á prima vista se colhe.

Este ar de familia enganou os estrangeiros, que sem mais profundar, decidiram logo, que o Portuguez não era lingua propria. Esse achaque de decidir afoitamente de tudo é velho, sobre tudo entre Francezes, que são o povo do mundo entre o qual (por philaucia de certo) menos conhecimento ha das alheias cousas.

Sem dúvida é que a lingua portugueza começou com seus trovadores, unicos no meio do estrepito das armas que algum tal qual cultivo lhe podiam dar; e provavel é que assim fosse com pouco melhoramento até os tempos d'el-rei

D. Diniz, que no remanso da paz de seu reinado protegeu e animou as lettras, que elle proprio cultivou tambem.

## II.

Primeira epocha, litteraria; fins do XIII, até os principios do XVI, sec.

D. João I., o eleito do povo, e o mais nacional de todos os nossos reis, deu ao idioma patrio valente impulso, mandando usar d'elle em todos os actos e instrumentos publicos, que até então se faziam em Latim. Foi ésta lei carta de alforria e de cidade para a lingua que atélli vivera escrava da dominação latina, a qual sobrevivera não so ao imperio romano, mas a tantas conquistas e reconquistas de tam desvairados povos.

Aqui se deve pôr a data da verdadeira aurora das lettras em Portugal, que por singular phenomeno, pouco visto entre outros povos, raiou ao mesmo tempo com a das sciencias: por maneira que quando o romantico alaúde de nossas musas começava a dar mais afinados sons, e a subir mais alto que o atélli conhecido, as sciencias e as artes



cresciam a ponto de espantar a Europa, mudar a face do mundo, e alterar o *systema* do universo.

Desde então té á morte d'el-rei D. Manuel, tudo foi crescer em Portugal; artes, sciencias, commércio, riqueza, virtudes, espirito nacional.

Muitas foram as producções de nossa litteratura n'aquelle seculo de glória em que Gil-Vicente abriu os fundamentos ao theatro das linguas vivas, Bernardim Ribeiro puliu e adereçou com alguns mimos da antiguidade o genero inculto dos romances\* e seguiu (quasi o segundo) o caminho encetado pelo nosso Vasco de Lobeira nas composições romanescas; e ao cabo mostrou aos rusticos pastores do Tejo alguns dos suaves modos da frauta de Sicilia que nenhuma lingua viva até então ouvira soar.

A natural suavidade do idioma portuguez, a melancholia saúdosa de seus numeros nos levaram á cultura d'este genero pastoril, em que raro poeta

\* Não no sentido de *novellas*, mas no que então se lhe dava.

nosso deixou de escrever, quasi todos bem, porque a lingua os ajudava; nenhum perfeitamente, porque (inda mais) deram ás cegas em imitar Sannazaro, depois Boscan e Garcilazo, e copiaram pouco do *vivo* da natureza, que tam bella, tam rica, tam variada se lhes presentava per todas as quatro partes de que em breve constou o mundo portuguez, e das quaes todas ou assumpto ou logar de scena tiraram nossos bucolicos. Nem d'este geral defeito\* (o maximo que per ventura se lhes nota) póde fazer-se excepção, senão for alguma rara em favor de Camões e de Rodriguez Lobò. O Tejo, o Mondego, os montes, os sitios conhecidos de nosso paiz e dos que nos deu a conquista, figuram em seus poemas; porém raro se ve descripção que recorde algum d'esses sitios que ja vimos, que nos lembre os costumes, as usanças, os preconceitos mesmos populares; que d'ahi vem á poesia o aspecto e feições nacionaes, que são sua maior belleza.

Bernardim Ribeiro foi um tanto mais

\* Commum tambem nos outros generos de poesia, onde quer que entra o descriptivo.

original em sua simplicidade o que lhe falta de sublime e culto sobeja-lhe em brandura, e n'uma ingenua ternura que faz suspirar de saudade, d'aquella saudade cujo poeta foi, cujos suaves tormentos tam longo padeceu, e tam bem pintou.

Foi seu contemporaneo Gil-Vicente fundador do theatro moderno, de cujas obras imitaram os Castelhanos; e d'ellas se espalhou pela Europa o mau e o bom d'essa irregular e caprichosa scena, que ainda assim suas bellezas tem.

O proprio Gil-Vicente não deixa de ter seu comico sal, e entre muita extravagancia muita cousa boa. Bouterweck e Sismondi parece que escolheram o peor para citar; muito melhores cousas tem, particularmente nos autos, superiores sem comparação ás comedias. A soltura da phrase, e a falta de gôsto são os defeitos do seculo; o ingenho que d'ahi transparece é do homem grande e de todas epochas\*.

\* Reservo-me para uma edição que pretendo publicar do nosso Plauto, fructo de longo e penoso trabalho, para examinar melhor este ponto, e demonstrar o que aqui enuncio.

## III.

Segunda epocha litteraria ; idade de ouro da poesia e da lingua desde os principios do XVI , até os do XVII , sec.

Com a morte d'el-rei D. Manuel declinou visivelmente a fortuna portugueza : certo é que as artes progrediram, que a lingua se aperfeçoou ; porém esse movimento era continuado ainda do impulso anterior e ja não promettia longa dura. Assim succedeu. D. João III colheu os fructos do que D. Manuel havia semeado ; mas de lavras suas, nem elle, nem seus successores viram colheita.

Uma cousa todavia que muita influencia teve sobre a lingua e litteratura portugueza e que a instituições de D. João III se deve, foi o cultivo das linguas classicas que na reformação da universidade de Coimbra augmentou muito. Os modelos gregos e romanos foram então versados de todas as mãos, estudados, traduzidos, imitados. Aperfeçoou-se a lingua, enriqueceu-se, adquiriu então aquella solemnidade clas-

sica que a distingue de todas as outras vivas, seus periodos se arredondaram modo latino, suas vozes tomaram muito da euphonia grega; d'um e d'outro d'esses idiomas lhe vieram as muitas, e principalmente da grega os muitos hyperbatos; com o que vai rica, livre, e magestosa per todas as provincias da litteratura, que tem decorrido, não havendo ahi genero de composição, para o qual, ou por doce de mais como o Toscano, não seja propria, — ou por mui aspera e guindada como o Castelhana, se não adapte, — por curta como o Francez, não chegue, — por inflexivel e rispida como o Alemão e Inglez, se não amolde.

Claro é que a historia, a oratoria, todas as artes do discurso deviam de florescer com tal augmento. Com ellas todas medrou e cresceu a poesia na delicadeza, na harmonia, no gosto; porém desmereceu muito, demasiado na originalidade, no caracter proprio, que perdeu quasi todo, em a *nacionalidade*, que por mui pouco se lhe ia. Todos os deuses gregos tomaram posse do maravilhoso poetico, todas as imagens, todas as ideias; todas as allusões do tempo de

Augusto occuparam as mais partes da poesia ; e mui pouco ficou para o que era nacional, para o que ja tinham, para o que podiamos adquirir ainda, para o que naturalmente devia nascer de nossos usos, de nossas recordações, de nossa archeologia, do aspecto de nosso paiz, de nossas crenças populares, e emfim de nossa religião.

Sá de Miranda, verdadeiro pae da nossa poesia, um dos maiores homens de seu seculo, foi o poeta da razão e da virtude, philosophou com as musas, e poetizou com a philosophia. Seu muito saber, sua experiencia, seu trato affavel, e até a nobreza de seu nascimento, lhe deram indisputada superioridade a todos os escriptores d'aquelle tempo, dos quaes era ouvido, consultado e imitado. Sá de Miranda exerceu sobre todos os poetas d'aquelle epocha a mesma especie de imperio que veio a ter Boileau em França, e mais modernamente Francisco Manuel entre nós. Introduziu na poesia os metros italianos, e os modos, versos e combinações de rhymas de Dante e Petrarca : e desd'ahi quasi se abandonaram inteiramente (excepto nas voltas e glosas) os nossos antigos versos

de redondilha, e absolutamente os de arte maior e menor, que ainda assim mui proprios são para certos assumptos, segundo com feliz exemplo no-lo mostraram antigos e modernos poetas. Nem o mesmo Sá de Miranda igualou nunca em composições hendecasyllabas a pureza, a correccção, a naturalidade e sublime simplicidade de suas redondilhas nas epistolas, que hoje são seu maior e quasi unico titulo de glória.

São de admirar suas comedias, e são notavel monumento para a historia das artes pela feliz imitação dos antigos, e pelo que excedem quanto até então se tinha escripto. Porém o theatro portuguez creado pela musa negligente e travessa de Gil-Vicente e João Prestes, carecia de reforma, mas não podia supportar uma revolução. As comedias de Sá de Miranda sem character nacional, mui classicas de mais não eram para reformá-lo: o mesmo direi, e o mesmo succedeu ás de Ferreira, a algumas poucas mais que depois vieram. O effeito d'estas composições, aliás preciosas, foi funesto: os litteratos enjoaram-se (e com razão) do theatro nacional, e não se deram a corrigi-lo e melhorá-lo: o

público preferia (e com razão também) o com que fôra creado, o que o interessava, o que o divertia, e antes que correr com as grosserias dos autos populares; que bocejar e adormecer-se com as finuras d'arte e correccões d'essas comedias, que tudo tinham, menos interesse, onde todo o spirito havia, menos o nacional.

Se houveram Sá de Miranda e Ferreira escolhido assumptos portuguezes, se houveram pintado os costumes nacionaes, e apresentado ao público, em vez de quadros italianos, um espelho em que se elle visse a si e aos seus usos, e se risse de seus proprios defeitos; fico em que houveram reformado o theatro em vez de lhe empecer: e acaso gosariamos ainda hoje em uma scena rica e abastada dos resultados d'esse impulso, quando não temos senão que chorar, e vivemos, sôbre o theatro das migalhas que mendigâmos a estrangeiros pelo triste meio de traducções, que (as dramaticas sôbre tudo) nunca podem ser boas.

Sá de Miranda escreveu além d'isto algumas eclogas bastante frias, varios sonetos geralmente de pouca monta. Um d'elles á morte de Leandro e Hero é



excellente, mas castelhano, e por esse achaque o não incluí na escolha \*.

Não posso deixar de querer mal a tam illustre portuguez polo muito que escreveu n'essa lingua estranha; com que não so privou a natural do fructo de suas tarefas, mas fez maior damno ainda com o exemplo que abriu; exemplo funesto que nos cerceou a litteratura, que nos defraudou d'uma Diana de Montemaior, de tantas boas cousas mais, e ao cabo ia perdendo a lingua.

Mas eisahi Antonio Ferreira para combater esse mal em sua origem: ei-lo ahi esse portuguez verdadeiro, ardente amator da lingua, clamando a todos, pugnando contra todos os que não prezavam e aditavam o patrio idioma com as produções do ingenho e das artes. O profundo conhecimento dos classicos gregos e latinos, o finissimo gôsto que em seu estudo tinha adquirido, a felicidade com que sempre os imitou, a pureza da phrase, as riquezas com que adornou a lingua deram aos versos de

\* A. Rib. dos Santos traduziu este soneto em portuguez e (cousa inexplicavel em tal homem!) o deu por seu.

Ferreira grande popularidade entre os litteratos e cortezãos (que, ao aveço de hoje, as lettras viviam então quasi so na côrte) e fixaram determinadamente o genero classico entre nós.

Cegou-se todavia o nosso bom Ferreira na imitação dos antigos; copiou-os, não os imitou: e d'ahi, enriquecendo a lingua, empobreceu a litteratura, porque a avezou a esse hábito de copista; cancro que roe o espirito creador, alma e vida da poesia nacional. Tam cega foi ésta imitação, que seus mesmos versos, aos quaes hoje ninguem defende da nota de asperos e duros (e muitos direi — errados) os fazia assim de proposito por querer usar das etclipsés gregas e latinas, a que repugna a indole de nossa lingua so toleraveis em certas vozes que na prosa mesma se pronunciam e escrevem no final com *m* ou sem elle. Este desagradavel defeito dos versos de Ferreira é principalmente sensivel nas dicções que teem final no que chamâmos (mal ou bem) diphthongos nasaes de *ão*, e muito mais quando n'elle é o accento predominante da palavra.

Os sonetos são frios desengraçados; nas eclogas ha bellezas muitas, e mui

grandes, mas espalhadas: nenhuma d'estas composições tomada per si póde merecer o nome de bella. Porém das odes, ha d'ellas que são puramente horacianas, e se lhes fallece a elevação (que não era esse o genio de Ferreira) sobeja-lhe a graça, a elegancia e a adornada philosophia, que não agradam menos, nem de menos valor e merito são que os extasis pindaricos, ou os requebros anacreonticos. O que é sem dúvida é que nas linguas vivas Ferreira foi o primeiro imitador feliz de Horacio, e o primeiro dos modernos que pulsou a lyra classica. Das epistolas, ha algumas que podem pleitear em concisão e fino dizer com as boas do lyrico romano. Quanto á pureza da moral, ao nobre patriotismo, áquelle generoso sentimento da honrada liberdade de nossos avós, áquelle entusiasmo da virtude; esse respira, mostra-se, e resplandece em todas as suas obras.

Mas a verdadeira glória de Ferreira é a Castro, producção admiravel per si mesma, pelo tempo em que a escreveu, por todos os lados por que se considere. Não é ainda líquido entre os philologos se era possivel o ter visto Ferreira a Sophonisba

de Trissino, que mui poucos annos antes da Castro appareceu : mas é sem a minima questão reconhecida a superioridade da tragedia portugueza á italiana : pasma como sem ver um theatro, sem mais exemplares que os gregos e latinos podesse Ferreira tractar tam delicadamente um tal assumpto em um genero desconhecido da antiguidade. É notavel a primeira scena da Castro, a scena d'elrei e dos conselheiros no acto II. a do acto III. em que o côro traz a Castro as novas de sua cruel sentença, onde aquella pergunta de Ignez : « É morto o meu senhor, o meu infante? » rasgo de sublime, porém d'um sublime todo sensibilidade, ao qual nem o *qu'il mourût* de Corneille pôde comparar-se; e finalmente os coros, que sem paixão são superiores a todos os exemplares da antiguidade, e não teem que invejar aos tam gabados da Athalia. Não dou a Castro por uma tragedia perfeita : ainda em relação ao seu tempo e aos conhecimentos da scena d'então tem ella defeitos : não haver uma scena em que se encontrem Pedro e Ignez, não haver algum esforço do infante para lhe valer, deixam a peça muito nua de acção, e lhe entibiam

o interêsse. A versificação (que todavia é de preferir aos versos sesquipedaes e empadados com que hoje está prevertida a scena portugueza) pécca geralmente por dura; mas essa mesma é por vezes bella; e para bons entendedores muito ha hi que estudar; e oxalá que os nossos dramaticos lessem e relessem bem a Castro, e apprendessem alli, pelo menos, naturalidade e verdade de expressão, que tanto lhes fallecem.

Não estava ainda n'este auge a poesia portugueza quando um homem pouco conhecido dos lettrados, mas ja célebre per suas aventuras e valor, foi para tam longe da ingrattissima patria despicar-se de seu desamor com a mais nobre vingança; a de levantar-lhe um padrão, com que não entram as idades, e que conservará ainda o nome portuguez quando ja elle houver desaparecido da terra. Muita erudição (pois sabía quanto se soube em seu tempo) ingenho dos que véem ao mundo de seculos a seculos se réuniram em Camões Esse homem levantou a cabeça la das extremidades d'Asia, e viu tudo pequeno á roda de si, todos os poetas pigmeus, todos acanhados com as linguas modernas

ainda mal perfectas, escravos da imitação classica, incertos e entalados todos entre o cego respeito da antiguidade e as novas precisões que as novas ideias, que o novo estado do mundo requeria. Teve ânimo para conceber e fôrça para executar um rasgado e necessario atrevimento de se abrir caminho novo, de crear emfim a poesia moderna, dar não so a Portugal, mas á Europa toda um gande exemplo, e constituir-se o Homero das linguas vivas.

Não me dá espaço o acanho de meus limites para dizer de Camões o que era indispensavel; antes a celebridade de seu nome me deixará parar aqui para dar logar a tractar de menos conhecidos nomes. So direi que a influencia de Camões na nossa poesia, e em toda a litteratura portugueza foi tal que desde então té hoje ainda se não deixou de sentir, mesmo nas epochas em que mais desvairados teem andado nossos poetas com as empolas do *gongorismo*, ou mais lunaticos côm os esfusiotos do *elmanismo*. Quasi que não houve genero de poesia que não tractasse: tem sonetos admiraveis; eclogas (sôbre tudo as primeiras) excellentes; mas principalmente de to-

das as poesias menores são o mais sublime e perfeito as canções, genero a que deu uma nobreza e elevação desconhecida mesmo em Petrarca : sirva de próva e exemplo aquella que começa. — « Juncto d'um sêcco duro e esteril monte. » Dos *Lusiadas*, de suas bellezas e defeitos, das controversias sôbre umas e outros, está cheio o mundo litterario.

Contemporaneo de Camões e ousado tambem como elle a encetar a carreira epica foi Jeronimo Cortereal. O *Cêrco de Diu*, que é notavel monumento litterario, e que de certo se teve algum exemplar foi a *Italia* do Trissino, é uma fria narração, em que ha bellas ideias áquem além, muita riqueza de linguagem, pouca de poesia, e pelo geral maus versos. E comtudo é talvez Cortereal o primeiro (em data) poeta descriptivo ; e creou elle acaso esse genero de que tanto blasonam hoje inglezes, alemães, e até francezes, e que todavia nós tinhamos seculos antes d'elles. Ja no *Cêrco de Diu* ha muitas boas descripções ; mas no naufragio de Sepulveda ha d'ellas sublimes.

Entre muito devaneio de imaginação

e de mau gòsto, entre aquelles insipidos requêbros de Pan e de Protheu apparece todavia a morte de D. Leonor que é um trecho da mais bella poesia, da mais fina sensibilidade que se tem composto.

De todos esses poetas que então floreceram é na minha opinião o menos poeta esse Pero d'Andrade Caminha, a quem da amisade e celebridade de Ferreira e Bernardes vem talvez o maior renome. Ainda assim tem algumas odes boas, simplicidade com elegancia por partes de suas composições: epigrammas, são alguns excellentes.

Sôbreviveu a todos estes e á patria, que não tardou em perecer, o suave cantor do Lima que levado per D. Sebastião para testemunhar seus altos feitos, de que devia fazer um poema, perdeu-se com seu rei, e jazeu captivo em Africa. Pondo de parte a questão das eclogas (na qual de certo não andou de boa fé Faria e Sousa) a qual, aindaque propria do logar, é mui longa para os meus limites; Bernardes foi excellente poeta; e com quanto sua linguagem é pobre, e em geral pouco variadas suas composições; a suavidade de seu stylo, certa



melancholia d'expressão que lh'o requeira e embrandece darão sempre a Bernardes um logar mui distincto na poesia portugueza.

Mas ja a nação se perdéra nos areaes de Africa, ja a glória portugueza estava offuscada; com ella foram ( como sempre vão ) as boas artes. Ainda brilham a espaços faiscas do grande luzeiro que se apagára; mas ja não eram senão faiscas.

Ainda Luis Pereira deplora na *Elegiada* a ruina da patria, mas esse canto funebre é quasi o canto de cysne da poesia nacional, que parece querer fenecer com elle, e ja n'elle moribunda se mostra. Ha excellentes oitavas derramadas per esse poema, algumas descrições felizes, grandissima riqueza de linguagem; mas pouco mais.

Ja Fernão Alves do Oriente diffuso, intrincado nos primeiros labyrinthos dos *conceitos* italianos mostra a visivel decadencia da poesia: ja as musas que tam louçans, e ingenuamente bellas tinham folgado pelas varzeas do Tejo e do Mondego com Ferreira e Camões, apparecem affeitadas com arrebiques e côres falsas, como essas damas para quem se desbota a flor da idade e lhe querem

ainda supprir o vício com emprestados ornamentos, gentilezas compradas e postiças. E todavia ha na Lusitania transformada pedaços lyricos excellentes, e alguns bucolicos soffriveis. Assim elle nos dissesse mais do seu Oriente do que nos disse : assim houvesse enriquecido a litteratura com mais imagens de tantas que sua Asia lhe offerecia, e com que houvera additado a mae patria. Onde o fez, n'aquella ecloga em que conta a historia de Saladino, é elle verdadeiramente poeta; e se d'ahi tirarem alguns trocadilhos que tinha apprendido em Italia, excellente e digno de imitar-se é o resto.

## IV.

Terceira epocha litteraria ; principia a corrumper-se o gôsto e a declinar a lingua.—Comêço, até o fim do xvii, sec.

Porém os symptomas do *Gongorismo e Marinismo* se manifestavam ja em Italia e Castella ; não perfectos ainda, não no auge a que os levaram os dous poetas, aliás ingenhosos, cujo nome vieram a tomar ; mas ja assim mesmo a poesia

moderna estava quasi toda gafa d'essa lepra de suberba requintada.

Vasco Mousinho de Quevedo, que sem disputar é depois de Camões, nosso primeiro epico, ahi tem ja em toda a nobreza de seus versos a quebra de bastardia d'esse defeito, que todavia é n'elle ainda raro. Mas que bellezas tem esse tam mal avaliado Afonso Africano, a que a cegueira e o mau gôsto tem querido preferir a *quixotica* e sesquipedal Ulyssea, a hyperborea e campanuda Malaca! Não é regular o poema, não é um todo perfeito; o maravilhoso é frio, e a acção toda não mui bem deduzida; mas que riquissimos episodios a enfeitam! A descripção de Zara, o jardim encantado onde aporta o principe. D. João, e alguns outros trechos são cunhados com o sêllo da verdadeira poesia, e animados da luz que so dá o ingenho. Quanto ao stylo, é com poucas excepções fluido e elegante; custa a achar em tam longo poema uma *rhyrna* forçada ou má: e a mesma linguagem, supposto decline um tanto da primeira pureza, é ainda de boa lei e valiosos quilates.

D'êsta epocha é tambem Rodrigues Lobo, cujo grande logar como prosista

não é aqui proprio de examinar : de seu merecimento poetico a commum opinião tem com justiça decidido dando-lhe um dos primeiros ( eu quizera o primeiro) logar entre os bucolicos antigos; e outro mui differente e inferior entre os epicos. E certo, o Condestabre, apezar de muitos e bons pedaços descriptivos, é frouxa e morna composição. Que differente era a fruta que ia soando pelas margens do Lis, a dulcissima fruta de Lobo, quando comparada com a tuba heroica, para cuja altivez lhe fallecem natureza e arte! seus pastores são verdadeiros pastores, sua linguagem é verdadeira do campo, não lhes sabem pelos golpes do pellico as alfaias da cidade, tam mal encubertas pelos outros bucolicos, os quaes, sem excepção do proprio Camões, todos pecam por mui sabidos e lettrados, por discretos e galantes mais que sóem ser aldeãos e pastores.

Além d'isso ha derramados pela Primavera, Pastor peregrino, etc., pedaços lyricos de summa belleza, romances excellentes e verdadeiramente dignos de admiração e estudo.

Tinhamos perdido a independencia ;

perdembs logo o espirito nacional, o tymbre, o amor pátrio (que amor da patria poderá haver em quem patria ja não tem); a lisonja servil, a adulação infame levou nossos deshonorados avós a desprezar seu proprio riquissimo e tam suave idioma, para escrever no guttural Castelhana, preferindo os sonoros helenismos do Portuguez ás aspiradas *aravias* da lingua dos tyrannos. Vergonha que so tem par nas derradeiras vergonhas com que nos enxovalharam a lingua e a fama os tarellos, francellos, gallici — parlas e toda a catterva dos gallo-manos!

Em Castelhana escreviam ja esses degenerados portuguezes: mas pouco importava que o fizessem, que n'isso fraca perda tivemos nós: de toda essa çafra de versos castelhana-portuguezes pouco ou nada ha que espremer.

D'esta commum baixeza se alevantou o honrado e douto magistrado Gabriel Pereira de Castro, que depois de ter aberto na jurisprudencia um caminho novo e n'aquelle tempo tam difficil por grandes verdades então perigosas, tomou ousado a trombeta de Homero, e não se arrojou a menos que a competir

ao mesmo tempo com a Iliada e Odyssea; que tanto abraça o assumpto de seu poema. Grande é a concepção, bem distribuídas as partes, regularissimo o todo, regular e bella a acção, bem entendidos os episodios; mas o stylo.... o stylo é, prototypo da *Phenix-renascida*, o requinte do gongorismo, cujo patriarcha foi entre nós, pervertendo-nos, á sombra de sua grande fama e brilhante ingenho, todo o resto escasso que de gôsto tínhamos ainda, intrincando a poesia (senão que tambem a prosa por mau exemplo) n'um dedalo inextricavel de conceitos, de argucias, de exagerações, de affectada sublimidade, falsa e van grandeza; com que de todo veio a terra a poesia nacional, e acabou a grande eschola de Camões e Ferreira, que tantos e tammanhos alumnos havia produzido. E suppunha esse homem vaidoso ter sobrepujado com as quixotadas da sua Ulyssea as naturaes bellezas dos divinos Lusiadas!

Quasi o mesmo errado trilho, mas que menos brilhante e com inferior ingenho, seguiu Sa de Menezes na Malaca. Esse poema, que tanto tem engrandecido o mau gôsto, é na minha opinião

um dos derradeiros titulos de glória da litteratura portugueza. E todavia é bem regular, bem concebido, e a espaços se lhe encontram grandes rasgos de gentileza poetica. A falla de Asmodeu no conselho infernal faz lembrar muito a de Lucifer em Milton. Porém quando agitado o poeta do genio mau que avexava e endemoninhava os poetas d'então, começa a guindar-se e a transpor os derradeiros limites da naturalidade; esquece todo o deleite que algumas estancias mais descuidadas nos haviam causado, e é forçoso desemparar a dura tarefa de tam incómoda leitura, porque verdadeiramente incommóda e cansa tal stylo, tal phrase, tanto hyperbolico luxo e destemperado alambicar.

## V.

Quarta epocha: idade de ferro; aniquila-se a litteratura, corrompe-se inteiramente a lingua.—Fins do xvii, até meados do xviii sec.

Mas ainda estes tinham sua nobreza, havia não sei qué grande entre todas essas *nuvens de talco*; talvez lhes viesse dos assumptos: porém seus discipulos

que ainda quizeram ir ávante, deram em fazer *silvas*, *acrosticos*, e engendraram todos os outros monstros (originarios, segundo Diniz, do *paiz das bagatellas*) e distillando mais e mais as quintas essencias dos conceitos, tanto torceram e retorceram o ja delgado fio poetico, que de todo o quebraram. So Manuel da Veiga o atou momentaneamente em uma ou duas lyras da Laura de Amphriso. Logo tornou a estalar: e per ahi andarão as pobres musas portuguezas jogando as cabras-cegas pelas eclogas de Poliphemo e Galatea, pelos romances hendecasyllabos, e per todos os outros escondrijos do gôsto depravado, de que boas amostras se conservam no precioso tombo da *Phenix-renascida* e alguns outros hoje ignorados livros d'essa triste data.

E todavia ja nós tínhamos recobrado tam gloriosamente nossa independencia, ja o nome portuguez tornára a ser honra e nobreza, e ainda essa lepra castelhana lavrava.

Dous grandes escriptores, ambos pro-sistas e ambos dignos de muito louvor, concorreram para a continuação d'este mal. Quem podia deïxar de admirar



Vieira? Quem não iria levado pela torrente de sua elóquencia? Quem resistiria aos impetos de arrebatamento de Jacinto Freire? O grande talento de ambos, a vasta erudição e desmedido ingenho de Vieira sôbre tudo, fizeram grande damno á litteratura : sabiam, escreviam perfeitamente a lingua, tinham grande crédito na côrte, tractavam grandes assumptos, animava-os o nobre e sincero enthusiasmo da glória e liberdade nacional : tudo foi após elles; imitaram-lhes vicios e virtudes; como não distinguiam em Vieira o grande orador, o grande philosopho do gongorista affectado ( quando o era ) não estremavam em Jacinto Freire o historiador, o panegyrista do declamador do academico vão; ruim e bom seguiam. E como é mais facil imitar a affectação, que a naturalidade, as argucias de má arte, que as graças de boa natureza; os imitadores foram além de seus typos no affectado, no mau d'elles, ficaram immenso áquem do que n'esses era bello e para imitar.

Nem o conde da Ericeira que traduziu a Arte poetica de Boileau e d'elle levou tam immerecidos e banaes elogios, tomou

d'ella triaga bastante para se curar do veneno commum : e ainda assim melhor é sua frígida Henriqueida que os outros versos que por então se faziam em Portugal : porém o unico ólho que o fez rei em terra de cegos , não lhe era bastante para ver e acertar com a vereda da posteridade. Ahi morreu no seu seculo e ahi jaz pela poeira de alguma livraria de bibliomaniaco.

As academias de historia , de litteratura do tempo de D. João V , as associações ridiculas de todos os nomes e descrições que então se formaram , a mais e mais empeioraram o mal , que progressivamente creceu até o ministerio do marquez de Pombal.

## VI.

Quinta epocha : restauração das lettras em Portugal. — Meio do seculo xviii , até o fim.

A civilização e as luzes que a geram , tinham-se estendido do sul para o norte. A corrupção que após ellas vem em seu marcado periodo , as fôra apagando , ou

ennevoando ao menos, na mesma direcção. De sorte que pelos fins do XVII. seculo o meio-dia, que havia sido berço da illustração da Europa, quasi se ennoitava das trevas da ignorancia, as quaes pareciam voltar como em *reacção* para o ponto d'onde partira a primeira *acção* da luz que as dissipára.

O norte, que mais tarde se havia allumiado, progredia no emtanto: as boas lettras, as artes, as sciencias floreciam na Inglaterra e per quasi toda a Alemanha. Milton, Descartes, Newton e Linneu brilharam ao septentrião da Europa; e nós meridionaes estudavamos as *categories* e as *summas*, aguçavamos distincções, alambicavamos conceitos, retorciámos a phrase no discurso, torciámos a razão no pensamento.

Porém a face do mundo estava começada a mudar: as antigas barreiras que a politica e os preconceitos erguiam entre povo e povo quasi desappareciam: as mutuas necessidades, e até o mesmo luxo, faziam quasi indispensavel precisão as permutações do commércio; e o commércio fraternizou as nações.

Reciprocamente se estudaram as linguas, generalizou-se esse estudo: então

é que exactamente os sabios começaram a ser de todos os paizes : os bons livros pertenceram a todas as linguas ; e verdadeiramente se formou dentro de todos os estados um estado que ( sem os inconvenientes do *status in statu* dos ultramontanos ) com justiça e exacção obteve e mereceu o nome de republica das lettras , a qual é uma , universal , e sem perigo de schisma .

Os effeitos d'esta alteração no modo de existir do universo foram sensiveis : as luzes não so reverteram ( sem retrogradar ) do norte para o sul , mas se difundiram geraes . A França viu então o seculo de Luis XIV ; Italia deixou sancto Thomaz e os *comncetti* por melhor philosophia e melhor gôsto ; Hespanha teve o seu Carlos III ; e Portugal no reinado d'el-rei D. José subiu á altura dos outros povos , senão é que em muitas cousas acima .

E ainda na reforma da universidade não tinham apparecido Monteiros-da-Rocha e os outros portuguezes que d'alli expulsaram a barbaridade entrincheirada em Coimbra como em sua última cidadella da Europa , e ja a razão e o gôsto recobravam seu imperio na litte-

ratura ; ja as odes do Garção , as obras do padre Freire e de outros illustres philologos haviam afugentado as *silvas* , os *acrosticos* , e os campanudos periodos do conde da Ericeira , regenerado a poesia e restituído a lingua.

Outravez ainda o limitado d'este bosquejo me impede de mencionar outros ingenhos que tanto mereceram da patria e da litteratura e remoçaram a perdida lingua de Camões. Exige o meu assumpto e o meu espaço que me estreite no círculo poetico.

Garção foi o poeta de mais gôsto e ( por'aventurar uma expressão que não é legitima , mas póde ser legitimada portugueza ) de mais *sino tacto* que entre nós appareceu até agora. Haverá n'outros mais fogo , outros ferverão em mais enthusiasmo , crearão acaso mais ; porêm a delicadeza de Garção so tem rival na antiguidade. A musa pura , casta , ingenua , nunca lhe desvairou : em suas composições ha d'ellas onde a mais aguçada critica não esmiunçará um defeito. Tal é a cantata de Dido , uma das mais sublimes concepções do ingenho humano , uma das mais perfectas obras executadas da mão do homem. Todo se deu ao genero

lyrico, especialmente ao Horaciano; e n'esse ninguém o excedeu, antes ninguém o igualou. A ode á virtude, a que se intitula o Suicidio (que pela primeira vez sai a lume n'esta colleccão) outras muitas que longo fôra enumerar, são de uma belleza, d'uma correcção, d'um *acabado* (como dizem os pintores) que difficilmente se imitará, tarde se chegará a igualar.

Não da mesma sorte Antonio Diniz, que mais arrojado, mais pomposo, menos correcto e elegante, assim correu mais caudalosa, porém menos pura torrente. Em quanto lyrico, tem rasgos pindaricos verdadeiramente sublimes; mas o todo de suas odes é em demasia ornamentado; e ellas entre si peccam amiudo de monotonias e repetições. Talvez o jugo dos consoantes, que tam desnecessariamente se impoz, o acanhou a isso. Mas nas anacreonticas é elle sem disputa o primeiro poeta portuguez, e digno rival do ancião de Teios. No genero bucolico tambem nos deixou mui bonitas cousas, nenhuma perfeita. Porém a verdadeira coroa poetica do Diniz Thalia lh'a teceu, que não outra musa. O Hyssope é o mais perfeito poema he-

roicomico de seu genero \* que ainda se compoz em lingua nenhuma : se no castigado da dicção o excede o Lutrin ; no desenho da obra, na regularidade do edificio, na imaginação, foi o discipulo de Boileau muito além de seu grande mestre : e com mais exacção se diria de um e outro o que de Camões e Tasso presumposamente disse Voltaire: que se a imitação d'aquelle fizera este, a sua melhor obra era essa. O palacio do genio das Bagatellas, a conversa do deão na cêrca dos capuchos, a ressurreição e vaticinio *do gallo assado*, a caverna d'Abacadabro serão, em quanto houver gôsto, estudados como exemplar pelos litteratos, lidos e relidos sempre com prazer per todos os amigos das artes.

Após estes vem o virtuoso e honrado Quita, a quem pagou a patria com miseria e fome as immensas riquezas que para a lingua e litteratura de seus versos herdou. Um pobre cabelleireiro, a quem as musas que serviu, os grandes

\* Digo de seu genero, porque o Orlando furioso tambem é heroicomico, mas d'outro genero.

que com ellas honrou nunca tiraram do triste officio, pôde de sua baixa condição social alevantar - se do primeiro grau litterario, que acaso lhe disputam ignorantes ou presumpçozos, nenhum homem de gosto deixará de lh'o dar.

Este é em meu humilde conceito o nosso melhor bucolico : tómo a liberdade de contrastar a opinião commum, porque o meu dever de crítico me obriga a enunciar lealmente o meu pensamento. Tenho para mim ( e fico que acharei quem me siga se de boa fe quizerem entrar no exame ) que a immensa cópia de composições pastoris, as quaes não são riqueza, mas desperdicio de nossas musas, ou peccam por empoladas, por inverosimeis, por baixas, por demasiado naturaes, por sobejo elevadas. Um meio termo difficilimo de tocar, de n'elle permanecer, um stylo singelo como o campo, mas não rustico como as bre-nhas, são dos mais difficeis requisitos que d'um poeta se podem exigir. Se tem ingenho, custa-lhe a amoldar-se e a rete-lo que não suba mais alto que a difficil medida, e raro deixa de a exceder de perder-se do bosque e acabar em jardins cidadãos e conversas de damas e



cavalheiros o que começára no monte ou na varzea entre pastores e serranas.

Nem Virgilio d'ahi escapou, nem Sanazaro, nem Camões; Gesner sim, e depois de Gesner, o nosso Quita. Não digo que não tenha defeitos, ainda em seu genero pastoril; mas a boa e honrada crítica falla em geral, louva o bom, nota o mau, porém não faz tymbre em achar defeitos e erros na menor falta para se regosijar da censura. Grandes homens, grandes erros: a natureza da mediocridade é cingir-se a tristes preceitos para esconder sua mesquinhez: porém de taes nunca fallou posteridade. Horacio e Boileau foram atrevidos quando lhes cumpriu, e desprezaram regras e arte quando os chamou a natureza, e lhes mostrou o sublime. Philinto, que os sabia de cór, tambem se levantou acima das regras, e nunca foi tammanho. E todavia foi elle o maior poeta de seu seculo: mas os grandes ingenhos não contraveem a lei, são superiores a ella, e são elles viva lei.

Mui distincto logar obteve entre os poetas portuguezes d'esta epocha Claudio Manoel da Costa: o Brazil o deve

contar seu primeiro \* poeta, e Portugal entre um dos melhores.

Deixou-nos alguns sonetos excellentes, e rivalizou no genero de Metastasio; com as melhores cançonetas do delicado poeta italiano. A que dirige á lyra com sua palinodia imitando a tam conhecida do mesmo Metastasio a Nice, *Grazie all' ingani tuoi*, póde-se apontar como excellente modéllo. Nota-se em muitas partes dos outros versos d'elle varios resquicios de *gongorismo* e affectação *seiscentista*.

E agora começa a litteratura portugueza a avultar e enriquecer-se com as produções dos ingenhos brazileiros. Certo é que as magestosas e novas scenas da natureza n'aquella vasta região deviam ter dado a seus poetas mais originalidade, mais differentes imagens, expressões e stylo, do que n'elles apparece: a educação europeia apagou-lhes o espirito nacional: parece que receiam de se mostrar americanos; e d'ahi lhes vem uma affectação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades.

\* Em antiguidade.

Muito havia que a tuba epica estava entre nós silenciosa, quando Fr. José Durão a embocou para cantar as romancescas aventuras de Caramuru. O assumpto não era verdadeiramente heroico, mas abundava em riquissimos e variados quadros, era vastissimo campo sobre tudo para a poesia descriptiva. O auctor atinou com muitos dos tons que deviam naturalmente combinar-se para formar a harmonia de seu canto; mas de leve o fez: so se estendeu em os menos poeticos objectos; e d'ahi esfriou muito do grande interesse que a novidade do assumpto e a variedade das scenas promettia. Notarei por exemplo o episodio de Moéma, que é um dos mais gabados, para demonstração do que assevero. Que bellissimas cousas da situação da amante brazileira, da do heroe, do logar, do tempo não podéra tirar o auctor, se tam de leve não houvera desenhado este, assim como outros paineis?

O stylo é ainda por vezes affectado: la surdem aqui alli seus *gongorismos*; mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, ha oitavas bellissimas, ainda sublimes.

Depois de Diniz o logar immediato nos anacreonticos pertence a outro Brasileiro.

Gonzaga mais conhecido pelo nome pastoril de Dirceu, e pela sua Marilia, cuja belleza e amores tam célebres fez n'aquellas nomeadas lyras. Tenho para mim que ha d'essas lyras algumas de perfeita e incomparavel belleza : em geral a Marilia de Dirceu é um dos livros a quem o público fez immediata a boa justiça. Se houvesse por minha parte de lhe fazer alguma censura, so me queixaria, não do que fez, mas do que deixou de fazer. Explico-me : quizera eu que em vez de nos debuxar no Brazil scenas da Arcadia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus paineis com as côres do paiz onde os situou. Oh! e quanto não perdeu a poesia n'esse fatal erro! se essa amavel, se essa ingenua Marilia fosse, como a Virginia de saint-Pierre, sentar-se á sombra das palmeiras, e em quanto lhe revoavam emtórno o cardeal soberbo com a purpura dos reis, o sabiá terno e melodioso, — que saltasse pelos montes espessos a cotia fugaz como a lebre da Europa, ou grave passeasse pela orla da ribeira o tatu esquantoso,

— ella se entretivesse em tecer para o seu amigo e seu cantor uma grinalda não de rosas, não de jasmins, porém dos roixos martyrios, das alvas flores dos vermelhos bagos do lustroso cafezeiro; que pintura, se a desenhára com sua natural graça o ingenuo pincel de Gonzaga!

Justo elogio merece o sensível cantor da infeliz Lindoya que mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brasileiros. O Uruguay de José Bazilio da Gama é o moderno poema que mais mérito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os Brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que n'elle é verdadeiramente nacional, e legítima americana. Mágoa é que tam distincto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não dêsse mais amplidão, e quadro tam magnífico o acanhasse tanto. Se houvera tomado esse trabalho, desapareceriam algumas incorrecções de stylo, algumas repetições, e um certo

desalinho geral, que muitas vezes é belleza, mas continuado e constante em um poema longo, é defeito.

Muito ha que os nossos auctores dessempararam o theatro : eisahi o faceto Antonio José, a quem muitos quizeram appellidar Plauto portuguez e que sem duvida alguns serviços tem'a esse titulo, porém não tantos como apaixonadamente lhe decretaram. Em seus informes dramas algumas scenas ha verdadeiramente comicas, alguns dictos de summa graça; porém essa degenera amiudo em baixa e vulgar. Talvez que o *Alecrim e Mangerona* seja a melhor de todas; e de certo o assumpto é eminentemente comico e portuguez : hoje teria todo o merito de uma comedia historica : e se fôra tractada no genero de Beaumarchais, produziria uma excellente peça.

## VII.

Epocha ; segunda decadencia da lingua e litteratura ; gallicismo e traducções.

À volta este tempo se formou a academia das sciencias de Lisboa pelos generosos esforços do duque de Lafões.

Esse corpo scientifico, de quem tanto bem se augurou para a lingua e litteratura nacional, nem fez tudo o que d'elle se esperava, nem uma parte mui pequena do que podia e lhe cumpria fazer: mas nem foi inutil, nem, como alguns teem querido, prejudicial. E todavia sua fôrça moral não foi bastante para vencer um mal terrivel que ja no tempo de sua creação se manifestava, mas que depois cresceu e avultou a ponto, que veio a tornar-se quasi indestructivel.

Este mal foi a *gallo-mania*, que sôbre perverter o character da nação, de todo perdeu e acabou com a ja combalida linguagem: phrases barbaras repugnantes a indole do idioma, termos hybridos, locuções arrastadas, sem elegancia, formaram a algaravia da moda, e prestes invadiram todas as provincias das letras. Estudar a lingua materna, como aquella em que fallâmos e escrevemos, é dos mais difficeis estudos, ha mister longa e porfiada applicação. Que bella invenção para a ignorancia e para a preguiça não foi ésta nova linguagem mascarada e de furtacôres, que todos podiam saber sem fadiga, cujas leis cada um moderava e arbitrava a seu modo,

alterava a seu sabor com tam plena liberdade de consciencia! Foi a religião de Mafoma : propagou-a a incontinençia , a soltura , o desenfreio do appetite. Desprezaram-se os classicos, apodaram-se de ignorantes, de rançosos ; e os que não ousavam , por algum resto de vergonha, desacatar assim as honradas cans dos nossos mestres, sahiram então com o banal e ridiculo pretexto de que ninguem podia le-los polas materias que tractaram; que tudo eram sermões, vidas de sanctos, historias de conventos, de frades. Vergonhosa desculpa! Comquê as decadas de Barros, que foi talvez o primeiro que introduziu com feliz execução o stylo classico na historia moderna, são chronicas de conventos? Fernão Mendes Pinto, o primeiro europeu que escreveu uma viagem regular da China e dos extremos d'Asia, são vidas de sanctos? E d'essas mesmas vidas de sanctos, quantas d'ellas são de summo interêsse, divertida e proficua leitura! A vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres tem toda a valia das mais gabadas memorias historicas, de que hoje anda cheia a Europa, e que ninguem taxou ainda de pouco interessantes. Quando



outra cousa não contivesse aquelle excellento livro senão a narração do concilio de Trento, a viagem e estada do arcebispo em Roma, ja seria elle uma das mais curiosas e importantes obras do seculo XVI. E D. Francisco Manuel de Mello, e Rodrigues Lobo, e Camões, e grande cópia de poetas de todos os generos, — tudo isso são sermonarios, vidas de sanctos?

Miseria é que o geral dos Portuguezes jurou nas palavras de quatro peralvilhos que essas calumnias apregoavam: passou em julgado que os classicos se não podiam ler, e ninguem mais quiz tomar o trabalho nem sequer de examinar se sim ou não assim era.

N'este estado de cousas appareceram em Portugal dous homens extraordinarios, ambos dotados pela natureza de prodigioso ingenho poetico, Francisco Manuel e Bocage. Aquelle, filho da eschola de Garção e Diniz, cultivou muito tempo as musas classicas, e ja imbuído no gôsto da antiguidade, ja imitador e rival de Horacio e Pindaro, começou a ser conhecido em idade madura. Este, quasi desd'a infancia poeta, appareceu no mundo em toda a effervescencia dos

primeiros annos, ardente cantor das paixões, entusiasta, agitado do seu proprio natural violento, rapido, insofrido, sem cabal instrucção para poeta, com todo o talento ( raro, espantoso talento! ) para improvisador.

Ambos começaram imitando os grandes mestres de seu tempo, seguindo cada um em seu genero o stylo e gôsto adoptado e geral desde a restauração das letras no meado do seculo. Mas não são ingenhos grandes para seguir, senão para fundar escholas: nem tardou muito que cada um, per seu lado, não sacudisse todo jugo de imitação, e seguisse livre e rasgadamente um trilho novo. Bocage a quem seu fado, por mais aventureira lhe fazer a vida, levou ao antigo theatro das glórias portuguezas, voltando d'Asia foi recebido em Lisboa entre os applausos dos muitos admiradores que ja tinha deixado na viril infancia de seu talento poetico. Augmentou-se ésta admiração com os novos improvisos do joven poeta, com a extrema facilidade, com o mui sonoro de seus versos. O fogo de suas ideias ateou o entusiasmo geral; a mocidade inflammou-se com o nome de Bocage: de entusiasmo degenerou em

cegueira, em mania; não lhe viam ja defeitos; menos elle em si mesmo. Ninguem duvidava que os improvisos dos cafes do Rocio eram superiores a todas as obras da antiguidade, e que um soneto de Bocage valia mais que todos esses volumes de versos do seculo de João III e do de José I. Ésta era a opinião commum da mocidade; e tam geral se fez, tantas vezes a ouviu repetir o objecto de tal idolatria, que fôrça era que a accreditasse, que com ella se desvanecesse e desvairasse.

Isso lhe aconteceu. O temperamento irritavel e ardentissimo de Bocage o levava naturalmente ás hyperboles e exagerações: essas eram as mais admiradas de seus ouvintes; requintou n'ellas, subiu a ponto que se perdeu pelos espaços imaginarios de sua creação phantastica, abandonou a natureza, e a suppoz acanhado elemento para o *genio*. Mais elle repetia *eternidades, mundos, ceos, espheras, orbes, furias, gorgonas*; mais dobrava o applauso; mais delirava elle, mais o admiravam. Ao cabo, nem elle a si, nem os outros a elle o intendiam\*. A

\* Assim lhe succedeu, principalmente em mui-

par e passo que as ideias desvairavam, desvairava tambem o stylo, e emfim se reduziu a uma continuada antithese, perpetuos trocadilhos, *tours-de-force*, pulos, saltos, rumpantes, castelhanadas, com que se tornou monotono e ( usarei d'uma expressão de pintor ) *amaneirado*.

A metrificacão de Bocage, julgam-na sua melhor qualidade; eu a peor; ao menos, a que peiores effeitos causou. Não fez elle um verso duro, mal soante, frouxo; porém não são esses os unicos defeitos dos versos. As várias ideias, as diversas paixões e affectos, as distinctas posições e circumstancias do assumpto, do objecto, de mil outras cousas, — variada medida exigem; como exige a musica varios tons e cadencias. A mesma medida sempre, embora cheia e boa, — o mesmo tom, embora afinado, — a mesma harmonia, embora perfeita, — o mesmo compasso, embora exacto, fazem monotona e insuportavel a mais bella peça de musica ou de poesia. E

tos dos, por natureza e essencia, hyperbolicos elogios dramaticos; genero de composicão extravagante e quasi sempre ridiculo.

taes são os versos de Bocage, que nos pretendem dar para typo seus apaixonados cegos: digo *cegos*, porque muitos tem elle (e n'esse número me conto) que o são, mas não cegos. Imitar com o som mechanicamente das vozes a harmonia íntima da ideia, supprir com as vibrações que so podem ferir a alma pelo órgão dos ouvidos, a vida, o movimento, as côres, as fórmulas dos quadros naturaes, eisahi a superioridade da poesia, a vantagem que tem sôbre todas as outras bellas artes: mas quam difficil é perceber e executar esse delicadissimo ponto! Poucos o conseguiram: Francisco Manuel foi entre nós o que mais finamente o entendeu e executou, mas nem sempre, nem cabalmente.

Porém nos intervalos lucidos que a Bocage deixava o fatal desejo de brilhar, n'alguns instantes que, desposseido do demonio das hyperboles et antitheses, ficava seu grande ingenho a sos com a natureza e em paz com a verdade, então se via a immensidade d'essa grande alma, a fina ténpera d'esse raro ingenho que a aura popular estragou, perdeu o pouco estudo, os costumes desregrados, a miseria, a dependencia, a soltura, a

fome. Muitas epistolas, varios idilios maritimos, algumas fabulas, e epigrammas, as cantatas, não são mediocres titulos de glória. Dos sonetos ha grande cópia que não tem igual nem em Portuguez, nem em lingua nenhuma, d'uma fôrça, d'uma valentia, d'uma perfeição admiravel. O resto é pequeno e pouco. A linguagem é pobre; ás vezes facil, mas em geral escaça. Sabia pouco a lingua; a fôrça do grande instincto lhe arredava os erros; mas as bellezas do idioma, so as dá e ensina o estudo. As traducções de Ovidio, Delille e Castel são primorosas.

Mas de traducções estamos nós gafos: e com traducções levou o último golpe a litteratura portugueza; foi a estocada de morte que nos jogaram os estrangeiros. Traduzir livros d'artes, de sciencias é necessario, é indispensavel; obras de gôsto, de ingenho, raras vezes convem; é quasi impossivel fazê-lo bem, é mingua e não riqueza para a litteratura nacional. Essa casta de obras estuda-se, imita-se, não se traduz. Quem assim faz accomoda-as ao character national, dá-lhes côr de proprias, e não so veste um corpo estrangeiro de alfaias nacionaes (como o traductor), mas a esse corpo

dá feições, gestos, modo, e indole nacional: assim fizeram os Latinos, que sempre imitaram os Gregos e nunca os traduziram; assim fizeram os nossos poetas da boa idade. Se Virgilio houvera traduzido a Iliada, Camões a Eneida, Tasso os Lusíadas, Milton a Jerusalem, Klopstock o Paraizo perdido; nenhum d'elles fôra tammanho poeta, nenhuma d'essas linguas se enriquecêra com tam preciosos monumentos: e todavia imitaram uns dos outros, e d'essa imitação lhes veio grande proveito.

Esta mania de traduzir subiu a ponto em Portugal, e de tal modo estragou o gôsto do público, que não so lhe não agradavam, mas quasi não intendia os bons originaes portuguezes: a poesia, a litteratura nacional reduziu-se a monotonos sonetos, a trovinhas d'amores, a insipidas enfiadas

*De versinhos anões a anans Nerinas.*

Tam baixos nos pozeram os admiradores e imitadores de Bocage, a quem justamente a crítica stigmatizou com o nome de *elmanistas*, — e de *elmanismo* sua affectada eschola. N'elles se mostra-

ram exagerados os defeitos todos do entusiasta Elmano, sem nenhum dos grandes dotes, das brillhantes qualidades do poeta Bocage.

Alguns ha comtudo de quem ésta asserção não deve intender-se em todo o rigor da phrase. João Baptista Gomes, auctor da Castro, mostrou n'ella muito talento poetico e dramatico. D'entre os bastos defeitos d'essa tragedia sobresa-hem muitas bellezas. Desvaira-o o *elmanismo*; derrama-se per madrigaes quando a austeridade de Melpomene pedia concisão, fôrça e naturalidade; perde-se em declamações, extravagava em logares communs, inverte a dicção com antitheses, destroi toda a illusão com versos amiudo sesquipedaes e entumecidos; mas per meio de todas essas nevoas brilha muita luz de ingenho, muita sensibilidade, muita energia de coração; predicados que com o estudo da lingua que não tinha, com a experiencia que lhe fallecia, triumphariam ao cabo do mau gôsto do tempo, e viriam provavelmente a fazer de João Baptista Gomes o nosso melhor tragico. Atalhou-o a morte em tam illustre carreira, e deixou orphão o theatro portuguez que de tammanho



talento esperava reforma e abastança.

Mas em quanto Bocage e seus discipulos tyrannizavam a poesia e estragavam o gôsto, Francisco Manuel, unico *representante* da grande escola de Garção, gemia no exilio, e de la com os olhos fitos na patria se preparava para luctar contra a enorme hydra cujas innumeradas cabeças eram o gallicismo, a ignorancia, a vaidade, todos os outros vicios que iam devorando a litteratura nacional.

A sua epistola sôbre a arte poetica e lingua portugueza, que vai á frente d'esta collecção, póde rivalizar com a de Horacio aos Pisões: força d'argumentos, eloquencia da poesia, nobre patriotismo, finissimo sal da satyra, tudo abi peleja contra o monstro multiforme.

Que direi das odes? Minha íntima persuasão é que nunca lingua nenhuma subiu tam alto como a portugueza na lyra de Francisco Manuel. Que ha em Pindaro comparavel á ode a Afonso d'Albuquerque? onde ha poesia sublime, elegante, immensa como seu assumpto, na dos novos Gamas? se o patriotismo fallasse alguma hora aos degenerados netos de Pacheco e Albuquerque, que poderia

elle dizer-lhes igual áquella inestimavel ode que se intitula Neptuno aos *Portuguezes*? E quando a liberdade troa na espada de Washington, submete os raios de Jupiter ao sceptro dos tyrannos aos pés de Franklim, ou tece pelas mãos de Pen os laços de fraterna união! Que immenso, que grandioso é o cantor de tammanhos objectos! Quando nas odes a Venus, a Marfisa, a Marcia *voltando inopinada*, no hymno á noite se requebra em amoroso júbilo, ou se enternece de saudade, todo é graças e primores de linguagem, de imaginação, de stylo, de delicadeza, de inimitavel poesia. No genero Horaciano não é elle tam puro e perfeito como Garção, mas nem intendeu menos nem imitou peor o seu modêlo.

Entre as epistolas ha muitas admiraveis: dos contos e fabulas, alguns com elegante sal e chiste. As traducções do Oberon de Wielland, da Guerra punica de Silio Italico, mas sôbre todas, a dos Martyres de Chateaubriand, são thesouros de lingnagem e de poesia.

Nenhum poeta desde Camões havia feito tantos serviços á lingua portugueza: so per si Francisco Manuel valeu

uma academia, e fez mais que ella; muita gente abriu os olhos, e adquiriu amor a seu tam rico e bello, quanto desprezado idioma: e se ainda hoje em Portugal ha quem estude os classicos, quem se não envergonhe de ler Barros e Lucena, deve-se ao exemplo, aos brados, ás invectivas do grande propugnador de seus foros e liberdades.

Nos ultimos periodos de sua longa vida afrouxaram as energicas faculdades d'este grande poeta, e excepto a traducção dos Martyres (que assim mesmo tem seus altos e baixos) quasi tudo o mais que fez é tibio e morno como de um octogenario se podia esperar. O nimio temor de commetter gallicismos, a que tinha justo e sancto horror, o fez cabir em archaismos, e affectação demasiada de palavras antiquadas e excessivos hyperbatos. Não são porém estas faltas, nem tantas nem tammanhas como o pregoou a inveja e a ignorancia.

Muito honrosa menção deve a historia da lingua e poesia portugueza a Domingos Maximiano Tôrres, cujas eclogas rivalizam com as de Quiza e Gesner, cujas cançonetas são, depois das de Claudio Manuel da Costa, as melhores que temos.

Foi este muito íntimo de Francisco Manuel, mas tenho por mui exagerados os elogios que d'elle recebeu.

Antonio Ribeiro dos Santos, honra da magistratura portugueza, foi imitador e émulo de Ferreira : poucos ingenhos, poucos characteres, poucos stylos ha tam parecidos; se não que o auctor dos coros da Castro era muito maior poeta, e o cantor do grande D. Henrique muito melhor metreficador. Ésta ode ao infante sabio, algumas outras a varios heroes portuguezes, algumas das epistolas, e especialmente os versos que lhe dictava a amizade para o seu Almeno, são d'uma elegancia e pureza de linguagem rarissima em nossos dias.

Este Almeno é Fr. José do Coração de Jesus, missionario de Brancannes, que traduziu os primeiros livros das methamorphoses de Ovidio em excellente, requissimo, purissimo Portuguez, mas em maus versos : e ainda assim, alguns d'elles são felizes : é de estudar, de versar com mão *diurna* e *nocturna* esse comêço de traducção para quem quizer conhecer as riquezas de uma lingua que compete, emparelha, vence ás vezes, a sua propria mae latina.

Duas ou tres odes d'este virtuoso e erudito padre são mui bonitas.

Nicolau Tolentino é o poeta eminentemente nacional no seu genero : Boileau teve mais fôrça, mas não tanta graça como o nosso bom mestre de rhetorica. E de suas satyras ninguem se póde escandalizar ; começa sempre per casa , e primeiro se ri de si antes que zombeteie com os outros. As pinturas dos costumes, da sociedade , tudo é tam natural , tam verdadeiro ! Confesso que de todos os poetas que meu triste mister de crítico me tem obrigado a analysar , unico é este em cuja causa me dou por suspeito : tanta é a paixão, a cegueira que tenho polo mais verdadeiro , mais engraçado , mais *bom homem* de todos os nossos escriptores. Aquelle *bilhar*, aquelle *função de burrinhos*, aquelle *cha*, aquellas despedidas *ao cavallo deitado á margem* ; o memorial ao principe , o presente do *perum* , são bellezas que so não admirarão atrabiliarios zangãos em perpétuo estado de guerra com a franca alegria , com o ingenuo gôsto da natureza.

De José Anastacio da Cunha, que das mathematicas puras nos deu o melhor curso que ha em toda Europa , d'esse

infeliz ingenho (que talento houve já feliz em Portugal?) a quem não impediam as rectas de Euclides, nem as curvas de Archimedes de cultivar tambem as musas; de tam illustre e conhecido nome que direi eu senão o muito que me peza da raridade de suas poesias? Todas são philosophicas, ternas e repassadas d'uma tam meiga sensibilidade algumas, que deixam n'alma um como echo de harmonia interior, que não vem do metro de seus versos, mas das ideias, dos pensamentos. Todavia ha mister le-lo com prevenção, porque (provavelmente estropiada de copistas) a phrase nem sempre é portugueza de lei.

O padre A. P. de Souza Caldas, brasileiro, é dos melhores lyricos modernos. A poesia biblica, apenas encetada de Camões na paraphrase do psalmo *super flumina Babylonis*, foi per elle maravilhosamente tractada; e desde Milton e Klopstock ninguem chegou tanto acima n'este genero.

A cantata de Pygmalião, a ode o homem selvagem são excellentes tambem.

Aqui me cai a penna das mãos: o estadio livre para a critica imparcial acabou. Nem posso continuar a exercê-la

sem temor, nem o faria ainda assim, pois não quizera ver revogadas minhas presumidas sentenças pela severa posteridade, quasi sempre annulladora de juizos contemporâos.

Não posso todavia fechar este breve quadro sem patentear a admiração, e o indizível prazer que me deu o poema do Passeio do Snr. J. M. da Costa e Silva, cuja existencia tinha a infelicidade de ignorar (tam pouco sabemos nós Portuguezes das riquezas que temos em casa!) e que não sei que tenha que invejar a Thompson e Delille, se não for na pouca extensão e, acaso dirá mais severo juiz, em algum verso de demasiado *Elmanismo*. Quanto a mim, fólgo de me lisongear com a esperança que seu auctor lhe dará a amplidão e mais (poucos mais) retoques com que ficará por ventura o melhor poema d'esse genero.

Apezar dos motivos referidos, pedirei uma venia mais para mencionar como um poema que faz summa honra ao nome portuguez, a Meditação do Snr. J. A. de Macedo, que tem sido censurada per quem não é capaz de intendê-la. Não sei eu se ella tem defeitos; é obra humana, e de certo lhes não escapou:

mas sublimidade, cópia de doutrina, phrase portugueza, e grandes ideias, so lh'o negará a cegueira ou a paixão.

*A.* Cita-se com elogio o nome do Snr. J. F. de Castilho, joven poeta que se despica da injúria da sorte que o privou da vista, com muita luz de ingenho poetico.

Os *dythirambos* do Snr. Curvo Semedo, as odes do Snr. J. Evangelista de Moraes merecem grande favor do público: os apologos do Snr. J. V. Pimentel Maldonado são por certo dignos da maior estimação.

As Georgicas de Snr. Mozinho d'Albuquerque fizeram a reputação poetica de seu benemerito auctor. Alguns lhe acharam demaziada erudição, e queriam mais poesia e menos sciencia. Eu por mim tomarei a confiança de pedir ao illustre poeta, em nome da litteratura portugueza, que na segunda edição de sua tam util obra não desdenhe de aproveitar os muitos e riquissimos ornatos que habilmente póde tirar de nossas festas ruraes, de nossas usanças (como feiras, serões, desfolhas, etc.), das descrições de nosso formoso paiz; com que decerto fará mais nacional e interes-



sante seu estimavel poema. Não sei tambem se alguma incorrecção typographica ou de cópia, seria origem de várias imperfeições e impurezas de linguagem, que os escrupulosos ( e em tal materia é forçoso se-lo ) lhe notam.

Tudo isso esperâmos os Portuguezes que nos vangloriâmos de sua excellente obra, ve-lo melhorado na proxima edição que ja reclama o público impaciente.

A litteratura portugueza não mostra presentemente grandes symptomas de vigor : mas ha muita fôrça latente sob essa apparencia; o menor sópro animador que da administração lhe venha, ateará muitos luzeiros com que de novo brilhe e se engrandeça.

THE HISTORY OF THE  
CITY OF BOSTON  
FROM THE FIRST SETTLEMENT  
TO THE PRESENT TIME  
BY NATHANIEL BENTLEY  
VOLUME I  
PUBLISHED BY  
J. B. ALLEN, 1856

# DA ARTE POETICA

E

DA LINGUA PORTUGUEZA;

EPISTOLA.

---

I.

INTRODUÇÃO.

Lembras-me, amigo Brito \*, quando a pluma  
Para escrever magnanimo meneio.  
Ama o meu Brito a lusitana lingua  
Pura como elle, energica, abastada,  
Estreme de bastardo francezismo,  
E que a joio não trave de enchacoco;  
E quando le, rejeita a phrase spurja  
Que com senão mal-assombrado afeia  
Asseiada escriptura e ideia nobre,  
De legitimos lusos termos digna;  
Mas discreto critica; e faz justiça  
Sem torpe inveja, sem paixão obscura.  
Que, amigo, muitos mordem nos bons versos  
Do facundo Garção, Diniz prestante,

\* F. J. M. de Brito.

Sem de Horacio ter lido um so conselho,  
Sem que acaso divino entusiasmo  
Nunca na alma encharcada lhes fervesse.

Muitos querem vaidosos dar pennada  
Na lingua portugueza, que as correntes  
Das crystallinas aguas não gostaram  
Vertentes dos volumes caudalosos  
De Barros, Brito, Souza e de Lucena,  
De Ferreira e Camões; fartura arrotam  
De Portuguez, porque inda hoje remoem  
As mesquinhas migalhas, que das bocas  
De amas villans, de brejeiraes lacaios  
Na recente memoria lhes cahiram.  
Afeitos a tam magra oca pitaça  
Se amuam contra as raras iguarias  
Com que os brindam os classicos bizzaros  
Em suas mezas guapas e opulentas.

Oh classicos do nosso augusto sec'lo,  
Que sempre fostes o patente molde  
De elegante escriptura genuina,  
Oh quanto deveis hoje mais que nunca  
Ser o que são bandeiras nas batalhas!  
Quando vai roto o exército, e esgarradas  
C'o medo e fuga as marciaes fileiras,  
Longe da rota o general previsto  
Manda cravar em sitio bem-disposto  
Os contos das bandeiras. — Troam logo

Os rufos do tambor echo-batente;  
Voltam a vista os vagos fugitivos  
Aonde os rufos clamam; vêm nos ares  
Soltas as cores dos pendões jurados,  
Correm, vão-se apinhar emtórno d'elles,  
E cobrando com ve-los novos brios,  
Rugem leões, as brigas ja re-pedem,  
Cahem na hostil cohorte, rompem, vencem.  
A vista das bandeiras, em triumpho  
Lhes transmudou a fuga. — Nós d'êsta arte  
Usar convem na fuga e desbarato  
Em que nos poz o exército confuso  
Da pujante ignorancia, a qual cercou-nos  
E de vencida nos levou no tempo  
Do nosso mal-soffrido captiveiro.\*  
Cumpre aope dos pendões enfileirar-nos;  
Entrar-mos na refrega c'os sedições  
Pedantes, c'os casquilhos da moderna,  
Que nos mofam, nos seguem, nos perseguem,  
Quaes bandos de pygmeus, e véem armados  
Cadaum como um Samsão, como um Alcides.  
Valentes como impavidos Quichotes,  
Os da corja academico-Tarouca  
Com bexigas e estalos farfalludos;  
E os mais com pélas de francez *conducta*,  
De *afferes*, *rango*, *massacrar*, *ressortes*,

\* Em 60 annos que soffremos a jugo dos Caste-  
lhanos.

*Egidio* \*, *populacea* , e iguaes remendos  
De mal-alinhavada Francezia.

Não que á lingua franceza eu ódio tenha ,  
Que fôra absurdo em mim. Ninguem confessa  
Mais sincero o valor de seus bons livros  
De todo o bom saber patentes cofres  
De polidez e de eloquencia ornados.  
Bastara em seu louvor, se o carecêra ,  
Ser bem vista e prezada em toda a Europa ,  
Das côrtes e dos sabios no universo.  
Conter em si ou proprio ou traduzido ,  
Quanto Minerva poz no peito humano ,  
As fadigas das artes , das sciencias,  
E os enfeites do flórido discurso.

Mas como fôra escarnecido em França  
O que emprehendesse himpar de phrases lusas  
Um discurso francez em prosa ou verso ;  
Assim pede entre nós ser apupado  
O tareco doctor, que á pura fôrça ,  
Quer atochar de termos bordalengos  
O nativo desdem da nossa falla.

Se temos de pedir a alguma bolsa

\* Substituição á palavra portugueza *egido* feita  
per certo diplomata , segund o testemunho de Fran-  
cisco Manuel.

Termos que nos faleçam , seja a bolsa  
De nossa mae latina , que ja muito  
Nos acudiu com pressas mais urgentes ,  
Quando em bronca escassez ja laborámos  
Ao sahir-mos das mãos da bruta gente. \*

## II.

*Origem da lingua portugueza. — Seu augmento.  
— Perfeição. — Decadencia.*

Uma lingua tam dura como as armas,  
Que em nosso pro terçavam nas pelejas ,  
Era a lingua dos Lusos valorosos  
Antes que os claros lumes do alto Pindo  
Queimassem fezes godas e mouriscas  
Da tosca algaravia , que em seu seio  
Lavrou até o seculo apurado  
De João segundo, de Manuel ditoso.

Quem vendo em carcomidos pergaminhos  
Foraes de goda-arabica escriptura ,  
Dirá que elles descendem da elegancia  
Da lingua dos Romanos , que a foi nossa ,  
Que a bem fallamos muitos centos de annos? \*\*

\* Godos e Mouros que senhorearam muito tempo a Lusitania.

\*\* Desde antes de Julio Cesar até á irrupção dos Godos, Vandalos, etc.

Que foi depois que as guerras e infortunios \*  
 Alagaram os predios de Minerva,  
 Derribaram columnas de seu templo,  
 Rodaram na torrente os moveis sacros,  
 Deixando so ruínas mal-cubertas  
 De apodrecidos limos e de abrolhos?

Então quebrou o fio precioso  
 Do collar de medalhas guarnecido  
 C'os nomes de eruditos Portuguezes,  
 Que atou depois com laço mal-seguro  
 O Freire, e ainda algum mais, mas raro e froxo,  
 Que o pouco cabedal levou consigo  
 Do puro portuguez que inda restava;  
 E em lingua bruta oco-rimbomba ou freira,  
 Nua de valentia, e de doçura,  
 Lardeada de ensossos baixos termos,  
 Foi a classica lingua convertida.  
 Tal era a geringonça mais da moda,  
 Quando eu nasci, nos pulpitos gritada  
 E cantada nas nobres académias;  
 Quando ingenhos mais altos, indignados  
 Da fatal corrupção, a resurgiram  
 Das campas, do lethargo em que a pozeram  
 Balofos biltres, mazorraes syndapsos \*\*.

\* Os Jesuitas e os Castelhanos.

\*\* Derivação das palavras gregas πλικτρεις, e  
 συνδασεις.



Assim ja d'antes em igual desastre ,  
Amparados das azas do monarcha , \*  
Sahiu um luso enxame cubiçoso  
De conquistar pelos lyceus da Europa ,  
As sciencias da patria foragidas :  
E quando a nós tornaram da colheita  
Os novos Tullios , \*\* alta esp'rança lusa ,  
Dando de mão ao godo-arabe enleio  
Que desfeiera as lusitanas fallas ,  
Co'ouro da grega lingua, e da latina  
Deram brilho ao dizer : antes crearam  
Uma lingua mais nobre , mais mimosa ,  
Digna dos nobres Genios que luziram  
N'essa classica idade , e que nos deram  
Os moldes da elegancia portugueza.  
Elegancia que herdada a nós viera ,  
A não ser salteada no caminho  
Per mãos facinorosas. — Quem nos veda  
Tomar a antiga senda , para herdá-la  
Nativa e pura e digna , qual trilharam ,  
Para creá-la , os nossos bons maiores ?

\* D. João II mandou muitos moços estudar á Italia e á Alemanha.

\*\* Marco Tullio Cicero sahio de Roma a apprender na Grecia.

## III.

*Estudo da lingua. — Exemplo das nações estrangeiras. — E principalmente da franceza que tam tontamente imitam os tarellos.*

Saiam dos muros da ferrenha patria  
Quantos desprezam os facundos sabios  
Que a lingua lhes legaram generosos,  
E verão povoados os lyceus  
Das estranhas nações na docta Europa,  
De illustres bispos, de anciões consultos,  
De polida nobreza, e até das damas,  
Que a natureza fez tam ingenhosas,  
Tam validas das musas, qual de Venus;  
Todos pendentés das discretas vozes  
Com que um lente mui primo dá realce  
Ás bellezas dos classicos antigos,  
Aqui notando a concisão da phrase  
Que o lucido « sublime » em breve engaste  
Cerra e compõe; alli a formosura  
Da caudal eloquencia que transborda  
Per floridos jardins, verdes ribeiras.

Ah ! se eu podesse ver na Elysia minha,  
Sequiosa de saber, francos e abertos  
Tantos porticos de artes, de sciencias,  
Como não levantára ella a aurea frente  
Entre tantas nações que a so conhecem

Por ter dobrado o horrendo promontorio,  
Por um antigo brado de conquistas !

Fallam no bom Camões alguns Francezes ,  
Que o leram traduzido em prosa ensossa ;  
Mas rejeitam de o ler na lusa lingua ,  
Que apenas paga o custo de apprendê-la  
Com ler um so Camões : tam pouco aprêço  
Lhe dão de si os novos escriptores !  
Não fôra assim , se nós mais cuidadosos  
Dêsse-mos mor valia á nossa lingua ,  
Polindo-a , ennobrecendo-a , opulentando-a  
Com cabedaes de Urania , Clio e Erato :  
Que assim se fez no mundo conhecida  
A lingua grega ; e o lacio , que pretende  
Emulá-la , seguiu o mesmo trilho :  
Seguiu-o a Hespanha , a França , co'a Toscana ;  
E até as boreaes nações o seguem.  
Nós prezâmos tam pouco a nossa lingua ,  
Que tam somente as outras apprendemos ,  
Em desar da nativa ; e a ser-nos dado,  
Na franceza escreveramos , fallaramos ,  
Como ja na hespanhola , por lisonja ,  
E por louca vaidade , compozemos !

Amor da patria sopra em mim despeitos  
De a ver per filhos seus pouco abonada.  
Ah! patria muito ingrata e muito amada ,  
Ah! que eu , se em ti soubera as boas lettras

Mais versadas , mais público o bom gosto ;  
D'este encargo de encommendar leitura  
Dos nossos bons auctores, me esquivára.

Desce Apollo aos lyceus com prazer summo  
A derramar clarões de arte divina  
Nos que ávidos anhelam ver ausentes  
As trevas da malefica ignorância :  
Como na longa hiberna madrugada ,  
C'os olhos fitos no tardonho Oriente,  
O medroso apressado peregrino  
Espera Phebo , e os lucidos Ethontes  
Que véem de longe c'o flammante carro  
Disparar no horizonte as luzes , o ouro ,  
E pôr em fuga a noite e seus sequazes ,  
As trevas, os pavores e os flagícios.

Muitos d'estes lyceus são chrysol puro  
Da liga da language : alli de auctores  
De grave fama ancian bem-merecida  
As immortaes bellezas se alardeam ;  
E o liquido ouro fino da palavra ,  
Da phrase mui formosa, alli se apura.  
Sólta o criterio a voz , e o docto exame  
Cala pelos remémoros ouvidos  
Com agrado e proveito até ás almas ,  
Onde se imprime e guarda longamente  
Sabor das eloquentes iguarias.

Um Francez que ouve um lente venerando  
Tractar com mão devota os sabios livros  
De Fenelon, Racine, quando explica  
Seus ornados conceitos, não desdenha,  
Não moteja do auctor que lhe dá fama  
Nos arredados climas, nem do alumno  
Que caminhando ao templo da Memoria  
Leva per foros, leva per serviços  
A nobre imitação de bons modelos,  
E na phrase imitada o cunho antigo.

Assim o statuário cuidadoso,  
Se encarregado da sublime face  
D'um rei virtuoso, deus de seu bom povo,  
Deseja entre os Myrons e os Praxitéles  
Ter logar na custosa eternidade,  
Dos Myrons e dos Phidias tira os rasgos  
Das bizarras feições, das attitudes;  
Até das roupas imitando as pregas,  
Aqui descobre, alli apanha ou sólta,  
E transladando á pedra o concebido  
Typo de fórmulas conhecidas na arte,  
Compõe um todo a si so comparavel,  
Gôsto de mestres, e do alumno glória.

Taes eram approvadas e bemquistas,  
Por nobre imitação de almos traslados,  
Do pindarico Elpino as cultas odes;  
E a facundia bebida nos antigos

Que vertia o Garção nos seus poemas,  
Quando na Arcadia \* outr'ora os escutava  
De atilados varões o estreme ouvido.

## IV.

*Creação de novos termos; instauração dos antigos. — Exemplo dos mesmos Francezes.*

No sacro templo \*\* que á pureza e lustre  
Da linguagem franceza ergueu eterno,  
Pelo Richelieu, Luis o magno,  
Ouvi eu ( e inda a voz no ouvido toa )  
Um sabio \*\*\* em toda a Europa acceito e lido,  
E inda mesmo entre nós não ignorado;  
N'uma lingua tam farta ( como dizem )  
Dos cabedaes de auctores tam egregios,  
Que não soffreu desfalques, bastardias,  
Como a nossa nas eras derradeiras;  
N'uma lingua que engrossa e se enriquece  
Cada dia c'os rios de eloquencia  
Que tam caudaes de todo o monte manam;  
Este sabio escassézas lhe achacava,  
Pedia atrevimentos generosos  
Nos que a colhêr os fructos se abalançam

\* Associação litteraria, célebre em Lisboa no tempo d'el-rei D. José.

\*\* A Academia da lingua franceza.

\*\*\* Marmontel.

Nos vergeis das sciencias. Novas cousas  
Novos nomes requerem. Ja Lucrecio  
Para a lingua tam rica dos Romanos  
Sollicito pedia larga venia.  
Larga venia pedia para a sua  
Este sabio tambem; e que se acceitem  
No bom stylo francez termos latinos :  
E dos antigos termos saúdoso  
Desejava que á vida os revocassem  
Dando-lhe alma nos livros duradouros.

Reparae bem , matula afrancezada,  
No sabão que vos vai pelos bigodes:  
Vêde como arde na vermelha face  
Sopapo que vos calma a mão franceza!  
Certo estou que calando este discurso  
No attento ouvido dos Francezes sabios,  
As palavras antigas farão novas  
Em premio da razão , dos bons serviços ;  
Que honradas cans c'o honrado abrigo acodem  
A quem as poz no auge da valia.

A tam séria oração , tam proveitosa  
Estimada da patria , e dos de siso ,  
Não riam como parvos os Francezes ,  
Mas ririam os paravilhos lusos  
Besuntados de porca modernice ,  
Que não podem soffrer palavra ou phrase

Que não venha em Telemaco capado  
 Ou novos sermonarios francezistas ;  
 Que cuidam que encerrada nos miolos  
 Teem da lingua a abundancia , a fôrça, o lustre,  
 Com atar um suado comprimento,  
 Fallar de cães, de modas, de cavallos  
 N'uma roda de moças e tarecos  
 De elegante saber igual ao d'elles.

## V.

*Objecção principal dos neologistas. — Põe a  
 resposta na bocca de Garção. — Hyperbatos.  
 — Palavras compostas.*

Mas vamos acudir ao mais forçoso  
 Argumento que poem estes maricas,  
 Que estremecem de vozes que não leram ;  
 Como de cousa má, longa aventesima,  
 Se arripiam mulheres e meninos.  
 « É grande affectação ( assim me arguem )  
 Usar da antiga phrase, antigos termos  
 Que o marquez de Pombal não usou nunca,  
 Antes quasi os condemna em suas prosas.

\* Traducção de certo Bacharel chamado José  
 Manuel Ribeiro Pereira, o qual tendo la para si que  
 o illustre Fenelon deixara incompleta a sua obra,  
 accrescentou - lhe mais um volume, que intitolou :  
*Aventuras finaes de Telemaco, etc.*



Usar de termos que não usa o Pina \*,  
 Nem os nossos garridos prégadores :  
 Co' esses termos que vogam , bem fallâmos ;  
 Co' elles verseja o Mattos , canta o Caldas ,  
 E o Macedo \*\* no outeiro se espaneja.

*A lingua é como a moda : \*\*\* a novidade*  
 Lhe dá gala e primor. Motiva riso  
 Campar-nos hoje com sedições phrases  
 Do caduco Lucena , aguado Barros ,  
 Querendo-as pôr á moda no discurso ,  
 Como quem nos viesse delambido  
 Inculcar para adôrno guapo e serio  
 Enrocados manteos , golpeadas calças. »  
 Cuido que o vejo erguer-se arreminado  
 La da campa onde jaz sêcco e moido ,  
 O meu Garção , e azedo e zombeteiro  
 Responder-lhes assim : « Tendes sobejos  
 Para o mal que fallais , e para as trovas  
 Com que a patria pejais , pejais a lingua :  
 Melhor fôra , boçaes , nascesseis mudos.  
 Que enrocados manteos , calçados pintos  
 Me allegais por escarneo ? Quantas modas  
 Não vêdes vós sedições , que resurgem

\* Escripitor gongorista dos principios do XVIII. sec.

\*\* Poetas de minguada fama, Baviros e Mevios d'esse tempo.

\*\*\* Formaes palavras de uns Redactores, que Francisco Manuel conheceu em Paris, e de outros mais Gallici-parlas.

Como o fetido Lazaro, e campeiam  
 Mui galhardas per esse mundo louco?  
 Os manteos enrocados, ide ve-los  
 Co'as calças golpeadas, na mais secia  
 Côrte da Europa, e mais lidada forja  
 Das tremolantes e assopradas modas.  
 Vede-me os *cem-suiços* gigantescos,  
 Cerrada guarda do francez sob'rano,  
 Como trajam nos dias mais garridos  
 Enrocados manteos, golpeadas calças;  
 Que galas foram ja de airoso adôrno  
 Ao quarto Henrique, ao forte illustre Castro.  
 Lede, basbaques mancos de doutrina,  
 Que ( de acérto ) até modas vem nos livros;  
 Como em Pegas\* achou, passados annos,  
 Certo lettrado os oculos perdidos. »

— « Mas escuta, Garção, ( cuido que os ouço )  
 Se o pensamento é bom, faz seu effeito,  
 Sem ser preciso revolver poeiras  
 De latinos Camões, sedições Barros,  
 Sem joeirar palavras fastiosas  
 De velhos alfarrabios com bafio.  
 — « Callai-vos, tolos ( o Garção responde )  
 A elocução é tudo. Uma sentença  
 Que tosca refugais por desagrado,  
 Se com phrase concisa ornada e culta

\* Auctor rancido.

Vem ferir n'alma, o ouvido amaciando,  
Abalados ficais, ficais absortos,  
Namorados da sua formosura.  
Que assim a guapa seda, a tela de ouro,  
Se mal talhada vem das mãos do mestre,  
Perde a gala por gebba em seu feitio.  
Quando outra, menos rica, mas airosa  
Polo acerto e primor do lindo talhe,  
Orna o dono, e de applausos rouba a estrea.  
Dar com vozes valor ao pensamento,  
Dar-lhe côr, dar-lhe vida é o grande estudo;  
A gran' venida de immortaes auctores.  
Que não basta dar pasto são á mente,  
Se não vem adubado de bom gôsto:  
E assim é que a verdade cala na alma,  
Louçan c'os atavios da eloquencia;  
E assim tambem resvala dos ouvidos,  
Se vem sêcca ou ensossa ou mal-trajada.  
Uma palavra nova ou renovada,  
Que com estranho som, mas bem-cadente,  
Desperta o ouvido, é saudável toque:  
Que inclinam á priguiça, ao desattento  
Os animos de ouvintes distrahidos,  
Que a corda da attenção per longo tempo  
Não podem ter tam rija que não baube.  
Para a atesar de novo, o bom poeta  
Varia o tom do canto com figuras,  
Com descripções; ousado ja apostrópha  
Homens e nunes... Quantas vezes, quantas

O intrepido poeta arrisca o enleado  
Hyperbato, que embaça a intelligencia  
Á prima vista, mas que apraz, namora  
Quando abre todo o senso? Assim de Horacio  
E dos romanos classicos polidos  
Apraziam transpostos os vocabulos;  
E fôra riso e escarneo dos ouvintes  
Dar-lhe odes de sentido corriqueiro,  
Fluentes como o usado padre nosso.  
Tambem c'um termo so, quando o poeta  
Se aventura ao perigo, e vai busca-lo  
A longes sitios, e atrevido o encosta  
A nome que se estranha de o ver juncto  
De si, mas que o ennobrece e allumia.:  
Tambem digo que toma alento a lassa  
Attenção, e agradece ao vate o gôsto  
Que lhe dá co' a dicção, e louva a industria  
Com que ornou c'uma flor de mais a lingua:  
Canoros dispertae co'a novidade;  
Beliscae meigamente o seio da alma;  
Inventae, renovae, usae translatos;  
Convidae o appetite, dae-lhe fôrças;  
Eavidae o saber, obtereis graças  
De quem bem instruistes, deleitando-o.  
Nunca espereis que um d'esses encolhidos,  
D'esses malsins de atrevimentos nobres,  
Consiga um grito dar, com que a alma acorde.  
Assim vimos, porque alto e bem dormiam,  
Bem roncavam os hospedes cançados

Que acalentava a regia academia  
Com derreadas prosas soporíferas.

## VI.

*Necessidade de estudar a propria lingua, sobre todas as outras. — Thesouros d'onde tirar antigos termos, os classicos portuguezes. — Origem d'onde derivar os novos, os latinos e gregos.*

Estudâmos com tanto apuramento  
Classicos gregos, classicos latinos;  
Linguas em que, apezar de improbo estudo,  
Seremos sempre broncos aprendizes;  
Nem quando bem queimadas as pestanas,  
Mirrassemos em ler pécos Noltenios,  
Escholiastes decrepitos e escuros;  
Não nos cabe fallá-las co'a franqueza  
Dos antigos Romanos; quando muito  
Fallaremos latim como fallava  
Entre nós certo Inglez que muitos annos  
Em Lisboa viveu, e me dizia  
Mui serio — *Mim quer vai á Rata* \* crendo  
Que dava um puxo bom na lingua lusa.  
Nós, quando á fôrça de amplos dictionarios,  
De grammaticas, de aridos commentos,  
Novos Manucios, Fabros, ou Besendes,  
Greguissimos Scaligeros da gemma,

\* O Rato, sitio em Lisboa.

lxxxviii DA ARTE POETICA.

Gaguejemos latim a Plauto, a Horacio,  
É grego a Homero, a Pindaro; ririam  
Da nossa arrogantissima impotencia,  
E sem nos comprehender nos deixariam  
Latinizar e greguejar o froxo  
Nas theses, nos umbratiles collegios.

Como? Em cadoz de ingrato esquecimento  
Deixar-mos a linguagem que nos serve  
Em tractar os negocios, as usanças  
D'êsta vida civil, razões de estado  
C'os nossos conterraneos, c'os amigos,  
Em dar pasto co'as damas ás mais puras  
Mais brandas affeições do animo humano,  
Para dar todo o estudo a estranhas linguas!

Fallemos portuguez brando e sonoro  
A Portuguezes que entender-nos cabe.  
E se expertos me arguem os peraltas,  
Que as riquezas vocaes que assim pretendo  
Introduzir empecem á clareza  
Da lingua, e que o vulgar dos Portuguezes  
Não póde subito abranger o senso  
Das vozes classicas, remotas do uso,  
Das novas, das latinas, das compostas,  
Mui pachorrento e concho lhes respondo,  
Que as que hoje estão em uso foram novas  
Tam difficeis então, quanto éstas hoje  
De serem do vulgar bem entendidas.

Quando o Pombal\* nas leis punha *apanagio*  
Ninguem soube que enxalmo, ou que encommenda  
Que bixaroco era *apanagio* : os mesmos  
Lettrados se tomavam da tarantula.  
Apanagio passou : hoje é corrente.

Qual foi o sapateiro, ou curreleira  
Que pescou o sentido enrevesado  
Em *retractar*, *controverter*, em outras  
Da vez primeira que sahiu da boca  
Do freguez que lh'a disse ? Pouco a pouco  
Explicada, prégada, conversada,  
Conseguiu ser palavra corriqueira  
Quem d'antes era enigma avesso, abstruso.  
Tal é o fado das primeiras vozes.  
Estranham—Vão entrando—Formam posse —  
Depois ficam de assento — e entre nós casam—  
Ei-las parentas ja de toda a lingua.  
Que assim é que um caminho de pe pôsto,  
Co' andar da gente, passa a ser estrada\*\*,  
Como em limpida fonte, em nossos mestres  
Do seculo das lettras lusitanas,  
E nas paginas ferteis dos Latinos  
Tomem linguagem pura os bons ingenhos  
Que a colhêr palmas de eloquencia lusa

\* O marquez de Pombal.

\*\* Não se pôde intender isto em toda sua amplidão ;  
mas sob as condições postas pelo auctor e hoje adop-  
tadas geralmente.

Inclinam seu proposito e porfia : \*  
Ou ja no foro os animos consultos  
Queiram mover a compaixão piedosa  
Do reo mal arguido ou mal defezo ;  
Ou da verdade na cadeira anceiem  
Soltar as pandas velas da facundia  
Em assumptos moraes ou ja sagrados.

Os exemplares puros com nocturna ,  
Diurna mão per vós sejam versados ,  
Per vós poetas que quereis no Pindo  
Conquistar os favores das Camenas.  
Se desprezais dos classicos o estudo  
Sereis dos sabios lusos desprezados.  
Oh ! que é desdouro um vate alçar as vozes  
Promettedoras de altaneiro assumpto  
Ante o povo apinhado , e ser mesquinho  
No arrôjo, na affluencia das pinturas  
Com que anhela estofar o seu discurso ;  
Por falta de eloquentes vivas côres  
Quê so dão as palavras preciosas  
Cavadas nos bons mestres , ou tiradas  
Do riquissimo erario dos latinos.

Quando em público falla , quando escreve  
Obras dignas de sofrega leitura,  
Se inteira o bom auctor, colhe de plano ,

\* Verso de Camões.



(É com que dissabor!) o quanto ignóra  
 A lingua em que se deu por abastado;  
 Vendo á bolsa que creu pejada e himpando  
 De grosso cabedal, de ricas phrases,  
 De termos nobres, ermo e exhausto o fundo.

## VII.

*Invectiva contra os maus poetas. — Exemplo dos  
 bons auctores.*

Nescio grulha que em çujo charco molhas  
 A lingua com que os classicos motejas,  
 É a quem de suas messes faz ganancias,  
 Convem comigo, se és sincero e franco,  
 Que nunca déste inteira á voz e á penna,  
 (Qual te luziu na mente) a ideia tua,  
 Por charro ou por mendigo de palavras  
 Que dão côr e dão alma ao pensamento.  
 Olha o Garção, quam rico na pintura  
 Da infeliz Dido\* as côres assignalá,  
 Quando perecedora, entregue a Clotho:  
 « Com a convulsa mão subito arranca  
 A lamina fulgente da bainha,  
 E sôbre o duro ferro penetrante  
 Arroja o tenro crystallino peito:  
 Em borbutões de escuma murmurando  
 O quente sangue da ferida salta:

\* Cantata de Dido, no entremez da Assemblée.

De roxas espadanas rociadas  
 Tremem da sala as doricas columnas ! »  
 Não ha termo que não traslade ao vivo  
 No esp'rito do leitor o fiel quadro  
 Que o Garção debuxou na clara ideia.  
 Sim : que estado e razão lhe persuadiram ,  
 Que ao vate acceito á Apollo , acceito ás musas  
 Cabe espertar no ouvinte imagens vivas  
 Com valente pincel , accesas côres ,  
 Arrojado nos rasgos , lumes , sombras ,  
 E ardente como esse estro que o inflamma.  
 Quam custoso lhe fôra ! — Quam negado  
 O arrôjo no desenho , o vivo em côres ,  
 Que os sentidos movendo calam na alma ,  
 Se colhida nos campos da leitura  
 Tam copiosa seára não tivera !

## VIII.

*Differença entre a locução trivial e a sublime da  
 poesia. — Ornatos poeticos.*

Inda te dou que possas como o vulgo  
 Fallar correcto ás vezes. Não te basta  
 Trivial locução para subires  
 O primeiro degrau do templo que honra  
 O merito eloquente. Evitar erros  
 É erguer-se apenas do plebeio lodo.  
 Longe estás de ganhar subido prémio,

Que pende para quem com louçania ,  
C'o dom de aurea dicção , dá garbo ás fallas ,  
Varia , estrema a phrase mais venusta ,  
Com que dote de esplendida riqueza  
De seu discurso a intrepida estructura.  
Que é suberbo palacio um bom poema ,  
Cuja fachada , camarins e salas  
Com regia pompa ser ornados pedem.  
O ouro e o matiz das sedas e pinturas ,  
Dos cofres mais reconditos da lingua  
Os tira á luz o pródigo poeta.  
Vocabulos , effigies dos objectos ,  
Que Camões , que Vieira memoraram ,  
Que informe po cobre hoje ; se erudita  
Mão lh'o sacode , e as cans remôça activo ,  
Com lingua rica aditará a Elysia.

## IX.

*Como se arruinou a lingua e poesia portugueza ;  
— Concisão sublime.*

Quando orpham de bons classicos o idioma  
Se viu ao desemparo , ao desalinho  
D'um tropel de ignorantes , todo o rico  
Custoso cabedal que tinha herdado  
Da ância do estudo de escriptores sabios ,  
Se esvahiui pelas mãos de ruins tutores.  
Um fastioso de *após* , desfez-se d'elle ,

Este espancou *quicá*, ess' outro *asinha*;  
E assim dos mais. Foi roupa de Francezes.  
Os termos mais energicos, mais curtos,  
Os mais sonoros, por melindre ou birra,  
Foram longe da lingua degradados.  
E outros foram perdidos por desleixo.  
E nós de avitos bens herdeiros lidimos,  
N'um patrimonio entrámos defraudado  
D'ouro, padrões, alfaias nu e cru.

Vistes vós n'uma casa onde morreram  
Pae e mãe, e mui ricos, mas sem dono  
Ficam muitos filhinhos? — Um começa  
A descompor gavetas, a abrir cofres,  
D'um lenço de cambraia faz zorrague,  
Cavalga outro em beugala castão-de-ouro,  
Este um dedal de prata, aquelle um diche  
De subido valor, pela janella,  
Brincando ou descuidado, deita à rua;  
Rodam broches e aneis pelo sobrado,  
( Preço de muitas lidas! ) — sobem logo  
Enxames de rapazes con-vizinhos  
Barulheiros, daninhos ou milhafres,  
Que bolem, quebram, vasam, pilham, levam,  
Ouro, diamantes, louça, doces, fructa;  
E uma herança, atélli graúda e rica,  
Pára em mesquinha misera pobreza.  
Tal da lingua os thesouros se escoaram  
Em podêr de crianças litterarias,

De personagens nescias ou perluxas.  
Vêde em tal desbarato, em tal desleixo,  
Que valente orador, vate atrevido  
Póde fallar conciso, ser ornado,  
Ser altiloquo ou terno, se lhe faltam  
Cabedaes com que abaste, com que enfeite,  
D'onde tire, a prazer, a expressão curta  
Que encrava mais profunda na alma a ideia;  
E não meandros de torcidos tropos  
Que resvalam do ouvido da memoria,  
Antes que o fio da vindoura phrase  
Se áte c'o fio bambo da ja lida!

Remontar ao « sublime » ha sido sempre  
O perpétuo lidar, o fito nobre  
Dos que as obras meditam, que os vindouros  
Desempõem com fructo, com agrado:  
E o sublime quer grande e nova ideia,  
Curta, e que muito senso aperte em summa.  
Que se inepto, por falta de baixella,  
Lanças em vasto desbordado vaso  
A pura activa essencia concentrada,  
O concebido spirito sublime  
Na vasteza chocalha e se derrama,  
Perde o cheiro, o vigor, e mes-cabado  
Na turba das surrapas se deshonra.  
Tu mormente, oh poeta, a quem no encaixe  
Do verso, estreito emprêgo e estofa, cabe,  
Se em palavras transbordadas, vas per fóra

Da marca abalizada , e dás c'o verso ,  
 Desattento , a travez : e desde o introito  
 Enojas , e os ouvintes adormentas.  
 Sè mui parco na ensanCHA das palavras,  
 Se ousas tocar as raias do « sublime , »  
 E dos ouvidos despota , se queres  
 Te-los captivos a teus dignos versos :  
 Mas para parco ser thesouro ajunta ;  
 Que sem muita lição serás verboso.  
 Quanto mais ferramenta tem o mestre,  
 Mais faceis , mais subtis perfaz as obras.  
 Quanto mais panno tem , mais poupa o córte ,  
 Menos monte alardeia de retalhos  
 A afreguezada experta costureira.  
 Na casa em que a despença recheada  
 Acode á meza com sobejo alarde ,  
 Banquetes ( com que o pobre se arruina )  
 O rico os dá frequente a pouco custo.

## X.

*Methodo de estudar a lingua.—Classicos ; Vieira ;  
 Lucena ; Bernardes ; Ferreira ; Brito ; etc. ;  
 Jacintho Freire.*

Se queremos achar abertas veias  
 Do custoso metal que as fallas doura ,  
 Visitemos as minas encetadas  
 Pelos nossos antigos escriptores ,

No Lacio e Achaia, que inda nos convidam  
Co' largo aberto seio a ser ricassos.  
E se a ruim priguiça vos atalha  
Mover o passo a longes territorios,  
Tendes em casa, e a vossas mãos disposto,  
O producto das minas ja cavado  
Limpo de fezes chrysolado e puro  
Nos Paivas, nos Lucenas, Britos, Barros.

Entre abbobadas longas intrincadas,  
Labyrinthos reconcavos e escusos  
De conceitos agudos predicaveis,  
De bastardo saber, de ingenho vesgo,  
Ha per cantos escuros, per desvios  
De sermões requintados do Vieira,  
Desprezados torrões de ouro encuberto,  
Que enriquecer mil paginas poderam  
Per artifices mãos melhor lavrados.

Tem Lucena capítulos \* tam cheios  
De lusa preciosissima abastança,  
Em phrase e termos escolhida e nobre!...

Em seu fluído estylo vai Bernardes  
Serpeando manso e manso até que maua  
Dos ouvidos nas intimas entranhas,

\* A descripção da nau da India, a das ilhas Malucas, a dos costumes dos Chins, o combate dos Achens, etc.

Qual vai claro ribeiro crystallino  
Debruçando-se puro e saudável  
Debaixo de inquietas avelleiras,  
Per entre hervosos valles sempre verdes;  
Té que ao largo se estende em lisa meza  
Espelho e ás vezes banho das serranas.

De Barros que direi? que os estrangeiros  
Não digam mais do que eu? que d'elle fallam  
Com mor respeito que fallar usamos.  
Ferreira, Brito, Souza, Arraes e Pinto  
So lhes faltou nascer em terra estranha  
Para altamente serem conhecidos,  
E encommendada aos bons sua leitura.

Cartilha houvera ser, cartilha de ouro  
Para a pura dicção da lingua lusa,  
O mui diserto Freire, última c'roa  
Das nossas litterarias conquistas;  
Fiel historiador, sempre eloquente,  
Sempre Plinio, e mil vezes com ventagens.  
Quanto não ganharia a patria honrada,  
Não ganharia a lingua portugueza,  
E os égregios heroes, se cada Cesar,  
Cada Fabricio, Regulo ou Camillo,  
Que deu a lusa terra, conseguisse  
Um Freire que lhes dêsse alto renome  
Per obras, per virtudes conquistado?  
Tem senões! — E que auctor é d'elles limpo!



Não dormitou Homero? O bom Virgilio,  
 Indignado das máculas da Eneida,  
 Não mandava de novo queimar Troia? \*  
 Se ás musas não vedára o pio Augusto  
 O eterno pranto, e a Apollo as saúdaes?  
 Pollião não imputa á maravilha \*\*  
 Que iam além de Roma, curiosas,  
 As gentes ver defeito patavino?\*\*\*

## X I.

*Vieira e os peraltas.*

Mas muito ha que sobejo serio fallo,  
 E o serio me não quadra, e quadra menos  
 Ao meu assumpto e aos caros meus leitores.  
 Dêmos que resuscite (o que hoje é facil)  
 Vieira, e ouça fallar certos peraltas  
 Pregoeiros de afrancezada lingua.  
 Parece-me que o vejo franzir beiços,  
 Encrespar o nariz, perguntar logo:  
 Vieira.) Quem vos torceu as fallas á franceza,  
 Meus pardaes novos de amarello bico?

\* . . . . . *Ergo ibit in ignes,*

*Magnaue doctiloqui morietur musa Maronis?*

\*\* Tito-Livio.

\*\*\* *Patavitinitatem quandam.*

QUINTILIANO.

Peralta. ) Lemos livros de fita, e é n'esses livros  
Que nós *puisamos* o fallar á moda,  
No mais *charmante* tom, mais *seduisante*.

Vieira.) E quem trouxe essa moda, meus meninos?

Peralta.) *Elle é*, poisque *exigís* que com *justeza*  
*Rapporte* o *renomado chefe*, é esse o  
Traductor do Telemaco capado,  
De sermões vicentinos precedido,  
*Avan-corrores* d'esta nova schola.

Vou-me la ( diz Vieira ) — Ei-lo que bate  
Á porta do Ribeiro \*, e pede novas  
D'esta nova eloquencia gallo-lusa.

Vieira.) Quem préga ca melhor? Quem faz bons versos?

Ribeiro.) Eloquencia, *Monsieur*, tem alto *rango*,  
É o *affere* do dia, os meus *elevés*  
*Bellos espiritos*, *chefes do bom gôsto*,  
Teem dado á linguagem taes *nuanças*, \*\*  
Que nunca em *golpe de ólho* *remarcaram*  
Os antigos na *affrosa* obscuridade.»

Vieira. ) Pare, pare senhor c'o sarrabulho  
D'essa phrase franduna. Eu fui a França,  
Nunca la me atolei n'esses lameiros,  
Nunca enroupei a lingua portugueza  
Com trapos multicores gandaiados  
N'essa feira da ladra. Os meus Latinos

\* Traductor do Telemaco que o auctor chama capado.

\*\* *A lingua portugueza carece muito d'este termo.*  
(São palavras de um academico.)

Me deram sempre o precioso traje  
 Com que aformosentei a lusa falla.  
 Com Deus fique, senhor. Tal giria esconça  
 De ensosso mixtiforio burdalengo  
 So medra co' esses tolos \* que se enfronham  
 Em lingua estranha sem saber a sua.  
 E dão co' essa mistura a vera effigie  
 Do apupado ridiculo enxacoco.»

## XII.

*Duas causas capitaes da corrupção do gôsto e  
 da linguagem. 1.<sup>a</sup>. A dominação castelhana. —  
 2.<sup>a</sup>. A guerra da acclamação.*

Eis vejo ao longe as duas largas portas  
 Per onde a corrupção entrou lavrando  
 No corpo da linguagem portugueza,  
 E lhe estragou a compleição sadia.  
 Uma, lh'a abriu Philippe de Castella,  
 Hypocrita tyranno e não prudente,  
 Quando o reino, não seu, quando as conquistas,  
 Com sangue portuguez tam rubricadas,  
 Mais com ouro usurpou, que com trabucos.  
 Elle os peitos torceu telli altivos;  
 E a lisonja, que encosta brandamente  
 A dextra á cerviz dura, a foi curvando,

\* E quantos ha que eu bem conheço!

Té que inteira a baixou ante o tyranno.  
Medrou logo o desejo de agradar-lhe,  
Que fez beijar-lhe o sceptro e a mão de ferro  
Que mui pesadamente a carregava.  
Nos animos soprou alento frouxo,  
Banhou os beiços de fagueiras fallas,  
E as pennas embebeu na hispana tincta  
Tanto ao fundo, que as pennas esqueceram  
Do seu idioma luso a côr nativa,  
Para afagar com phrases mendigadas  
As orelhas dos duros vencedores.

Que longe iam correndo do Ferreira,  
(Bom Ferreira da nossa lingua amigo!)  
Esses filhos ingratos que deixavam  
A mui caroavel mãe, que de seu leite  
Nunca lhes consentiu terem seccura,  
Para ir buscar em braços de madrastra  
Sustento e afagos que ella dava esquivos.  
Fastiosos na opulencia, requestavam  
Pão de esmola a suberbos estrangeiros,  
Que escassos, com desdem, ao chão lh'a deitam.

Se era útil, se era grato o que escreviam  
Quem os mal aconselhou que desherdassem  
Do rendoso aprasivel patrimonio.  
A patria natural, o meigo idioma  
Que abundante e grandioso e brando e fero  
Intendidos maiores lhe aprestaram?

Que antemão obsequente, officioso  
Lhes moldára nos labios infantis  
As primeiras palavras carinhosas  
Com que do berço os maternas semblantes  
Souberam horrifar de almo sorriso,  
Por ir (oh ingratição! oh esquivança!)  
Estragar com mão pródiga thesouros  
Em desdenhosas terras forasteiras.  
Oh desdouros da patria! oh inimigos  
Da lingua em que nascestes, vos creastes,  
Da lingua a quem deveis todos os lucros  
Do saber, do talento e ingenho vosso!  
E esquecê-la podestes? desprezá-la?  
Negar-lhe o foro dos caudaes estudos?  
Quem sabe se esse inmerito descuido  
Dos bons, que aformosaram vosso idioma,  
Se esse cultivo de estrangeira phrase  
Não foi a lança mais aguda e forte  
Que lhe abriu as feridas mais profundas?  
Talvez se não cessasseis de alinhá-la,  
De a alimentar com vosso estudo e lida,  
Seria inda hoje aquella que com tanto  
Brado se fez no mundo honrada e altiva.

Outro infortunio prolongou funesto  
Nas lusitanas lettras, o prolixo  
Marte, que supportámos corajosos  
Em nossos braços, por manter no augusto  
Solio o recém-subido soberano

Contra as rapaces mãos usurpadoras  
Que, annos sessenta, nas espadas curvas  
Do ferreo sceptro o conto nos calcaram.

O alvorôto e tumulto que comsigo  
Trazem bronzeos canhões, roucas bombardas,  
Mal convem c' o remanso de Minerva,  
Co'a amena calma das pousadas musas.  
Os que Apollo influia, por Marte o deixam,  
Depoem os livros, os broqueis abraçam;  
E em lugar dos accentos numerosos  
Com que inclytas ideias se revestem,  
So teem o agudo ouvir aberto á l'arma,  
So teem do irado olhar cravado o lume  
Na ardente bala ou carniceira brecha.

Quem não ve pois, que em quadras tam esquivas  
A lyra emmudeceu, parou a pluma,  
Emmagreceu a lingua que se nutre  
De ocio de vates, de ocio de oradores  
Que altiloquos resoam? No sanctuario  
Das lettras puro, e até então guardado,  
( N'essa hora de atalaias desprovido )  
Pelas portas lhe entrou mal-agourada  
A ignorancia ladeada da caterva  
Dos erros, das maleficas doutrinas.  
As mãos se deram sempre pelo mundo  
Esses dous feios brutos tragadores  
Do ingenho, e do primor das boas artes.

Vêde a Grecia, suberbo monumento  
Da arrojada solerte humanidade,  
Milagres da arte a cada passo erguendo  
Ante os olhos attentos do Universo;  
Profundos meditando, disferindo  
Modelos do saber sublime e nobre,  
Tam eloquente, quam limado e terso;  
Hoje esquecida Grecia, hoje ignorante,  
Hoje bruta, de bruto dono é serava!

Tu podeste, ignorancia mal-querente,  
De torpes dogmas sempre bem provida,  
Destruir as searas das sciencias  
Com tal suor plantadas e floridas.

Assim foi descuidada e embrutecida  
A nossa lingua illustre. Os Portuguezes  
Co'a pertinaz tormenta desgarrados  
Da bem-assinalada antiga esteira\*  
Perderam o bom tino ao saber puro,  
Que em eras de Camões, eras de Barros  
Grangeado tinham nos lyceus da Europa.

Nós hoje se prezâmos levantar-nos  
Ao grau de glória a que eramos subidos,  
Trilhemos senda que ampla nos abriram  
Nossos maiores no apurar do ingenho.  
Elles da grega lingua, e da latina

\* Via, direcção, rumo.

Tomaram cabedaes com que adornaram  
 De garbo, e de melindre a lusa falla,  
 Lusa escripta. ( Brasão d'essa era augusta  
 Que nos deu nome em toda a redondeza,  
 ( E o brado inda resoa. ) A lusa falla,  
 Que hoje é mofa e baldão de peralvilhos,  
 Que ensossos passam per estranhas linguas  
 Minguados na materna a quem desdenham,  
 Porque inda aptos não são para invejá-la.  
 Ridiculos que tentam pôr eschola  
 D'uma lingua meiada de hervilhaca  
 Mal colhida em mau signo, chocha e mocha  
 Que trava na garganta do criterio!  
 Fogem da lingua san, chamão-lhe antiga...  
 E vão dar de malhão n'um neologismo  
 Sem sabor, mal fundado, e mal acceito...

## XIII.

*Apostróphe aos escriptores sôbre o estudo da  
lingua e dos bons modelos.*

Vates sublimes, nobres oradores,  
 Dae rios perennaes de alta loquela;  
 Enlevae, persuadi, dae pasmo e assombro;  
 Troem na altiva boca os sons ousados,  
 Ou melliflua mane a melodia  
 Do canto que infeitiça o intendimento;  
 Ponde somente o fito na energia



Das côres com que dais luz ao conceito;  
Que essas côres ja novas, ora antigas,  
Abastarão a lingua. E esses que ouvem,  
Esses que lêem o arrôjo das palavras,  
Incantados do altivo das ideias,  
Dos accesos matizes da pintura,  
Não irão indagar se vem de Barros,  
Se de Horacio, de Cicero ou Vieira  
A voz que lhe deu na alma o nobre abalo.  
Perde-se a côr de chumbo, a de junquillo  
Quando o pincel as mescla na palheta;  
E so no quadro avulta a similhaça  
Que illude e representa o vivo objecto  
Que a natureza amostra, e que a arte esconde,

E vós ainda disputais ferrenhos  
Se havemos de fallar como peraltas;  
Se *affroso*, *rango*, *populacea*, *egidio*  
Devem ter entre nós assento e posse,  
Ou se havemos de pôr em exterminio  
*Quiçá*, *mau grado*, *asinha*, *outrora*, *ávante*.  
Eis-nos pois deparados n'este ensejo,  
Como esses aldeões que ainda esquivos  
De possuir herdades, nem courellas\*,  
Que com Baccho e com Ceres lhes accudam,  
Altercassem vermelhos e afinados  
Sôbre o gume de foices e podoadas.

\* Pedaco de terra com cem braças de longo e dês de largo.

Tanto devemos a rançosos bonzos ,  
 Academicos naires campanudos ,  
 A mulheres perluxas sabichonas ,  
 A besuntados fatuos francezistas !

Loucos que o tempo esperdiçais sem fructo  
 Em descompor da lingua o molde e a graça ;  
 Cançae-vos antes em lavrar os campos  
 Da classica abastança , achareis barras  
 De ouro mais puro e rico , que esse cobre  
 Que baixos gandaiais em çujos regos.  
 Parvos ! que enxovalhando com posturas  
 O formoso carão da patria lingua ,  
 ( Formoso , indaque antigo , qual a Venus  
 De Medicis , antiga e sempre bella \* )  
 Cuidais que hão remoçá-la esses rebiques ?  
 Co'a demão que lhe dais mui presumidos  
 Lhe estragais as feições , tirais-lhe a grave  
 Magestade — e não sei que brando termo \*\* ,  
 Que inda em annos crescidos bem parece.  
 De mim confesso que em a ver garrida  
 C'os besuntos , co' as sóltas maravilhas  
 Com que dessimilhais seu nobre vulto ,  
 De riso estouro , ou desadoro de ira \*\*\* .

\* Verdadeira e ingenhosíssima comparação !

\*\* Compostura , modo , etc.

\*\*\* *Tunc veniunt risus.*

## XIV.

*Preceitos aos poetas. — Estylo. — Pintura das ideias. — Paixões. — Variedade, e propriedade.*

Lede ( que é tempo ) os classicos honrados,  
Herdae seus bens, herdae essas conquistas  
Que em reinos dos Romanos, e dos Gregos  
Com indefesso estudo conseguiram;

Vereis entãõ que garbo, que facundia  
Orna o verso gentil, quando sem elles  
É delambido e pêco o pobre verso.

Lede, que é gran' cegueira esse descuido,  
( Antes bruteza ! ) Mal se ganha o prémio  
De alto saber, sem ímproba fadiga.

O meditado estudo aço é, que rijo  
Fere do nosso ingenho a aguda escarpa;  
E os pensamentos de subtil arrôjo  
Faiscas são brilhantes, que resaltam  
Do batido fuzil aporfiado.

Se usamos escrever, d'éstas centelhas  
Ordenadas com próvido artificio,  
Se compõe formosissimo luzeiro,  
Ou astro que nos rudes olhos fere  
Do vulgo, e que a prudentes muito agrada

Como pois esperais compor luzeiros

Se os bons não estudais , se da memoria  
Os cofres não proveis com abastadas  
Joiás que os livros bons doar so podem!  
Elles dão co'a louçan valente pphrase  
Preço nobre á sentença aberta e pura ,  
E ao subtil quadro da ficção ditosa  
Daõ a cõr , daõ a luz com que realça.

O verdadeiro toque que arduo abona  
A fôrça , a veia do escriptor prestante,  
É quando entorna ( como em prompto vaso )  
Com succo e com calor na alma do ouvinte  
Inteiro o nectar das ideias suas ,  
Tam suave, e no gôsto tam activo ,  
Como elle o preparou no alto conceito ;  
Tal , que ao leitor colore , e embeba a mente ,  
Tam funda e viva qual no auctor nascêra.  
Saber dar tal activo , dar taes cõres  
Fez claros os Virgílios ; engeitá-lo ,  
Naõ podêr concebê-lo faz rançosos ,  
Faz Pinas , faz poetas deslavados.

Comtigo mais que nunca fallo agora ,  
Alumno , que pretendes ser das musas  
Estremado e querido : o altivo assento  
Perto de Horacio , perto de Virgílio  
So aguarda o pintor que em fiel quadro  
Da natureza as lidas afigura ,  
E as bellezas lhe pinta em vivo verso ;

Ou que do homem moral debuxa ardente  
As luctantes paixões, virtudes, vícios,  
Assomos da alma em solidão, em turba.

Contempla que nasceu o homem sujeito  
A muitos estos revoltosos, torvos;  
Que ora a cubiça, outrora a mágoa o vence,  
Que este confia, aquelle desespera:  
A alegria ao mancebo instiga a dansas:  
O deleite requebra o rosto ameno  
De quem do amado bem logrou o agrado.  
A triste dor quebranta o vivo lume  
No esmorecido olhar. Quando um prospéra,  
Outro cabe da roda derribado:  
Um periga, quando outro em salva praia  
Corre afouto a abraçar-se co'a columna  
De segurança. Almeno sente as puas  
Do rigor, do desdem da sua Filis  
Espinhar-lhe as entranhas dolorosas;  
Em quanto Elio assustado acanha os membros;  
E todo se encolhéra n'uma cifra  
Por esconder-se ao malfeitor phantasma  
Que elle a si proprio ergueu na eivada mente.  
Jaz estirado em tormentoso equuleo,  
Quebrado a tractos do odio, e da vingança  
Esse altivo que um gesto, uma palavra  
Mal-julgada accendeu em chainmas de ira.

Cuidas que não tem sempre a mente abertas

As portas ao tropel das infinitas  
Variadas pinturas ou chymeras,  
Que indefessa a imaginação lhe arroja?  
O colorido da fileira immensa  
De quadros que offerece n'esses homens  
O nascimento, a compleição, a plana,  
As companhias, habitos, usanças,  
São exercicio, são liberta alçada  
Do pincel dos poetas, a quem coube  
Abranger c'os seus braços alentados  
Quanta apparencia ostenta este universo,  
E o que a nossa alma no seu peito encerra.

Ve se ha hi lingua tam valente e rica,  
Que acuda com palavras ajustadas  
Á descripção, clareza e louçania  
De que um vate carece quando as pinta!  
Sejam pois teus estudos e ousadias  
Enriquecer a lingua, que te valha  
Quando avivas com rasgos eloquentes  
Quanto na alma arrojado debuxaste.  
Alli estanca a fôrça, abarca os meios  
De dar valia ás vis, ennobrecendo-as  
C'o logar em que as pões: (lidado emprêgo!)  
Tecer, co'as de bom uso, na urdidura,  
Reclamadas antigas; com bons laços  
Duas encadeiar, que uma componham;  
Forjar novas, energicas, sonoras,  
Com que agrades, te louvem e te admirem:

Sejas vergel, jardim, com fructos, flores,  
 Éstas vistosas, succulentos esses,  
 Com que brindes, contentes\* gôsto e vista  
 Dos que cheguem a ver o teu cultivo.

Que eufete e gala não recebe a lingua  
 Quando são per mão sábia collocadas  
*Compostas*\*\* que nos forram largas prosas,  
 E que dão novidade, e dão deleite  
 A quem lhes sabe dar o preço e estima.  
 Tam péco é o Camões quando descreve  
 Do *estellifero* pólo os moradores,  
 E a *belligera* gente! É despiciendo  
 O Garção, o Diniz, quando com duas  
 Ja conhecidas vozes compoem uma,  
 Imitando Camões e antigos vates?  
 Que bem pintou Alfeno, alumno d'estes,  
 O carro que briosos vão tirando  
 Os *auriverdes bipedes* cavallos!

## XV.

*Exemplos dos nossos auctores. Necessidade de  
 refórma.*

Lançado a pontapes saia das faldas  
 Do bifido Parnaso o vate aguado

\* Satisfaças, recreies.

\*\* Palavras compostas.

A quem fastio dão caudaes correntes  
Do sublime discurso. Ande acanhado  
Esgravatando em brejos de pedantes  
Os termos com que escreva, e com que enoje.

Quem ao docto Dini2, mestre atilado  
No mister de compor em prosa ou verso,  
Vedou téqui (com visos de tyranno)  
Empregar a seu gôsto a phrase nobre,  
A energica palavra antiga ou nova,  
Collida com sagaz utilidade  
No egregio prosador, audaz poeta,  
Ou inventada com feliz estudo?  
Quem lhe impedir de ser senhor da lingua,  
De podêr meneá-la como queira,  
Póde ao pintor tolher que mescle as côres,  
Que no panno as estenda a seu arbitrio.

Que homem tégora ousou arguir Vieira\*  
Luso Apelles, de ter ennobrecido  
D'um moderno painel a formura  
Co'as ruinas d'um templo, d'um colosso,  
C'os derrocados arcos d'um triumpho?

Que homem ha hi tam bronco em nossa historia  
Que ignore as perdas que custou á lingua  
O reinado da insipida ignorancia?  
Esse stupido monstro as fuscas azas

\* Célebre pintor portuguez.



Despregou e cubriu co' ellas o reino;  
 Tapou o sol, poz noite nos ingenhos,  
 Bafejou anagrammas, forçou glossas,  
 Inçou de ocos conceitos predicaveis  
 Os pulpitos, e as aulas de sophismas;  
 E degradou a lingua de nobreza,  
 Despindo-a de afouteza e bizzarria.

Que carece que emprendam esses que hoje  
 Quizerem remontá-la á antiga plana,  
 Repo-la em seu solar auctorizado,  
 Restituir-lhe os bens que lhe escorcharam?  
 Se os classicos ( de enleada algaravia  
 Que ella era, antes da nossa \* era de Augusto)\*\*  
 Com porfiado fito apparelharam  
 Lingua para os Lusíadas e Castro:  
 Assim vós da mestiça gerigonça  
 D'esses baforinheiros francezistas,  
 Assim vós que punis pola pureza  
 Do materno vulgar, com gran' desvelo,  
 Qual trigo, joeirae o que inda resta  
 De nativa e singela e pura falla,  
 Do ataroucado \*\*\* joio campanudo,  
 De gente em solideo, de gente em coche.

\* Não me agrada este verso, em razão do jogo de *era* verbo, com *era* substantivo.

\*\* Feliz reinado d'el-rei D. Manuel.

\*\*\* Refere-se ao que ja disse sôbre as ridiculas academias dos meados do último seculo.

## XVI.

*Gallicismos. Argumento tirado de Dacier.*

Abra-se a antiga veneranda fonte  
 Dos genuínos classicos, e soltem-se  
 As correntes da antiga san linguagem.  
 Rompam-se as minas gregas e latinas;  
 ( Não cesso de o dizer, porque é urgente )  
 Cavemos a facundia que abasteça  
 Nossa prosa eloquente, e culto verso.  
 Sacudamos das fallas, dos escriptos  
 Toda a phrase estrangeira, e frandulagem  
 D'essa tinha, que comichona afeia  
 O gesto airoso do idioma luso.

Quero dar que em francez hajam formosas  
 Expressões curtas, phrases elegantes;  
 Mas indoles diff'rentes teem as linguas;  
 Nem toda a phrase a todá a lingua ajusta.  
 Ponde um bello nariz alvo de neve,  
 N'uma formosa cara trigueirinha;  
 ( Trigueiras ha, que ás louras se avantajam )  
 O nariz alvo no moreno rosto,  
 Tanto não é belleza, que é defeito.

Nunca nariz francez em lusa cara  
 Que é filha da latina, e so latinas  
 Feições lhe quadram. São feições parentas.  
 Se nativo não é, não é singelo,

Quanto pões n'esse rosto , esses besuntos  
São mascarras , são lodo immundo. Oh vates ,  
Não fique uma so nódoa em nosso idioma  
D'esse lodo que o enxovalhou tégora.

Ora pois que esses guapos modernistas  
Tudo acham no francez ; e quem tal crêra !  
Até a lingua lusa em francez acham ;  
E riem c'um riso parvo dos que afanam  
Por beberem nos classicos a phrase  
Purissima e constante , e revocarem  
As antigas palavras que nos faltam  
Para clareza , adórno , ou brevidade ;  
E degradar da lingua essa matula  
De termos franduleiros , que os patolas \*  
Querem n'ella metter á queima-roupa :  
E pois que esse francez tanto nos gabam  
De rico e bello , e de apto para tudo ,  
Quero de auctor francez acreditado ,  
Por litterario critico profundo ,  
Citar em termos *ibi* a mesma urgencia  
De restaurar á lingua as mesmas vozes ,  
E phrases obsoletas. — Tendo dicto  
Qua a lingua é acanhada , porque a apuram  
Ou cuidam apurá-la , cerceando-lhe  
Energia de termos que ja foram

\* Nunca aprovei estes termos baixos. A lingua é tam rica em synonymos ! Garção e Diniz ensinaram a criticar com decencia.

Caro grangeio de seus bons maiores;  
Continúa dizendo \* : « Bem deveram  
Revocar antes do desuso as vozes  
Que la mandára insipido melindre,  
Mormente hoje que tanto tem medrado  
Em todo o estudo a seara das ideias.  
Que escassez deploravel ( logo exclama )  
Ver sempre a locução mais baixa e tenue  
Que o conceito de que ella é o retrato!  
E a lingua, que é o buril do pensamento,  
Ser frouxo, ou ser rebelde á mão do mestre  
Que quer assignalar valentes rasgos,  
E as similhar a estampa co'a figura!  
Bem serve a lingua a quem os hombros mette  
Contra os que se dão manha a empobrecê-la,  
Lidando em empolgar certas maneiras  
De fallar naturaes, de que os antigos  
Usaram, e so teem em seu desvio,  
Um senão que lhe arguem, sem dar provas. »

Que dizeis d'um francez, meus francezistas,  
Que vos dá tal sopapo na bochecha?  
Não ha que retrucar; baixae a tromba:  
Senão cito outros mil, dado que eu creia  
Que este so vos derruba e tapa a boca.

Se por fôrça de fado, ou por penuria

\* Dacier, prefacio de Plutarcho.

Forçados somos a espremer dos livros  
 Francezes o alimento das sciencias;  
 Se como na palestra empoeirada  
 Vamos lutar contra a ignorancia bruta,  
 No gymnasio francez, tomemos o uso  
 Dos antigos athletas, que ao sahirem  
 Do pugilato ou férvida carreira,  
 A poeira dos fatos sacudiam,  
 E banhando-se em líquidas correntes  
 Do Illisso\* (que, alli perto, com sereno  
 Passeio alegre as margens studiosas)  
 Os corpos assejavam diligentes.

Assim vi sempre o litterato Erilo,  
 Depois de revolver francez volume,  
 Desempoar-se da estrangeira phrase  
 Co' espanador de Barros ou Vieira.

## XVII.

*Differença entre o estylo poetico e o da prosa.—  
 Liberdades d'aquelle. — Necessarios atre-  
 vimentos.*

Aberta a lice está, bons oradores,  
 Franco o stadio: correi, sublimes vates:  
 Inventae, adoptae proprios, latinos;  
 Resuscitae energicas, sonoras,

\* Rio que corria perto do gymnasio atheniense.

As antigas palavras venerandas ,  
Que esvaneçam toda essa bastardia  
De que nos inçam frivolos tarecos.  
Tal, no corro, se ve, quando cuberto  
C'um gafo borburinho de garotos,  
Vem mui sisuda a guarda, em duas filas,  
Encara co'a real tribuna, e logo  
Dobra á direita, á esquerda, pelos lados  
Vai varrendo a matula, e rebanhada  
A impõe fóra dos festivaes palanques.

De termos ja sabidos formaes novos ,  
( Fôrça é que eu vo-lo diga, e que o rediga )  
Junctando-os com primor em laço estreito ,  
E sereis de bons mestres approvados.  
Que tres conheço eu, que estas veredas  
Por unicas apontam a quem busca  
No circo da eloquencia ennobrecer-se ,  
Ou com bons versos deleitar o ouvido  
De amadores de Horacio, e de Virgilio.

Comvosco a mais me arrójo, ousados vates,  
Aquem mais francas portas abre Apollo;  
Vós que a mais broncas pedregosas brenhas  
Deveis subir; per mais emmaranhadas  
Selvas deveis romper até o cume  
Do difficil Parnaso. A vós so cabe  
Penetrar nos reconditos archivos,  
Revolver, pôr de parte, e tirar fóra,

Com largo privilegio, ousados termos  
A nenhuns oradores outorgados,  
Termos, por temerarios, mais felizes\*.

Que, quando exerce um orador o ingenho  
Sôbre a vida civil, e sôbre assumptos  
A que ella ja cunhou corrente nome.  
Tu, poeta sublime, a quem descobre  
Ampla imaginação aventurada  
Novos mundos de objectos extra-alcance  
De algum sentido humano o mais á lerta,  
Te arrojas ( que é forçoso ) Adão moderno  
A dar a novas cousas nomes novos,  
E os que a atalhão se atrevem com barreiras  
Do teu ousar o arrebatado curso,  
Não são vates, nem vates folhearam.

Nova contende ser no stylo e phrase  
A pompa das palavras e sentenças,  
Se é novo quanto o vate caro aos numes  
Da mente divinal descanta aos homens.  
Nunca soube fallar, escrever nunca  
Em nobre phrase, nem co' altiva ideia  
Descortinou paizes inda occultos,  
Campos de esmalte, tórres e palacios  
De estranha relevada architectura,

\* *Variisque verbis et figuris felicissime audax.*

Novos heroes , ou novos ceos e numes  
De mais alto podêr, mais magestade ;  
De mais vivo fallar, que a tenue prosa,  
Quem denega ao poeta afoutos novos  
Terminos , de alheia boca nunca dictos \*.  
É bem certo , que ao descubrir co' a vista  
Altas montanhas, estendidos máres ,  
( Pela primeira vez subido ao mundo )  
O selvagem , nascido n'uma cova ,  
N'uma cova até então aferrolhado ,  
Não sabe como os chame. — Tal se vira  
O vate que não ousa novos termos  
Impor a novos sóes , novo universo ,  
Que estro omnificador tira do chaos ,  
E na imaginação lhe põe á vista ,  
Se, em si fiado , não inventa o vate ,  
Ou se engeita colhêr na Ausonia e Grecia  
Nomes , que a turba imaginada indiquem ;  
Ei-lo como o selvagem , na tortura  
De não saber contar o que descobre.  
Ja quando a lingua em que nasceu mais rica ,  
Do que em prata o Peru , em termos fosse ,  
Sentiria penuria em pôr patentes  
As ideias que um vivo e claro lume  
No ingenho lhe accendeu. Darei conselho  
A tantos apoucados zeladores

\* *Insigne recens , adhuc  
Indictum ore alio.*



Do avarento fallar ensosso impuro,  
Que se applichem a dar discretas artes  
De compor sarrabaes, entrançar loas,  
Sem se enfronhar nos mellicos assumptos,  
A dar regras, a contrastar palavras.

Com frouxos sons não ferve esse estro ousado,  
Que Apollo sopra no attico alaúde:  
Magicas vozes rompem, com què impelle  
Os peitos dos heroes; quebranta, anceia  
Roixos tyrannos no infiado throno,  
Com cantos entranhados de terrores.  
Estes so conta Clio entre os alumnos  
Que cingir devem do Farnaso os louros:  
Não minguados versistas, que recuam,  
Quando a musa afoutezas lhes demanda.

Vêde-me um Pindaro altear o vôo  
Enfiando a senda, do estro arrebatado,  
Beber no Olympo a practica dos numes,  
E vir, juncto do Alpheu, soltá-la aos homens.  
Palavras immortaes compunha afouto,  
Em que immortaes conceitos embebia:  
E vós, sequazes do thebano cysne,  
Que vos prezais de erguer o vôo ás nuvens,  
E vós acobardais-vos? Encolheis-vos  
Na derrota que deixa assignalada?  
Ousae, ousae; que está pendente a palma  
Ao que ama a glória e se aventura ao prémio.

## XVIII.

*Desprézo que merecem criticos ignorantes.*

Quem vo stolhe avultar ouro sôbre ouro ,  
 Com que alingua se augmente e se afidalgue ?  
 Por ventura é pavor de ser mordidos  
 De insectos litterarios terrulentos !  
 De rovas Philamintas \* sabichonas ?  
 De bonzos , de rançosos , que hoje arrotam  
 Pôr banca de puristas e censores ?  
 Ûm , porque mais não leu em toda a vida  
 Que as gordas odes do cerval Talaya \*\* ,  
 Ou versinhos anões a anans Nerinas  
 Do cantarino Caldas \*\*\* , a quem parvos  
 Poem alcunha de Anacreonte luso ,  
 E a quem melhor de Anacreonte fulo  
 Cabe o nome ; pois tanto o fulo Caldas  
 Imita Anacreonte em versos , quanto  
 Negro peru , na alvura , ao branco cysne.  
 Outra , que so de Albano \*\*\*\* e Damiana

\* Allude á Viscondeça de B., que vaidosa de seus pifios vesinhos, se metteu a abocanhar no sublime da poesia do auctor.

\*\* Poetastro ja pouco conhecido hoje.

\*\*\* Mulato que improvisava á viola.

\*\*\*\* J. X. de Matos, cuja pastora tem o poetico nome de D.

Tomou de cor as modorraes outavas;  
 E inda outros, que no Chagas\*, na Henriqueida\*\*  
 Na gazetta do alarve Castrioto\*\*\*  
 Ou nas infames traducções de bonzos,  
 De lingua portugueza se attestaram,  
 Quererem dar quinaus na phrase pura  
 É mais que ser orate, é ser jumento.

E chamais-los puristas e censores?  
 Taes patolas temeis, taes modernistas?  
 Vos emulos de Pindaro! Mal cabe  
 Cobardia em quem diz: «Pindaro imito\*\*\*\*.»  
 Quem nas bandeiras triumphaes milita  
 Do Marte mais intrepido dos vates  
 Não tenha susto de rançosos gansos,  
 De doctoras, de afrançados bonzos:  
 Pejo é ter pejo de relé tam civil\*\*\*\*\*.

\* Outro poetastro.

\*\* Poema do célebre escrevinhador o conde da Ericeira.

\*\*\* Redactor da gazeta de então, a que o auctor appellidou assim.

\*\*\*\* Imita-lo, talvez; mas emula-lo!...

*Monte decurrens velut amnis, imbres  
 Quem super notas aluere ripas,  
 Fervet, immensusque ruit profundo  
 Pindarus ore.*

HORACIO, od. l. liv. 17.

\*\*\*\*\* Indigna, vil.

Se dais humilde ouvido a vozes nescias  
 De tanto scrupuloso, que não gosta  
 Dos classicos o grosso chocolate,  
 De medo que o jejum lhes não quebrante  
 Da lingua quaresmal, que penitentes  
 Abraçaram, na qual morrer persistem :  
 Se recnais ás magras ameaças  
 Com que do alcance o ardor cortar-vos lidam  
 De novos termos de raiz latina,  
 De antigos \*, de inventados, de compostos,  
 Que a lingua adoçam, enriquecem, ornam,  
 Ver-vos-heis ( qual nos vimos ) tam estreitos  
 No acanhado repizo das palavras,  
 Que com mesquinha mão vos migalharem  
 Os fieis mui perluxos do idioma,  
 Que não possais, de aperto, revolver-vos  
 Na lazeira do stitico discurso.

## XIX.

*Continuação do mesmo assumpto.*

Não sei que trasgo, no salão da testa  
 Me anda saltando, e me revolve tudo ;

\* *Quin et victa situ, si me penuria adaxit,  
 Verba licet renovare : licet tua sancta vetustas  
 Vatibus indugredi sacraria. Sæpius olli  
 Ætatis gaudent insignibus antiquæ,  
 Et veterum ornatus induti incidere avorum.*

Traquinas desarruma os trastes todos...  
Que aspalhafato!... La no fundo me ergue  
Um theatro (dos muitos que armar vêdes,  
E que caseiros chamam) e sorrindo  
Me diz maligno e concho: «Aquî te ingenho  
Uma comparação para argumento  
Do que intentas provar. «Ora, leitores  
Mui benevolos meus, fazei de conta  
Que vêdes d'entre carmezis cortinas  
Sahir muito arraiada uma princeza  
De dous rivaes sob'ranos pretendida...  
Vai senão quando, trava-se uma guerra;  
E do Amor, que é concordja e paz, as armas  
Decidirão com sangue a gran' conquista.  
O theatro é pequeno e actores poucos,  
Mais pouca a gente que encha taes comparsas  
Para dar um combate bem renhido  
De dous campaes exercitos, que em fórma  
Avancem, firam, matem, morram, fujam.  
A qui é o gran' busyris, que embetesga  
O mais agudo e perspicaz miôlo;  
Mas do qual sai campando o meu duende.  
O director da scena manda astuto,  
Que d'aqui saiam quatro, de la quatro  
Soldados com broqueis, com capacetes  
De grosso papelão pintado á brocha:  
Logo uns contra outros, com motim sobejo,  
Com catanas de pau, que dão pranchadas  
Nos broqueis, nas couraças que retineim,

Assomados, sanhudos acommettam,  
Dêem talhos, dêem révezes, acutilem;  
Que entrem n'um bastidor, saiam per outro;  
Sempre gritando, sempre acommettendo,  
Se empurrem, se acalcanhem. — São so oito,  
Quatro de cada banda, e sempre os mesmos  
Bonecos a gyrar em roda viva.

Atéqui do meu trasgo a travessura;  
Mas que igualmente me resurge a ideia  
Do que eu vi n'uma feira da Sorbonna,  
Feira mui rica em bolos mascavados  
Mui maciços, mui duros, mui grosseiros,  
Sem gôsto algum, que toda a guapa enfeira  
Para si, para a filha, e para o amante;  
*Pão de especie* se chama o rico bolo.  
Vi (digo) na tal feira, co'estes olhos  
(Que a terra ou mar tem de comer sem falta)  
Uma camara-optica, com vistas  
Das grandes luminarias de Veneza,  
No dia em que a republica paríra  
Um doge de atufada carapuça:  
Emroda harto plebeu embasbacado  
Na corada lanterna movediça,  
Zimborio luminoso da tal optica:  
Que volteando no rodizio unctuososo,  
Em véra effigie representa a entrada  
D'el-rei de França em Reims, indo sagrar-se,  
*Eis cavallos-ligeiros, eis gens-d'armas,*

Eis os *guardas-do-corpo*, eis *mosqueteiros*  
 Que correm, que galopam... que quantia  
 De cavallos que passa! viva! viva!

Pois eram ( que os vi bem ) quatro bonecos,  
 N'uma roda que andava em dirandina,  
 D'uma vela de sebo á luz pingosa.

Tal, oradores, tem de acontecer-vos,  
 E a vós peor, oh vates, se deixardes  
 Empobrecer a lingua a arbitrio e ranço  
 De seiscentistas, mandriões, tarellos.  
 Essas poucas palavras que ficarem  
 Pelas mãos dos grammaticos perluxos  
 Minguadas, espremidas, escoimadas  
 Nos versos e na prosa, em remoinho  
 Contínuo correrão umas trás outras  
 A apanhar-se, a esmurrar-se em *cabra-cega*.

## XX.

*Conclusão.*

Mas tractam-nos ( direis ) de quinhentistas,  
 Quinhentistas sejaís. Campae de o serdes:  
 E que elles de o não serem se envergonhem.  
 Que riso ou que labéo vem d'esse apodo?  
 Beberes luz da idade de ouro augusta,  
 Que nas armas, nas lettras nos fez claros!  
 Elles de que era são? — Dos asneiristas

Que em toda a era houve, e agora inda mais n'êsta  
De quinhestistas vos prezae, alumnos.  
N'esse bom sec'lo as lettras portuguezas  
Tomaram praça entre as nações mais cultas,  
E hoje os que tomam tudo dos Francezes  
Nem terão um so canto em que se mettam.  
N'essa era a Castro \* muito antes luzia,  
Que Corneilles, Racines visse a França;  
N'essa o Camões Lusiadas compunha,  
Quando Henrique \*\* inda ao longe não raiava;  
Nem suspeitado inda era o seu Homero.

Èra ditosa que atenúa o encomio.  
Asia te louve, e as costas Africanas  
Povoadas de padrões da nossa glória.  
O brado que inda dura pela Italia,  
Per França, pelo Norte mais instruído,  
De alguns claros ingenhos portuguezes,  
Nos conserva no credito e conceito  
De estimaveis nações. Esse bom nome  
No-lo querem delir quatro fedelhos,  
Motejando os antigos, e escrevendo  
N'uma giria franceza desgostosa  
Que a si, que ao nosso seculo injuria.

\* Èsta tragedia, composta pelo doctor Antonio Ferreira, foi impressa em Lisboa per Pedro Crasbeeck, no anno de 1598.

\*\* A Henriada de Voltaire.



Inda em bem que o Diniz, e alguns de escolha  
Nos vingam d'essa corja, e desagravam :  
Inda em bem que os estranhos dão estima  
A Barros e a Camões, que ruíns insultam !  
Afortunada idade de quinhentos ,  
Quando os teus te poem nódoa, alheios te honram !

Correi-vos seiscentistas ou pacovios,  
Que nescios motejais do que é de preço :  
De quem não entendeis, julgais a esmo.  
Temei não caia sôbre vós o apodo ,  
Vosso motejo insulso e parvo riso ,  
Quaes flechas no ar viradas, que se encravam  
Em quem as disparou, e vão vingando  
Mal nascidas, inmeritas injúrias.

Apprendei, estudaee; e os bons auctores  
Sabereis ter em credito e valia.  
Elles a lingua e seu primor crearam,  
Elles no-la puliram. Que se os nescios  
De quadra posterior não esgarrassem  
Da estrada que batida lhe elles tinham,  
Nunca per taes rodeios, taes ambages  
Intrincadas, se foram despenhando  
A si e a vós, que ás cegas os seguistes.  
E pois que novo sol vos allumia,  
E a dextra novos guias vos estendem  
Para fóra surdir da negra furna;  
Lançaee a mão á coma fugitiva

Com que a donosa occasião vos brinda.

Eis que de seu regaço os bons auctores  
Vos emborca a impressão \*. Lede e relede :  
Que os moldes engraçados da facundia  
Asseiada e nobre e rica n'elles jazem.  
De quinhentistas vos honrae briosos ,  
Que é ser herdeiros dos caudaes latinos ,  
De não murcha eloquencia árvores ferteis.  
Prezae esses que ousados os imitam ,  
Ou temeí-os , se não sabeis honra-los :  
Que armas teem , e tam destros as meneiaun  
Que ( pola Styx vos juro e vos tres-juro )  
Se os assanbais com vossas parvoíces ,  
E se os olhos abaixam despeitosos  
A ler vosso ruín verso , aguada prosa ,  
Ou de ouvir-vos fallar se não desdenham ,  
Que nem na vossa escripta , nem nas fallas ,  
Ha hi membro que escape a seus revezes.

Musas , que sôbre o delectoso Pindo ,  
No regaço de Apollo , estais cantando  
Variadas canções de agrado cheias ,  
Que com grande attenção estão ouvindo ,  
E em seus animos promptos recolhendo  
Subtis Horacios , Pindaros altivos ,

\* Parece que esse remate foi propheticamente  
composto para ir á frente da collecção que publico ,

Mandae uma de vós, a mais florente,  
Que venha amenizar estes meus versos  
Mui sêccos, mui grammatico-prolixos,  
Que eu mesmo me enfastio de escrevê-los.

Mas nenhuma se move : — Apollo apenas  
Um pouco o rosto volve sôbre a esquerda  
Com gesto desdenhoso, e me responde :  
«Tens mais que pôr-lhe fim? Levanta a pluma  
Do cançado papel : forra o fastio  
A mim, ás musas, e ao leitor coitado.»

Peço-te, amigo meu, peço desculpa  
Do longo enfado que escrevi sem tento ;  
Mas tam corrente o pensamento vinha,  
Tanto em fervor na veia borbotavam  
As ideias — que no papel rugia  
A penna em despachar-se pressurosa.  
Mais curta fôra, a me acudir pachorra  
De ordená-la, limá-la e reduzi-la.  
Mas tu, que além do vulgo te remontas,  
Qual contraste sisudo, pões a marca  
No precioso quilate da materia,  
Curando pouco do feitio toseco.

FRANCISCO MANUEL.

(Nota.) Para extrahir ésta peça, e as mais do  
mesmo poeta, que vão no Parnaso, fui obrigado a  
servir-me de um exemplar da primeira edição, cor-

recto e annotado per Francisco Manuel; pois a segunda (revista pelo C...) está tão errada, que lhe faltam palavras, e ás vezes, versos inteiros.

Se n'esta epistola, e mais pedaços collegidos em outros poetas, se acharem versos de menos, ou algumas transposições, declaro ao leitor, que assim usei de proposito; porque não me propuz copiar exactamente os auctores, mas so fazer uma escolha.

FIM DA ARTE POETICA.



PARNASO LUSITANO.





# PARNASO LUSITANO.

---

---

## Épicos.

### VENUS

#### INTERCEDE A JUPITER POLOS PORTUGUEZES.

---

Ouvia-lhe éstas palavras piedosas  
A formosa Dione; e commovida,  
D'entre as nymphas se vai, que saúdosas  
Ficaram d'êsta subita partida.  
Ja penetra as estrellas luminosas,  
Ja na terceira esphera recebida,  
Avante passa; e la no sexto ceo  
Para onde estava o Padre se moveo.

E como ia affrontada do caminho,  
Tam formosa no gesto se mostrava,  
Que as estrellas e o ceo e o ar vizinho  
E tudo quanto a via namorava.  
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,  
Uns espiritos vivos inspirava

Com que os pólos gelados accendia ,  
E tornava do fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano  
Padre , de quem foi sempre amada e cara ,  
Se lh' apresenta assi como ao Troiano  
Na selva Idea ja se apresentára.  
Se a vira o caçador que o vulto humano  
Perdeu vendo Diana na agua clara ,  
Nunca os famintos galgos o mataram ,  
Que primeiro desejos o acabaram.

Os crespos fios d' ouro se esparziam  
Pelo collo que a neve escurecia ;  
Andando , as lacteas tetas lhe tremiam ,  
Com quem amor brincava , e não se via :  
Da alva petrina flammæ lhe sahiam ,  
Onde o menino as almas accendia ;  
Pelas lisas colúnnas lhe trepavam  
Desejos que como hera se enrolavam.

C'um delgado cendal as partes cobre ,  
De quem vergonha é natural reparo ;  
Porém nem tudo esconde , nem descobre  
O veo dos roxos lirios pouco avaro :  
Mas para que o desejo accenda e dobre ,  
Lhe põe diante aquelle objecto raro.  
Ja se sentem no ceo per toda a parte  
Ciumes em Vulcano , amor em Marte.



E mostrando no angelico semblante  
C'o riso uma tristeza misturada ;  
Como dama que foi do incauto amante  
Em brincos amorosos maltratada ,  
Que se aqueixa e se ri n'um mesmo instante,  
E se torna entre alegre magoada :  
D' ésta arte a deusa , a quem nenhuma iguala ,  
Mais mimosa que triste ao Padre falla.

Sempre eu cuidei , ó Padre poderoso ,  
Que para as cousas que eu do peito amasse  
Te achasse brando , affabil e amoroso ,  
Postoque a algum contrário lhe pezasse :  
Mas pois que contra mi te vejo iroso ,  
Sem que t'o merecesse , nem te errasse ,  
Faça-se como Baccho determina ;  
Assentarei emfim que fui mofina.

Este povo que é meu , por quem derramo  
As lagrymas que em vão cahidas vejo ,  
Que assás de mal lhe quero , pois que o amo ,  
Sendo tu tanto contra meu desejo :  
Por elle a ti rogando choro e bramo ,  
E contra minha dita emfim pelejo.  
Ora pois , porque o amo é mal tratado ,  
Quero-lhe querer mal , será guardado.

Mas moura emfim nas mãos das brutas gentes ,  
Que pois eu fui... E n'isto , de mimosa

O rosto banha em lagrymas ardentes ,  
Como c'o orvalho fica a fresca rosa :  
Caçada um pouco , como se entre os dentes  
Se lhe impedira a falla piedosa ;  
Torna a segui-la ; e indo per diante ,  
Lhe atalha o poderoso e gran' Tonante.

E d'éstas brandas mostras commovido ,  
Que moveram de um tigre o peito duro ;  
C'o vulto alegre , qual do ceo subido  
Torna sereno e claro o ar escuro ;  
As lagrymas lhe alimpa , e accendido  
Na face a beija , e abraça o collo puro ;  
De modo que d'alli , se so se achára ,  
Outro novo Cupido se gerára.

E c'o seu apertando o rosto amado ,  
Que os saluços e lagrymas augmenta ;  
Como menino da ama castigado ,  
Que quem no affaga , o chôro lhe accrescenta ;  
Por lhe pôr em socêgo o peito irado ,  
Muitos casos futuros lhe apresenta :  
Dos fados as entranhas revolvendo ,  
D'êsta maneira enfim lhe está dizendo:

Formosa filha minha , não temais  
Perigo algum nos vossos Lusitanos ;  
Nem que ninguem comigo possa mais  
Que esses chorosos olhos soberanos :

Que eu vos prometto , filha , que vejais  
Esquecerem-se Gregos e Romanos  
Polos illustres feitos que ésta gente  
Ha de fazer nas partes do Oriente.

Que se o facundo Ulysses escapou  
De ser na Ogygia ilha eterno escravo ;  
E se Antenor os seios penetrou  
Illyricos , e a fonte de Timavo ;  
E se o piedoso Eneas navegou  
De Scylla e de Charybdis o mar bravo ;  
Os vossos , mores cousas attentando ,  
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

Fortalezas , cidades e altos muros  
Per elles vereis , filha , edificados ;  
Os Turcos bellacissimos e duros ,  
D'elles sempre vereis desbaratados ;  
Os reis da India livres e seguros  
Vereis ao rei potente subjugados :  
E per elles , de tudo enfim senhores ,  
Serão dadas na terra leis melhores.

Vereis este que agora pressuroso  
Per tantos medos o Indo vai buscando ,  
Tremar d'elle Neptuno de medroso ,  
Sem vento suas aguas encrespando.  
Oh caso nunca visto e milagroso ,  
Que trema e ferva o mar, em calma estando!

Oh gente forte e de altos pensamentos ,  
Que tambem d'ella hão medo os elementos !

Vereis a terra que a agua lhe tolhia ,  
Que inda ha de ser um pôrto mui decente ,  
Em que vão descançar da longa via  
As naus que navegarem do Occidente.  
Toda ésta costa enfim , que agora ordia  
O mortifero engano , obediente  
Lhe pagará tributos , conhecendo  
Não podêr resistir ao Luso horrendo.

E vereis o mar Roxo tam famoso  
Tornar-se-lhe amarello de enfiado ;  
Vereis de Ormuz o reino poderoso  
Duas vezes tomado e subjugado :  
Alli vereis o Mouro furioso  
De suas mesmas settas traspassado ;  
Que quem vai contra os vossos , claro veja  
Que se resiste , contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte ,  
Que dous cercos terá , dos vossos sendo ;  
Alli se mostrará seu preço e sorte ,  
Feitos de armas grandissimos fazendo :  
Invejoso vereis o gran' Mavorte  
Do peito lusitano fero e horrendo.  
Do Mouro alli verão que a voz extrema  
Do falso Mafamede ao ceo blasphema.

Goa vereis aos Mouros ser tomada ,  
A qual virá depois a ser senhora  
De todo o Oriente , e sublimada  
C'os triumphos da gente vencedora :  
Alli suberba, altiva e exalçada ,  
Ao Gentio que os idolos adora  
Duro freio porá , e a toda a terra  
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentar-se  
De Cananor com pouca fôrça e gente ;  
E vereis Calecut desbaratar-se ,  
Cidade populosa e tam potente :  
E vereis em Cochim assignalar-se  
Tanto um peito suberbo e insolente ,  
Que cithara jamais cantou victoria ,  
Que assi mereça eterno nome e glória.

Nunca com Marte instructo e furioso ,  
Se viu ferver Leucate , quando Augusto  
Nas civis Accias guerras animoso ,  
O capitão venceu Romano injusto ,  
Que dos povos de Aurora , e do famoso  
Nilo , e do Bactra Scythico e robusto ,  
A victoria trazia , e presa rica ,  
Preso da Egypcia linda e não pudica :

Como vereis o mar fervendo acceso ,  
C'os incendios dos vossos pelejando ,

Levando o Idolátra e o Mouro preso ,  
De nações differentes triumphando.  
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso ,  
Até o longinquo China navegando ,  
E as ilhas mais remotas do Oriente ;  
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

De modo , filha minha , que de geito  
Amostrarão esforço mais que humano ,  
Que nunca se verá tam forte peito ,  
Do Gangetico mar ao Gaditano ,  
Nem das Boreaes ondas ao estreito  
Que mostrou o aggravado Lusitano ;  
Postoque em todo o mundo , de affrontados ,  
Resuscitassem todos os passados.

CAMÕES, *Lusiadas.*

---

DESCRIPÇÃO  
DA EUROPA.

---

Entre a zona que o Cancro senhoreia,  
Meta Septentrional do sol luzente,  
E aquella que por fria se arreceia  
Tanto, como a do meio por ardente,  
Jaz a suberba Europa, a quem rodeia  
Pela parte do Arcturo e do Occidente  
Com suas salsas ondas o Oceano,  
E pela Austral o mar Mediterraneo.

Da parte d'onde o dia vem nascendo,  
Com Asia se avizinha: mas o rio  
Que dos montes Rhipheios vai correndo  
Na alagoa Meotis, curvo e frio,  
As divide, e o mar que fero e horrendo  
Viu dos Gregos o irado senhorio,  
Onde agora de Troia triumphante  
Não ve mais que a memoria o navegante.

La onde mais debaixo está do pólo  
Os montes Hyperboreos apparecem,

E aquelles onde sempre sopra Eolo ,  
E c' o nome dos sopros se ennobrecem.  
Aqui tam pouca fôrça teem de Apollo  
Os raios que no mundo resplandecem ,  
Que a neve está contino pelos montes ,  
Gelado o mar , geladas sempre as fontes.

Aqui dos Scythas grande quantidade  
Vivem , que antiguamente grande guerra  
Tiveram sôbre a humana antiguidade  
C'os que tinham então a Egepcia terra :  
Mas quem tam fôra estava da verdade  
(Ja que o juizo humano tanto erra )  
Para que do mais certo se informára ,  
Ao campo Damasceno o perguntára.

Agora n'éstas partes se nomeia  
A Lappia fria , a inculta Noroega ;  
Escandinavia ilha que se arreja  
Das victorias que Italia não lhe nega.  
Aqui , em quanto as aguas não refreia  
O congelado inverno , se navega  
Um braço do Sarmatico Oceano  
Pelo Brusio , Suecio , e frio Dano.

Entre este mar e o Tanais vive estranha  
Gente , Ruthenos , Moscos e Livonios ,  
Sarmatas outro tempo ; e na montanha  
Hercyna , os Marcomanos são Polonios.



Sujeitos ao imperio de Alemanha  
São Saxones, Bohemios e Pannonios,  
E outras várias nações que o Rheno frio  
Lava, e o Danubio, Amasis e Albis rio.

Entre o remoto Istro, e o claro estreito  
Aonde Helle deixou c'o nome a vida,  
Estão os Thraces de robusto peito,  
Do fero Marte patria tam querida;  
Onde c'o Hemo o Rhodope sujeito  
Ao Othomano está, que submettida  
Byzancio tem a seu serviço indino;  
Boa injúria do grande Constantino!

Logo de Macedonia estão as gentes,  
A quem lava do Axio a agua fria:  
E vós tambem, ó terras excellentes  
Nos costumes, ingenhos e ousadia,  
Que creastes os peitos eloquentes  
E os juizos de alta phantasia,  
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,  
E não menos per armas, que per letras!

Logo os Dalmatas vivem; e no seio,  
Onde Antenor ja muros levantou,  
A suberba Veneza está no meio  
Das aguas; que tam baixa começou.  
Da terra um braço vem ao mar, que cheio  
De esforço, nações várias sujeitou;

Braço forte, de gente sublimada  
Não menos nos engenhos que na espada,

Em tórno o cêrca o reino Neptunino ;  
C'os muros naturaes per outra parte  
Pelo meio o divide o Apennino ,  
Que tam illustre fez o patrio Marte.  
Mas depois que o porteiro tem divino ,  
Perdendo o esfôrço veio , e bellica arte :  
Pobre está ja da antiga potestade ;  
Tanto Deus se contenta de humildade !

Gallia alli se verá , que nomeada  
C'os Cesareos triumphos foi no mundo ,  
Que do Sequana e Rhodano é regada ,  
E do Garumna frio e Rheno fundo :  
Logo os montes da nympha sepultada  
Pyrene se alevantam , que segundo  
Antiguidades contam , quando arderam ,  
Rios de ouro e de prata então correram.

Eisaqui se descobre a nobre Hespanha ,  
Como cabeça alli de Europa toda ;  
Em cujo senhorio e glória estranha  
Muitas voltas tem dado a fatal roda :  
Mas nunca poderá com fôrça ou manha  
A fortuna inquieta pôr-lhe nodas ,  
Que lh'a não tire o esfôrço e ousadia  
Dos bellicosos peitos que em si cria,

Com Tingitania entesta, e alli parece  
Que quer fechar o mar Mediterraneo,  
Onde o sabido estreito se ennobrece  
C'o extremo trabalho do Thebano.  
Com nações differentes se engrandece,  
Cercadas com as ondas do Oceano;  
Todas de tal nobreza e tal valor,  
Que qualquer d'ellas cuida que é melhor.

Tem o Tarragonéz, que se fez claro  
Sujeitando Parthenope inquieta;  
O Navarro, as Asturias, que reparo  
Ja foram contra a gente Mahometa,  
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro  
Castelhano, a quem fez o seu planeta  
Restituidor de Hespanha e senhor d'ella,  
Betis, Leão, Granada, com Castella.

Eisaqui, quasi cume da cabeça  
De Europa toda, o reino Lusitano;  
Onde a terra se acaba e o mar começa,  
E onde Phebo repousa no Oceano.  
Este quiz o ceo justo que floreça  
Nas armas contra o torpe Mauritano,  
Deitando-o de si fóra; e la na ardente  
Africa estar quieto o não consente.

Ésta é a ditosa patria minha amada;  
Á qual se o ceo me dá que eu sem perigo

Torne com ésta empresa ja acabada,  
Acabe-se ésta luz alli comigo.

Ésta foi Lusitania derivada  
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo  
Filhos foram, parece, ou companheiros,  
E n'ella então os incolas primeiros.

CAMÕES, *Lusiadas*.

## IGNEZ DE CASTRO.

Passada ésta tam próspera victoria ,  
Tornado Afonso á Lusitana terra ,  
A se lograr da paz com tanta glória ,  
Quanta soube ganhar na dura guerra ;  
O caso triste e digno de memoria ,  
Que do sepulcro os homens desenterra ,  
Aconteceu da misera e mesquinha ,  
Que depois de ser morta foi rainha.

Tu so , tu , puro Amor , com fôrça crua ,  
Que os corações humanos tanto obriga ,  
Dêste causa á molesta morte sua ,  
Como se fôra perfida inimiga.  
Se dizem , fero Amor , que a sêde tua  
Nem com lagrymas tristes se mitiga ,  
É porque queres aspero e tyranno  
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas , linda Ignez , posta em socêgo ,  
De teus annos colhendo doce fruto ,  
N'aquelle engano da alma , ledô e cego ,  
Que a fortuna não deixa durar muito ;

Nos saúdosos campos do Mondego  
De teus formosos olhos nunca enxuító ;  
Aos montes ensinando , e ás hervinhas  
O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu principe alli te respondiam  
As lembranças que na alma lhe moravam ,  
Que sempre ante seus olhos te traziam  
Quando dos teus formosos se apartavam ;  
De noite em doces sonhos que mētiã ,  
De dia em pensamentos que voavam ;  
E quanto emfim cuidava , e quanto via ,  
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras e princezas  
Os desejados thalamos engeita ;  
Que tudo emfim tu , puro amor, desprezas  
Quando um gesto suave te sujeita.  
Vendo éstas namoradas estranhezas  
O velho pae sesudo ( que respeita  
O murmurar do povo ) e a phantasia  
Do filho que casar-se não queria :

Tirar Ignez ao mundo determina ,  
Por lhe tirar o filho que tem preso ;  
Crendo c'ó sangue so da morte indina ,  
Matar do firme amor o fogo acceso.  
Que furor consentiu que a espada fina ,  
Que poudé sustentar o grande pêso

Do furor Mauro , fosse alevantada  
Contra uma fraca dama delicada ?

Traziam-na os horrificos algozes  
Ante o rei , ja movido a piedade ,  
Mas o povo com falsas e ferozes  
Razões , á morte crua o persuade.  
Ella com tristes e piedosas vozes  
Sabidas so da mágoa e saudade  
Do seu principe e filhos , que deixava ,  
Que mais que a propria morte a magoava :

Para o ceo crystallino alevantando  
Com lagrymas os olhos piedosos ;  
Os olhos , porque as mãos lhe estava atando  
Um dos duros ministros rigorosos :  
E depois nos meninos attentando ,  
Que tam queridos tinha e tam mimosos ,  
Cuja orphandade como mãe temia ,  
Para o avô cruel assí dizia :

Se ja nas brutas feras , cuja mente  
Natura fez cruel de nascimento :  
E nas aves agrestes , que somente  
Nas rapinas aerias teem o intento ;  
Com pequenas crianças viu a gente  
Terem tam piedoso sentimento ;  
Como co' a mãe de Nino ja mostraram ,  
E e' os irmãos que Roma edificaram :

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito ,  
 ( Se de humano é matar uma donzella  
 Fraca e sem fôrça , so por ter sujeito  
 O coração a quem soube vencê-la , )  
 A éstas criancinhas tem respeito ,  
 Pois o não tens á morte escura d'ella :  
 Mova-te a piedade sua e minha ,  
 Pois te não move a culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia ,  
 A morte sabes dar com fogo e ferro ,  
 Sabe tambem dar vida com clemencia  
 A quem para perdê-la não fez êrro.  
 Mas se t'o assi merece ésta innocencia ,  
 Põe-me em perpétuo e misero destêrro ,  
 Na Scythia fria , ou la na Libya ardente ,  
 Onde em lagrymas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade ,  
 Entre leões e tigres , e verei  
 Se n'elles achar posso a piedade  
 Que entre peitos humanos não achei :  
 Alli c' o amor intrinseco , e vontade  
 N'aquelle por quem mouro , criarei  
 Éstas reliquias suas que aquí viste ,  
 Que refrigerio sejam da mãe triste.

Queria perdoar-lhe o rei , benino  
 Movido das palavras que o magoam ;



Mas o pertinaz povo , e seu destino  
Que d' ésta sorte o quiz , lhe não perdoam.  
Arrancam das espadas de aço fino ,  
Os que por bom tal feito alli pregoam.  
Contra uma dama , ó peitos carniceiros ,  
Feros vos amostrais , e cavalleiros ?

Qual contra a linda môça Polyxena ,  
Consolação extrema da mãe velha ,  
Porque a sombra de Achilles a condêna ,  
C'o ferro o duro Pyrrho se apparelha :  
Mas ella os olhos , com que o ar serena ,  
( Bem como paciente e mansa ovelha )  
Na misera mãe postos que endoudece ,  
Ao duro sacrificio se offerece :

Taes contra Ignez os brutos matadores  
No collo de alabastro , que sustinha  
As obras com que amor matou de amores  
Aquelle que depois a fez rainha ,  
As espadas banhando , e as brancas flores  
Que ella dos olhos seus regadas tinha ,  
Se encarniçavam férvidos e irosos ,  
No futuro castigo não cuidadosos.

Bem podéras , ó sol , da vista d'estes ,  
Teus raios apartar aquelle dia ,  
Como da seva mesa de Thyestes ,  
Quando os filhos per mão de Atreu comia !

Vós, ó concavos valles, que podestes  
A voz extrema ouvir da boca fria,  
O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,  
Per muito grande espaço repetistes!

Assi como a bonina que cortada  
Antes do tempo foi, candida e bella,  
Sendo das mãos lascivas maltratada  
Da menina que a trouxe na capella,  
O cheiro fôz perdido e a côr murchada:  
Tal está morta a pallida donzella,  
Sêccas do rosto as rosas, e perdida  
A branca e viva côr co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram;  
E por memoria eterna, em fonte pura  
As lagrymas choradas transformaram:  
O nome lhe pozeram, que inda dura,  
Dos amores de Ignez que alli passaram.  
Vêde que fresca fonte rega as flores,  
Que lagrymas são a agua, e o nome amores.

CAMÕES, *Lusiadas*.

.....

PARTIDA  
DE VASCO DA GAMA  
DE LISBOA.

---

É ja no pôrto da inclyta Ulyssea ,  
C'um alvoroço nobre e c'um desejo  
( Onde o licor mistura e branca area ,  
C' o salgado Neptuno o doce Tejo : )  
As naus prestes estão : e não refrea  
Temor nenhum o juvenil despejo ,  
Porque a gente maritima e a de Marte  
Estão para seguir-me a toda parte.

Pelas praias vestidos os soldados  
De várias côres veem , e várias artes ;  
E não menos de esforço aparelhados  
Para buscar do mundo novas partes.  
Nas fortes naus os ventos socegados  
Ondeam os aerios estandartes :  
Ellas promettem vendo os máres largos ,  
De ser no Olympo estrellas como a de Argos.

Depois de apparelhados d'êsta sorte,  
De quanto tal viagem pede e manda,  
Apparelhámos a alma para a morte,  
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.  
Para o summo Podêr que a etherea côrte  
Sustenta so co' a vista veneranda,  
Implorámos favor que nos guiasse,  
E que nossos começos aspirasse.

Partimo-nos assi do sancto templo,  
Que nas praias do mar está assentado,  
Que o nome tem da terra, para exemplo,  
D'onde Deus foi em carne ao mundo dado.  
Certifico-te, ó rei, que se contemplo  
Como fui d'êstas praias apartado,  
Cheio dentro de dúvida e receio,  
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

A gente da cidade aquelle dia,  
Uns por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver somente, concorria,  
Saúdosos na vista, e descontentes;  
E nós co' a virtuosa companhia  
De mil religiosos diligentes,  
Em procissão solemne a Deus orando,  
Para os bateis viemos caminhando.

Em tam longo caminho e duvidoso,  
Por perdidos as gentes nos julgavam;

As mulheres c'um choro piedoso,  
Os homens com suspiros que arrancavam;  
Mães, esposas, irmans, que o temeroso  
Amor mais desconfia, accrescentavam  
A desesperação e frio medo  
De ja nos não tornar a ver tam cedo.

Qual vai dizendo: Ó filho, a quem eu tinha  
So para refrigerio e doce amparo  
D'êsta cansada ja velhice minha,  
Que em choro acabará penoso e amaro:  
Porque me deixas misera e mesquinha?  
Porque de mi te vas, ó filho caro,  
A fazer o funereo enterramento  
Onde sejas de peixes mantimento?

Qual em cabello: Ó doce e amado esposo,  
Sem quem não quiz amor que viver possa;  
Porque is aventurar ao mar iroso  
Essa vida que é minha e não é vossa?  
Como por um caminho duvidoso  
Vos esquece a affeição tam doce nossa?  
Nosso amor, nosso vão contentamento  
Quereis que com as velas leve o vento?

N'êstas e outras palavras que diziam  
De amor e de piedosa humanidade,  
Os velhos e os meninos as seguiam  
Em quem menos esforço põe a idade.

Os montes de mais perto respondiam,  
Quasi movidos de alta piedade :  
A branca areia as lagrymas banhavam,  
Que em multidão com ellas se igualavam.

Nós outros sem a vista alevantarmos  
Nem á mãe nem á esposa, n'este estado,  
Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
Do proposito firme começado ;  
Determinei de assi nos embarcarmos  
Sem o despedimento costumado,  
Que postoque é de amor usança boa,  
A quem se aparta ou fica mais magôa.

Mas um velho d'aspeito venerando,  
Que ficava nas praias entre a gente,  
Postos em nós os olhos, meneando  
Tres vezes a cabeça, descontente  
A voz pesada um pouco alevantando,  
Que nós no mar ouvimos claramente,  
C'um saber so d'experiencias feito,  
Taes palavras tirou do experto peito :

Oh glória de mandar ! Oh van cubiça  
D'ésta vaidade, a quem chamamos fama !  
Oh fraudulento gôsto que se atiça  
C'uma aura popular, que honra se chama !  
Que castigo tamanho e que justiça  
Fazes no peito vão que muito te ama !

Que mortes , que perigos , que tormentas ,  
Que crueldades n'elles experimentas !

Dura inquietação d'alma e da vida ,  
Fonte de desamparos e adulterios ,  
Sagaz consumidora conhecida  
De fazendas , de reinos e de imperios !  
Chamam-te illustre , chamam-te subida ,  
Sendo digna de infames vituperios ;  
Chamam-te fama e glória soberana ,  
Nomes com quem se o povo nescio engana !

A que novos desastres determinas  
De levar estes reinos e ésta gente ?  
Que perigos , que mortes lhe destinas ,  
Debaixo d'algum nome preeminente ?  
Que promessas de reinos , e de minas  
D'ouro , que lhe faras tam facilmente ?  
Que famas lhe prometterás , que historias ,  
Que triumphos , que palmas , que victorias ?

Mas ó tu , geração d'aquelle insano ,  
Cujo peccado e desobediencia ,  
Não somente do reino soberano  
Te poz n'este destérro e triste ausencia ,  
Mas inda d'outro estado mais que humano ,  
Da quieta e da simples innocencia ,  
Idade d'ouro , tanto te privou ,  
Que na de ferro e d'armas te deitou :

Ja que n'êsta gostosa vaidade  
Tanto enlevas a leve phantasia;  
Ja que á bruta crueza e feridade  
Puzeste nome esfôrço e valentia;  
Ja que prezas em tanta quantidade  
O desprezo da vida, que devia  
De ser sempre estimada, pois que ja  
Temeu tanto perdê-la quem a dá :

Não tens junto contigo o Ismaelita,  
Com quem sempre teras guerras sobejas?  
Não segue elle do Arabio a lei maldita,  
Se tu pola de Christo so peijas?  
Não tem cidades mil, terra infinita,  
Se terras e riqueza mais desejas?  
Não é elle por armas esforçado,  
Se queres por victorias ser louvado?

Deixas criar ás portas o inimigo  
Por ires buscar outro de tam longe,  
Por quem se despovoe o reino antigo,  
Se enfraqueça, e se va deitando a longe!  
Buscas o incerto e incognito perigo,  
Porque a fama te exalte e te lisonge,  
Chamando-te senhor, com larga cópia,  
Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia!

Oh maldito o primeiro que no mundo  
Nas ondas vela poz em sécco lenho!



Digno da eterna pena do profundo ,  
Se é justa a justa lei que sigo e tenho.  
Nunca juizo algum alto e profundo ,  
Nem cithara sonora ou vivo ingenho  
Te dê por isso fama nem memoria;  
Mas contigo se acabe o nome e a glória!

Trouxe o filho de Jápeto do ceo  
O fogo que ajuntou ao peito humano ;  
Fogo , que o mundo em armas accendeo ,  
Em mortes , em deshonras : grande engano !  
Quanto melhor nos fôra , Prometheo ,  
E quanto para o mundo menos dano ,  
Que a tua estatua illustre não tivera  
Fogo de altos desejos , que a movêra !

Não commettêra o môço miserando  
O carro alto do pae , nem o ar vazio  
O grande architector , c'o filho dando  
Um nome ao mar , e o outro , fama ao rio :  
Nenhum commettimento alto e nefando ,  
Per fogo , ferro , agua , calma e frio ,  
Deixa intentado a humana geração.  
Misera sorte ! estranha condição !

CAMÕES, *Lusiadas.*

## ADAMASTOR.

Porém ja cinco soes eram passados  
Que d'alli nos partiramos , cortando  
Os máres nunca d'outrem navegados ,  
Prosperamente os ventos assoprando ;  
Quando uma noite estando descuidados ,  
Na cortadora proa vigiando ,  
Uma nuvem , que os ares escurece ,  
Sôbre nossas cabeças apparece.

Tam temerosa vinha , e carregada ,  
Que poz nos corações um grande medo :  
Bramindo o negro mar de longe brada ,  
Como se dêsse em vão n'algun rochedo.  
Ó Potestade , disse , sublimada !  
Que ameaço divino , ou que segredo  
Este clima e este mar nos apresenta ,  
Que mor cousa parece que tormenta ?

Não acabava , quando uma figura  
Se nos mostra no ar , robusta e valida ,  
De disforme e grandissima estatura ,  
O rosto carregado , a barba esqualida :

Os olhos encovados , e a postura  
Medonha e má , e a côr terrena e pallida ,  
Cheios de terra e crespos os cabellos ,  
A boca negra , os dentes amarellos.

Tam grande era de membros , que bem posso  
Certificar-te que este era o segundo  
De Rhodes estranhissimo colosso ,  
Que um dos sete milagres foi do mundo :  
C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso ,  
Que pareceu sahir do mar profundo :  
Arrepiam-se as carnes e o cabello  
A mi e a todos , so de ouvi-lo e ve-lo.

E disse : O gente ousada mais que quantas  
No mundo commetteram grandes cousas ,  
Tu que per guerras cruas , taes e tantas ,  
E por trabalhos vãos nunca repousas :  
Pois os vedados terminos quebrantas ,  
E navegar meus longos máres ousas ,  
Que eu tanto tempo ha que guardo e tenho ,  
Nunca arados d'estranho ou proprio lenho :

Pois vens ver os segredos escondidos  
Da natureza e do humido elemento ,  
A nenhum grande humano concedidos  
De nobre ou de immortal merecimento :  
Ouve os danos de mi , que apercebidos  
Estão a teu sobejo atrevimento ,

Per todo o largo mar, e pela terra,  
Que inda has de subjugar com dura guerra.

Sabe que quantas naus ésta viagem  
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,  
Inimiga terão ésta paragem,  
Com ventos e tormentas desmedidas:  
E da primeira armada, que passagem  
Fizer per éstas ondas insoffridas,  
Eu farei d'improviso tal castigo,  
Que seja mor o damno que o perigo.

Aqui espero tomar, senão me engano,  
De quem me descobriu summa vingança;  
E não se acabará so n'isto o dano  
De vossa pertinace confiança:  
Antes em vossas naus vereis cada anno  
(Se é verdade o que meu juizo alcança),  
Naufragios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte.

E do primeiro illustre que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os ceos,  
Serei eterna e nova sepultura,  
Per juizos incognitos de Deos:  
Aqui porá da Turca armada dura  
Os suberbos e prosperos tropheos;  
Comigo de seus dannos o ameaça  
A destruída Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virá de honrada fama ,  
Liberal, cavalleiro , enamorado  
E comsigo trara a formosa dama ,  
Que amor por gran' mercê lhe terá dado :  
Triste ventura e negro fado os chama  
N'este terreno meu , que duro e irado  
Os deixará d'um cru naufragio vivos ,  
Para verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos caros ,  
Em tanto amor gerados e nascidos ;  
Verão os Cafres asperos e avaros  
Tirar á linda dama seus vestidos :  
Os crystallinos membros , e preclaros ,  
Á calma , ao frio , ao ar verão despídos ,  
Despois de ter pizada longamente  
C'os delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura ,  
Os dous amantes miseros ficarem  
Na férvida e implacabil espessura.  
Alli , despois que as pedras abrandarem  
Com lagrymas de dor , de mágoa pura ,  
Abraçados as almas soltarão  
Da formosa e miserrima prisão.

Mais ia per diante o monstro horrendo  
Dizendo nossos fados , quando alçado

Lhe disse eu : Quem es tu ? que esse estupendo  
Corpo , certo me tem maravilhado.  
A boca e os olhos negros retorcendo ,  
E dando um espantoso e grande brado ,  
Me respondeu com voz pesada e amára ,  
Como quem da pergunta lhe pesára :

Eu sou aquelle occulto e grande cabo ,  
A quem chamais vós outros Tormentorio ;  
Que nunca a Ptolemeo , Pomponio , Strabo ,  
Plinio , e quantos passaram , fui notorio :  
Aqui toda a Africana costa acabo  
N'este meu nunca visto promontorio ,  
Que para o pólo Antartico se estende ,  
A quem vossa ousadia tanto offende.

Fui dos filhos asperrimos da terra ,  
Qual Encelado , Egeo e o Centimano ;  
Chamei-me Adamastor , e fui na guerra  
Contra o que vibra os raios de Vulcano :  
Não que puzesse serra sôbre serra ,  
Mas conquistando as ondas do Oceano ,  
Fui capitão do mar , per onde andava  
A armada de Neptuno , que eu buscava.

Amores da alta esposa de Peleo  
Me fizeram tomar tamanha empreza ;  
Todas as deusas desprezei do ceo ,  
So por amar das aguas a princeza :

Um dia a vi co'as filhas de Nereo ,  
Sahir nua na praia ; e logo presa  
A vontade senti de tal maneira ,  
Que inda não sinto cousa que mais queira.

Como fosse impossibil alcançá-la  
Pola grandeza feia de meu gesto ,  
Determinei per armas de tomá-la ,  
E a Doris este caso manifesto :  
De medo a deusa então por mi lhe falla ;  
Mas ella c'um formoso riso honesto  
Respondeu : Qual será o amor bastante  
De nympha que sustente o d'um gigante ?

Com tudo por livrarmos o Cceano  
De tanta guerra , eu buscarei maneira ,  
Com que com minha honra escuse o dano :  
Tal resposta me torna a mensageira.  
Eu que cahir não pude n'este engano ,  
( Que é grande dos amantes a cegueira )  
Encheram-me com grandes abundanças  
O peito de desejos e esperanças.

Ja nescio , ja da guerra desistindo ,  
Uma noite de Doris promettida ,  
Me apparece de longe o gesto lindo  
Da branca Thetis unica , despida :  
Como doudo corri , de longe abrindo  
Os braços para aquella que era vida

D'este corpo , e comêço os olhos bellos  
A lhe beijar , as faças , e os cabellos.

Oh que não sei de nojo como o conte !  
Que crendo ter nos braços quem amava ,  
Abraçado me achei c'um duro monte  
De aspero mato e de espessura brava ,  
Estando c'um penedo fronte a fronte ,  
Que eu polo rosto angelico apertava :  
Não fiquei homem não , mas mudo e quedo ,  
E junto d'um penedo outro penedo.

Ó nympha a mais formosa do Oceano ,  
Ja que minha presença não te agrada ,  
Que te custava ter-me n'este engano ,  
Ou fosse monte , nuvem , sonho , ou nada ?  
D'aqui me parto irado e quasi insano  
Da mágoa e da deshonra alli passada ,  
A buscar outro mundo , onde não visse  
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

Éram ja n'este tempo meus irmãos  
Vencidos , e em miseria extrema postos ;  
E , por mais segurar-se os deuses vão ,  
Alguns a varios montes sotopostos :  
E como contra o ceo não valem mãos ,  
Eu que chorando andava meus desgostos ,  
Comecei a sentir do fado imigo  
Por meus atrevimentos o castigo.



Converte-se-me a carne em terra dura ,  
Em penedos os ossos se fizeram ;  
Estes membros que ves e ésta figura  
Per éstas longas aguas se estenderam :  
Emfim , minha grandissima estatura  
N'este remoto cabo converteram  
Os deuses , e por mais dobradas mágoas ,  
Me anda Thetis cercando d'estas agoas.

Assi contava , e e' um medonho chôro  
Subito d' ante os olhos se apartou ;  
Desfez-se a nuvem negra , e c' um sonoro  
Bramido , muito longe o mar soou.  
Eu , levantando as mãos ao sancto côro  
Dos Anjos , que tam longe nos guiou ,  
A Deus pedi que removesse os duros  
Casos que Adamastor contou futuros.

CAMÕES, *Lusiadas.*

## OS DOZE DE INGLATERRA.

No tempo que do reino a redea leve  
João, filho de Pedro moderava;  
Despois que socegado e livre o teve  
Do vizinho podêr que o molestava;  
La na grande Inglaterra, que da neve  
Boreal sempre abunda, semeava  
A fera Erinny's dura e má sizania,  
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

Entre as damas gentis da côrte Inglesa,  
E nobres cortezãos, acaso um dia  
Se levantou Discórdia em íra accesa  
Ou foi opinião, ou foi porfia;  
Os cortezãos, a quem tam pouco pesa  
Soltar palavras graves de ousadia,  
Dizem que provarão que honras e famas  
Em taes damas não ha para ser damas.

E que se houver alguem com lança e espada  
Que queira sustentar a parte sua,  
Que elles em campo raso ou estacada,  
Lhe darão feia infamia, ou morte crua.

A feminil fraqueza pouco usada,  
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua  
De fôrças naturaes convenientes,  
Soccorro pede a amigos e parentes.

Mas como fossem grandes e possantes  
No reino os inimigos, não se atrevem  
Nem parentes nem férvidos amantes  
A sustentar as damas, como devem.  
Com lagrymas formosas, e bastantes  
A fazer que em soccorro os deuses levem  
De todo o ceo, por rostos de alabastro,  
Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era este Inglez potente, e militára  
C'os Portuguezes ja contra Castella,  
Onde as fôrças magnanimas provára  
Dos companheiros, e benigna estrella:  
Não menos n'êsta terra exprimentára  
Namorados affeitos, quando n'ella  
A filha viu, que tanto o peito doma  
Do forte rei, que por mulher a toma.

Este que soccorrer-lhe não queria,  
Por não causar discordias intestinas,  
Lhe diz: Quando o direito pretendia  
Do reino la das terras Iberinas,  
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
Tanto primor e partes tão divinas,

Que elles sos poderiam , se não érro ,  
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

E se , aggravadas damas , sois servidas ,  
Por vós lhe mandarei embaixadores ,  
Que per cartas discretas e polidas ,  
De vosso agravo os façam sabedores.  
Tambem per vossa parte encarecidas  
Com palavras d'affagos e d'amores ,  
Lhe sejam vossas lagrymas , que eu creio  
Que alli tereis soccorro e forte esteio.

D' ésta arte as aconselha o duque experto ,  
E logo lhe nomea doze fortes ,  
E porque cada dama um tenha certo ,  
Lhe manda que sôbre elles lancem sortes ;  
Que ellas so doze são : e descoberto  
Qual a qual tem cahido das consortes ,  
Cada uma escreve ao seu per varios modos ,  
E todas a seu rei , e o duque a todos.

Ja chega a Portugal o mensageiro ;  
Toda a côrte alvoroça a novidade :  
Quizera o rei sublime ser primeiro ,  
Mas não lho soffre a régia magestade.  
Qualquer dos cortezãos aventureiro  
Deseja ser com férvida vontade ;  
E so fica por bemaventurado  
Quem ja vem pelo duque nomeado.

La na leal cidade d'onde teve  
Origem (como é fama) o nome eterno  
De Portugal, armar madeiro leve  
Manda o que tem o leme do govêrno.  
Apercebem-se os doze em tempo breve  
D'armas e roupas de uso mais moderno,  
De elmos, cimeiras, letras e primores,  
Cavallos, e concertos de mil côres.

Ja do seu rei tomado teem licença  
Para partir do Douro celebrado,  
Aquelles que escolhidos per sentença  
Foram do duque inglez experimentado.  
Não ha na companhia differença  
De cavalleiro, destro, ou esforçado;  
Mas um so que Magriço se dizia,  
D'ésta arte falla á forte companhia :

Fortissimos consocios, eu desejo,  
Ha muito ja, de andar terras estranhas,  
Por ver mais aguas que as do Douro e Tejo,  
Várias gentes e leis e várias manhas.  
(Agora que apparelho certo vejo,  
Pois que do mundo as cousas são tamanhas)  
Quero, se me deixais, ir so per terra,  
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

E quando caso for que eu impedido  
Per quem das cousas é última linha,

Não for comvosco ao prazo instituido ,  
Pouca falta vos faz a falta minha.  
Todos por mi fareis o que é devido ;  
Mas se a verdade o espirito me adivinha ,  
Rios , montes , fortuna ou sua inveja  
Não farão que eu comvosco la não seja.

Assi diz ; e abraçados os amigos ,  
E tomada licença , emfim se parte :  
Passa Leão , Castella , vendo antigos  
Logares que ganhára o patrio Marte ;  
Navarra , e' os altissimos perigos  
Do Pyreneo que Hespanha e Gallia parte :  
Vistas emfim de França as cousas grandes ,  
No grande emporio foi parar de Frandes.

Alli chegado , ou fosse caso ou manha ,  
Sem passar se deteve muitos dias ;  
Mas dos onze a illustrissima companhia  
Cortam do mar do Norte as ondas frias.  
Chegados de Inglaterra á costa estranha ,  
Para Londres ja fazem todos vias :  
Do duque são com festa agasalhados ,  
E das damas servidos e animados.

Chega-se o prazo e dia assignalado  
De entrar em campo ja co' os doze Inglezes ,  
Que pelo rei ja tinham segurado :  
Armam-se d'elmos , grevas e de arnezes :

Ja as damas teem por si fulgente e armado  
O Mavorte feroz dos Portuguezes :  
Vestem-se ellas de côres e de sedas  
De ouro , e de joias mil , ricas e ledas.

Mas aquella , a quem fôra em sorte dado  
Magriço que não vinha , com tristeza  
Se veste , por não ter quem nomeado  
Seja seu cavalleiro n'êsta empreza :  
Bem que os onze apregoam que acabado  
Será o negócio assi na côrte Ingleza ,  
Que as damas vencedoras se conheçam ,  
Postoque dous e tres dos seus falleçam.

Ja n'um sublime e público theatro  
Se assenta o rei inglez com toda a côrte :  
Estavam tres e tres , e quatro e quatro ,  
Bem como a cada qual coubera em sorte.  
Não são vistos do sol , do Tejo ao Bactro ,  
De fôrça , esfôrço e d'ânimo mais forte  
Outros doze sahir como os Inglezes  
No campo contra os onze Portuguezes.

Mastigam os cavallos escumando  
Os aureos freios com feroz sembrante :  
Estava o sol nas armas rutilando  
Como em crystal ou rigido diamante.  
Mas enxerga-se n'um e n'outro bando  
Partido desigual e dissonante

Dos onze contra os doze : quando a gente  
Começa a alvoroçar-se geralmente.

Viram todos o rosto adonde havia  
A causa principal do reboliço :  
Eis entra um cavalleiro que trazia  
Armas, cavallo ao bellico serviço :  
Ao rei e ás damas falla , e logo se ia  
Para os onze , que este era o gran' Magriço ;  
Abraça os companheiros como amigos ,  
A quem não falta certo nos perigos.

A dama , como ouviu que este era aquelle  
Que vinha defender seu nome e fama ,  
Se alegra , e veste alli do animal de Helle ,  
Que a gente bruta mais que virtude ama.  
Ja dão signal , e o som da tuba impelle  
Os bellicosos animos que inflamma :  
Picam d'esporas , largam redeas logo  
Abaixam lanças , fere a terra fogo.

Dos cavallos o estrepito parece  
Que faz que o chão debaixo todo treme :  
O coração no peito que estremece  
De quem os olha , se alvoroça e teme :  
Qual do cavallo voa , que não dece ;  
Qual c'o cavallo em terra dando , geme ;  
Qual vermelhas as armas faz de brancas ,  
Qual c'os penachos do elmo açouta as ancas.



Algun d'alli tomou perpetuo sono ,  
E fez da vida ao fim breve intervallo :  
Correndo algum cavallo vai sem dono ,  
E n' outra parte o dono sem cavallo :  
Cai a suberba Ingleza de seu throno ;  
Que dous ou tres ja fóra vão do vallo :  
Os que de espada veem fazer batalha ,  
Mais acham ja que arnez , escudo e malha.

Gastar palavras em contar extremos  
De golpes feros , cruas estocadas ,  
É d'esses gastadores que sabemos  
Maus do tempo , com fabulas sonhadas ;  
Basta por fim do caso que entendemos  
Que com finezas altas e affamadas ,  
C' os nossos fica a palma da victoria ,  
E as damas vencedoras e com glória.

Recolhe o duque os doze vencedores  
Nos seus paços com festas e alegria :  
Cuzinheiros occupa , e caçadores ,  
Das damas a formosa companhia ,  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil cada hora e cada dia ,  
Em quanto se deteem em Inglaterra ,  
Até tornar á doce e cara terra.

CAMÕES, *Lusiadas*.

## A ILHA DOS AMORES.

Porém a deusa Cypria, que ordenada  
Era para favor dos Lusitanos  
Do Padre eterno, e por bom genio dada,  
Que sempre os guia ja de longos annos,  
A glória per trabalhos alcançada,  
Satisfação de bem soffridos danos,  
Lhe andava ja ordenando, e pretendia  
Dar-lhe nos máres tristes alegria.

Despois de ter um pouco revolvido  
Na mente o largo mar que navegaram,  
Os trabalhos que pelo deus nascido  
Nas Amphioneas Thebas se causaram;  
Ja trazia de longe no sentido,  
Para premio de quanto mal passaram,  
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso  
No reino de crystal líquido e manso;

Algum repouso enfim, com que podesse  
Refocilar a lassa humanidade  
Dos navegantes seus, como interêsse  
Do trabalho que encurta a breve idade.

Parece-lhe razão que conta desse  
A seu filho, per cuja potestade  
Os deuses faz descer ao vil terreno,  
E os humanos subir ao ceo sereno.

Isto bem revolvido, determina  
De ter-lhe aparelhada la no meio  
Das aguas, alguma insula divina,  
Ornada d' esmaltado e verde arreo:  
Que muitas tem no reino que confina  
Da mãe primeira c' o terreno seio,  
Afora as que possue soberanas,  
Para dentro das portas Herculanas.

Alli quer que as aquaticas donzellas  
Esperem os fortissimos barões,  
Todas as que teem titulo de bellas,  
Glória dos olhos, dor dos corações,  
Com danças, e choreas porque n'ellas  
Influirá secretas affeições,  
Para com mais vontade trabalharem  
De contentar a quem se affeiçoarem.

Tal manha buscou ja, para que aquelle  
Que de Anchises pariu bem recebido  
Fosse no campo que a bovina pelle  
Tomou de espaço, per subtil partido:  
Seu filho vai buscar, porque so n'elle  
Tem todo seu podêr, fero Cupido;

Que assi como n'aquella empresa antiga  
A ajudou ja, n'est'outra a ajude e siga.

No carro ajunta as aves que na vida  
Vão da morte as exequias celebrando,  
E aquellas em que ja foi convertida  
Peristera as boninas apanhando.  
Em derredor da deusa ja partida,  
No ar lascivos beijos se vão dando :  
Ella per donde passa, o ar e o vento  
Serenos faz com brandos movimentos.

Ja sôbre os Idalios montes pende,  
Onde o filho frecheiro estava então,  
Ajuntando outros muitos, que pretende  
Fazer uma famosa expedição  
Contra o mundo rebelde, porque emende  
Erros grandes que ha dias n'elle estão,  
Amando cousas que nos foram dadas  
Não para ser amadas, mas usadas.

Via Acteon na caça tam austero,  
De cego na alegria bruta, insana,  
Que por seguir hum feio animal fero,  
Foge da gente e bella fórma humana :  
E por castigo quer doce e severo,  
Mostrar-lhe a formosura de Diana ;  
E guarde-se não seja inda comido  
D'esses cães que agora ama, e consumido.

E ve do mundo todo os principais,  
Que nenhum no bem público imagina;  
Ve n'elles, que não teem amor a mais,  
Que a si somente, e a quem philaucia ensina:  
Ve que esses que frequentam os reais  
Paços, por verdadeira e san doutrina  
Vendem adulação, que mal consente  
Mondar-se o novo trigo florecente.

Ve que aquelles que devem á pobreza  
Amor divino, e ao povo charidade,  
Amam somente mandos e riqueza,  
Simulando justiça e integridade.  
Da feia tyrannia e de aspereza,  
Fazem direito e van severidade:  
Leis em favor do rei se estabelecem;  
As em favor do povo so perecem.

Ve emfim que ninguem ama o que deve,  
Senão o que somente mal deseja:  
Não quer que tanto tempo se releve  
O castigo que duro e justo seja.  
Seus ministros ajunta, porque leve  
Exercitos conformes á peleja  
Que espera ter co' a mal regida gente,  
Que lhe não for agora obediente.

Muitos d'estes meninos voadores  
Estão em várias obras trabalhando,

Uns amolando ferros passadores ,  
Outros hásteas de settas delgaçando ;  
Trabalhando , cantando estão de amores ,  
Varios casos em verso modulando ,  
Melodia sonora e concertada ,  
Suave a letra , angelica a soada.

Nas fragas immortaes , onde forjavam  
Para as settas as pontas penetrantes ,  
Por lenha , corações ardendo estavam ,  
Vivas entranhas inda palpitantes :  
As aguas onde os ferros temperavam ,  
Lagrymas são de miseros amantes ;  
A viva flamma , o nunca morto lume  
Desejo é so que queima e não consume.

Alguns exercitando a mão andavam ,  
Nos duros corações da plebe ruda ;  
Crebros suspiros pelo ar soavam ,  
Dos que feridos vão da setta aguda :  
Formosas nymphas são as que curavam  
As chagas recebidas , cuja ajuda  
Não somente dá vida aos mal feridos ;  
Mas põe em vida os inda não nascidos.

Formosas são algumas , e outras feias ,  
Segundo a qualidade for das chagas ;  
Que o veneno espalhado pelas veias  
Curam-no ás vezes asperas triagas.

Alguns ficam ligados em cadeias  
Per palavras subtis de sábias magas ;  
Isto acontece ás vezes , quando as settas  
Acertam de levar hervas secretas.

D'estes tiros assi desordenados ,  
Que estes moços mal destros vão tirando ,  
Nascem amores mil desconcertados  
Entre o povo ferido , miserando :  
E tambem nos heroes de altos estados  
Exemplos mil se veem de amor nefando ;  
Qual o das moças Bilbli e Cinyrea ,  
Um mancebo de Assyria , um de Judea.

E vós , ó poderosos , por pastoras  
Muitas vezes ferido o peito vedes ;  
E por baixos e rudos vós , senhoras ,  
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.  
Uns esperando andais nocturnas horas ,  
Outros subis telhados e paredes :  
Mas eu creio que d'este amor indino ,  
É mais culpa a da mãe que a do menino.

Mas ja no verde prado o carro leve  
Punham os brancos cysnes mansamente ;  
E Dione que as rosas entre a neve  
No rosto traz , descia diligente.  
O frêcheiro , que contra o ceo se atreve ,  
A recebê-la vem ledô e contente ;

Veem todos os Cupidos servidores  
Beijar a mão á deusa dos amores.

Ella, porque não gaste o tempo em vão ,  
Nos braços tendo o filho , confiada ,  
Lhe diz : Amado filho , em cuja mão  
Toda minha potencia está fundada ,  
Filho , em quem minhas fôrças sempre estão ;  
Tu que as armas Typheas tens em nada ,  
A soccorrer-me á tua potestade  
Me traz especial necessidade.

Bem ves as Lusitanicas fadigas ,  
Que eu ja de muito longe favoreço ,  
Porque das Parcas sei minhas amigas ,  
Que me hão de venerar e ter em preço.  
E porque tanto imitam as antigas  
Obras de meus Romanos , me offereço  
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso ,  
A quanto se estender o poder nosso.

E porque das insídias do odioso  
Baccho foram na India molestados ,  
E das injúrias sos do mar undoso  
Poderam mais ser mortos que cansados :  
No mesino mar , que sempre temeroso  
Lhe foi , quero que sejam repousados ;  
Tomando aquelle premio e doce glória ,  
Do trabalho que faz clara a memoria.



E para isso queria que feridas  
As filhas de Nereo , no ponto fundo  
D' amor dos Lusitanos incendidas  
Que veem de descobrir o novo mundo ,  
Todas n'uma ilha juntas e subidas ,  
Ilha , que nas entranhas do profundo  
Oceano terei apparelhada ,  
De dons de Flora e Zephyro adornada :

Alli com mil refrescos e manjares ,  
Com vinhos odoriferos e rosas ,  
Em crystallinos paços singulares ,  
Formosos leitos , e ellas mais formosas ;  
Emfim , com mil deleites não vulgares ,  
Os esperem as nymphas amorosas ,  
D' amor feridas , para lhe entregarem  
Quanto d'ellas os olhos cubiçarem.

Quero que haja no reino Neptunino ,  
Onde eu nasci , progenie forte e bella ;  
E tome exemplo o mundo vil , malino ,  
Que contra tua potencia se rebella ,  
Porque entendam que muro adamantino ,  
Nem triste hypocrisia val contra ella :  
Mal haverá na terra quem se guarde ,  
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

Assi Venus propoz , e o filho inico  
Para lhe obedecer ja se apercebe ;

Manda trazer o arco eburneo, rico,  
Onde as settas de ponta de ouro embebe.  
Com gesto ledo a Cypria, e impudico,  
Dentro no carro o filho seu recebe,  
A redea larga ás aves cujo canto  
A Phaetontea morte chorou tanto.

Mas diz Cupido que era necessaria  
Uma famosa e célebre terceira,  
Que postoque mil vezes lhe é contraria,  
Outras muitas a tem por companheira:  
A deusa Gigantea, temeraria,  
Jactante, mentirosa e verdadeira,  
Que com cem olhos ve, e per onde voa,  
O que ve, com mil bocas apregoa.

Van-a buscar, e mandan-a diante,  
Que celebrando va com tuba clara,  
Os louvores da gente navegante,  
Mais do que nunca os d' outrem celebrára:  
Ja murmurando a Fama penetrante  
Pelas fundas cavernas se espalhára:  
Falla verdade, havida por verdade;  
Que junto a deusa traz Credulidade.

O louvor grande, o rumor excellente  
No coração dos deuses, que indignados  
Foram per Baccho contra a illustre gente,  
Mudando os fez um pouco affeiçoados.

O peito feminil , que levemente  
Muda quaesquer propositos tomados ,  
Ja julga por mao zêlo e por crueza  
Desejar mal a tanta fortaleza.

Despede n'isto o fero moço as settas  
Uma após outra , geme o mar c' os tiros :  
Direitas pelas ondas inquietas  
Algumas vão , e algumas fazem gyros :  
Cahem as nymphas , lançam das secretas  
Entranhas ardentisimos suspiros ,  
Cahe qualquer, sem ver o vulto que ama ;  
Que tanto como a vista pôde a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea lã  
Com fôrça o moço indomito excessiva ,  
Que Tethys quer ferir mais que nenhũa ,  
Porque mais que nenhuma lhe era esquiva.  
Ja não fica na aljava setta algũa ,  
Nem nos equoreos campos nymphas viva ;  
E se feridas inda estam vivendo ,  
Será para sentir que vão morrendo.

Dae logar , altas e ceruleas ondas ,  
Que , vêdes , Venus traz a medicina ,  
Mostrando as brancas velas e redondas ,  
Que veem per cima da agua Neptunina :  
Para que tu reciproco respondas ,  
Ardente amor , á flamma feminina ,

É forçado que a pudicicia honesta  
Faça quanto lhe Venus admoesta.

Ja todo o bello côro se apparelha  
Das Nereidas; e junto caminhava  
Em choreas gentis, usança velha,  
Para a ilha, a que Venus as guiava:  
Alli a formosa deusa lhe aconselha  
O que ella fez mil vezes quando amava;  
Ellas, que vão do doce amor vencidas,  
Estão a seu conselho offercidas.

Cortando vão as naus a larga via  
Do mar ingente, para a patria amada,  
Desejando prover-se de agua fria,  
Para a grande viagem prolongada:  
Quando juntas, com subita alegria,  
Houveram vista da ilha namorada  
Rompendo pelo ceo a mãe formosa  
De Memnonio, suave e deleitosa.

De longe a ilha viram fresca e bella,  
Que Venus pelas ondas lh'a levava  
( Bem como o vento leva branca vela )  
Para onde a forte armada se enxergava:  
Que porque não passassem sem que n'ella  
Tomassem pôrto como desejava,  
Para onde as naus navegam a movia  
A Acidalia, que tudo emfim podia.

Mas firme a fez e immobil como viu  
Que era dos nautas vista e demandada;  
Qual ficou Delos tanto que pariu  
Latona Phebo e a deusa á caça usada.  
Para la logo a proa o mar abriu,  
Onde a costa fazia uma enseada  
Curva e quieta, cuja branca area  
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

Tres formosos outeiros se mostravam  
Erguidos com suberba graciosa,  
Que de gramineo esmalte se adornavam  
Na formosa ilha alegre e deleitosa:  
Claras fontes e limpidas manavam  
Do cume que a verdura tem viçosa;  
Per entre pedras alvas se deriva  
A sonora lympha fugitiva.

N'um valle ameno que os outeiros fende,  
Vinhã as claras aguas ajuntar-se,  
Onde uma mesa fazem que se estende  
Tam bella, quanto póde imaginar-se,  
Arvoredo gentil sôbre ella pende,  
Como que prompto está para affeitar-se  
Vendo-se no crystal resplandecente,  
Que em si o está pintando propriamente.

Mil árvores estão ao ceo subindo  
Com pomos odoriferos e bellos:

A laranjeira tem no fructo lindo  
A côr que tinha Daphne nos cabellos ;  
Encosta-se no chão , está cahindo  
A cidreira c' os pezos amarelllos ;  
Os formosos limões alli cheirando  
Estão , virgineas tetas imitando.

As árvores agrestes , que os outeiros  
Teem com frondente coma ennobrecidos ,  
Alemos são de Alcides , e os loureiros  
Do louro deus amados e queridos :  
Myrtos de Cytherea , c' os pinheiros  
De Cybele , por outro amor vencidos ;  
Está apontando o agudo cypariso  
Para onde é pôsto o ethereo paraíso.

Os dons que dá Pomona , alli natura  
Produze differentes nos sabores ,  
Sem ter necessidade de cultura ,  
Que sem elle se dão muito melhores :  
As cerejas purpureas na pintura ;  
As amoras que o nome teem de amores ;  
O pomo que da patria Persia veio ,  
Melhor tornado no terreno alheio.

Abre a roman , mostrando a rubicunda  
Côr com que tu , rubi , teu preço perdes ,  
Entre os braços do ulmerio está a jucunda  
Vide , c' uns cachos roxos e outros verdes :

È vós se na vossa árvore fecunda ,  
Peras pyramidaes , viver quizerdes ,  
Entregae-vos ao damno que c'os bicos  
Em vós fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella e fina ,  
Com que se cobre o rustico terreno ,  
Faz ser a de Achemenia menos dina ,  
Mas o sombrio valle mais ameno.  
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina  
Sob'e-lo tanque lucido e sereno ;  
Florece o filho e neto de Cinyras ,  
Por quem tu , deusa Paphia , inda suspiras.

Para julgar difficil cousa fôra ,  
No ceo vendo , e na terra as mesmas côres ,  
Se dava ás flores côr a bella Aurora ,  
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.  
Pintando estava alli Zephyro e Flora ,  
As violas da côr dos amadores ;  
O lirio roxo , a fresca rosa bella ,  
Qual reluze nas faces da donzella :

A candida cecem das matutinas  
Lagrymas rociada , e a mangerona ;  
Veem-se as letras nas flores Hyacinthinas ,  
Tam queridas do filho de Latona :  
Bem se enxerga nos pomos , e boninas ,  
Que competia Chloris com Pomona :

Pois se as aves no ar cantando voam ,  
Alegres animaes o chão povoam.

A longo da agua o niveo cysne canta ,  
Responde-lhe do ramo philomela ;  
Da sombra de seus cornos não se espanta  
Acteon n' agua crystallina e bella :  
Aqui a fugace lebre se levanta  
Da espessa mata , ou timida gazella ;  
Alli no bico traz ao caro ninho  
O mantimento o leve passarinho.

N' ésta frescura tal desembarcavam  
Ja das naus os segundos Argonautas ,  
Onde pela floresta se deixavam  
Andar as bellas deusas como incautas ;  
Algumas doces citharas tocavam ,  
Algumas harpas e sonoras frautas ,  
Outras c' os arcos de ouro se fingiam  
Seguir os animaes , que não seguiam.

Assi lh'o aconselhára a mestra experta ,  
Que andassem pelos campos espalhadas ;  
Que vista dos barões a presa incerta ,  
Se fizessem primeiro desejadas.  
Algumas , que na fórma descuberta  
Do bello corpo estavam confiadas ,  
Posta a artificiosa formosura ,  
Nuas lavar se deixam na agua pura.



Mas os fortes mancebos, que na praia  
Punham os pés de terra cubiçosos;  
Que não ha nenhum d'elles que não saia  
De acharem caça agreste desejosos;  
Não cuidam que sem laço ou redes, caia  
Caça n'aquelles montes deleitosos,  
Tam suave, domestica e benina,  
Qual ferida lh'a tinha ja Erycina.

Alguns que em espingardas e nas bestas,  
Para ferir os cervos se fiavam,  
Pelos sombrios matos e florestas  
Determinadamente se lançavam:  
Outros nas sombras, que das altas sestas  
Defendem a verdura, passeavam  
Ao longo da agua, que suave e queda  
Per alvas pedras corre á praia leda.

Começam de enxergar subitamente  
Per entre verdes ramos várias côres;  
Côres de quem a vista julga e sente  
Que não eram das rosas ou das flores,  
Mas de lan fina e seda differente,  
Que mais incita a fôrça dos amores,  
De que se vestem as humanas rosas,  
Fazendo-se per arte mais formosas.

Dá Velloso espantado um grande grito:  
Senhores, caça estranha, disse, é ésta:

Se inda dura o gentio , antigo rito ,  
A deusas é sagrada ésta floresta :  
Mais descobrimos do que humano espirito  
Desejou nunca; e bem se manifesta ,  
Que são grandes as cousas e excellentes ,  
Que o mundo encobre aos homens imprudentes

Sigamos éstas deusas, e vejamos  
Se phantasticas são, se verdadeiras.  
Isto dito : velozes mais que gamos ,  
Se lançam a correr pelas ribeiras.  
Fugindo as nymphas vão per entre os ramos;  
Mas mais industriosas que ligeiras ,  
Pouco e pouco surrindo , e gritos dando ,  
Se deixam ir dos galgos alcançando.

De uma os cabellos de ouro o vento leva  
Correndo , e da outra as fraldas delicadas :  
Accende-se o desejo que se ceva  
Nas alvas carnes subito mostradas :  
Uma de industria cae , e ja releva  
Com mostras mais macias que indignadas ,  
Que sôbre ella empecendo tambem caia  
Quem a seguiu pela arenosa praia.

Outros per outra parte vão topar  
Com as deusas despidas que se lavam;  
Ellas começam subito a gritar ,  
Como que assalto tal não esperavam.

Umás fingindo menos estimar  
A vergonha que a fôrça , se lançavam  
Nuas per entre o mato , aos olhos dando  
O que ás mãos cubiçosas vão negando.

Outra , como acudindo mais depressa  
Á vergonha da deusa caçadora ,  
Esconde o corpo n' agua ; outra se apressa  
Per tomar os vestidos que tem fóra.  
Tal dos mancebos ha , que se arremessa  
Vestido assi e calçado , ( que co' a mora  
De se despir ha medo que inda tarde )  
A matar na agua o fogo que n'elle arde.

Qual cão de caçador , sagaz e ardido ,  
Usado a tomar na agua a ave ferida ,  
Vendo ao rosto o ferreo cano erguido ,  
Para a garcenha ou pata conhecida ,  
Antes que sôe o estouro , mal soffrido  
Salta n'agua , e da presa não duvida ,  
Nadando vai , e latindo ; assi o mancebo  
Remette á que não era irman de Phebo.

Leonardo , soldado bem disposto ,  
Manhoso , cavalleiro e namorado ,  
A quem amor não dera um so desgôsto ,  
Mas sempre fóra d'elle maltratado ;  
E tinha ja por firme presupposto  
Ser com amores mal affortunado ,

Porém não que perdesse a esperança  
De inda podêr seu fado ter mudança :

Quiz aqui sua ventura que corria  
Após Ephyre , exemplo de belleza ,  
Que mais caro que as outras dar quera  
O que deu para dar-se a natureza.  
Ja cansado correndo lhe dizia :  
Ó formosura indigna de aspereza ,  
Pois d'êsta vida te concedo a palma ,  
Espera um corpo de quem levas a alma.

Todas de correr cansam , nympha pura ,  
Rendendo-se á vontade do inimigo ;  
Tu so de mi so foges na espessura ?  
Quem te disse , que eu era o que te sigo ?  
Se t'o tem dito ja aquella ventura  
Que em toda a parte sempre anda comigo ,  
Oh no-na creas , porque eu quando a cria ,  
Mil vezes cada hora me mentia.

.....

Oh não me fujas ! Assi nunca o breve  
Tempo fuja de tua formosura !  
Que so com refrear o passo leve  
Vencerás da fortuna a fôrça dura.  
Que imperador , que exército se atreve  
A quebrantar a furia da ventura ,

Que em quanto desejei me vai seguindo ,  
O que tu só farás não me fugindo .

Pões-te da parte da desdita minha ?  
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.  
Levas-me um coração que livre tinha !  
Sólta-mo , e correrás mais levemente .  
Não te carrega essa alma tam mesquinha ,  
Que n'esses fios de ouro reluzente  
Atada levas ? Ou despois de presa  
Lhe mudaste a ventura , e menos pesa ?

N'esta esperança so te vou seguindo ;  
Que ou tu não soffrerás o pêso d'ella ,  
Ou na virtude de teu gestø lindo ,  
Lhe mudarás a triste e dura estrella :  
E se se lhe mudar , não vas fugindo ,  
Que amor te ferirá , gentil donzella ;  
E tu me esperarás se amor te fere ;  
E se me esperas , não ha mais que espere .

Ja não fugia a bella nympha , tanto  
Por se dar cara ao triste que a seguia ,  
Como por ir ouvindo o doce canto ,  
As namoradas mágoas que dizia .  
Volvendo o rosto ja sereno e santo ,  
Toda banhada em riso e alegria ,  
Cahir se deixa aos pés do vencedor ,  
Que todo se desfaz em puro amor .

Oh que famintos beijos na floresta!  
E que mimoso choro que soava!  
Que affagos tam suaves! Que íra honesta,  
Que em risinhos alegres se tornava!  
O que mais passam na manhan e na sesta,  
Que Venus com prazeres inflammava,  
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo,  
Mas julgue-o quem não póde experimentá-lo.

D' ésta arte exafim conformes ja as formosas  
Nymphas c'os seus amados navegantes,  
Os ornam de capellas deleitosas,  
De louro e de ouro e flores abundantes;  
As mãos alvas lhe davam como esposas,  
Com palavras formaes e estipulantes  
Se promettem eterna companhia  
Em vida e morte, de honra e alegria.

CAMÕES, *Lusiadas*.

## DESCRIPÇÃO

## DAS TRES PARTES DO MUNDO ANTIGO.

La no meio de Italia, ao pé de uns montes  
Altissimos, se faz um valle escuro  
De negro e espesso bosque rodeado,  
Pelo qual um medonho, torto rio  
Corre com gran' rugido entre penedos:  
Dentro n'este logar sombrio e triste  
Uma profunda cova e boca horrenda  
Ecurissima está, e n'ella se abre  
Uma fera garganta que descobre  
As tristes negras aguas de Acheronte:  
Infernaes e pestiferos vapores  
D' ésta espantosa boca vêem continos.  
D'aqui ligeira sai aquella horrivel,  
Abominavel furia que com impio,  
Duro, sangrento açoute as tristes almas  
Castiga com rigor perpetuamente:  
Duas azas estende e sólta aos ares  
As pennas de côr negra e pêllo triste,  
Os olhos rutilando ardente fogo,  
Mostrando um cenho esquivo, odioso ao mundo.

Pallido o rosto , a fronte rodeada  
De venenosos aspides nocivos ;  
As mãos e escura veste de corrupto  
Humor e sangue vil todas manchadas ,  
Com estrondo espantoso as azas bate ,  
Despedindo fumoso e negro lume ;  
A pedragosa altura do Apenino  
Monte demanda , e la subida pára.  
Vira os olhos á parte esquerda , e nota  
Como se vai mostrando per tal parte  
Essa famosa Italia combatida  
Do Adriatico mar e mar Tyrrheno.  
Ve Apullia e Calabria , ve Siponto ,  
E aquelle monte Gargano vizinho ,  
Illustrado co'a luz viva e fulgente  
Do archanjo , a quem Lusbel está rendido.  
Ve Brundusio assistente ao rompimento  
D'essa gente cesárea e pompeana :  
Ve que do mal passado se lamenta  
Hidrunto em outro tempo , Otranto agora.  
Ve Tarento feroz , assento antigo  
Dos bravos inimigos dos Romanos ,  
E ve defronte os portos , os de Albania :  
Os de Epyro , Durazo , e os de Velona.  
A pestifera deusa corre a vista ,  
Ao longo da outra costa do Adriatico ,  
Ve Dalmácia com tantas fortalezas  
Do perfido tyranno possuidas ;  
E os seus povos Illyricos ousados ,



De animos invenciveis, bellicosos  
Viver agora ja em triste jugo  
De sugeição tyrañna, dura e barbara.  
A Istria chega os olkos, e ve n'ella  
Os Alpes descansar, despois que a Italia  
Deixam murada e forte com mil voltas  
De levantados montes e agras serras.  
A Austria ve soberba c'o Danubio,  
Illustrada das ondas crystallinas :  
Ve Bohemia cercada de Herecinia,  
Onde o Albis nascendo a rega e lava.  
Ve Moravia e Saxonia poderosa,  
Por seus cavallos Frisia conhecida.  
Junto d'esta viu Hassia, ambas sentadas  
Entre os famosos rios Rheno e Albis.  
Toda Alemanha ve, onde o gran' Phebo  
Obliquos manda os seus dourados raios :  
Ve Hungria e Polonia, ambas partidas  
Co'as fraldas d'esse gran' monte Carpátho.  
E viu aquellas gentes obstinadas  
Na sua opinião, e infernal schisma,  
Que vibrando os nervosos, curvos arcos,  
Nuvens de settas lançam nos imigos.  
Lituania e Livonia, com sombrosas  
Coroas de pungentes e altos pinhos :  
Ve d'ellas vir Boristenes bramando  
Com impeto rompendo o ponto Euxino.  
Aquelles ve tambem que mais ao Norte  
Em mil perpetuas neves sempre vivem,

E a mor parte do anno se lhe esconde  
O latonico carro em grossas nuvens.  
Põe os olhos em Grecia, e ve a insigne  
Thesalia do Peneo, ja libertada,  
E viu a inculta Thracia, onde os dous montes  
Hemo e o Rodope ambos se exalçam,  
Regada co'a corrente amena e doce  
Do Hebro, que com voz confusa e rouca  
Inda lamenta a morte e fim tam triste  
D'aquelle que Eurydice em vão chorava.  
Ve da Pharsalia os campos tristemente  
De sangue de Romãos todos banhados:  
Ve os ditosos Pheaces, e as alturas  
Com que os Acroceraunios o ceo tocam  
Infamados com mil naufragios tristes  
De graves, desestrados infortunios:  
E assentados ambos la no Epiro  
O Adriatico mar, e o Jonio Apartro.  
E viu aquella parte que com voltas  
A corrente veloz de Halyacmon banha,  
E as ondas de Axio líquidas, que alegram  
Os campos d'essa antiga Macedonia.  
Ve aquella região, fim dos trabalhos  
Do filho de Agenor, cuja cidade  
Pela musica e harpa sonora  
De Amphion foi de muro alto cercada.  
Ve d'êsta a antigua Eube dividida  
Pelo temido Euripo, aos navegantes  
Espantoso e cruel pelas mudanças

Sette vezes ao dia n'elle certas.  
Ve a grande Morea entre dous máres  
Onde Corintho lustra o mar Egeo,  
E o Ionio se ennobrece e toma brio,  
Tendo na boca o golpho de Lepanto,  
Insigne, co'a victoria antigamente  
De Octaviano Cesar : mas agora  
Muito mais celebrado, mais insigne  
Co'a fama do mancebo que Austria exalça.  
Á parte do meio dia volve os olhos,  
E ve o Tyrrheno mar que lava Italia,  
Ve per elle assentado aquelle reino,  
Sôbre o qual houve ja tantas discordias.  
Sicilia viu, e os altos promontorios,  
Que Trinacria lhe dão por appellido :  
Por quem Romãos e Penos as sangrentas  
Armas com brava furia ja tomaram.  
E passando c'os olhos ao direito  
De Africa, bem no fim viu a Numidia  
De ferissima gente ousada e forte  
Entre a antiga Carthago e Mauritania.  
Ve a Penthapolim, e no deserto  
Areoso devisa as sepulturas  
Dos Philenos irmãos que posposeram  
O gôsto de sua vida ao bem da patria.  
Ve Marmaryca ao longe la do Égypto,  
Que os moradores barbaros constringe  
Buscar torpes comidas, pola falta  
Dos nossos costumados mantimentos.

Os feros Trogloditas ve que habitam  
Logares solitarios, espantosos  
N'aquelles areaes, onde Voltorno  
Abate d'aquí serras, d'alli as alça.  
A quente Ethiopia ve toda estendida  
Ao longo do gran' Nilo, cujas ondas  
Da sua alta catadupa despenhadas  
Ensurdecem vizinhos e os atroam.  
Centypoléa ve, donde devisa  
Miseraveis ruínas de cidades  
Outro tempo famosas; e ao presente  
D'ellas enxérga so tristes memorias.  
A fresca e fertil Cypro, onde se honrava  
Antiguamente a bella Cytherea,  
Ve com grande alegria pelas mortes,  
Pelos damnos belligeros futuros,  
Quando do cruel barbaro insolente,  
A poderosa mão e forte armada,  
Em sangue banhará praças e ruas  
Da forte Phamagusta e de Nichossia.

Despois que a brava furia viu aos lados  
O que de Europa e Africa se mostra  
Em Asia firma os olhos, estendendo  
As negras, serpentinas, grandes azas.  
D'aquella grande altura se abalança  
Para onde a menor Asia está fronteira,  
As bramadoras cobras de veneno  
Enchendo lھے vão mãos, peitos e rosto.

Bythinia vai passando , onde o sangrento  
Fero Carthaginez morto descança :  
Deixa Galacia , e deixa os que as montanhas  
De Pamphilia , entre feras sempre habitam.  
Deixa Phrygia , onde viu vestigios tristes  
D'aquella nobre , antiga , infausta Troia :  
E deixa os que com curvo arado rompem  
As jugadas fructiferas de Lycia.  
Tambem deixa Cilicia , antigo assento  
De valentes piratas ; deixa aquelles  
Que no Caucasos monte as tristes vozes  
E o pranto de Prométheo stão ouvindo.  
Deixa ambas as Armenias : tambem deixa  
Aquelles que na altura pedregosa  
Do gran' Niphate habitam , gente brava ,  
De feroz coração e ânimo duro ,  
Exercitada e destra em vibrar arcos ,  
E despedir com fôrça mortaes settas ,  
A terra defendendo , que do Euphrates  
E do ligeiro Araxes é regada.  
Aquelles vai deixando que entre as aguas  
D'esse ligeiro Tygris , e as quietas  
E liquidas do Euphrates , os lanços  
Gados , em campos ferteis apascentam :  
Vai vendo as tres Arabias , a Petréa ,  
A Felix e a deserta , entre os dous máres ,  
Roxo e Persico seio : caminhando  
Para onde Persia ve , sem mais deter-se ,  
Os olhos infernaes firma nas armas

De seus habitadores, nos cavallos  
Briosos e suberbos, nos luzentes  
Açacalados ferros e hastas grossas.  
Chega ao Paropamiso, onde se envolve  
Co'a liquida corrente do rio Indo,  
Sem nunca se apartar d'ella assombrando  
As transparentes ondas; entra em Diu.  
Entra na fortaleza, e n'um momento  
Corre os soldados todos, e distilla  
Um veneno infernal em todos elles:  
Os sentidos lhes cega, e assopra um fogo  
Que os ossos e as entranhas lhes abrasa,  
E no mais fundo dos irados peitos  
Lhes deixa uma peçonha, e furia insana.  
Depois que embravecidos e instigados  
Os viu, e a desestrada tãa ordida,  
No medonho aposento se abalança  
Alegre por deixar pôsto em effeito,  
A vontade damnada e inico zêlo.

CORTEREAL, *Cérco de Diu.*

## MORTE DE D. LEONOR.

Aos que nas procellosas, bravas ondas  
Com tempestuosos ventos ja se viram  
Mil vezes submergidos, grande allivio  
E descanso lhes é pôrto seguro.  
E aos que na temporal vida padecem  
Trabalhos, afflicções, males e angústias  
A morte lh' é descanso, pois se acabam,  
.....  
Fenecem com morrer grandes injúrias  
Do fugitivo tempo em tudo avaro;  
Fenecem semrazões da incerta e vâria,  
Inconstante, cruel, impia fortuna.

Vistes o capitão \* ouvir mil gritos,  
E o coração presago a dura morte  
Da sua Leonor lhe descubria.  
Com trabalho se apressa por achar-se  
Presente ao mal que teme e ja ve certo :  
E da penosa dor affadigado,  
Quasi arrastando vai os lassos membros.

\* Manuel de Sepulveda.

Um difficil anhelito lhe sécca  
A boca ja mortal; e os tristes olhos  
Sumidos de fraqueza em vivas fontes  
De lagrymas piedosas se convertem.  
Chega a donde Leonor ao passo forte  
E termo tam temido estava entregue;  
Ve que a turvada vista rodeando,  
A elle so demanda, a elle so busca;  
E vendo que é chegado, esforça um pouco  
O ânimo, e procura despedir-se.  
Levanta com trabalho os mortaes olhos,  
Quer-lhe fallar, a morte a lingua impide:  
Firma-os cada vez mais no triste rosto  
D'aquelle unico amigo que ja deixa:  
Trabalha agasalhá-lo, e não podendo,  
Com dor mortal na terra se reclina.

Calliope divina, agora é tempo  
Onde me é teu favor mais necessario;  
Torna-me ao coração aquella fôrça  
Que em termo tam estreito tem perdida.  
Concede-me vigor ao fraco espirito  
Que co'a presente dor ja desfallece;  
A mão e a lingua guia, que refusam  
Proseguir a tractar passo tam forte.  
Dentro no peito geme ést'alma minha  
Lastimada e doída do impio caso,  
Do successo cruel e fim tam triste,  
Que aquí guardado estava a tal belleza.



Entregam-se a morrer aquelles olhos  
Que mil mortes ja tinham dado a muitos ;  
Uma mortal angústia lhe rodeia  
Aquelle alegre e angelico semblante ;  
Ja de todo lhe foge a côr de rosa  
Do rosto tam fermoso ; ja s' esfria ,  
Ja fica a branca mão sem movimento ;  
O peito eburneo fica sem sentido.

Qual da casta Diana a bella image  
Se viu per mão de Phidias esculpida  
Que o soberbo edificio ennobrecendo ,  
Sentiu do tempo avaro a fôrça e a ira :  
Entre antigas ruínas jaz a illustre  
Admiravel figura despojada ;  
E ainda que perdeu estado e glória ,  
Disenho lhe ficou valor e estima :  
Alli mostra um perfil medido e justo ,  
Nos membros proporção perfeita e rara ,  
Mostra fermosos olhos , mostra graça ,  
Mostra tudo fermoso , mas sem vida.  
Tal na deserta praia fica o corpo  
Mais que marmore ou branca neve , branco ,  
De crespas febras d'ouro soccorrido ,  
Que com intento casto alli defendem.  
Alça-se um alarido até as estrellas ,  
Das criadas que emtórno d'ella estavam ;  
  
Ferem com duros punhos rosto e peitos ,

Fazendo um triste som que rompe as nuvens.  
Dos gritos e lamento outra vez torna  
O concavo rechedo ãa voz scura ,  
E correndo per baixo do arvoreda  
Miseraveis accents vai formando :  
Quantas vezes o nome amado chamam  
Com palavras do choro interrompidas ,  
Tantas echo chorosa lhe responde  
Co'a mesma dor, c'o mesmo sentimento.  
O varão infelice traspassado  
De uma terrivel dor ja sem remedio ,  
Tremendo as fracas pernas , não podendo  
Soffrer a grave carga e pêsso triste  
Juncto do amado corpo se reclina.  
Com semblante affligido , os tristes olhos  
Com intrinseca pena os tinha promptos  
N'aquella ja defunta fermosura.  
Cuida no duro termo a que seus gostos  
E a que todos seus bens se reduziram.  
Cuida em contentamentos ja passados  
Que agora muito mais o entristeciam.  
Alli (para mais dor) se lhe appresenta  
O vário proceder de seus amores ,  
O principio alterado , e successo  
Tam próspero , jucundo e tam felice.  
Cuida como passou em sombra o tempo  
Ligeiro , e tam amigo de mudanças :  
E quando imaginava estar mais alto  
Viu da mudavel roda a volta dura.

Despois que um grande espaço está pasmado ,  
Opprimido de dor o peito enfermo ,  
Alevanta-se , e vai mudo e choroso  
Onde a praia se ve mais opportuna.  
Apartando co'as mãos a branca areia ,  
Abre n'ella uma estreita sepultura ,  
Torna-se atraz , e alçando nos cançados  
Braços aquelle corpo lasso e frio ,  
Ajudam as criadas as funestas  
Derradeiras exequias com mil gritos.  
Ai duro tempo ! ( dizem ) como apartas  
Para sempre de nós tal fermosura !

Na perpétua morada tenebrosa  
A deixam , levantando alto alarido ;  
Com salgado liquor banhando a terra ,  
Aquelle último *vale* ! todas dizem.  
Não fica so Leonor na casa infausta ,  
Que de um tenro filhinho se acompanha ,  
Que a luz vital gozou quatro perfeitos  
Annos , ficando o quinto interrompido.  
Alli co'a morta mãe o filho morto ,  
Ambos com morto amor en terra jazem.  
Ella lhe nega o branco amado peito ,  
E elle o doce materno amado gôsto :  
Ambos na solitaria praia ficam  
Juncto das grossas ondas sepultados ,  
Deixando ao mundo um triste , raro exemplo  
De perversa , cruel , impia fortuna.

O misero Sepulveda rodeia  
Os olhos, com effeito de saudade;  
Em lagrymas desfaz o bulcão turvo  
De que asombrado tinha o triste sprito.  
Com voz de triste choro embaraçada  
Palavras diz de lástima e piedosas.  
Nos braços toma um filho que alli tinha  
De tenra idade, e (vista miseravel!)  
Per estreita vereda entra no mato  
De bravos leões e tigres povoado;  
A morte vai buscando: elles doídos  
De seu mal lh'a darão em breve espaço.

CORTEREAL, *Naufragio de Sepulveda.*

## EL REI D. SEBASTIÃO

EM CINTRA.

Com tudo ávante vai, cansa e porfia  
Até chegar ao fim do monte erguido,  
Que a região das nuvens estendia ;  
No mundo pela fôrça conhecido  
O Olympo Thessalico excedia,  
Onde dos ventos é claro e sabido  
Que no templo de Jupiter mostravam  
Que a tam alto logar nunca chegavam.

Deu-lhe seu proprio nome a bella filha  
De Latona por ser ja sua morada.  
Ve bem no cume uma maravilha,  
Que não cuido que fosse igual contada :  
So cem passos de terra o moço trilha  
Em cima que não fosse alcantilada;  
Os quaes occupa um templo que se invoca  
A senhora da Pena ou da alta Roca.

Aqui viu claras fontes crystallinas,  
Que em duras pedras tinham nascimento,

Edificadas altas officinas  
D'um consagrado e pudico convento :  
Um peregrino alli de peregrinas  
Pedras com jamais visto intendimento  
Um retabolo fez , que parecia  
De rica e subtil marceneria .

De Pario alabastro marchetava  
O Corinthio porphydo enxerindo  
O jaspe em luso marmore ; que estava  
Suspenso o rei , pintar-se presumindo.  
Brutescos e cordões dependurava  
( Tudo de pedra ) que se estará rindo ;  
Quem não viu ésta obra desusada ,  
De muitos que a viram celebrada.

Não so no altar sancto se embebia  
O moço rei ; que está rapto e enlevado  
Ouvindo tam suave melodia  
Que lhe parece estar beatificado.  
Mas como para o mundo enfim pendia ,  
Sai-se do templo a ver o mar inchado ,  
Descobrinho d'alli do Olympio monte  
Do meio orbe terreno o horisonte.

Tendo sempre presente na memoria  
O que lhe o seu esforço promettia ,  
Dos seus passados á superna glória ,  
Que n'elle o tempo assim eſcurecia ,

A prolongada empresa , e obrigatoria  
A quem a lei de Christo pretendia  
Estender até o ultimo terreno  
Contra a fôrça do barbaro Agareno.

Mágoa com que ao mar o rosto vira  
Por lhe não renovar tristes lembranças !  
E caminhando assim triste suspira  
( Efeito de compridas esperanças )  
Do monte desce enfim onde subira  
A ver o que é sujeito de mudanças ,  
E fonte de perigos não cuidados  
So para cubiçosos ordenados.

Ve que as nuvens abaixo errando andavam  
Cubriendo os valles que altas serras fendem ;  
Desce até que per cima lhe ficavam ,  
Que em fria sombra pelo ar se estendem.  
Bosques de ferteis plantas se mostravam ,  
De cujos ramos varios fructos pendem ;  
Umas e outrás sempre florecendo ,  
Como que sempre fosse amanhecendo.

Ouvindo as rôtas lymphas que cahindo  
Per entre lisas pedras murmurando  
Parece certo alli que véem sentindo ,  
O que no peito o moço está traçando :  
Onde Flora de Zephyro fugindo  
As esquecidas folhas meneando

Do bosque, bem parece que dizia  
Porque tam cruelmente lhe fugia.

Sendo nectar e ambrósia alli o rocio  
Que em matutinas flores lento e grave  
Cahindo la do ceo , coalhado e frio  
Da astuta abelha era manjar suave :  
Debaixo de um castanho alto e sombrio  
Se assenta o Luso porque mais o aggrave  
Seu mal , ouvindo ao som de claras aguas  
Passarinhos cantarem ternas mágoas.

Alli pois divertindo o vagamundo  
Pensamento , mil cousas considera  
Por aplacar o peito furibundo ,  
Que com nenhum repouso se modera :  
Alli ve que o que foi senhor do mundo  
Que mais , depois de se-lo , não quizera  
Que lograr o repouso desejado  
Em doce companhia congregado.

Mas nada o satisfaz , porque faltando  
Ao appetite aquillo que deseja ,  
( O peor muitas vezes desejando )  
Nada o queira emfim , por mais que veja ;  
E assim todo o repouso desprezando  
Abraça uma interna e van peleja :  
D'onde turbado e triste se levanta  
Depois que de confuso se quebranta.



Per entre os lisos troncos corcovados  
O passo move aonde escritas crescem  
Várias tenções de peitos namorados ,  
Que em perpétua memoria permanecem :  
Estão do tempo alli dos reis passados ,  
Que os cortezãos d'agora ja aborrecem  
A pureza de amor , porque chorando  
Não andem as pobres árvores riscando.

Cintra se chama ésta deleitosa  
Parte , aonde repouso o moço engeita.  
Vai pensativo achar ãa cavernosa  
Pedra de largo ventre e porta estreita.  
Ousado entra na grutta temerosa ,  
E uma lamina dentro escripta espreita:  
Toda arabigos versos a occupavam ,  
Que grandes cousas lhe prognosticavam.

Descobre a breves passos altos teitos  
Per entre a mais espessa e verde rama ,  
D'algũa mais que humana industria feitos ,  
Quaes não cantou moderna e antiga fama ,  
Não consumindo outros tam perfeitos  
O longo tempo ou Dardania chamma.  
Igualmente o louvor se alli reparte ,  
Não excedendo a materia á arte.

Entra subindo per torcida escada  
De marmores luzentes jaspeados

A varios corredores de estremada  
Vista , e parapeitos relevados ;  
Ouvem a voz humana retumbada  
Os passaros nocturnos , e espantados  
Fugindo vão da luz e teitos ricos  
A dar nas mãos dos inimigos bicos.

Entrando logo na maravilhosa  
Casa dos brancos cysnes que guardando  
O costume , na morte tenebrosa  
Parece certo alli que estão cantando.  
Avante passa , onde uma dolorosa  
Nympha mostrava estar-se-lhe queixando  
Da agua que per cima lhe corria ,  
Que n'uma curva concha alli cahia.

D'uma banda do solio coarteado  
Sahindo de clara agua uma espadana  
Que , mais de duas lanças levantado ,  
Parece que repugna á industria humana.  
Da outra parte um teito está dourado  
Que os quatro ventos tem , per onde mana  
Fresco rocio , e ás vezes se exprimenta  
De bravo hinverno alli brava tormenta.

Logo a galé avante a vista espanta ,  
De tarjas cheia , onde está pintado  
O monstro da septivoca garganta ,  
O Cerbero trifauce encarniçado ;

Hippomanes que atrás vai de Atalanta ,  
Cephalo que madruga namorado;  
Bosques , batalhas e selvagens feras ,  
Sulphureas gruttas , horridas chymeras.

LUIZ PEREIRA , *Elegiada.*

## O OCEANO

## FESTEJANDO A ARMADA PORTUGUEZA.

Sentiu la no profundo e vitreo estrado ,  
Onde com Thetys passa alegre sesta ,  
Oceano este abalo desusado  
Da fabricada subita floresta ;  
E com tal novidade perturbado  
Deixa de parte o regosijo e festa ,  
E per Tritão os deuses convocando ,  
As aguas para cima foi cortando .

Neréo , pae das nymphas , mais ligeiro  
Do que a comprida idade consentia ,  
( Se o tempo entra no mar ) foi o primeiro  
Que os passos d'Oceano alli seguia :  
Ao lado esquerdo Glauco é companheiro ,  
Pelo direito Prótheo apparecia ,  
Protheo , que os Neptuninos aconselha ;  
Uma com outra Thetys emparelha .

Entre todas a bella Cymnoria  
Corre veloz co'a linda Cimothee

Logo tras ella a candida Amathia  
Com Dinamène, Apsêudis e Amphitóc  
Cymódoce, Déxamene, Oritia,  
Amphinome, Melite, Glauce, Thóc,  
Galathea formosa por extremo  
E Leucothóc vem c'o seu Palemo.

Ja se mostra Pherusa, e avante passa  
Climene porque ja perto a sentira;  
Descobre-se Nisea e Callianassa,  
Spio, Actêe, Nimétris e Janira;  
De mais longe vem Doris e Janassa,  
A quem acompanhou Callianira,  
Thalia, Panopea, Iera, Próto,  
Ethera, Agave, Idóthoa, Meia, Dóto.

Em calma n'este tempo o mar estava,  
E como rio manso parecia,  
O vento em seu descanso repousava,  
Nenhuma tábua concava surdia:  
Oceano, que a frota divisava,  
De Lusitanos ser reconhecia,  
E por se lhes mostrar ledó e contente  
Co'êsta voz faz attenta a humida gente.

« Ó bellissimas nymphas, ó marinhos  
Habitadores do crystal salgado,  
A ésta armada agora abri caminhos,  
Que em calma tem o vento socegado:

É justo festejemos taes vizinhos  
Que tanto teem meu nome accreditado ;  
Por elles sou famoso , e todo o humano  
A grandeza celebra do Oceano.

Cesse ja do Erithreu a glória antiga ,  
E seus tropheus magnificos suspenda ,  
Nem do Pontico mar louvor se diga ,  
Que meu direito e pre'minencia offenda.  
Outras crescentes , outros estos siga  
Esse Mediterraneo se pretenda  
Igualar-se comigo ; enfree o brio  
O Mauritano , o Caspio , o Euxino frio.

Nenhum ceruleo reino se navega  
De gente em paz e em guerra tam famosa ,  
Nenhum com tal corrente cerca e rega  
Costa em viages tam maravilhosa ;  
Nenhum seus braços tam ufano entrega  
A cidade tam nobre e populosa ,  
Que , se Ulysses lhe deu o fundamento  
É ja glória de Ulysses e ornamento.

Isto dizendo , os braços vai lançando  
Com seu compasso igual pela agua fria  
E a nau real c'os hombros inclinando  
Escumas levantava e dividia ;  
Logo vai cadaqual outra afferrando ,  
Por não ficar detras sem companhia :

O curso era tam destro e diligente,  
Que iam surdindo todos igualmente.

O navio do principe tirava  
Com graça estranha a linda Galatea,  
Que por descuido a vezes se mostrava  
Mais alva que o crystal da propria vea;  
Os olhos após si todos levava  
E corações tras elles senhorea:  
Quantos a culpam de ligeira e leve,  
Pois tal vista lhes faz assim mais breve!

QUEVEDO, *Afonso Africano.*

## ZARA

SUPPLICANDO AO PAE O PERDÃO  
DOS CAPTIVOS.

Abrem-se as covas horridas e feias ,  
Tiram-se á luz aquelles innocentes ,  
Que a rôjo dos grilhões e das cadeias  
Se levam como infames delinquentes.  
Param na praça ; e nas mais altas veias  
Se esfria o sangue vendo os diligentes  
Ministros e os cutellos affiados ,  
Fogos ardendo , e vasos preparados.

Mas depois d' este abalo temeroso  
Da fraca natureza , logo acode  
A sustentar o spirito forçoso  
O pêso que um mortal suster não póde.  
Respira cadaqual , torna animoso ,  
E da morte o temor logo sacode ,  
Offerecendo a vida amada e cara  
A Deus , que so para isso lh'a emprestára.

Quando entra Zara n' um ginete ardente ,  
Que mastigando o freio em branca escuma ,



Tanto que o pèso reconhece e sente ,  
Se erubrida e altera mais do que costuma ,  
Dobrando as mãos a passo continente ,  
Pelas ventas abertas sopra e fuma :  
Todos se alteram logo , e na estranheza  
Os olhos poem do traje e da belleza.

Não usa os atavios vãos do paço ,  
Despreza as ricas joias tam prezadas ;  
A manga recolhida a meio braço ,  
As tranças d'ouro ao vento derramadas ,  
As rossagantes roupas , que embaraço  
Fazem , n'um breve nó todas tomadas ;  
Lançando aos hombros o arco e a rica aljava ,  
Com que das feras doma a furia brava.

Tal de Harpálice o traje quando cansa  
Os ardentes cavallos na carreira ,  
Que ao longo do Ebro furioso lança ,  
Cuja corrente inda é menos ligeira.  
Depois que de seu pae favor alcança  
A que nasceu do mar, d'êsta maneira  
Apparece a seu filho na espessura ,  
Que errando vai a voltas co' a ventura.

Era Zara o retrato mais perfeito  
Que com mão destra fez a natureza ,  
Se as condições se véem do altivo peito  
E junctamente as partes da belleza.

O mundo com seu nome tem sujeito ,  
 Que inda é maior que toda redondeza ,  
 E se de Christo a fe lhe não faltára ,  
 Póde ser que seu nome aos ceos chegára.

De mil procos ao pae era pedida ,  
 Sem outro premio igual , em casamento ,  
 Mas tudo desprezava , que na vida  
 Não ha cousa que lhe encha o pensamento ;  
 E dizem que se tinha offerecida  
 Á vida singular e casto intento  
 De Diana e das mais nymphas da terra ,  
 Que pisam tras a caça o valle e a serra.

N' este exercicio alegre , em que se esmera ,  
 O mais do tempo nas montanhas passa  
 Seguindo os passos d'uma e d'outra fera ,  
 Té que a tiro lhe chega , e alli a traspassa ;  
 Ora emboscada entre alto mato espera  
 Tendo so para a setta a vista escassa ,  
 Que do arco despedida o cervo prega  
 Incauto que c'o sangue o campo rega..

Tambem a côço toma o leve gamo ,  
 Tam ligeira tras elle se arremessa  
 Depois que o enganou c' o vão reclamo ,  
 A quem acode com ligeira pressa:  
 Agora aponta ao passaro no ramo ,  
 E antes de ser sentida o atravessa ;

Ensaio breve, com que a mão se affouta  
Para o porco, que fez, dentro na mouta.

Ás vezes enfadada na floresta,  
Quando arde a calma, quando o sol se empina,  
No regato florido passa a sesta,  
E na mão de alabastro a face inclina:  
Ora os olhos á fonte clara empresta,  
E brincando co'a agua crystallina,  
A veia se perturba e se mistura  
Porque ella se não turbe co' a figura;

Que a ver a image bella n'agua clara,  
O lindo asseio e gracioso riso,  
(Se per ventura risse) perigára  
Perdendo-se por si como Narciso:  
Mas ella é d'êsta glória tanto avara  
Que por se não mostrar, turba de aviso  
A fonte, que da mesma agua se cia  
Lhe fuja co' á figura, pois corria.

Ás vezes co' as donzellas escolhidas,  
Que a seguem n'êsta deleitosa pena,  
Debaixo do tecido das floridas  
Árvores, danças mil airosa ordena:  
Espantam-se das silvas as fingidas  
Deidades, e tocando a doce avena,  
Os passos com som rustico acompanham,  
Porém de longe, que chegar estranham.

Ai Zara ! e que vida ésta tam segura  
Em bosque fresco , de pezares falto ,  
Onde o maior tumulto é d'agua pura ,  
Das aves do ar o murmurar mais alto !  
Agora que te apartas da espessura ,  
Logo encontras com pena e sobresalto ,  
Que n' alma suspiraste quando viste  
Tam severo spectaculo e tam triste.

E sendo então alli certificada  
Dos termos que seu pae c'os christãos usa ,  
Ficou c'o sacrificio perturbada  
E pela causa d'elle assás confusa ,  
E manda que não seja executada  
A sentença cruel em quanto escusa ,  
A piedade e compaixão movida ,  
C'o pae uma miseria tam crescida.

Pararam d'improviso os homicidas  
Á lei que lhes posera obedecendo ,  
E a seu mal grado ás innocentes vidas  
O castigo inventado suspendendo ;  
Que as palavras de Zara encarecidas  
Comsigo sempre imperio véem trazendo ,  
Com que o mais fero e deshumano peito  
Em brandura converte e o faz sujeito.

Os condemnados miserços ergueram  
Os olhos tristes para aquella banda

E a causa de seu bem reconhecera ,  
Causa em si grande , e grande no que manda ;  
Foram para fallar , emmudeceram ;  
Ella os olhou , e seu tormento abranda ,  
E como ja remedio lhes deseja ,  
Parte a buscá-lo porque cedo o veja .

E como o caso compaixão lhe inspira ,  
Sôbr'outra natural que n'ella mora ,  
Ao pae e rei , que os braços ja lhe abriça ,  
Éstas palavras diz , e entre ellas chora :  
Se mimosa de vós me não sentira ,  
Não ousára tentar se o sou agora  
Alcançando , senhor , por magoada ,  
Perdão para ésta gente condemnada .

Quanto mais que n'um tempo que ameaça  
Pelos mesmos Christãos guerra tam crua ,  
É perigo que a todos embaraça  
Terdes contra os de paz espada nua ;  
Que se a fortuna próspera os abraça ,  
A vossa crueldade aviva a sua ,  
E dais a imigo vencedor motivo  
Para a ferro metter quanto achar vivo .

Portanto , se algum mimo vos mereço ,  
Com ésta petição a salvo saia ,  
E se ha difficuldade , que eu conheço ,  
A culpa sôbre mim de tudo caia .

— O pae que , inda que fôra de mor preço ,  
( Segundo de affeição todo desmaia )  
Lhe concedêra a cousa que lhe pede ,  
Para todos perdão logo concede.

QUEVEDO , *Afonso Africano.*

## O PRINCIPE D. JOÃO

NOS JARDINS INCANTADOS.

Elle, que ja de longe larga conta  
D'um successo tam novo dar deseja ,  
Assi começa em voz formada e prompta ,  
Para que alli notorio a todos seja :  
Despois que da tormenta a brava affronta  
Passámos , quando ja falta quem reja ,  
( Que vence a tempestade a sciencia e arte , )  
Démos acaso n'uma estranha parte.

Sentimos , que inda a vista estes extremos  
Não julga , as naus romperem pela areia ,  
E nosso último fim quasi tememos ,  
Fingindo alguma praia aspera e feia :  
Quando a cerração cega abrir-se vemos ,  
E o vento bravo o sôpro irado enfreia ;  
Descobre-se uma praia fresca e leda ,  
E n'ella toda armada emproada e queda.

Eu , que não conheci a estranha terra ,  
Dos mais practicos mestres informado

Perguntei que parage o sitio encerra,  
E de que gente póde ser pizado:  
E n'isto cadaqual se engana, e erra  
O que se tem por mais experimentado;  
E porque a praia alegre nos convida,  
N'ella desembarcar ninguem duvida.

Pedro, que o mal de nossas almas cura,  
A quem o mor segredo descobrimos,  
Ou seja acaso, ou elle assi o procura,  
Na poppa em alto somno ficar vimos:  
Nós entretanto ao longo d'agua pura,  
Pizando a branca areia alegres imos,  
Buscando um prado que assomava perto,  
Pela côr e fragrancia descoberto.

Artificio parece da natura  
A cêrca que o resguarda em tudo airosa,  
Onde pendendo a branca rosa pura  
Está co'a bella pudibunda rosa,  
Outra inda no botão cerrada dura,  
Para sahir a tempo mais fermosa,  
No qual a falta supra da vizinha,  
Que murcha cai entre a pungente espinha.

Aqui nos detevemos por espaço,  
Colhendo cadaqual a que lhe agrada  
A custo da melhor parte do braço,  
Que do furto sahia lastimada:



Logo saltámos dentro; e no regaço  
Da floresta de verde tapisada  
Diversidade vimos de mil flores,  
No fino odor estranhas, e nas côres.

Em flor se mostra alli, por si perdido  
O fermoso Narciso incautamente,  
E por ter o castigo merecido  
Juncto nasce da líquida corrente;  
Em flor tambem Hyacinto convertido  
Sua historia nas folhas tem presente,  
Amaranto em bellissima bonina,  
E Adonis, pena eterna da Erycina.

Dispostos per canteiros ordenados  
Os bellos cravos a fragrancia spiram,  
Todos vermelhos uns, outros mesclados,  
Quaes encarnados, quaes brancos se viram,  
As violas da côr de enamorados  
Quando por seu amor d'alma suspiram,  
A franceza hortelan, a salva verde,  
A cecem que tocada o cheiro perde.

Ésta fermosa e linda praderia,  
A quem jamais nenhuma se igualava  
Das que celebra Assyria, e a India cria,  
E o rio Hydaspes brandamente lava,  
Per dilatado espaço se estendia,  
Que n'outra gentil cêrca se acabava

De rasos buxos a nivel nascidos ,  
Com mil enredos de invenção tecidos.

D'outra parte outro lanço está de murta  
Em diversas figuras transformada :  
A fermosa Orithya Boreas furta ,  
Sôbre as ventosas azas vem guardada ;  
Acolá Páris tem a armada surta ,  
E a mal regida Helena traz roubada :  
Do gostoso princípio ha aqui memoria ,  
Mas não do desestrado fim da glória.

Lembra-me , que parei n'êsta figura ,  
E logo fiz discurso alli comigo :  
Cegos , disse , de nós ! quam pouca dura  
Um gôsto vão , quamanho é seu perigo !  
Nós tristes enlevados na doçura ,  
Que , quando vem , o gôsto traz comsigo ,  
Não vemos que nos deixa o triste encargo  
De eterna pena e não soffrido amargo.

Este conceito meu fez evidente  
Hero , que alli para seu bem se ensaia ;  
Ja d'alta tôrre espera o amigo ausente ,  
Ja tambem desce a recebê-lo á praia :  
Estreitamente o abraça , inda presente  
Duvida te-lo , e em seus braços desmaia :  
Elle morto , do mar bravo arrojado ,  
E ella sóbr'elle ; isto não vi pintado.

Mais por diante , em touro se mostrava  
Jupiter , de capellas coroado ,  
Sobr' elle pelo mar se assegurava  
Europa com solícito cuidado :  
Ella os pés recolhia e levantava ,  
Temendo o impetu d'agua occasionado ,  
Que o collo c'o temor lhe aperta e abraça ,  
Elle ufano se ri c'o pêso e traça.

Ja d'agua generosa a fórma toma ,  
Porém das unhas o rigor tempéra ,  
E da fermosa Asterie os brios doma ,  
Que antes se lhe mostrou dura e severa :  
Ja brancas plumas cobre , e cysne assoma ,  
Não se perturba Leda , nem se altera :  
Asópida alli gosa em fogo ardente ,  
Alli Deioda em célebre serpente.

Defronte um labyrintho se tecia  
Curioso na vista , e mais na historia ;  
Em braços de Dione alli se via ,  
Marte suberbo assás pola victoria :  
Sôbre elles logo a rede , que estendia  
O zeloso marido , tam notoria ;  
Os deuses falsos , d'uma e d'outra parte  
Tocam palmas , e rindo estão de Marte.

Per entre tam gostosa novidade  
Fomos chegando a um deleitoso pôsto ,

Onde plantas de muita variedade  
Pomos estão offerecendo ao gôsto :  
O cheiro é tal, de tanta suavidade,  
O pomo de tal fórma e tez composto,  
Que não se atreve a mão que vai colhê-lo,  
E torna envergonhada de offendê-lo,

Assi fomos cabindo a um valle ameno,  
Per onde uma ribeira crystallina  
Regando vai o flórido terreno,  
E alvas areias brandamente inclina :  
Tam manso leva o curso, e tam sereno,  
Que mal para onde vai se determina,  
E o tom saudoso d'agua que corria  
Motivo era de amor e de alegria.

N'ella quasi inclinada se está vendo  
De uma parte a viçosa verde cana,  
Frescos salgueiros d'outra estão pendendo  
Não ha ripa de rio mais ufana :  
Rouxinoes melodia estão fazendo,  
Com que a pena maior um triste engana :  
Ave triste não vi; nem casta rôla  
Alli gemendo seu pezar consola.

Pelo flórido esmalte mil nativas  
Fontes saúdosamente estão fervendo,  
Éstas de branca areia brotam vivas,  
Aquellas viva pedra vêm rompendo ;

Quaes de pequenos montes fugitivas  
Com ligeira corrente vão descendo ,  
Quaes vêem per canos de artificio vário  
Em figuras de jaspe ou marmor Pario.

Em jaspe se levanta uma figura ,  
Á similhaça d'árvore crescida ,  
A cortiça per cima , aspera e dura ,  
Direita em tronco , em ramos estendida :  
No ventre se lhe mostra uma abertura ,  
Per ella sai uma criança á vida ;  
Bem conhecêra logo o que advertira  
Ser a péllice e filha de Cynira.

Em marmor Pario figurado estava  
O moço Hermaphrodito , em cabo lindo ,  
Que por seu mal na fonte se banhava ,  
Quanto a nympha appetitece descobrindo :  
Elle seguramente se mostrava ,  
Ella do doce furto se está rindo ,  
E ja mettida n'agua , e desprezada  
Com elle n' um so corpo é transformada.

N' outro lanço igualmente parecia  
Amor em várias fórmãs retratado ,  
N' uma c'um veo os olhos encubria  
Minino e velho ja representado ;  
N'outra tambem dous rostos dividia ,  
Um alegre , outro em lagrymas banhado ,

Um braço curto tem , outro estendido ,  
Por manjar gosta um coração partido.

Eu pensando comigo extremo tanto ,  
De que nunca noticia e fama tive ,  
Os passos suspendi parado , e em quanto  
Todos a mi chegavam , me detive :  
Foi causa principal de meu espanto ,  
Ver como em tal lugar gente não vive ,  
E como estão as cousas tanto ao vivo ,  
Que com ellas não possa o tempo esquivo.

Não sei , disse , que cuide e que imagine  
De cousa para mim tam nova e rara ,  
Tendo tantas razões a que me incline  
Para as difficuldades que declara :  
Se ser natural ilha determine ,  
Quem gosa ésta estranheza? quem prepara  
Éstas figuras , e o jardim cultiva?  
Éstas fontes apura , e agua deriva?

Se phantastica e van , para que intento ,  
Que ou ha de ser do inferno , ou do ceo traça?  
O ceo não faz igual contentamento ,  
Com este o inferno so pouco embaraça :  
Não falta quem me solte o pensamento ,  
E facilmente a dúvida desfaça ,  
Que sitio póde ser sempre encuberto ,  
E a gente que o habita estará perto.

Eis que subitamente se levantam  
Das sombras deleitosas nymphas bellas ,  
Que tanto derepente nos espantam ,  
Que ficamos pendendo á vista d'ellas :  
Os corações nos peitos se quebrantam ,  
Tornam-se ao rosto as côres amarellas ,  
Os corpos tremem ; tanto obriga e agrada  
Uma belleza tal posta em cilada.

Quaes se nos mostram sem alheio ornato ,  
N'aquelle natural adôrno e graça ,  
Que fez a natureza , por mais grato  
Que quanto a industria humana inventa e traça ;  
N'aquelle primo e singular retrato ,  
Que paraque nas côres satisfaça ,  
Á purpura as roubou e a branca neve ,  
Do fino anil as linhas azuis teve.

Quaes com mais artificio se apresentam ,  
Por se accender de amor mais o cuidado ,  
E um fino veo de branca seda inventam  
Sôbre o crystal quasi ao desdem lançado ,  
Emcima do hombro esquerdo o alli assentam ,  
Per baixo do direito vem tomado ,  
Porque tenham que ver quando desejam ,  
Que desejar os olhos , quando vejam.

Quaes por garbo melhor , e honesto asseio ,  
(Que é n'isto grande embuste a differença)

Sôlto das nuves d'ouro o grato enleio ,  
Cahir as deixam sem remate e trença :  
Abertas vão a partes pelo meio  
Co'a viração que as tracta sem offensa ,  
Descubriendo e cubrindo junctamente ,  
Um bem presente agora , agora ausente.....

Logo em varios deleites occuparam ,  
Assim os passos como o pensamento ;  
Éstas alegres jogos começaram  
D'invenção nova e d'amoroso intento :  
Umam passeam , outras se assentaram  
Em prácticas iguaes ao sentimento ,  
Outras param suspensas e cuidosas  
Co'a mão na face , mas em tudo airozas.

Outras no regosijo peregrinas ,  
Que ardia então a calorosa sesta ,  
Se vão banhar nas aguas crystallinas ,  
Com ledó movimento e alegre festa ;  
Outras das rosas , flores e boninas  
Tecem mil ramilhetes na floresta ,  
Quaes para serem bellas sôbre bellas ,  
As cabeças adornam de capellas.

Isto bastava a encher-lhe as esperanças  
De lhes rendermos alma em sacrificio ;  
Mas outras sôbre a fresca relva em danças  
Curiosas , intendem no artificio



Assi de braços , como de mudanças ,  
Quebros de corpo , fêrvido exercicio ;  
Quaes igualmente coros dividindo ,  
Os passos vão com musica seguindo.

Louvores excellentes canta um côro ,  
Do moço cego junctamente alado ,  
Que a tantos causa foi de amargo chôro ,  
Nas mãos com arco , e com aljava ao lado :  
Outro o poder da mãe e antigo foro  
Que nos peitos humanos tem ganhado ,  
E como celebrada em tempos era ,  
De Cypro , Idalio , Paphos e Cythera.

O primeiro que a vista incauto empresta ,  
Logo tras ella o coração perdido ,  
Foi Bernardo , e os affeitos manifesta  
C'um grito que de todos foi ouvido :  
Ah ! diz , quam deleitosa parte é ésta ,  
Que terreno entre todos escolhido ,  
Que aventuras , que gôso aqui se ordena ,  
A quem sente de amor a doce pena !

Feliz seja mil vezes a tormenta ,  
Causa de um bem jamais imaginado ,  
Bem dizem : que quem males exp'rimta ,  
Lhe espera um fim ditoso , e alegre estado :  
Bem se enganava o que consigo assenta  
Contra nós ter-se o inferno conjurado ,

Pois aqui nos guiou, e quando seja,  
Mais presto a paga viu do que deseja.

Igual empresa é esta, igual fortuna,  
Que a que vamos buscando incertamente,  
Por uma leve glória que importuna  
Espritos vãos á louca e cega gente:  
E pois em parte estamos opportuna  
Para doce repouso, e diferente  
De quantos ha per outras, descansemos,  
E do intento de Arzilla não curemos.

Isto dizia o nescio, e não sabia  
Cego ja c'os deleites, e offuscado,  
Que estes o inferno astuto offerencia,  
Inda por mor perigo que o passado:  
E quem n'elles emprêgo aqui fazia  
De outros maiores ha de ser privado,  
Com que Deus abeterno so convida  
A quem desprezar soube estes da vida.

N'isto arrimada a um tronco de viçosa  
Hera enlaçado, vimos que tocava  
Um laúd, uma nympha tam fermosa,  
Que entre todas as mais se avantajava;  
E c'uma voz tam branda e amorosa,  
Que os ares parecia que inflammava,  
Interrompendo a vezes a harmonia  
Do saúdoso instrumento, assi dizia:

Se a vida é breve, e o tempo avaro foje,  
Nada se leva, tudo ca nos fica,  
Quem ha tam descuidado que se enoje  
Estando a terra de prazeres rica?  
O siso é lançar mão dos gostos hoje,  
Que amanha vem a morte, e as mãos applica  
A quanto não gosou a idade verde,  
E so se então conhece o que se perde.

Em quanto ferve o sangue e o vigor dura,  
As paixões e appetites teem viveza,  
Gosemos o melhor da fermosura,  
Que deu para se dar a natureza:  
Que peito ha tam isento de brandura,  
Que não conheça o dom de uma belleza?  
Quem póde resistir a um doce e brando  
Quebrar de olhos, que as almas vai roubando?

Entre tudo o que ca no mundo agrada,  
Ésta sorte so coube á fermosura:  
Ser cousa mais querida e mais amada,  
Por quem tudo se arrisca e se aventura:  
Venus de apaixonados celebrada,  
Seu nome e fama eternizar procura;  
E com razão se fez tal conta d'ella,  
Que tudo merecia por ser bella.

Bem ouvistes o caso dos Troianos,  
(Inda hoje entre nós vive ésta memoria)

O porfiado cêrco de dez annos,  
Que deu motivo á celebrada historia:  
Os destorsos, incendios, mortes, damnos,  
Em que enfim se desfez aquella glória;  
Todo mundo revolto: e tudo ordena  
Uma amorosa pretensão de Helena.

A Corintho levae o pensamento,  
Onde o nome de Lais bem se conhece,  
Cuidado singular, commum tormento  
De quem tanta belleza olhar merece;  
O mais altivo e nobre entendimento  
A liberdade d'alma lhe offerece:  
Demosthenes o diga, em letras claro,  
Não de desejos, mas do preço avaro.

Que forte foi no mundo conhecido,  
Que foro á fermosura não pagasse?  
Tendo que por covarde fosse tido  
Se contra ella valente se mostrasse:  
Vêde Marte feroz enbravescido  
Quantos combates amorosos passe,  
E ja c'o furto deleitoso ufano,  
Não faz caso das redes de Vulcano.

Vede Hercules famoso, cujos braços,  
Que a leões ferocissimos domaram,  
E tiveram por riso os ameaços  
Das serpentes Lerneas que mataram,

De sorte nos suavissimos abraços  
Da bellissima Omphale s'euredaram ,  
Que domador de feras não parece ,  
Mas como branda cera s'enternece.

E vós a quem ventura trouxe a parte ,  
Onde os deleites ha que se desejam ,  
Bens a ôlho escolhei , que não reparte  
Avara mão , mas todos vos sobejam :  
Eu fico que d'aqui vós não aparte  
Lembrança d'outros que maiores sejam ,  
Se uma vez os gostais : que vos detendes ,  
Se quanto amar se pôde á vista tendes ?

Isto dizendo com passeio airoso ,  
Pelo sombrio bosque se escondia  
C'um fingimento e furto cautelloso ,  
Como que em parte , cara se vendia :  
Ja representa um pejo vergonhoso ,  
Ja se facilitava e promettia ,  
Se a não seguem , se pára e vai detendo ;  
E se a seguem , se apressa e vai correndo.

Ja no pé de alabastro e bella planta  
Se magôa de industria e se confrange ,  
Ora meio cahida se levanta ,  
E finge que o temor cego a constringe :  
Ja se trespassa toda , ja se espanta ,  
Como que alguém co'a mão a toca e abrange:

Que invenções e melindres semelhantes  
São feitiços das almas inconstantes.

N'isto ja perto d'ella ia Bernardo ,  
Costumado a que n'êsta empreza insista :  
O peito me passou pungente dardo  
De exemplo perigoso tanto á vista ;  
Um pensamento cego diz que tardo ;  
Outro me diz me vença e lhe resista.  
N'um mesmo instante fujo , e logo sigo ,  
Reprovo , e approvo logo meu perigo.....

Em quanto assi me vejo indifferente ,  
N'estes embates e balanços varios ,  
Olhei como se havia a minha gente ,  
Nova em conflictos tanto extraordinarios.  
Vejo em todos um pallido accidente ,  
A paixão mesma , effeitos não contrarios ,  
E notei que respeito me guardavam ,  
E meu primeiro trãnsito esperavam.

Estavamos assi quasi rendidos  
Da vista e voz suave da sereia ,  
Que a todos trastornou logo os sentidos ,  
Que o mais forte de nós mal se refreia :  
Quando tras uns suspiros e gemidos  
D'alma soltos de sentimento cheia ,  
Grandes brados alli perto soaram ,  
Que de novo outra vez nos alteraram.

Os olhos para aquella parte démos ,  
D'onde para nós vinha o tom pesado ,  
Per pouco espaço assi nos detevemos ,  
Quando chegou a nós Pedro apressado:  
Devida reverencia lhe fizemos ,  
Mas elle co' a paixão de seu cuidado ,  
O coração de zêlo ardente fragoa ,  
Rompeu n'éstas razões d'espanto e mágoa :

Filhos , como de mi vos apartastes  
Tanto sem tino para tantos damnos ?  
Que jôgo em minha ausencia experimentastes ,  
Deixando-vos levar de taes enganos ?  
Sentistes-me adormido , e me deixastes !  
O somno é pêso de cansados annos ,  
E n'elle cai o que melhor vigia ;  
Mas quem de mi se aparta mal se guia.

Podéreis trabalhar por despertar me ,  
Éstas ciladas eu as descubrira ;  
Mas inda a tempo o ceo quiz ajudar-me ,  
Que sem favores seus inda dormira :  
Uma luz nova veio alumear-me  
Do arco celeste , que vigor me inspira ,  
Vêde que sorte , vêde que ventura ,  
Um mar pequeno em mim outro affigura !

Despertei logo , e vendo as naus sem gente ,  
Os males receei que vejo agora :

Tornae, filhos, em vós, que não consente  
Em taes desejos quem a Christo adora :  
Se a vida é breve, se ligeiramente  
Corre o tempo, nem sempre ca se mora,  
Por um gôsto tam breve não se impida  
Um gôsto eterno de uma eterna vida.

E se tanto a belleza vos sugeita,  
Que sempre estraga a idade fugitiva,  
Cujo sugeito o mais curioso engeita  
Qual flor, que enxovalhou a mão esquiva.  
D'outra mais estremada e mais perfeita  
Tornae a liberdade e alma captiva,  
Amor, amor d'aquella fermosura,  
Que nunca o tempo acaba e sempre dura.

Ésta, cõmo princípio nunca teve,  
E fim por natureza desconhece,  
Tambem nunca tributo ao tempo deve,  
Por ser um ser que sempre permanece :  
Ésta so debuxando ao vivo esteve  
Tudo o que bello e grato nos parece,  
E se por ella so nos não perdemos,  
É porque menos cremos do que vemos.....

Em quanto ferve o sangue, e a verde idade  
Acha paixões com quem anda em batalha,  
Sabei vencer e usar d'êsta verdade,  
Que amanhan vem a morte, e tudo atalha :



Ninguem póde alcançar felicidade  
Se contra os appetites não trabalha ;  
E pois sem mi viestes ao perigo ,  
D'elle agora sabeí fugir comigo .

Isto dizendo , logo as costas víra ,  
Nós após elle quasi envergonhados ,  
O proprio pejo e asco nos retira  
Dos gostos vãos alli representados :  
Qual das nymphas tras nós chora e suspira ,  
Qual mil queixumes diz enamorados ;  
Mas voz , que ja soára docemente ,  
Silvo agora parece de serpente .

So Bernardo enlevado em seu deleite ,  
Indaque a Pedro lastimar-se ouvia ,  
Por um vão parecer e falso affeite  
Deixava o que melhor lhe parecia :  
Esteve duvidoso se regeite ,  
Se va seguindo nossa companhia ;  
Mas affagos e mimos lisongeiros ,  
Enganam desenganos verdadeiros .

Eu vi quasi voltar , estando attento ,  
O triste moço ja deliberado  
A dar de mão a seu contentamento ,  
Para perpétuo amargo alli provado :  
E logo , como quem segue outro intento ,  
C'os olhos para tras ficar parado ,

Que a maga Cyrce , que seu damno traça ,  
Com mágoas amorosas o embaraça.

Mas nós com pressa tal nos embarcámos ,  
Como quem de leões bravos fugia ,  
As velas sôbre os mastos levantámos  
Com branda viração que então corria :  
Não longe do logar nos apartámos ,  
(E por longe nenhum se julgaria )  
Quando o echo ouvimos de mortaes extremos ,  
E Bernardo na praia conhecemos.

« Amigos , diz , e as vozes accompanha ,  
C'os braços e contínuo movimento ,  
Como assi me deixais em terra estranha ,  
Sem mostrardes um leve sentimento ?  
Que pois minha cegueira foi tamanha ,  
Que me deixei levar de um pensamento  
Causado de uma vista , a vós convinha  
Desatardes o nó que me retinha.

Confesso que o conselho vivo , ardente ,  
Com que Pedro vos torna ao proprio centro ,  
Ás portas me bateu forçosamente  
D'est'alma triste , que cerrei per dentro :  
Mas agora que ja vejo presente  
Meu damno , em mim de novo outra vez entro ,  
Agora reconheço arrependido ,  
Porque apparencias vans andei perdido.

Bem vejo quam custosa a quem vai fóra  
De tal perigo a volta lhe seria,  
Porém julgae, se em vós piedade mora,  
Quanto esse não voltar me custaria. »  
Quiz mandar socorrê-lo sem demora,  
Quando tudo o que agora apparecia  
Tanto ao vivo, cuberto d'agua vimos,  
E com temor e espanto nos partimos.

QUEVEDO, *Afonso Africano.*

## A NOITE

SUSPENDE O ASSALTO DE ARZILLA. ZAPHYRA  
PROCURA O CORPO DE HALI NO CAMPO DA  
BATALHA.

---

E logo a noite do aposento escuro  
Sahiu , as negras azas estendendo ,  
E breves tregoa poz no assalto duro ,  
Que todos foram logo recebendo :  
Ums deixam parte do ganhado muro ,  
E livremente ao campo véem descendo ;  
Outrós em tam geral desconfiança  
Inda não creem a timida esperança.

Bem como Idalias aves , que escondidas  
Por medo do dragão que no ar sentiram  
Que anda esperando as innocentes vidas...  
Se já cahir para outra parte o viram ,  
Inda temem comtudo as homicidas  
Unhas , inda de todo não respiram ,  
E se a sahir do abrigo se aventuram  
Inda olham para tras , nem se asseguram.

Esperava Zaphyra que cubrisse  
(Triste esperança!...) a sombra grande a terra ,

Para que ella remedio descubrisse  
Á grande dor que dentro n'alma encerra ;  
Que tanto que do amante a morte visse ,  
Pazes faria logo a tanta guerra  
Co'a morte sua !... E vendo a noite , chama  
Záyda sempre a seus gostos util ama.

E diz-lhe que quer ver a sepultura  
De seu esposo... E logo determina :  
A furto sai , e ao campo se aventura ,  
Na feição , traje , modo peregrina :  
Com a mesma miseria se assegura ,  
Que ésta a vezes melhor o ânimo affina ,  
E como tem o maior bem perdido ,  
Que perda ha na qual possa ter sentido !

Depois que la se viu co'a morta gente ,  
Uma tocha accendeu de que se ajuda ;  
Começa a revolvê-la diligente ,  
E d'um lado par' outro a vira e muda...  
Inda a muitos doer-se e gemer sente ;  
Algum diz que lhe valha e que lhe acuda...  
Mas ella passa avante , té que a sorte  
A poz juncto da sua amada morte.

Não conheceu... Mas ao passar diante ,  
Parece que per ella alguém puxava.  
Logo se perturbou no mesmo instante ,  
Sem mais podêr mudar-se d'onde estava...

Fez volta , e acha passado o caro amante  
 Per um troço de lança que apontava ;  
 Sôbr'elle se lançou ; e muda abraça  
 Esse tronco... par'ella inda com graça.

E logo em ternas lagrymas banhada ,  
 C'um suspiro que d'alma arrancou triste ,  
 N'estes queixumes sólta a voz cansada ,  
 Que cansado a seu mal o sprito assiste :  
 « Ésta era , Hali ! ésta era a desejada  
 Hora em que tam entregue consentiste ,  
 Quando ser meu esposo promettias ?  
 Éstas eram as vodaãs e alegrias ?...

N'isto parou aquelle amor perfeito ?  
 N'isto aquella esperança que me davas ?  
 Tudo vejo per terra já desfeito ,  
 Salvo a fe a que vivo me obrigavas !...  
 Morto te guardarei este direito ,  
 E com zêlo maior do que esperavas.  
 Mas se estás vivo , amor !... Ai que respira...  
 Despertar quer do somno em que cahira...

Somno é isto , meu bem ! não morte crua ,  
 Que ser tam atrevida não podia....  
 Possivel é que tal vida possuua ?  
 Não é ; porque ja viva não seria.  
 Vive corpo sem alma ?... Não ; da sua  
 Ésta vida que tenho dependia ?

Ah consequencia van !... Todo está frio...  
Eu sou a que me engano e desvario !

De ti posso queixar-me , doce amigo !  
Pela vida que , incauto , aventuraste ;  
Pois imaginar posso que o perigo ,  
Pelo em que me deixavas , so buscaste !  
Em balança puzeste amor comigo ,  
E d'outra parte a glória... Mas achaste  
De mor preço e valor a glória leve ,  
Que quanto sempre amor com todos teve !

Não sei quem te moveu ( A sorte minha ! )  
Seguir as leis do rigoroso Marte ,  
Pois á brandura e partes não convinha  
Que a natureza em ti larga reparte.  
Se militar querias , tambem tinha  
O glorioso amor seu estandarte :  
Ja te disse eu , e ésta memoira encerra  
O peito : — « Sigue amor ! outros a guerra !... »

Eutre todos c'o dedo eras notado ,  
Lindos moços de Arzilla , em galhardia ;  
Polido em traje , cortezão , dotado  
De aviso , de primor e cortezia ;  
Gentil , de damas unico cuidado ,  
O sangue do melhor que Africa cria  
A verde idade a graça accrescentava ,  
Que indignamente em armas se empregava !

E se tanto porém poudes contigo  
 O desejo que so na morte pára,  
 Ao campo me leváras do inimigo;  
 Eu armado varão representára,  
 Ao lado te seguíra, e no perigo  
 Os golpes com fervor te desviára;  
 E quando desviá-los não pudera,  
 Eu propria a recebê-los me oppuzera.

E se contudo, achando-me presente  
 Ao triste e lastimoso sacrificio,  
 Cabíras morto; como, estando ausente,  
 D'esposa e amante fiel fizera officio?  
 Um leito n'estes braços differente  
 Teveras... Amoroso beneficio  
 Te fizera na chaga; eu t'a appertára,  
 E com lagrymas minhas a lavára l...

Ao menos esses olhos, que eram lume  
 D'estes cançados meus, em mim pregáras;  
 Faltando a voz, que a vezes se consume  
 Co'a pena, per acenos me falláras:  
 Podendo, últimas mandas, per costume,  
 Deras, e as minhas últimas leváras...  
 Últimas mandas minhas... não da vida,  
 Porém da morte a meu amor devida l...

Vivi contente em quanto vida teve...  
 Em quanto!, digo, amor, vida tevestes.



Vivi contente , que este tempo breve  
 Para tractar comvosco vós m'o déstes !  
 Mas agora é razão que a morte leve  
 Os despojos d'uma alma onde fezeistes  
 Vosso thesouro... pois levou d'essa alma  
 Os despojos a morte , em grande palma !»

N'estes queixumes pára , e por vingança ,  
 De seus cabellos corta o rico vello ,  
 E a Záyda diz : — « Co'as damas ( certa usança )  
 D'esse ornato parti , que ja foi bello !  
 Direis a cadaqual que a esperança  
 Maior é van... e pende de um cabello !  
 Mas descuidada andei ; que me detenho ,  
 Se acompanhar meu bem na morte venho ?....

Mas érro no que sigo ! que aproveita  
 Dar vozes por uma alma ?... Desconhece!...  
 Minha alma ha de ir buscá-la...

.....  
 Mas como ha de sabir ? Aqui me acceita  
 Este ferro de lança que apparece... »  
 Mais dissera... Mas ja no peito abria  
 Franco logar per onde a alma sahia. »

QUEVEDO , *Afonso Africano.*

## D. JOÃO PRIMEIRO

ELEITO E ACCLAMADO NAS CÔRTEZ  
DE COÍMBRA.

Passa Obidos alegre e bem murada ,  
Alcobaça fructifera e viçosa ,  
Leiria doce , alegre e desejada ,  
E Montemor antiga e bellicosa :  
É uma clara manhan bella e dourada  
Descobre a terra altiva e graciosa ,  
Coroadada de palmas , hera e louro ,  
Que é de Minerva e Phebo o mor thesouro.

Eis atravessa o campo tam famoso  
Que de Hercules o nome inda sustenta ,  
E as altas tórres ve que o vagaroso  
Mondego em seu remanso representa ;  
Oh quam alegre o mestre valeroso  
Da deleitosa vistà se contenta ,  
Aonde as aguas os montes e a verdura  
Menos parecem montes que pintura!

A corrente serena e graciosa ,  
Os alegres outeiros levantados ,

Os limites da praia tam formosa  
Com salgueiraes espessos assombrados,  
A cidade tam nobre e populosa  
Descubriendo do alto o rio, os prados,  
Aos olhos parecia estar diante,  
Qual no esmaltado annel claro diamante.

Com alvorôço as gentes, e alegria  
A vagarosa ponte atravessavam,  
A ver aquella illustre companhia,  
Em cuja mostra os peitos se alegravam:  
Em bandos os mininos, e em porfia  
Ante o cavallo ao mestre se ajuntavam  
Entoando contentes por seus modos:  
Viva o nosso bom rei! cantando todos.

Elle suspenso, os seus alvoroçados,  
Manda chamar do reino os seus maiores,  
Condes, bispos, abbades e letrados,  
E dos povos communs procuradores;  
E inda que em parecer muito apartados,  
Rostos e corações de varias côres,  
Intentos e tenções de muitas sortes,  
Sôbre elegerem rei fizerão côrtes.

Com grandes alegrias recebido  
Como depois em grande extremo amado,  
Per eleição dos povos escolhido  
Pelos grandes do reino levantado,

De mestre em rei , João foi convertido ,  
Pelos homens pedido e per Deus dado ,  
Cujó nome immortal , cuja memoria ,  
Não póde escurecer nenhuma historia.

Ja do cargo real mais cuidadoso ,  
Porque seu reino e nome se sustente ,  
Faz condestabre o forte e valeroso  
Dom Nuno Alvres Pereira em continente.  
Menos se altera o capitão famoso  
Do que se alegra a Lusitana gente ,  
De ver o pêso e ser de toda a guerra  
N'aquelle zelador da patria terra.

R. LOBO, *Condestabre.*

## NUN'ALV'RES PEREIRA

NO SEIO DE SUA FAMILIA.

Alviçaras lhe pede um messageiro ,  
Antes de entrar n'aquella terra altiva ,  
Que o nome do logar tomou primeiro  
D'onde o do patrio reino se deriva ;  
E diz com rosto alegre e prazenteiro ,  
Que a consorte leal que era captiva ,  
E a fermosa Beatriz em liberdade  
O esperam com glória na cidade....

Recebeu ésta nova o cavalleiro  
Com o coração saltando de alegria ,  
Signal d'aquelle amor tam verdadeiro  
Que no seu casto peito se escondia ;  
Promessas grandes fez ao messageiro ,  
E ja menos da empresa que trazia ,  
Que de ver taes penhores cubiçoso ,  
Lhe parece o cavallo vagaroso.

Chegou, e aquelles braços valerosos  
(Então cheios de amor e de brandura) ,  
Em apertados laços e amorosos ,  
C'os da bella consorte alli mistura ,

Cujos olhos serenos graciosos ,  
Queixosos tantos tempos da ventura ,  
De lagrymas contentes estão cheios ,  
Ja com mais alvoroços que arreceios.

A bella filha entre elles abraçada ,  
Que era dos corações doce liança ,  
Qual vide entre dous olmos enredada  
Que orna o mesmo logar aonde descança ;  
Tambem fallava alegre e aggravada ,  
Misturando entre os gostos a lembrança ,  
De antigas saúdades e queixumes ,  
De esquivanças , descuidos e ciumes.

O curto dia , a noite vagarosa ,  
As horas e os momentos recontavam  
Lianor uma ausencia tam penosa ,  
Em que tantas razões atormentavam ;  
Elle da guerra dura e trabalhosa ,  
Dos cuidados que a ésta accrescentavam  
As lembranças do bem que tinha ausente ;  
Que este é o que entre os males mais se sente.

Alli um dia e outro se deteve ,  
Que este Marte de Amor ficou vencido ,  
Estando n'este tempo doce e breve  
Das suas armas ja como esquecido ;  
E depois que a ventura viu que esteve  
Mal pago de um destérro tam comprido ,

Faz que o descanso deixe , e pela terra  
Caixas manda tocar, e ordenar guerra.

Ah gostos sempre á vida fugitivos,  
Escassos se chegais de pouca dura,  
Buscados per trabalhos excessivos,  
Achados por descuido ou por ventura;  
A quem vos ama mais sois mais esquivos,  
Captivos de quem menos vos procura,  
Mostrando claramente aos humanos,  
Que não sois para bens, mas para enganos!

Quam mal imaginava que vos tinha  
Aquelle casto peito firme, ousado,  
Que aos perigos do mar armado vinha,  
So de vossas lembranças desarmado;  
Vêde quam pouco espaço se detinha  
Esse ligeiro bem no mesmo estado,  
Que a obrigação da honra o tempo apressa  
Quando amor entre as armas se atravessa.

R. LOBO, *Condestabre.*

## BATALHA

## DE ALJUBARROTA.

C'o som medonho os montes se abalaram,  
O Tejo se turbou e o Guadiana,  
Pavorosas as serras se inclinaram,  
Tremeu a terra antiga Lusitana;  
Os cavallos de Apollo se encresparam,  
E elle negou o rosto á vista humana,  
E retumbando o echo ao vão dos montes,  
Fez responder gran' tempo os horisontes.

Torna-se o ar de settas logo escuro,  
Nuvens de negro po ao ceo subindo,  
As pedras resoando no aço duro,  
E as lanças de arremêso vão zenindo:  
Cerram-se as alas junctas, fica um muro  
De lanças campo e campo dividindo,  
Tudo em desiguaes vozes arrebenta,  
Estrondo confusão, grita e tormenta.

Foram do som horrisono espantados  
Muitos da primeira ala Lusitana



De alguns tiros aos nossos desusados,  
Que vinham na vanguarda Castelhana;  
Que até aquelles bons tempos celebrados,  
Nos não mostrava a vil malicia humana,  
Que com estrondo e fumo que faziam  
Aos nossos fôrças e armas suspendiam.

Mas ja de Nuno a rigorosa espada  
Com golpes sem medida, sem defeza  
Fazendo entre os inimigos larga estrada,  
Abre caminho á gente Portugueza;  
Valles fazendo vai de gente armada  
Com desusada e estranha fortaleza,  
Para uma e outra parte os golpes dobra,  
E atrás d'elle a vanguarda esforço cobra.

Dom João Afonso, o valeroso conde  
Que ante todos moveu com furia estranha,  
Na patria gente a fera lança esconde,  
E em gritos vem dizendo: « Viva Hespanha! »  
Da outra parte Nun'alv'res lhe responde  
Que faz tremer com golpes a campanha:  
« Portugal, Portugal » e á voz, que lança,  
Com a furia da espada se abalança.

Oh golpes n'êsta idade tam mal cridos,  
Que os montes de Colippo em echo vão  
Tiveram grande espaço repetidos,  
E o Lis, que as crespas aguas teve então:

Uns cahem té os hombros divididos ,  
D'outros partido o corpo cobre o chão ,  
Partem-se arnezes , grevas e celadas ,  
Qual se foram de massa fabricadas.

Voavam pelo ar confusamente,  
Rochas de lanças , malhas , settas duras ,  
Fáiscando das armas , reluzente ,  
Linguas de fogo palidas e escuras :  
Qual impellido vai , qual livremente  
Atropellando os corpos e armaduras  
Até parar n'aquelle estrago horrendo ,  
Que o grande dom Nun'alvr'es vai fazendo.

Nadando em sangue alheio , e carregado  
De viotes de lanças e farpões ,  
Como o leão de Lybia magoado ,  
Bramindo vai cortando os esquadrões :  
Um ribeiro de sangue corta o prado ,  
Tingem-se n'elle as plumas e pendões ,  
Lanças , braços , cabeças , pernas corta ;  
So lhe pára diante a gente morta.

Com um grande tropel de cavalleiros  
De Alcantara o mestre alli soccorre ,  
Rompendo em Nuno as lanças os guerreiros ,  
Como o mar quebra as ondas na alta tórre ,  
De um golpe a seus pés chama os dous primeiros ,  
E entre elles estirado o mestre morre ,

Partido o elmo em dous c'uma ferida ,  
Donde exhalada em sangue lança a vida.

D'estes golpes mortaes como aturdidos ,  
E da sombra luzente de aço fino ,  
Pisando corpos mortos sem sentidos ,  
Ja voltam os de atrás perdendo o tino ;  
Alli a grita , as vozes e alaridos  
Dos que guiava á morte o seu destino  
O campo , o ceo e os montes atroavam ,  
E as espadas ardentes se encontravam.

N'este tempo dom Pedro o de Vilhana  
Com a furia das gentes que trazia  
Vai rompendo a vanguarda Lusitana ;  
Para onde o Mem Rodrigues se estendia ,  
Alli se esforça a gente Castellhana ,  
Que em bando sôbre as alas recrecia ,  
Mas de um crespo furor arrebatados ,  
Se envolvem na batalha os namorados.

Mem Rodrigues ensopa a dura lança ,  
Rui Mendes , o irmão , emprega a sua ,  
Vasco Martins de Mello não descança ,  
Que elle so faz batalha fera e crua :  
Aonde do braço seu o golpe alcança ,  
Deixa o sangue banhando a carne nua ;  
E é tanta a gente armada com que intende ,  
Que nenhum golpe em balde se despende.

De ca move Antão Vasques , que batendo  
Qual javali furioso os dentes vinha ,  
«San'Jorge!» aos seus, «san'Jorge!» vem dizendo,  
E a sua espada ás outras encaminha ;  
Per lanças , per espadas vai rompendo ,  
Nenhum dos seus tras elle se detinha ,  
Para onde o valeroso e bom Pereira  
Arvora entre os imigos a bandeira.

Os valentes Inglezes , que desejam  
Mostrar de seu valor toda a bondade ,  
Com esforço immortal por nós pelejam ,  
Que bem mostram nas obras a vontade :  
Os contrarios Franceses os invejam ,  
Que , aindaque os anima e persuade  
Número desigual de armadas gentes ,  
Desmaiam vendo os poucos tam valentes.

Tinha de negro sangue feito um lago  
Que em ja defunctos corpos faz reprêza ,  
Fazendo áquella parte grande estrago  
Na gente amedrentada sem defeza ;  
Quando o mestre feroz de Santiago  
Entra com nova fôrça n'êsta empreza :  
Oh Deus ! que então se via em grande apêrto  
Nuno , que o ceo de lanças ve cuberto.

Andava o fero e Lusitano Marte  
Entre nuvens de lanças e farpões ,

Correndo a uma parte e outra parte ,  
Sustentando na vista os esquadrões ;  
Aqui e alli ferindo se reparte ,  
Iguala os cavalleiros e peões :  
Mas na confusa gente que recrece  
Ja nem aos seus guerreiros apparece.

Mas o rei portuguez , que n'ella attenta  
Em quem so tinha a patria sustentada ,  
Ante os seus animosos se apresenta  
C'uma facha na mão dura e pesada ;  
E qual o sol na furia da tormenta  
Alegra a gente nautica infiada ,  
Que sorver-se no abysmo viu mil vezes ,  
Tal o rei se mostrou aos Portuguezes.

«A elles , Lusitanos esforçados ,  
Que eu sou rei vosso, e vosso companheiro ;  
A elles ( vai dizendo em grandes brados ) :  
Vamos desenganar este estrangeiro.»  
Tras elle os Portuguezes animados  
Seguindo o seu farol tam verdadeiro ,  
As fôrças renovando , os braços movem  
Contra as gentes sem conto , que alli chovem.

Levaram com este impetu furioso  
Do campo um grande espaço os esquadrões ,  
Qual costuma no inverno rigoroso  
Romper valles o Tejo e marachões ,

Ja involtos no combate perigoso ,  
Desamparava o sangue os corações .  
Vendo aos nossos e ao rei que sem receio  
Ferindo ousadamente anda no meio .

Dom João Afonso Telo , o conde ousado ,  
Vendo os seus ja de volta e de vencida ,  
Do logar que esperou desesperado ,  
Honrando a morte certa deixa a vida ;  
Ante elle corre ja desenganado  
Outro que á morte ousado se convida  
Por não ver triumphar de aquella empreza  
O defensor da patria portugueza .

Este é dom Pedro , o fero capitão  
Por imigo da patria menos dino  
De ser do grande Nuno caro irmão ,  
Que pelo esforço seu tam peregrino ;  
O qual vendo que anima os seus em vão ,  
Porque á morte os entrega o seu destino ;  
Tendo por affrontosa a vida cara ,  
Entre os contrarios fere , e não repara .

Té que uma grossa lança assás ligeira  
Sem se ver donde fôra despedida ,  
Derriba em terra o misero Pereira ,  
Que c'o novo mestrado perde a vida .  
N'aquella fatal hora derradeira  
O viu o irmão , porém não homicida ,

E por segredo occulto ou suspeitado  
Não foi seu corpo mais no campo achado.

Alli morre dom Pedro , o de Vilhana ;  
De Santiago o mestre se retira  
Despois que seu podêr o desengana ;  
Sandoval um e outro alli suspira ;  
Desordenada a gente Castelhana ,  
Uma anteposta á outra , as costas vira ,  
De volta os nossos n'ella vão ferindo ,  
Uns san' Jorge gritando , outros fugindo.

Morre toda a nobreza de Castella  
Mui valerosamente pelejando ,  
Marechal , almirante e mestres d'ella ,  
Condes de Haro , Mayorga e Vilhalpando ,  
A flor de Hespanha valerosa e bella.  
Fôra termo infinito ir recontando  
Os que por conquistar a terra estranha  
Deixaram ; o melhor de toda Hespanha !

Os contrarios ginetes , que occorriam  
Á retaguarda ja desemparada ,  
Contra os nossos com ira arremetiam ,  
Que eram gente plebea e desarmada ,  
E indaque ousadamente a defendiam  
Pedem soccorro em voz desconcertada.  
O rei voltando o rosto áquella banda  
A soccorrer-lhe o condestabre manda.

Nuno movendo o passo , vagaroso  
C'o o gran' pêsso das armas magoadas ,  
Tintas no sangue alheio cubiçoso ,  
E de farpões e settas semeadas ,  
Ja guiando ao passo perigoso ,  
Empeçando nas lanças derramadas ;  
Qual o touro feroz agarrochado ,  
No campo , aonde correu , desamparado.

E porque ve que á pressa vai tardando ,  
Esforça a voz e o passo ; porém n'isto  
Passou per juncto alli galopeando ,  
O commendador mor da cruz de Christo ;  
Pero Botelho illustre e venerando ,  
Que o perigo dos nossos tinha visto ,  
Chama ao Pereira , do cavallo dece ,  
E pela redea o leva , e lh'o offerece.

A cortezan offerta lhe recusa  
O capitão famoso ; e o Botelho  
Vendo que nem o acceita , nem o escusa ,  
Per fôrça , cortezia e per conselho  
O faz encavalgar sem outra escusa ;  
E o que é de cortezia claro espelho  
Parte corrido en ver que aquelle o vença  
No em que elle a tantos fez mais differença.

Oh famosa bondade , oh cortezia ,  
So dina de altos homens valerosos ,



Que em outro peito illustre não cabia ;  
Aonde houvesse desejos invejosos !  
A pé fica o Botelho , que podia  
Assim fazer inveja aos mais famosos ,  
Porque outro cavalleiro a tempo accuda  
Aos que gritando pedem sua ajuda.

«Que é isto (entra dizendo o destemido )  
Valerosos soldados Lusitanos ?  
Voltae ; que o campo temos ja vencido ;  
Dêmos fim a estes poucos Castelhanos. »  
Logo um juncto a seus pés deixou partido ,  
E aos outros mostra esquivos desenganos ;  
E aos que vencidos ja voltavam costas  
Cortam com golpes feros e repostas.

Qual o destro sabujo encarniçado  
No javali cruel que está grunhindo ,  
Os que á vista até'li lhe andam ladrando ,  
E a qualquer fucinhada vão fugindo ,  
Ja de uma parte e outra vão pegando ,  
Os dentes entre as cerdas imprimindo  
E por instincto proprio o sangue bebem ,  
Sem sentir as feridas que recebem.

D'êsta maneira os nossos se misturam  
Atrás do capitão , que fere e brada ;  
Porém ja muito pouco os golpes duram ,  
Que os imigos lhe fazem larga estrada ;

Feridas dando vai que não se curam ,  
Nuno que não descança a sua espada :  
E , com a gente imiga que se espalha ,  
Se declara á victoria da batalha.

O castelhano rei , pallido e triste ,  
Vendo a sua bandeira estar por terra ,  
E que é ja pouca a gente que resiste ,  
E muita a que fugindo os passos erra ,  
Mortos os capitães em que consiste  
O reparo da gente e fim da guerra ,  
Animo , sangue , falla e côr perdida ,  
N'um ligeiro cavallo salva a vida.

Per campinas , per montes e espessura ,  
D'alguns dos seus somente acompanhado ,  
Pela sombra da noite negra escura ,  
C'o rosto baixo , triste e descorado  
Vai chorando o successo sem ventura ,  
De Hespanha largos annos lamentado ,  
Convertendo-se em penas e em receio  
O magpanimo esfôrço com que veio.

Quam pouco monta a fraca fôrça humana ,  
Se o podêr lhe não vem da mão divina ,  
Como se esforça en vão , como se engana  
Quem sem favor do ceo se determina !  
A gente mais suberba e mas ufana  
Mais perto está do estrago e da ruína ;

Que quando Deus contra ella uma hora inspira,  
Tem o sol, abre o mar, e as settas víra.

Quanto, ó poucos e ousados Portuguezes,  
Agora mais ingratos e esquecidos,  
Deveis ao justo ceo que tantas vezes  
Fostes d'elle em batalhas soccorridos!  
Quantos sceptros, pendões, lanças e arnezes  
Por ella a vossos pés vistes rendidos,  
Vencendo a multidão barbara estranha;  
Que hoje contado alguns teem por patranha.

Viram de Ourique os campos celebrados  
O barbarico número estrangeiro,  
E depois na victoria estar prostrados  
Cinco reis infieis ao rei primeiro;  
Quando entre o temor vão de seus soldados  
Viu o rei Portuguez ao verdadeiro  
Rei que as armas lhe deu sanctas, divinas,  
Que aos trinta dinheiros teem nas Quinas.

Viu la n'aquella idade o Tejo ameno  
Seus campos d'outra côr sanguinea, triste:  
E tu que do impio sangue sarraceno  
Tingir-se, ó Santarem, teu muro viste  
Quando um podêr de gentes tam pequeno,  
Com tanta fe no ceo se arma e resiste  
Contra número immenso de infieis,  
Vencendo o rei cercado a treze reis.

Viu o Mondego , o Tejo , o Guadiana  
Ouviram serra e montes d'arredor  
Contra a furia da gente mahometana  
Dom Gonçalo de Maya , o *lidador* ,  
Na idade que ja a vida desengana ,  
De dous reis tam potentes vencedor ,  
Mostrando o ceo que as fôrças que lhe dera  
Ninguem sem valor seu vencer podéra.

Não valeram ao rei famoso Hispano  
Armas , gentes , e esquadras desiguaes  
Contra o valor do forte Lusitano ,  
Que em Deus , que so tem tudo , tinha o mais.  
Desbaratado foge o menor çamno  
E entre humidos suspiros tristes ais  
Volta os olhos atrás para o que deixa ,  
De si , dos seus , da sorte em vão se queixa.

Eis quando á redea sôlta um cavalleiro ,  
Tintas em sangue as armas aboladas ,  
Sem lança , sem pendão , sem companheiro ,  
A sobrevista e plumas derribadas ,  
Passa entre os seus , qual raio que ligeiro  
Per entre as nuvens corta descuidadas ,  
Do rei afferra , e com medonho aballo  
Com elle traz a terra o bom cavallo.

Com nova furia a gente amedrentada  
Em favor de seu rei , n'um pensamento

Cercam ao que levando a forte espada  
Segue seu temerario atrevimento :  
Porém a multidão da gente armada  
Golpes , lanças , virotes cento a cento ,  
Morto o cavallo , o trazem vivo a terra  
Aonde de novo intenta fera guerra.

Dando medonhos golpes não descança ,  
Couraças , malha e corpos dividia ,  
E sem curar da vida ou da esperança ,  
Honrar somente a morte pretendia.  
A gente encarniçada na vingança  
Uma sôbre outra em golpes recrescia ,  
Até que , o sangue , alento e côr perdida ,  
Com temor de tal corpo foge a vida.

Alli morto estirado e palpitando  
Aonde o sangue em borbulhas se derrama ,  
A temor fica os vivos obrigando ,  
E a eterna lembrança a vaga fama ,  
Quando a caso um peão desenlaçando  
O elmo ja partido , os outros chama ;  
Manda o rei ( que inda o teme ) conhecê-lo ;  
Vasco Martins , o bravo , era de Mello.

Fizera este atrevido um juramento  
Digno d'aquelle espirito temerario  
De prender no combate ( fero intento ! )  
Ou pôr ao menos mãos no rei contrario ,

E depois da batalha e vencimento ,  
Em que um valor mostrou transordinario ,  
Não encontrando o rei , ousado e forte  
O vem buscar , e n'elle a propria morte.

Alli espanta a fama quando a vida  
Entre inimigas lanças despediu  
Por cousa tam vanmente promettida ,  
Que a preço tam custoso se cumpria.  
Segue o rei o caminho , que o convida  
O receio do encontro que alli viu :  
E em quanto triste vai , como apressado ,  
O campo vamos ver desbaratado.

Cansado de ferir , e a facha dura  
Ja de sanguinea côr , e as armas fortes  
Manchadas de mortifera pintura ,  
C'o triumpho immortal de tantas mortes  
O Lusitano rei sôbre a verdura  
Descansa , e d'alli olha as várias sortes  
Dos mortos pelo campo , e menos vivos ,  
E dos que entre os soldados vão captivos.

De longe vem para elle o gran' Pereira  
Que com passo quieto e vagaroso  
Ao ceo levanta as mãos , alça a viseira  
Grato , humilde , contente , victorioso.  
Eis do contrario rei mostra a bandeira  
Antão Vasques de Almada , o valeroso ,

Vestido sôbre as armas vem com ella :  
O rei e o condestabre se ergue a ve-la.

Ambos com natural contentamento ,  
E Antão Vaz dando saltos de alegria  
Faziam mais formoso o vencimento ,  
Que assim per todo o campo se estendia ;  
Mas , porque se converte em desattento  
Mil vezes o prazer na phantasia ,  
Tocar trombeta manda o condestabre  
Quando Thetis ao sol ja as portas abre.

Cavalga levemente , e vai seguindo  
Com mui grande tropel de gente armada  
As gentes que espalhadas vão fugindo  
Per charneca , montanha , campo , estrada ,  
Per toda a parte terra descobrindo  
De vencidos guerreiros semeada ,  
Té o logar que agora a fama nota  
C'o nome da batalha , Aljubarrota.

Aonde dos ja vencidos Castelhanos  
Muitos , fugindo á morte , pereceram  
Entre pastores rudos e serranos ,  
Que antes do condestabre os receberam.  
Que os que por menos annos ou mais annos  
Logar para a batalha não tiveram  
E as mulheres armadas livremente  
Matavam nas estradas muita gente.

Inda é do vulgar povo engrandecida  
A forneira valente e celebrada  
Que com a pa tirou a sete a vida ,  
Que a deviam trazer mui mal guardada.  
Quem não acabará gente vencida  
Se contra ella a pa serve de espada !  
Celebre-se a mulher , louve-se a terra  
Aonde se fez com pas tam fina guerra.

A noite vinha os ceos escurecendo ,  
O sol ja se escondia atrás dos montes ,  
Iam-se as nuvens brancas desfazendo ,  
Coravam-se de roxo os horizontes ,  
Iam-se as feras e aves recolhendo ,  
Soavam ja ao longe as claras fontes ,  
Quando do largo alcance , que seguira ,  
C'os seus o condestabre se retira.

O Lusitano rei , que assim tomára  
Um ligeiro cavallo da outra parte  
Quando d'elle o Pereira se apartára ,  
No campo representa um novo Marte ;  
Os fugitivos segue , os seus repara  
Com destreza , prudencia , aviso e arte ,  
E entre a gente contrária ja sem guia  
Um cavalleiro viu que a pé fugia :

Sem elmo , e o arnez ja destroçado ,  
O escudo em mil partes dividido ,



Que pela cruz com que ia atravessado  
Foi do rei valeroso conhecido:  
« Diogo Alvares Pereira », em alto brado  
« Não fujaes « lhe bradava » sem sentido ,  
Que agora amigo em mim tereis , melhor  
Do que vós ja me fostes servidor. »

Voltou atrás o rosto o cavalleiro  
De po , sangue e suor cuberto e cheio ,  
E vendo o rei piedoso e verdadeiro ,  
Inda que com vergonha e com receio  
Confessando o seu erro de primeiro ,  
Cruzando os fortes braços , se lhe veio  
E com o sangue e lagrymas nos olhos  
Perdão lhe está pedindo de giolhos.

Alli o deixa o rei n'aquella estancia ,  
Na guarda dos peões , feros soldados ,  
Entre presos de menos importancia ,  
Que o mesmo rei lhes tinha encommendados ,  
E em quanto com destreza e vigilancia  
Recolhe os seus guerreiros espalhados ,  
Os barbaros peões sem mais respeito  
Provam a furia vil contra um sujeito.

Que em o vendo entre si sem resistencia ,  
E ausente o rei tam forte como humano ,  
Dão a seu erro antigo penitencia  
Polo signal que tinha castelhano :

Com uma sem-razão , fera inclemencia  
Foi morto a lanças vis o Lusitano  
Que com espada , lança e braço forte  
A tantos na batalha dera a morte.

O campo recolhido sabiamente ,  
Voltando dom Nun'alv' res com gran' preza ,  
Cansado do trabalho , mas contente  
O sol da patria terra portugueza ,  
No arraial põe guardas diligente ,  
Fazendo contra a sorte fortaleza ,  
Que mil vezes mudavel vira o rosto  
Em tragedia trocando o maior gôsto.

Alli c'os passatempos costumados  
Tres dias teve o rei de grande glória ,  
Dividindo os despojos aos soldados ,  
E gosando os descansos da victoria.  
N'aquelles largos campos celebrados ,  
A que hoje inda engrandece ésta memoria ,  
E aonde o caminhante alegre e ledô  
Apontando os logares vai c'o dedo.

R. LOBO , *Condestabre.*

## HELENA

DESPOIS DA DESTRUICÃO DE TROIA.

Arde a Neptunia Troia ja rendida  
Ao cavallo fatal e grega espada ,  
Em cinza , em fumo , em sombra convertida ,  
Que a glória humana é fumo, é sombra, é nada :  
Ja tractavam os Gregos da partida ,  
Carregando o despôjo á grande armada :  
E entre tam rica e soberana preza  
Era a formosa Helena a mor riqueza.

Ja co'a causa e desculpa do troiano  
Excidio que na cinza inda fumava ,  
Soltando a redea ás naus , o soberano  
Agamenon as âncoras levava :  
Da negra antena despregando o panno ,  
Que indo prenhe do vento que soprava ,  
O porto deixa , o alto mar cortando ;  
Vão-se as praias e os montes affastando.

O destrôço fatal de Troia viam  
Das naus que o Hellesponto atravessavam.

Os Gregos, quando a vista suspendiam  
Nas terras que ja apenas divisavam.  
So nas partes mais altas pareciam  
Uns vestigios das tórres que ficavam,  
Adonde a vista o mais que determina  
É medir a grandeza co'a ruina.

Amphiteatros, máchinas e muros  
Pyramides, colossos levantados,  
Obeliscos que mostram star seguros  
Contra a fôrça dos tempos e dos fados,  
Jazem sem fama em cinza vil, escuros,  
Das idades por fabula postrados;  
Que o tempo os bronzes e columnas parte,  
E os podéres da morte iguala Marte.

De bandeiras e flamulas ornaram  
A victoriosa armada que partia;  
E as proas para Ténedo inclinaram,  
Que um bosque sôbre as ondas parecia:  
Que alli vão despedir-se concertaram,  
Onde a áncora pesada o sal feria;  
Sôbre ella quando o fere, se dilata  
O mar azul em circulos de prata.

Ambos de Atreu os filhos valerosos  
(Antes que um va a Esparta, outro a Missena)  
Queriam despedir-se, desejosos  
Que alli possa alegrar-se a bella Helena:

Com elles sai ao campo , e os seus fermosos  
Olhos , de que reparte glória e pena  
Amor que assaltear d'elles aprende ,  
Pelo flórido campo e praia estende.

De ve-la o mesmo ceo se namorava ,  
E o ar no do seu rosto se accendia ,  
O mar, quando ella as conchas lhe furtava ,  
Parece que a beijar-lhe os pés corria.  
Quem as divinas graças que mostrava ,  
Contar quizer, mais facil lhe sería  
Contar as flores do lascivo maio ,  
E do sol os cabellos raio a raio.

Pela testa sem ordem desparzido  
Sólto o cabelo voa livremente ,  
Onde sai a aqueixar-se de opprimido  
De uma cinta de pedras refulgente.  
No hombro soa o arco do brunido  
Marfim ; no lado a aljava está pendente :  
Com menos graça ao bosque entrar costuma  
A bella deusa que nasceu da escuma.

G. P. DE CASTRO , *Ulyssea*.

## COMBATE

## DE ACHILES E HEITOR.

Entre o rigor das armas retirado  
Comsigo Achilles so considerava  
As mortes com que cobre Marte irado ,  
As praias que c'o sangue o Xanto lava :  
Ou porque de Briseida privado  
Agamenon o tem , que mais amava ,  
Ou porque se entretem na doce pena  
Que a vista lhe causou de Policena.

A morte sente do fiel amigo  
Achiles , e de dor e de ira insano  
Ja deseja metter-se no perigo  
Para de sangue se fartar troiano :  
Ja desprezando estava o ocio antigo ,  
Vendo que causar póde maior damno  
Qualquer tardança ; o peito e a celada  
Adapta , ao lado cinge a forté espada.

Ja de Thethys o filho valeroso  
Junta ao carro os cavallos , que no raso

Campo levam com curso inpetuoso ,  
Balyo , Capystro e Xanto , com Pedaso ,  
O Hespero imitando temeroso  
Quando inceudido corre pelo Occaso ;  
Levando a invicta espada e braço forte  
C'o último castigo o horror da morte.

Os Troianos o vêem com grande espanto  
De fortes membros , de virtude rara ;  
E qualquer que ousa ve-lo o teme tanto  
Que o campo e proprias armas desempara.  
Mudada leva a côr o claro Xanto  
De muito sangue , e impedido pára  
Dos que a morte da espada não quizeram  
E nadando nas ondas a beberam.

Como a langosta sordida passando  
Um lago , ou rio , de voar cansada  
Uma sobre outra morre , e vai formando  
Para a que vem detrás segura estrada :  
Assi os Troianos , por fugir nadando  
De Achilles , que os seguia , a forte espada ,  
Entravam no Escamandro , e na corrente  
Uns morrem , outros passam junctamente.

Nas veias congelado o medo frio ,  
As armas os Troiauos recusavam ,  
Esquecido o valor e antigo brio ,  
Para salvar a vida as costas davam.

Heitor Achilles chama a desafio :  
Um contra o outro as lanças arrojavam ,  
Achiles , Marte grego , e da outra parte  
O valeroso Heitor , troiano Marte.

Erguia Heitor o braço d'onde a lança  
( Que era uma faia ) despedida dece ,  
Que , ameaçando tudo quando alcança ,  
Raio na mão de Jupiter parece ,  
Cortando os ares vem , té que descança  
No escudo , com que Achilles se offerece  
Ao golpe : a lança fere , e não podendo  
Passar, do que fizera está tremendo.

De Heitor , o grego , o peito rutilante  
Reconhece que a Pátroclo vestira ;  
Embravece co' a dor de o ver diante ,  
E da vista arrojava raios de ira :  
A um tigre ferido semelhante  
Que a vária pelle eriça e fogo espira ,  
Quando do silvo ou setta provocado  
Nas lanças entra de fereza armado.

Na mão a grossa lança sopesando  
Todo en corage e em furor se accende ,  
Que do escudo uma parte penetrando  
Ja n'elle presa inutilmente pende :  
As espadas nos punhos apertando  
Cadaqual desce , a seu contrário attende ,



Que topar-se vieram fronte a fronte ,  
Qual se um monte topára n'outro monte.

Nem quando impera Jove soberano ,  
Com tal furor os Cyclopes valentes  
Nas negras ferrarias de Vulcano  
Lhe forjam raios lucidos e ardentes ,  
Como o capitão grego e o troiano  
As espadas levantam refulgentes ,  
Ferindo os elmos onde tremolavam  
As plumas , de que o campo semeavam.

Qual dous leões famintos sôbre a preza  
Do veado que morto teem diante ,  
Cheia a boca de sangue e de braveza ,  
Cada qual mais cruel , mais arrogante ,  
A esura vista em puro fogo accesa ,  
Dando um rugido e outro penetrante ,  
Se abraçam , rasgam , té que o mais ferido  
Sem descobrir fraqueza , cai rendido.

Assi os monstros da guerra arremetiam ;  
Do alto abaixo olhando se buscavam  
N'uma parte apontavam , outra feriam ,  
E as mais vezes o golpe executavam.  
Agora as armas com engano abriam ,  
E n'ellas junctamente se serravam ,  
Tentando-se per uma e outra parte ,  
Oppondo a arte á fôrça , e a fôrça á arte.

Próva o valente Heitor toda a destreza ,  
Que em vão ferir Achilles pretendia ;  
Acha n'ella , e nas armas a defeza ,  
Que a toda espada e fôrças resistia :  
Bem como a ignea pedra ardente accessa  
Dos golpes do fuzil , ja o ar se via  
Das ardentes faiscas abrazado ,  
Que resurtem do escudo temperado.

Heitor a fria morte ve defronte ,  
Que na espada inimiga anda escondida ;  
Em negro sangue de uma e d'outra fonte  
Vai pouco a pouco destilando a vida ;  
A armadura mais forte que fez Bronte  
Per mil partes estava dividida ;  
O apêrto a que a vida é ja chegada ,  
Com mil bocas o diz a propria espada.

Conhece-se ferido , e que o fervente  
Sangue ja as fortes armas lhe banhava ;  
Contra Achilles corria impaciente ,  
Que a vida e o perigo desprezava ,  
Gyrava a um lado e a outro a espada ardente ,  
Co'a voz , que sólta , aos montes abalava ,  
Que um trovão parecia a voz pesada  
Tras elle um raio o fulminar da espada.

Sentia a coxa esquerda mal ferida ,  
O escudo lança atrás , a espada afferra ,

Que sôbre Achilles cai grave e temida ,  
Com que ambos os gíolhos poz per terra.  
Bravo se ergue da affronta recebida  
Aperta os dentes , co'inimigo serra ,  
Nos braços o levanta , e entre os braços  
Se dão ambos durissimos abraços.

Nem da setta belligera feridos  
O usso fero ou javali arrogante  
Fazem soar tam grave a seus bramidos  
A grutta ou a caverna mais distante ,  
Con quanta fôrça os capitães temidos  
Para affrontarse os peitos poem diante ;  
A seus brados os montes responderam ,  
E feridos da planta estremeceram.

Como se Péleo e Olympo se topassem  
De duras rochas fronte e peito armados  
E na tosca aspereza se abraçassem  
C'os braços de seus troncos carregados ,  
E em fontes , de apertados , rebentassem:  
Assi estes vivos montes abraçados  
Se apertam ; onde Heitor qual vivo monte.  
Brotava sangue de uma e d'outra fonte.

Importa-lhe ajudar-se de destreza  
Na palestra em que o corpo exercitava ,  
Tenta co'a fôrça Achilles na fraqueza  
Das pernas que um estende , outro encurvava ,

Fazendo vacilar a fortaleza  
Das columnas que Alcides respeitava ;  
E Achilles affrontado do perigo  
A destreza temia do inimigo.

O braço cada qual irado estende ,  
E c'ó inimigo se ata em laço estreito ;  
Uma vez se soltava , outra se prende  
Torcendo os braços , chegam peito a peito ;  
No ar o grego o grande Heitor suspende  
Depois que várias próvas teve feito ,  
Grande parte do campo assim descorre...

.....

De não vencer corrido e affrontado ,  
O corpo robustissimo cingia ,  
E o grave péso n'um e n'outro lado  
Vacillando mostrava que cahia ;  
Porém todo pendente e reclinado ,  
Com novo esfôrço e nova valentia  
Em pé ficava , quando a terra inclina  
Depois de ameaçar fatal ruína.

Como Antheon o duro Heitor ficava  
Depois de ter tocada a amiga terra ,  
De novas forças e vigor se armava  
Para seguir a começada guerra :  
Maravillado Achilles se mostrava  
Vendo o valor que no alto peito encerra ;

Que seu grande vigor o desengana  
Que não é seu esforço cousa humana.

Viu começar o sol este duelo,  
E ja então inclinava a luz phebeia ;  
Sem sangue se acha Heitor , que de perdê-lo  
Roixa tornada tinha a branca areia :  
Achiles que na mão tinha o cabelle  
De que a fortuna a escura fronte arreia ,  
Bravo e furioso instava , com intento  
Que não tomasse Heitor um breve alento.

Achiles , que se ve mais alentado  
Estreitamente aperta Heitor comsigo ,  
Mette o gíolho esquerdo ao dextro lado  
Carregando nos peitos do inimigo ,  
Que sem podêr suster-se , cai forçado  
Sem descuidar-se em seu valor antigo ,  
Que nos braços o aperta tam vehemente  
Que ambos a terra medem junctamente.

Heitor , a quem o peito a dura lima  
Da dor grave em mil partes dividia ,  
Tendo de Achilles o gran' péso em cima ,  
A quem ja contrastar tam mal podia ,  
Mostrando que inda assim menos o estima ,  
D'um lado n'outro o corpo revolvía ,  
Que sem temer contrário tam temido ,  
Vencido , quer não parecer vencido.

Ve no ar levantado o braço forte ,  
E apertado um punhal na dextra erguida ,  
Do alto ao rosto ve descer a morte  
Indo esconder-se o ferro na ferida :  
Gosando Achiles mais ditosa sorte ,  
Os laços corta d' ésta illustre vida ,  
Tendo outra vez no ar a adaga fera  
Como que a alma por feri-la espera.

Triumphha a morte e Marte do arrogante  
Despôjo que no campo se estendia :  
A espada jaz , e o escudo rutilante  
Que Grecia toda com razão temia ;  
O Ilion poderoso e triumphante  
N'elle a glória contempla que perdia ,  
Cuja alta fama quando o ceo tocava  
N' ésta viva columna descançava.

Achiles vencedor quasi vencido  
O escudo embraça , que ja mal sustenta :  
Toma a espada das fôrças impedido ,  
E a planta move vagarosa e lenta ,  
De cançado dos golpes e opprimido :  
Estar com pouca fôrça representa  
E com tremante passo , a mão pesada  
Vai fazendo bordão da propria espada.

G. P. DE CASTRO , *Ulysses*.

## CALYPSO E ULYSSES.

Abrindo vinha o ceo nocturno e frio  
Do rei da luz a bella embaixadora  
E mudando em aljofar o rocio ,  
Urnas de ouro derrama a roixa Aurora :  
A branda testa as perolas em fio  
Toucavam , com que mais ao sol namora ,  
E com o veo das nuvens que a cercava  
Do rosto as frias gottas enxugava.

Festejando a princeza do Oriente ,  
Que sai as nuvens lucidas pizando ,  
Os filhos do ar com penna diligente ,  
Vinham o ceo e a terra namorando ;  
Que com farpada lingua docemente  
Não aprendida musica espalhando ,  
Quando nas leves azas se levantam  
A alma suspendem , e o sentido encantam.

Tras d'ella os abrazados horizontes  
Com ardente pincel o sol bordava ,  
E a altiva testa dos suberbos montes  
De raios de ouro e prata coroava :

As plantas, rios, flores, prados, fontes,  
Cadaum com lingua muda ao sol fallava,  
Como que agradecia a gran' belleza,  
Com que enfeitava o sol a natureza.

Mostrava a terra verde as bellas flores  
Vestidas com tal graça e alegria  
De mais finas e mais suaves côres,  
Que estar-se rindo o prado parecia:  
O vento c'os primeiros resplandores  
Entre as folhas calado então dormia,  
E as fontes, que passando murmuravam,  
A suave repouso convidavam.

Sai Górgoris dos seus acompanhado  
Para onde o forte Ulysses o esperava;  
Que corre a recebê-lo alvoroçado,  
A quem no rosto o coração mostrava:  
Porque o monte é de feras povoado,  
Por alegrar a Ulysses ordenava  
Uma caça real e montaria,  
Com que fatigue a selva, e gaste o dia.

Ja de atavios ricos adornadas  
As eguas remendadas se apercebem  
Que no campo do Tejo são criadas,  
Seus fenos pacem, suas correntes bebem:  
Que de Boreas e de Euro cubiçadas  
De seu fecundo espirito concebem,



Dando aos fillos por este nascimento  
A ligeireza do paterno vento.

Górgoris para a caça apercebido  
Das insignias do campo se guarnece ;  
Carrega ao hombro , de ouro arco brunido ,  
E a aljava rica sôbre o lado dece ,  
No cordão de ouro e seda retorcido  
A esmaltada bozina resplandece ;  
Curta lança na mão que foi mais vezes  
Terror mortal dos javalis montezez.

Entre os mais um libré leva famoso ,  
Branco de negras malhas todo cheio ,  
De largos peitos , rosto portentoso ,  
Que tem a formosura em ser tam feio :  
Ja cuberto de aço luminoso ,  
Lustroso , forte e engraçado arreio ,  
No pescoço um collar que com pungentes  
Pontas affronta as feras mais valentes.

Mostra-se logo Astrea , e a formosa  
Calypso ao monte , que se alegra em ve-las ,  
Qual na noite serena e luminosa  
Se accende o claro ceo de luzes bellas :  
Ulysses , que na luz pura e ditosa  
Das duas suavissimas estrellas  
Se ve abraçar , ja de sua dor contente  
Contava á causa d'ella o mal que sente.....

Calypso o ouve , e como se envergonha ,  
Não responde , e nas faces se cubria  
De uma côr abrazada de vergonha ,  
Com que inda mais formosa parecia :  
Bebendo está suavissima peçonha  
Nas amorosas queixas que lhe ouvia :  
Quando este gôsto alegre lhe interrompem  
Bozinas , que soando os ares rompem.

As vozes dos monteiros o ar feriam ,  
Com que os echos nos montes se dobravam ;  
Presos nas trellas os librés gemiam ,  
Que a sahir e afferrarse aparelhavam.  
Ja de umá brenha altissima sahiam  
Dous javalis que o monte atravessavam ,  
De monstruosos corpos , que fugindo  
Co'as meias luas vão o mato abrindo.

Um d'elles corre o monte , não soffrendo  
Dos monteiros as vozes e o ruido ;  
Per um valle cortava discorrendo  
Onde possa escapar sem ser sentido.  
Calypso topa ; o palafrem temendo  
A brava fera , pelo monte erguido  
Corre espantado ; e Ulysses não descança  
Té nas entranhas lhe esconder a lança.

Quando tornava alegre e victorioso ,  
E Calypso buscava na espessura ,

A uma e outra parte temeroso  
Discorria com vista mal segura ,  
Cahida emfim a encontra , e do formoso  
Rosto eclipsada a viva formosura ;  
Pallido chega , que sem alma vinha  
Buscando o corpo que por alma tinha .

Com voz saudosa e de suspiros cheia  
As mãos lhe beija , e docemente chora :  
« Quiz-se fazer formosa a morte feia  
Com vossa formosura , alta senhora : »  
Lhe diz Ulysses , e da branda veia  
De uma fonte a rocia , e como aurora  
Que abre o Oriente , então Calypso abria  
O sol da vista d'onde nasce o dia .

Assim com ella entrava desmaiada  
Per uma pobre casa de pastores ,  
Onde por molle cama , e regalada  
Tem brandas pelles e punicias flores :  
Da tarde grande parte era passada  
Em saúdosas lagrymas e amores ,  
Onde mais testemunhas não se achavam ,  
Que arroios que do caso murmuravam .

Nos montes e apartados arvoredos  
Muitos nocturnos passaros voaram ,  
E nas concavidades dos penedos  
Vozes de aves infaustas se escutaram :

Sem cothurno e sem facha a estes segredos  
Assistiu Hymeneu , e não faltaram  
Gemidos de animaes que o ar abrindo  
Foram tristes agouros repetindo.

Em seus braços Calypso as horas passa ,  
Que da prizão suave se contenta.  
Um amoroso laço ambos enlaça ,  
Ambos uma alma anima , ambos sustenta :  
Na bella vista e peregrina graça  
Em quanto elle seus olhos apacenta ,  
Practicando co'a alma a alma estava ,  
E o coração c'o coração fallava.

G. P. DE CASTRO , *Ulysses*.

## CALYPSO

## ABANDONADA DE ULYSSES.

Calypso em tanto a Ulysses victorioso  
Com seu filho nos braços se off'recia,  
Qual depois da tormenta o sol formoso  
Traz nos braços da aurora o novo dia.  
N'elles a espera Ulysses amoroso,  
E um retrato da mãe no filho via:  
Menos graça que os dous alli tivera  
C'o bello filho a deusa de Cythera.

Da cidade a muralha levantada  
Vai-se aperfeiçoando e vai crescendo;  
A que o Tejo com veia socegada  
Obedece, mais brando alli correndo:  
Sóbre uma e outra porta torreada  
Vão ameias ás nuvens excedendo.  
Quer Ulysses partir-se, e se recrea  
Em trabalhar nos muros de Ulyssea.

Calypso que o suspeita, tristemente  
De visões e de sonhos perseguida,

Em lagrymas destila a dor que sente  
Qual cai da serra a neve derretida.....

Vendo Ulysses que o muro se acabava ,  
E o tempo de partir se vem chegando ,  
As saudades c'os olhos lhe contava ,  
Da sua grave dor effeito brando.  
Qual Vesuvio seu peito se abrazava  
Com suspiros os ares inflammando ;  
Falla a Calypso , e mal fallar podia  
Que as palavras co'as lagrymas rompia.....

De ouvi-lo está Calypso amortecida ,  
Maltractando seu rosto e sua belleza ,  
Chorando diz : « Por que me deixa vida  
Quem leva o gôsto d'ella , e me despreza !  
Bem suspeitada foi , mal merecida  
Ésta pesada dor que tanto pesa.  
Oh morte ! donde estás ? tu me soccorre ,  
Que quem ama so acerta quando morre ! »....

Toma-lhe então a mão para beijá-la ,  
Sem mais dizer, que sua doce mágoa  
Lhe interrompe as palavras quando falla ,  
Enchendo a alma de fogo e os olhos d'agua.  
Diz muito mais Ulysses no que cala ,  
Mais accendem suas lagrymas a frágua  
De amor : Calypso chora , e tem nos braços  
Os filhos seus que d'alma são pedaços.....

Descendo á praia, o lenho fugitivo  
Calypso vendo alli, suspira e chora ,  
Segue a morta esperança um pranto vivo ,  
Que a mesma causa de seu mal adora :  
Mas os suspiros leva o vento esquivo ;  
As lagrymas , que saem dos olhos fóra ,  
O mar surdo bebia , em cujo extremo  
Se apresta a ingrata vela e ingrato remo.

Eclipsada da vista a formosura ,  
Seu proprio rosto fere impaciente ,  
Esparze o ouro da madeixa pura ,  
E o peito bate com furor vehemente ;  
A voz sólta gritando , que procura  
Que mova a quem amava a dor que sente.  
E o mar quando nas praias se quebrava  
Parece que do caso murmurava.

« Vai-te (dizia) Grego , e com mais pennas  
Euro veloz o ar e o mar abrindo  
Dê favoravel curso a essas antenas ,  
E próspero te va sempre seguindo !  
Eu entre a dor e males que me ordenas ,  
Teu nome e minhas mágoas repetindo ,  
Queixando-me estarei ao ceo e estrellas  
Contando os males meus que são mais que ellas.

Deixa-me , ingrato Grego , a crua espada  
Do meu paternal sangue ja tingida ,

Para que morra ao menos consolada  
 Se em seus fios cortar o d'êsta vida.  
 Devias de intender que era escusada  
 Pois bastava êsta dor para homicida;  
 Procuraste matar-me d'êsta sorte,  
 Fazendo eterna e immortal a morte.

Oh mar, oh ceo, que as glórias fugitivas  
 Vistes do meu primeiro pensamento,  
 A vós co'a voz de lagrymas esquivas  
 Se queixa dando vozes meu tormento!  
 Vós, penedos, que testemunhas vivas  
 Sois das horas de meu contentamento,  
 Montes, onde espalhei saudades tristes,  
 Bosques que meus segredos encubristes!

A vós em vão me queixo, e o mar irado  
 É irado vento em vão mover procuro.  
 Mas surdo e surdo vento, que alterando  
 Açouta este rochedo aspero e duro!  
 Aqui do debil laço desatado  
 Meu espirito, este mar, e este ar mais puro  
 Ha de turbar... Oh ingrato!...» (lhe dizia)  
 E o echo: Oh ingrato, oh ingrato! repetia.

Uma montanha e serra inhabitada  
 Se erguia ao ar, em cuja corpulenta  
 Espalda a cerviz dura, de encurvada,  
 Mostra que o chrySTALLINO ceo sustenta.



De pungentes espinhos corada  
A fereza das pedras se accrescenta ,  
Que pendentes do alto estão mostrando  
Que sôbre o mar se vão precipitando.

Abaixo ferve o mar, em cuja boca  
Se ouvem disformes braços e gemidos ,  
Com que batendo a levantada roca  
Vai gastando os penedos carcomidos ;  
Gruttas escuras abre , donde troca  
Em noite o dia , e n'ellas escondidos  
Marinhos monstros e nocturnas aves  
Sahem meneando o ar com azas graves.

Por se arrojjar Calypso está subida  
Onde a serra mais livre ao ar se estende ,  
Cobardemente ousada e atrevida ,  
Duvida , e ja a si mesma se repre'nde :  
« Que temo (diz) pois é castigo a vida  
A um triste? » E ja no ar c'os filhos pende.  
O Tejo a recebê-los vai sahindo ,  
Os puros braços de crystal abrindo.

Um dos filhos que leva lhe tomaram ;  
Com dous cahiu do precipicio horrendo ,  
Que no fundo do pego , onde pararam ,  
Se vão em duras pedras convertendo.  
Ja de penedos firmes levantaram  
A negra fronte , donde o mar batendo

Sobre o rôlo das ondas que quebranta ,  
Espumoso nos ares se levanta.

Com largos braços seus de branca areia  
Calypso abraça os filhos transformados ,  
Que nas ondas do Tejo , que os rodeia ,  
Mostram seus duros corpos levantados ,  
E misturando o sal co'a doce veia  
Do rio , os bravos máres empolados  
Alteram com mor fôrça e maior furia ,  
Como em lembrança da passada injúria.

Teem nas portas do Tejo levantada  
A testa altiva e fera , ameaçando  
As naus que buscam pôrto e doce entrada :  
De branca escuma as ondas coroando ,  
Alli o mar com roucas ondas brada  
Nos penedos altissimos quebrando ,  
Que ruínas maritimas preparam  
E o nome de Cachopos conservaram.

G. P. DE CASTRO , *Ulyssea.*

## DESCRIPÇÃO DO AVERNO.

Falla de Asmodeu no conselho dos espiritos  
infernæes.

Está na entrada da tartarea porta  
Precipicio de medo e horror cheio ,  
Onde os fios vitaes Atropos corta ,  
Onde é confusão tudo , tudo enleio :  
D'alli , donde a esperança fica morta ,  
E habita o sobresalto c'o receio ,  
Corre um valle , per onde desce a gente  
Perdida para o reino descontente.

Per aquelle vazio o Averno alento  
Pestifero respira , misturado  
C'os gemidos das almas que em tormento  
Blasphemam do rigor do ceo irado :  
Confunde grosso fumo o negro assento  
Que nunca raios viu do sol dourado ,  
Donde se ouvem rugir feras impías ,  
E nos ares gritar torpes harpyas.

Ouvem-se alli do Cérbero latrante  
Os triplicados , horridos latidos ,

Com os brados do velho navegante  
Que á barca chama as almas dos perdidos.  
Fama é que per alli desceu o amante  
A quem Pluto e Prosérpina, vencidos,  
Do doce canto, a amada concederam  
Que seus olhos segunda vez perderam.

E o que susteve os cercos crystallinos  
Quando Atlas fiou d'elle o péso puro,  
E aquelle que á gentil filha de Minos  
Ingratissimo foi sôbre perjuro;  
E outros que vão seguindo desatinos  
Quizeram penetrar o centro escuro:  
Tambem o infernal rei co'a doce amada  
Tantos tempos da mãe em vão chorada.

D'aquelle sitio horrivel e espantoso,  
Aquem teito é disforme, immenso monte,  
Com brado horrendo o anjo tenebroso  
Os ministros chamou de Phlegetonte:  
Não quiz passar o negro estreito undoso,  
Podendo-lhes servir azas de ponte,  
Que aos protervos desejos em que ardia,  
Um ponto eternidades parecia.

Logo do abysmo os negros moradores  
Que na ambição primeira conspiraram,  
Enchendo o ar de horrorissimos clamores,  
Ante o mesmo furor se apresentaram.

Que monstros de ira e de discordia auctores !  
Que de medonhas fórmas se ajuntaram  
De Chymeras , Pytões e Minotauros ,  
Hydras , Esphynges , Dragos e Centauros !

Viam-se alli na multidão diffusa  
Briareus de cem braços descompostos ,  
Serpentinas cabeças de Medusa  
E de feios Cyclópes féros rostos :  
Emfim viam-se alli cópia confusa  
De diversos aspeitos e suppostos ,  
Cujos feios extremos de bruteza  
Desconhecia a mesma natureza.

A multidão suberba ja esperava  
Que o capitão do Erébo relevasse  
O caso que dor tanta lhe causava ,  
E em seu fatal serviço os occupasse.  
Quando elle , que té então calado estava  
Para que o caso em mais se reputasse ,  
Bramou , gemeu o carcere fumante ,  
Tremeu a terra , descompoz-se Atlante.

Horriavel gravidade ao fero aspeito ,  
Gemendo triste ajunta , e exhalando  
Infausto fogo do abrazado peito ,  
A lingua assi vibrou , vociferando :  
« Tartareos anjos dignos de respeito ,  
Que depois do gran' caso miserando

Soffreis injusta pena , despenhados  
Do Olympo , para quem fostes creados.

Em logar nosso , aquelle que governa  
La de cima do claro firmamento  
Estrellas , sol e lua , e ca na interna  
Ecuridão do reino do tormento ,  
Formando o homem vil , ja da superna  
Região lhe deu o crystallino assento  
Que n'um tempo occupou o senhor vosso :  
Nunca tam grande dor esquecer posso !

Presente agora tenho na lembrança  
Quando do nada o homem foi creado ,  
Que com ingrata e douda confiança  
Comeu do fruto que lhe foi vedado.  
Em logar de querer d'elle vingança ,  
Ordenou como fosse resgatado ,  
Quando por justa pena merecia  
Não ver, nem gosar mais da côr do dia.

Emfim por elle o filho á morte entrega ;  
E o filho com morrer triumphou da morte ,  
E descendo triumphante á região cega  
As portas quebrantou do muro forte ,  
Abriu nossas prisões : que a tanto chega  
A gran' miseria nossa , oh triste sorte !  
Levando as almas , que em podêr tivemos ,  
A occupar as cadeiras que perdemos.

Os seus logo por elle tanto obraram ,  
 Offerecendo a vida com fe tanta ,  
 Que pelo mundo todo derramaram  
 Aquella lei que nossas leis quebranta.  
 Depois aquelles reis que os imitaram  
 As armas tomam com piedade sancta ,  
 E perseguindo os nossos , vão fazendo  
 Que tudo fique a Christo obedecendo.

Entre estes ( que isto so lembrar-vos quero )  
 Animoso , do reino Lusitano  
 ( Que ja cobrar em nenhum tempo espero )  
 Deitou Afonso ao povo mahometano.  
 Não contente com isto o bando fero  
 De Luso , assalta o Calpe tingitano ,  
 E fazendo per vezes dura guerra  
 Gran' parte occupa da africana terra.

Correu ousado inquietando a costa  
 Que intractavel faz quasi o sol ardente ;  
 Que dos perigos e trabalhos gosta  
 Esta sempre invencivel , fera gente.  
 Traspassou Gama a zona contraposta  
 Dobrando o promontorio em que o tridente  
 Se rompe ; e minhas fôrças resistindo ,  
 Tomou pôrto entre a foz do Gange e do Indo.

Logo o invicto Cabral , com nova armada ,  
 Descobriu nova terra , e em nosso agravo

Lhe poz nome ; e tornando á destinada  
Viagem , fim lhe deu suberbo e bravo.  
Gente em Calecut deixa baptizáda...  
Ai de mim ! de que serve dar-me gavo  
De ordenar a Correa a dura morte ,  
Se elle morrendo melhorou de sorte.

Este famoso foi o que primeiro  
Por Christo derramou n'essa indiana  
Terra seu sangue : oh forte cavalleiro ,  
A meu pezar te louva a lingua insana.  
Vingaram em Cochim o alto guerreiro ,  
Alcançando victoria soberana ,  
Os fortes Albuquerque , fortaleza  
Fabricand'o por fim da illustre empreza.

Alli o forte Pacheco se eterniza  
Sustentando incansavel o adquirido ;  
Depois Almeida , que as estrellas piza ,  
Se fez do Rume e Malavar temido ;  
Morto o filho , que fama solemniza  
De sabio , de invencivel , de atrevido ;  
Ja vistes que a vingança involta em pranto  
Foi de Asia e Europa horrendo espanto.

No bravo Cunha um raio ardente vistes  
Que deixou as cidades abrazadas  
Que a vossas leis sujeitas possuistes ,  
De que apenas ha cinzas derramadas.



De Ormuz e Goa ja os successos tristes  
Se contam nas regiões mais apartadas ;  
E tanto de Albuquerque o nome crece  
Que por grande no mundo se conhece.

Este que o livre mar veio infestando ,  
De la onde morre o sol té onde nate  
Os nossos simulacros derrubando  
Com affronta fatal da infernal face ;  
Agora outro não visto mar cortando  
Para que o novo mal nos ameace ,  
Vai , sem haver quem tanto orgulho dome ,  
Em Malaca plantar de Christo o nome.

Quem duvida , passando la ésta gente  
Ver acabado o nosso antigo imperio  
Que ha tantos annos dura em todo o Oriente ,  
E rico de almas faz nosso hemispherio ;  
E que o povo malaio oppresso intente  
Seguir com pezar nosso e vituperio  
A romana piedade , a lei de Christo :  
Ja tudo soffrereis se soffreis isto.

Que se adiante passa , singulares  
Victorias temo , do infernal respeito  
Eterna affronta ; e ja temo que altares  
Levantem a seu Deus, a meu despeito ;  
Domadores das terras e dos máres ,  
Não so em Malaca , Indo e Perseu streito

Mas na China, Catai, Japão estranho  
Lei nova introduzindo em sacro banho.

Mas pois não póde ser nunca acabado  
Nos peitos vossos o valor antigo,  
Que ja mostrastes quando acompanhado  
De vós cobreis o ceo por inimigo;  
Seja este atrevimento castigado  
Sahi, furias fataes, vinde comigo;  
Contra elles mar e ventos se embraveçam  
E desfeitas suas naus, todas pereçam.

Tu Belsebut, que os ventos com tremenda  
Violencia moves contra mar e terra,  
E Leviathão no mar serpente horrenda  
Em quem tan.o furor o abysmo encerra,  
Vosso valor no mundo hoje se estenda.  
As ondas ás estrellas movam guerra;  
Tudo sua natureza mude, e logo  
Chovam mares os ceos e as nuvens fogo.

Vinguem os n'estes parte dos primeiros  
Aggravos que sentis ha tantos annos,  
N'estes que hoje orgulhosos e guerreiros  
Fazer se intentam quasi soberanos.»  
Disse Asmodeu; e nunca tam ligeiros  
Causando em terra e mar mortes e danos  
Romperam feros ventos desatados  
Como entam os espiritos damnados.

Não aguardam suberbos, impacientes  
As últimas palavras; mas rompendo  
Os ares, as moradas discontentes  
Deixaram, mar e terra revolvendo:  
Per dondê quer que passam insolentes  
Tudo vão arruinando e desfazendo:  
Condensam nuvens e desatam ventos  
Abalando da terra os fundamentos.

SA DE MENEZES. *Malaca conquistada.*

## GLAURA

PROCURANDO NO CAMPO DE BATALHA O CORPO  
DE BATEAO SEU ESPOSO.

---

Entre os mortos , da morte e ceo queixosa  
O cadaver amado infelizmente  
Busca a que foi de Batrão amada esposa!...  
Mas entre a multidão da morta gente  
E confusão da noite tenebrosa ,  
O cuidado amoroso vão ficára  
Se a bella face Cynthia não mostrára.

Com a ância que a dôr causa , levantando  
As chorasas estrellas ás estrellas ,  
Rogos e vãos queixumes misturando ,  
Assim roga , e assim aos ceos manda querellas :  
« Eternas luzes ! que passaes brilhando  
Per celestes caminhos , margens bellas !  
Males de amor e morte ja sentistes...  
Mostrae quem morto adoro aos olhos tristes !

Dae-me morto o que vivo me tirastes ,  
E piedosas de mim sereis chamadas!...

Bastem os males ja que me causastes ,  
Tanto tempo em meu damno conjuradas !  
Assim no claro assento que occupastes  
Nunca sejais de nuvens eclipsadas !  
Deixae que chegue a dar-lhe sepultura ,  
E o golpe em mim ex'cute a Parca dura !...

E tu que com tres rostos resplandeces  
No ceo , na terra , e la no escuro Averno !  
Tu que as plantas animas , e enriqueces  
O mar profundo com vigor interno ;  
Os raios com que as cousas favoreces ,  
Communicando teu valor eterno ,  
Estende , e mostra-me entre tantos , onde  
A escura sombra o morto bem me esconde !...»

Acaso , qual se rogos a obrigaram ,  
A face Delia descobriu serena...  
Primeiro os altos montes se mostraram ,  
Logo a cidade involta em sangue e pena.  
Entre os que valerosos acabaram ,  
Como d'aquelle imperio a sorte ordena ,  
Cõhece Glaura o ja perdido esposo ,  
Exemplo de valor pouco ditoso !

No amado peito a setta vai cravada...  
Desmaia o coração á dôr rendido :  
Cahe mais morta enfim que desmaiada  
Sõbre o que tanto amou , morto marido.

Quasi da alma fugaz desemparrada ,  
A falta lh'a deteve do sentido ,  
Tendo suspensa a dor ; e do accidente  
Mortal torna , respira , attenta e sente.

Fere o grito no tecto crystallino...  
Um soldado ignorante ao vulto tira ,  
Que , por ordem secreta do Destino ,  
O lastimoso grito descobrira !  
A setta fere o peito alabastrino  
Que para tanto mal amor ferira...  
Ais a infelice ao ceo manda queixosos ,  
Bemque sejam mortaes , inda amorosos.

E como póde , a debil voz levanta ,  
Dizendo : — « Oh ! vencedora gente forte !  
Ja comigo piedosa... E ja , com tanta  
Íra , causa cruel de minha morte :  
Se entre marcial furor piedade sancta  
Tem logar , e permite minha sorte ,  
Pois me nega o podêr a morte dura ,  
Em Sião a meu Batrão dae sepultura !...

Albuquerque as estancias visitando ,  
Áquella parte chega ao ponto que ella  
A lástima as estrellas provocando ,  
Da que seu mal causára se querella.  
Elle do lamentar debil e brando  
Se compadece , e manda recolhê-la :

Abrem do estreito alojamento a porta,  
E a triste acham entre viva e morta.

Faltando o sangue que ja tem perdido,  
Inclinava a cabeça á dor penosa,  
Qual no ramo do tronco dividido  
Languida e triste pende murcha rosa!  
Etol, a quem mais doe o succedido,  
O primeiro a levanta; a rigorosa  
Ferida inquire com piedoso intento...  
Ella o sabio conhece e toma alento.

Esforçando a voz fraca. — « Differente  
Successo ja me promettestes !... » (disse):  
— « Feliz tu, se a piedade omnipotente  
Hoje obrar (Ihe responde) o que eu predisse!  
Oh! se estivesse na divina mente  
Que o raio do divino amor ferisse,  
E dêsse luz a essa alma que hoje cega,  
Ja quasi a ponto de perder-se chega!

Oh Glaura! emendarás erros passados,  
Confessando um so Deus, immenso, eterno,  
Que de nada nos fez, e os adornados  
Ceos de estrellas, mar, terra... e horrendo inferno:  
Este nos redemiu, que desherdados  
Nos fez do homem primeiro o mau govêrno!  
E por ser justo e pio, a offensa dura  
Pagou, sendo creador, pola creatura.

Pola perdida ovelha suspirava,  
 E de a trazer aos hombros se deleita:  
 Na vinha, paga igual a todos dava,  
 Que tambem ao que chega tarde, acceita.  
 Pede agua que da culpa as almas lava,  
 E prescita serás, ó alma eleita:  
 Pede! confia! cré!... serás ditosa,  
 Serás do eterno esposo eterna esposa.»

Assim dizendo, em fe lhe accende o peito:  
 O que não ve ja cré... tantos lhe inspira  
 O ceo auxilios; e c'um pio effeito,  
 Pola agua que é de vida, ja suspira.  
 Levam-na em braços, e lhe ordenam leito  
 Conforme ao sitio que instrumentos de ira  
 Occupam; e applicar hervas começa  
 Elicio que de Apollo a arte professa.

Ella ja da esperanza e da fe cheia,  
 Que o ceo lhe infunde, disse:—« Antes que aggrave  
 A morte o que é mortal, esta alma feia  
 Purifique a agua sancta, e a culpa lave!... »  
 Ja n'este tempo a vista se encandeia,  
 E o rosto cobre rosea côr suave...  
 C'os sacros ritos e agua, o sacerdote  
 Lhe dá, de Christo esposa, o eterno dote.

Elicio em tanto ja das hervas prova  
 A occulta fôrça, ja arrancar procura



Co'a douta mão o ferro... e a dôr renova  
Sempre que arrancar prova a setta dura ,  
Em quanto hervas applica , hervas reprova ,  
E quantos ha segredos na arte apura...  
Dos membros bellos bella alma espedida...  
Elle arte e tempo perde... ella acha a vida.

Contempla triste o capitão valente  
A trasladada ao ceo morta belleza ;  
E , bemque grave , compassivo sente  
O acerbo caso , mas a sorte préza.  
Manda que guardem em logar decente  
O corpo frio , que honras ja despreza ,  
Até com pompa funebre e piedosa  
Dar ao nobre cadaver tumba honrosa.»

SA DE MENEZES, *Malaca conquistada.*

## MOÊMA.

É fama então que a multidão formosa  
Das damas que Diogo pertendiam,  
Vendo avançar-se a nau na via undosa,  
E que a esperença de o alcançar perdiam;  
Entre as ondas com ância furiosa  
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,  
E nem tanta agua, que fluctua vaga,  
O ardor que o peito tem banhado, apaga.

Copiosa multidão da nau franceza  
Corre a ver o espectaculo assombrada,  
E ignorando a occasião da estranha empreza  
Pasma da turba feminil que nada:  
Uma que ás mais precede em gentileza  
Não vinha menos bella do que irada;  
Era Moêma que de inveja geme  
E já vizinha á nau, se apega ao leme.

« Barbaro ( a bella diz ) tigre e não homem!...  
Porém o tigre, por cruel que breme,  
Acha fôrças amor, que enfim o domem,  
So a ti não domou por mais que eu te ame.

Furias , raios , coriscos que o ar consomem  
Como não consumis aquelle infame ?  
Mas pagar tanto amor com tedio e asco...  
Ah que o corisco es tu... raio... penhasco !

Bem puderas cruel ter sido esquivo  
Quando eu a fe rendia ao teu engano ,  
Nem me offendéras a escutar-me altivo ,  
Que é favor, dado a tempo , um desengano :  
Porém deixando o coração captivo  
Com fazer-te a meus rogos sempre humano  
Fugiste-me traidor, e d' ésta sorte  
Paga meu fino amor tam crua morte ?

Tam dura ingratidão menos sentira  
E esse fado cruel doce me fôra ,  
Se a meu despeito triumphar não víra  
Essa indigna , essa infame , essa traidora :  
Por serva , por escrava te seguíra  
Se não temêra de chamar senhora  
A vil Paraguaçú que , sem que o creia ,  
Sôbre ser-me inferior, é nescia e feia .

Emfim tens coração de ver-me afflicta  
Fluctuar moribunda entre éstas ondas ,  
Nem o passado amor teu peito incita  
A um ai somente com que aos meus respondas  
Barbaro , se ésta fe teu peito irrita  
( Disse vendo-o fugir ) ah não te escondas ,

Dispara sôbre mim teu cruel raio!... »  
E indo a dizer o mais , cai n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos , pasma e treme ,  
Pallida a côr, o aspecto moribundo ,  
Com mão ja sem vigor soltando o leme ,  
Entre as salsas escumas desce ao fundo.  
Mas na onda do mar que irado freme  
Tornando a apparecer, desde o profundo :  
« Ah Diogo cruel! » disse com mágoa ,  
E sem mais vista ser sorveu-se n'agua.,

Choraram da Bahia as nymphas bellas ,  
Que nadando a Moêma acompanhavam ,  
E vendo que sem dor, navegam , d'ellas ,  
Á branca praia com furor tornavam :  
Nem póde o claro heroe sem pena ve-las  
Com tantas próvas que de amor lhe davam ;  
Nem mais lhe lembra o nome de Moêma  
Sem que ou amante a chore , ou grato gema.

DURAO , *Caramuri.*

## LINDOYA.

Incultas vargeas per espaço immenso  
Enfadonhas e estereis acompanham  
Ambas as margens de um profundo rio.  
Todas éstas vastissimas campinas  
Cobrem palustres e tecidas cannas,  
E leves juncos do calor tostados,  
Prompta materia de voraz incêndio.  
O Indio habitador de quando em quando  
Com estranha cultura entrega ao fogo  
Muitas leguas de campo : o incêndio dura  
Em quanto dura e o favorece o vento.  
Da herva que renasce se apascenta  
O immenso gado que dos montes desce :  
E renovando incendios, d'êsta sorte  
A arte emenda a natureza ; e podem  
Ter sempre nedeo o gado , eo campo verde.

Mas agora sabendo per espias  
As nossas marchas , conservavam sempre  
Séccas as torradissimas campinas ,  
Nem consentiam , por fazer-nos guerra ,  
Que a chamma bemfeitora e a cinza fria  
Fertilizasse o arido terreno.

O cavallo atélli forte e brioso ,  
 E costumado a não ter mais sustento  
 N'aquelles climas , do que a verde relva  
 Da mimosa campina , desfallece ;  
 Nem mais , se o seu senhor o affaga , encurva  
 Os pés , e cava o chão co'as mãos , e o valle  
 Rinchando atroa , e açouta o ar co'as clinas .

Éra alta noute , e carrancudo e triste  
 Negava o ceo involto em pobre manto  
 A luz ao mundo ; murmurar se ouvia  
 Ao longe o rio , e menear-se o vento .  
 Respirava descanço a natureza :  
 So na outra margem não podia emtanto  
 O inquieto Cacambo achar socêgo .  
 No perturbado , interrompido somno  
 ( Talvez fosse illusão ) se lhe apresenta  
 A triste imagem de Cepé despido ,  
 Pintado o rosto do temor da morte ,  
 Banhado em negro sangue que corria  
 Do peito aberto , e nos pisados braços  
 Inda os signaes da misera cahida ;  
 Sem adôrno a cabeça , e aos pés calcada  
 A rôta aljava e as descompostas pennas .  
 Quanto diverso do Cepé valente  
 Que no meio dos nossos espalhava  
 De po , de sangue e de suor cuberto ,  
 O espanto , a morte !—E diz-lhe em tristes vozes :  
 « Foge , foge , Cacambo ! E tu descanças

Tendo tam perto os inimigos? Torna,  
 Torna aos teus bosques; e nas patrias gruttas  
 Tua fraqueza e desventura encobre.  
 Ou se acaso inda vivem no teu peito  
 Os desejos de glória, ao duro passo  
 Resiste valoroso. Ah! tu que podes,  
 E tu que podes, põe as mãos no peito  
 À fortuna de Europa: agora é tempo,  
 Que descuidados da outra parte dormem.  
 Involve em fogo e fumo o campo; e paguem  
 O meu sangue e o teu sangue. Assim dizendo,  
 Se perdeu entre as nuvens, sacudindo  
 Sôbre as tendas no ar fumante tocha,  
 E assignala com chammas o caminho.

Acorda o Indio valoroso, e salta.  
 Longe da curva rede. . . . .  
 O arco e as settas arrebatada, e fere  
 O chão c'o pé; quer sôbre o largo rio  
 Ir peito a peito contrastar co'a morte.  
 Tem diante dos olhos a figura  
 Do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.  
 Pendura a um verde tronco as várias pennas  
 E o arco e as settas e a sonora aljava;  
 E onde mais manso e mais quieto o rio  
 Se estende e espraia sôbre a ruiva areia  
 Pensativo e turbado entra: com agua  
 Já per cima do peito, as mãos e os olhos  
 Levanta ao ceo que elle não via, e ás ondas

O corpo entrega. Já sabia emtanto  
A nova empresa na limosa grutta  
O patrio rio, e dando um geito á urna,  
Fez que as aguas corressem mais serenas;  
E o Indio afortunado a praia opposta  
Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta  
Da margem guarneçada, e mansamente  
Pelo silencio vai da noite escura  
Buscando a parte d'onde vinha o vento:  
La, como é uso do paiz, roçando  
Dous lenhos entre si, desperta a chamma  
Que já se ateia nas ligeiras palhas,  
E velozmente se propaga. Ao vento  
Deixa Cacambo o resto e foge a tempo  
Da perigosa luz: porém na margem  
Do rio quando a chamma abrasadora  
Começa a allumear a noite escura.....  
Fiando a vida aos animosos braços  
De um alto precipicio ás negras ondas  
Outra vez se lançou, e foi d'um salto  
Ao fundo rio a visitar a areia.  
Debalde gritam, e debalde ás margens  
Corre a gente appressada. Elle entre tanto  
Sacode as pernas e os nervosos braços,  
Rompe as escumas assoprando, e a um tempo  
Suspendido nas mãos, volvendo o rosto  
Via nas aguas trémulas a imagem  
Do arrebatado incêndio e se alegrava.  
Não de outra sorte o cauteloso Ulysses



Vaidoso da ruína que causára  
Viu abrasar de Troia os altos muros ,  
E a perjura cidade involta em fumo  
Encostar-se no chão ; e pouco a pouco  
Desmaiar sôbre as cinzas. . . . .

Tanto se apressa que na quarta aurora  
Per veredas occultas , viu de longe  
A doce patria e os conhecidos montes  
E o templo que tocava o ceo co'as grimpas.  
Mas não sabia que a fortuna emtanto  
Lhe preparava a última ruína.  
Quanto seria mais ditoso ! quanto  
Melhor lhe fôra o acabar a vida  
Na frente do inimigo em campo aberto ,  
Ou sôbre os restos de abrasadas tendas,  
Obra de seu valor ! Tinha Cacambo  
Real esposa , a senhoril Lindoya ,  
De costumes suavissimos e honéstos  
Em verdes annos : com ditosos laços  
Amor os tinha unido ; mas apenas  
Unido os tinha , quando ao som primeiro  
Das trombetas lh'o arrebatou dos laços  
A glória enganadora. Ou foi que Balda \*  
Ingenhoso e subtil quiz desfazer-se  
Da presença importuna e perigosa  
Do Indio generoso ; e desde aquella

\* Um dos jesuitas directores das reduções.

Saúdosa manhan que a despedida  
Presenciou dos dous amantes , nunca  
Consentiu outra vez tornasse aos braços  
Da formosa Lindoya , e descubria  
Sempre novos pretextos de demora.  
Tornar não esperado , e victorioso  
Foi todo o seu delicto. Não consente  
O cauteloso Balda que Lindoya  
Chegue a fallar ao seu esposo ; manda  
Que uma escura prisão o esconda e aparte  
Da luz do sol. Nem os reaes parentes ,  
Nem dos amigos a piedade , e o pranto  
Da enternecida esposa abranda o peito  
Do obstinado juiz : até que á fôrça  
De desgostos , de mágoa e de saudade ,  
Per meio de um licor desconhecido  
Que lhe deu compassivo o sancto padre ,  
Jaz o illustre Cacambo , — entre os gentios  
Unico que na paz e em dura guerra  
De virtude e valor deu claro exemplo.

Chorado occultamente , e sem as honras  
De regio funeral , desconhecida  
Pouca terra os honrados ossos cobre...

Crueis ministros , encumbri ao menos  
A funesta noticia. Ai ! que ja sabe  
A assustada amantissima Lindoya  
O successo infeliz. Quem a soccorre !

Que aborrecida de viver procura  
Todos os meios de encontrar a morte ;  
Nem quer que o esposo longamente a espere  
No reino escuro aonde se não ama.....

Salvas as tropas do nocturno incendio  
Aos povos se avizinha o grande Andrade \*  
Depois de afugentar os Indios fortes  
Que a subida dos montes defendiam ,  
E rotos muitas vezes e espalhados  
Os Tapes cavalleiros que arremeçam  
Duas causas de morte em uma lança ,  
E em largo gyro todo o campo escrevem.....

Pizaram finalmente os altos riscos  
De esclavada montanha que os infernos  
C'o pêso opprime , e a testa altiva esconde  
Na região que não perturba o vento.  
Qual ve quem foge á terra pouco a pouco  
Ir crescendo o horisonte que se encurva  
Até que com os ceos o mar confina ,  
Nem tem á vista mais que o mar e as ondas :  
Assim quem olha do escarpado cume  
Não ve mais do que o ceo ; que o mais lh'o encobre  
A tarda e fria nevoa escura e densa.  
Mas quando o sol de la do eterno e fixo  
Purpureo encôsto do dourado assento

\* O general portuguez.

Co'a creadora mão desfaz e corre  
O veo cinzento de ondeadas nuvens,  
Que alegre scena para os olhos! Podem  
D'aquella altura, per espaço immenso,  
Ver as longas campinas retalhadas  
De tremulos ribeiros, claras fontes,  
E lagos crystallinos, onde molha  
As leves azas o lascivo vento;  
Engraçados outeiros, fundos valles,  
E arvoredos copados e confusos,  
Verde theatro onde se admira quanto  
Produziu a superflua natureza.  
A terra soffredora de cultura  
Mostra o rasgado seio; e as várias plantas,  
Dando as mãos entre si, tecem compridas  
Ruas per onde a vista saúdosa  
Se estende e perde. O vagaroso gado  
Mal se move no campo; e se divisam  
Per entre as sombras da verdura, ao longe  
As casas branquejando, e os altos templos.

Ajuntavam-se os Indios entretanto  
No lugar mais vizinho, onde o bom padre  
Queria dar Lindoya por esposa  
Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o pósto  
E a régia auctoridade de Cacambo.  
Estão patentes as douradas portas  
Do grande templo; e na vizinha praça  
Se vão dispendo de uma e de outra banda

As vistosas esquadras differentes.

Co'a chata frente de urucú tingida  
Vinha o Indio Kobbé disforme e feio ,  
Que sustenta nas mãos pesada maça ,  
Com que abate no campo os inimigos ,  
Como abate a seara o rijo vento.  
Traz comsigo os selvages da montanha ,  
Que comem os seus mortos , nem consentem  
Que jamais lhes esconda a dura terra  
No seu avaro seio o frio corpo  
Do doce pae ou suspirado amigo.

Foi o segundo que de si fez mostra  
O mancebo Pindó que succedêra  
A Cepé no logar : inda em memoria  
Do não vingado irmão , que tanto amava ,  
Leva negros pennachos na cabeça :  
São vermelhas as outras pennas todas ,  
Côr que Cepé usara sempre em guerra.  
Vão com elle os seus Tâpes que se affrontam ,  
E que teem por injúria morrer velhos.

Segue-se Caitutú de regio sangue  
.E de Lindoya irmão. Não muito fortes  
São os que elle conduz , mas são tam destros  
No exercicio da frecha , que arrebatam  
Ao verde papagaio o curvo bico  
Voando pelo ar. Nem de seus tiros

O peixe prateado está seguro  
 No fundo do ribeiro. Vinham logo  
 Alegres Guanaris de amavel gesto.  
 Esta foi de Cacambo a esquadra antiga :  
 Pennas de côr do ceo trazem vestidas  
 Com cintas amarellas. — E Baldetta  
 Desvanecido a bella esquadra ordena  
 No seu jardim \* : até o meio a lança  
 Pintada de vermelho, e a testa e o corpo  
 Todo cuberto de amarellas plumas ;  
 Pendente a rica espada de Cacambo ;  
 E pelos peitos a travez lançada  
 Per cima do hombro esquerdo a verde faxa  
 De donde ao lado apposto a aljava desce.

N'um cavallo da côr da noite escura  
 Entrou na grande praça derradeiro  
 Tatú-Guaçu feroz, e vem guiando  
 Tropel confuso de cavalleria  
 Que combate desordenamente.  
 Trazem lanças nas mãos, e lhes defendem  
 Pelles de monstros os seguros peitos.....

. . . . . Não faltava  
 Para se dar principio á estranha festa  
 Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam  
 Todas de brancas pennas revestidas

\* Cavallo de Baldetta.

Festões de flores as gentis donzellas.  
Cançados de esperar, ao seu retiro  
Vão muitos impacientes a buscá-la.  
Estes da crespá Tanajura aprendem  
Que entrára no jardim triste e chorosa  
Sem consentir que alguém a acompanhasse.

Um frio susto corre pelas veias  
De Caitutú, que deixa os seus no campo  
E a irman per entre as sombras do arvoredo  
Busca co'a vista e teme de encontrá-la.

Entram emfim na mais remota e interna  
Parte de antigo bosque escuro e negro,  
Onde aopé de uma lapa cavernosa  
Cobre uma rouca fonte que murmura  
Curva latada de jasmíns e rosas.  
Este logar delicioso e triste,  
Cançada de viver, tinha escolhido  
Para morrer a misera Lindoya.

La reclinada como que dormia  
Na branda relva e nas mimosas flores;  
Tinha a face na mão, e a mão no tronco  
De um funebre cypreste que espalhava  
Melancholica sombra. Mais de perto,  
Descobrem que se enrola no seu corpo  
Verde serpente, e lhe passeia e cinge  
Pesçoço e braços; e lhe lambe o seio.

Fogem de a ver assim sobresaltados ,  
E param cheios de temor ao longe ;  
E nem se atrevem de chamá-la , e temem  
Que desperte assustada e irrite o monstro ,  
E fuja e apresse no fugir a morte.  
Porém o destro Caitutú , que treme  
Do perigo da irman , sem mais demora  
Dobrou as pontas do arco , e quiz tres vezes  
Soltar o tiro , e vacillou tres vezes  
Entre a ira e o temor. Emfim sacode  
O arco , e faz voar a aguda setta ,  
Que toca o peito de Lindoya , e fere  
A serpente na testa ; e a boca e os dentes  
Deixou cravados no vizinho tronco.  
Açouta o campo co'a ligeira cauda  
O irado monstro , e em tortuosos gyros  
Se enrosca no cypreste e verte involto  
Em negro sangue o livido veneno.

Leva nos braços a infeliz Lindoya  
O desgraçado irmão que ao despertá-la  
Conhece — com que dor ! — no frio rosto  
Os signaes do veneno , e ve ferido  
Pelo dente subtil o brando peito.  
Os olhos , em que amor reinava um dia ,  
Cheios de morte , e muda aquella lingua  
Que ao surdo vento e aos echos tantas vezes  
Contou a larga historia de seus males.



Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,  
E rompe em profundissimos suspiros,  
Lendo na testa da fronteira grutta  
De sua mão ja trémula gravado  
O alheio crime e a voluntaria morte.....  
Inda conserva o pallido semblante  
Uui não sei què de magoado e triste  
Que os corações mais duros enternece :  
Tanto era bella no seu rosto a morte!

J. BASILIO DA G., *Uruguay.*

## MORTE DE LUIS XVI.

Calaram todos esperando attentos  
O que diria Smit, que um pouco abstracto ,  
Baixos os olhos , como quem do rógo  
Mal s'aprouve , medita so comsigo.

Musa d'Homero , que mendigo e cego  
Trocando a um pão cansado versos d'oiro ,  
Inda assim sette esplendidas cidades  
A honra se disputaram do teu berço !  
Soccorre , vale a outro , que igual fado ,  
Porém não igual merito sentindo ,  
Em duplicadas trevas mal gorgeia ,  
Não visto ou escutado ; e que , sorvido  
Esse trago final , talvez a patria ,  
Que o ser lh' ha dado , que lh'o deu denegue !  
Tu que da mixta , Grega e Troa insania ,  
Intestina desorde' , e briga externa ,  
Palpando apenas o complexo fio  
Tecer assim soubeste , ora prestando  
De Laertes ao filho argentea lingua ,  
Ora dando ao de Thetis peito d'aço :  
Traze aos olhos (aos olhos que so conto)  
Da minha retentiva , causa e effeitos  
De vertigem maior , maior estrago...

Impondes-me , ó princezas , um preceito  
(Assim rompe o Bretão) que so provindo  
Do labio imperioso que m'o ordena ,  
Cumpri-lo eu deveria ! com que esforço  
Recordar poderei os quadros feios ,  
De que fui deploravel testemunha ,  
E a cujo aspecto espavorida a alma  
Inda'gora recúa ? ou de que modo ,  
Sem que suspeita a lingua então pareça ,  
Por isso que enredado me vi n'elles ,  
Eu factos exporei tam horrorosos ?  
Mas as mesmas nocturnas sentinellas ,  
Por quem vós me citastes , esses astros ;  
Vivos olhos d'um Deus que nunca dorme ,  
Eu invoco ; inda mais , eu os conjuro  
Que para sempre sua luz esquivem  
A quanto falso eu diga , ou falso invente ,  
Seja contra quem for, Tyrio ou Troiano ,  
Exista , ou não exista , poisque todos ,  
Tratarei igualmente ; sem que poupe  
Inda os proprios estranhos , que tiverem  
Em vez de o suffocarem , promovido  
O fogo interno da cruel revolta.....

O rei , que pola grei mil fol'gos dera ,  
De cujo eximio affecto a seus vassallos  
Eu fizera modelo , se os tivesse ;  
Que em saber e prudencia digno exemplo  
Deve ser d'imperantes , obrigado

Eis que se viu a novos sacrificios;  
Ora ao Germão comprando a paz do Belga  
Que o Escalda entre os dous romper buscava,  
Ora da Hollanda ingrata obstando á liga  
Com o Insulano, e Prusso; e emfim mantendo  
Sua alta mediação na progressiva  
Discordia que os tres Cezares armára:  
Mas não pôde elle mesmo então poupar-se,  
Á nova guerra c'o Inglez potente;  
E ja, postoque em vão, á Hespanha unido,  
Per agua e terra, ao emulo cercando,  
Derribá-lo procura do rochedo,  
Que defende Heliot; ou ja ferindo  
Com proa aguda o Indico Occidente. . . .  
Fomenta o golpe, que ao leão dos máres  
Um dos braços mutila, mas que cedo  
Talvez custe a garganta ao proprio Gallo!...

Sim, princezas, em Bóston s'affiaram  
Os punhaes, que depois a Gallia atulham  
De sangue e de cadaveres; foi Paine  
Foi Franklin que ( talvez mal entendidos )  
A materia formaram para as longas  
Controversias que logo retumbaram  
Per tribunas, per clubs; e la somente,  
Foi la que de Baldolpho espedaçando  
A c'roa, e repartindo-lhe os fragmentos  
Pelas doze colonias rebeladas,  
Uma briosa e nobre juventude,

Digna de discutir em melhor causa ,  
Apprendeu a pizar aos pés seu throno ;  
La foi so , que Bouillé , e La-Fayette ,  
Ambos valentes , destemidos ambos  
S'avezaram a ver de sangue frio  
Um rei de seus direitos esbulhado ,  
D'ignominias cuberto , escravo e preso.

America , ó America ! escusado  
Era um fio de novas desventuras ,  
Para que eu te pragueje , e ao que primeiro  
Sôbre ti arribou ousada quilha !  
Em toda a era , desde então que golpes  
Á Europa has fulminado ! não sem causa  
Os pios ceos per evos t'esconderam  
Ao demais mundo , que depois d'olhar-te  
Perdeu socêgo ! a trôco d'essa fulva  
Areia luzidia , oiro chamada ,  
Que tanto nos deprava como enfeita !  
Se reunir podessemos o estrago ,  
Que custado nos tens , per um mar novo  
De rubro sangue a ti se navegára ,  
Ou a pé firme longa estrada d'ossos  
Podéra conduzir-nos a teus lares !

Sangrada assim , de fôrças inanida ,  
Froxo o commércio , exhausto o numerario ,  
Substancia e sangue seu , cansado o fisco ,  
Inhabeis as finanças , e impotentes

A remirem a dívida do estado ,  
E mesmo a compensarem ao que digno  
Da patria se volvia ; exuberante  
Ja então o flagello dos impostos  
Sôbre um povo esgotado , a antiga França  
Dentro em si ponderada , ou de si fóra ,  
Da França dos penúltimos Luises  
Mostrava ser apenas o esqueleto !  
Debalde o rei a fim d'aliviá-la  
Subido ao Throno , do usual tributo  
A tinha exonerado ; em vão banira  
A pezada *corvea* , e mil abusos  
No câmbio introduzidos mitigára :  
Bemque a urgencia aos olhos seus trouxesse  
O ter de reformar a extincta esquadra  
Entregue ao teu cuidado , ó gran' Sartines !  
E acudir a uma tropa desprovida ;  
Que apesar da commum calamidade ,  
E *déficit* geral , sua alma excelsa  
Guardasse esses magnanimos projectos  
D'ella proprios ! quaes foram , serão sempre ,  
Esse raro museu , jardim mais raro  
Que de seu nome honrou , e em que vegeta ,  
Como em compendio , o que produz natura ;  
Essa maravilhosa , vasta ponte  
Sôbre o caes de Paris , que a fez mais bella ,  
Mais sadia ; esses carcerees med onhos ,  
Pousó do crime , e ás vezes da innocencia ,  
Que ampliou , accresceu , e d'onde expulsa

A tortura se viu , e a fôrça iniqua  
D'accusar-se a si proprio , ou dar-se o homem  
A culpas que não teve ! essas medidas  
De novo auxilio á misera indigencia  
Em pios hospitaes , nos quatro extremos  
Da gran' cidade , que tam mal lhe paga.  
Esse monte , ou colosso de piedade ,  
Barreira , ou dique ás sofregas torrentes  
D'uma usura espraçada ; essas tam sábias  
Officinas d'augusta providencia  
Contra a mendicidade , a inercia , o ocio ;  
Esse caudal emfim d'amparo , abrigo  
Ás sciencias e ás artes , que subía  
Ao nivel do seu throno , e a quem prezava  
O talento não so , mas inda o uso :  
Grandeza e mão real , que não limita  
Somente aos seus , qual tu a experimentaste ,  
Ó La-Perouse , ao ir em gyro ao mundo ,  
Que de seu camarim , qual o apontára  
Danville , o rei geographo te aponta ;  
Mas que aos mesmos estranhos se distende ,  
Como a ti , Cook , ao vir do mundo em gyro ,  
Fazendo premiar-te , e decretando  
Que o teu baixel os seus baixeis respeitem.

Porém não so aos que inda a vital aura  
Desfructam , honra o rei ; a sua excelsa  
Munificencia aos tumulos descia ,  
D'onde ao dia revoca illustres manes ,

Que o merito exaltou, e a quem renova  
Essa especie de vida que dar podem  
Os cinzeis, os buris! como em teu busto  
Respiras hoje, ó La-Fontaine, ó Fabro,  
Catinat, Bossuet, Pascal, Cartésio!  
Tal do alto Henrique o neto se portava  
A bem d'um povo, que é delicias suas,  
Sem que o vexa; d'um povo que idolátra,  
Com quem ri se elle ri, chora se chora!  
Em cujo sacrificio o rei so parco,  
Avaro so comsigo, mesa e pompa  
De sua excelsa casa reduzira  
Ao tenue fausto de qualquer privado;  
Nem tu sôbre teus bosques mais o viste,  
Gentil Fontainebleau, gentil Compiègne.  
Mas que importam medidas salutaes,  
Filhas do serio accôrdo, estimuladas  
Pelo exemplo d'avita longa estirpe,  
Ao lado d'um rei pae, a quem o herdeiro  
Busca sempre exceder em glória, em brio;  
Se ministros, ou fatuos, ou protervos,  
Inculcados talvez por vão capricho,  
Tudo véem transtornar, inverter tudo!  
Por mais que juncto de qualquer monarchia  
Se finja um genio tutelar, que vigil  
Os olhos lhe diriga, e as mãos; não passam  
De duas suas mãos, de dous seus olhos;  
E precisa de quem o ajude ao cârrego  
De sua immensa, amplissima tarefa!



Muito havia , que a raça s'extinguira  
Dos Sullys , dos Colberts , dos Mazarinos ,  
Nem da massa infermenta do possivel.....  
Se tinham desenvolvido a pró do mundo  
Esses raros talentos , ou prodigios  
D'estado , de politica , de senso  
Em prespicaz , illustre diplomácia ,  
D'antigo ou de moderno gabinete  
Que contra o dolo e maximas do Corso  
Depois viu Anglia aos centos , aos milhares...

Os que a Luis a voz commum dictára ,  
Os Germains , os Calomnes , os Vergenes  
Hombros não tinham para o péso enorme  
Da mole vasta em crise tam funesta!  
Poisque nem todos increpar eu ousou  
De ruíns intenções , de má vontade.

Luménia e Necker , nada mais fazendo  
Que patentear a úlcera do estado  
Demais rasgada do recente imposto  
D'esse papel sellado , e d'essa dura  
Subvenção terrorial , rasgada em dóbro  
Por esses mil emprestimos forçados ,  
Novo roubo politico , e por isso  
Muito mais detestavel , mais acerbo !  
E em lugar d'applicar-lhe cura idonea ,  
Tempo baldando em tribunaes superfluos ,  
Cuidaram so d'inuteis baliados ,

De sollemnes coaselhos de justiça ,  
D'extinctos parlamentos , revivendo ,  
De vans côrtes plenarias , de notaveis  
Expulsos , convocados ; e deixando  
Arfar á tóa sobre um mar furioso ,  
D'um baixo em outro baixo , entre procellas  
Sem leme , sem agulha a nau do imperio ,  
Deram com ella enfim sôbre esse escolho ,  
Ou terrivel cachopo , não tocado  
Havia ja dous seculos , que o nome  
Recobrou com o orgulho de assembleia ,  
Ou d'estados-geraes , nos quaes outr'ora  
Se víra soçobrar immersa ao fundo ;  
Porque donde o primeiro então surgira ,  
Ahi feneça o ultimo Capeto !

Dia quinto de maio assignalado ,  
Oh ! se nunca raiasses no horisonte  
De Gallia infausta ! — Como a luz cançada  
Da moribunda alampada , que esperta  
Em todo o seu fulgor , e logo expira ;  
Ou bem como essas victimas c'roadas  
De grinaldas , que o passo magestoso ,  
Tendem per si ao proprio sacrificio ;  
Tal n'esse dia , ó França , assim te viste  
N'um ponto resumindo quanta pompa ,  
Quanto esplendor por evos te aggregaram ,  
Teu mimoso paiz colonias tuas ,  
Afim d'ires primeiro ao sacro templo

O soccorro implorar da summa graça,  
Para pouco depois tudo manchares,  
Tornares tudo em furia, em sangue, em lucto !  
Pompa, esplendor, que desiguaes brilhando  
Nas primas duas ordens, n'esse longo  
Manto real de joias recamado,  
C'os satellites seus bordados d'ouro;  
E logo n'essas mytras refulgentes,  
E roçagante purpura argentina,  
Na terceira ateou esse vorace  
Ciume inveterado, com que sempre  
O menos farto olhou para o mais rico.

Ja sentado era o rei no throno excelso,  
Juncto da sacra esposa, e a terna prole  
Ao lado, c'os mais principes do sangue,  
Menos tu, Orleans, que á classe tua  
Degradado te havias, desertando  
Para onde a alma baixa te convida,  
Quando um raio de luz inesperada  
Rompendo d'improviso o dia obscuro,  
Que mandado dos ceos em despedida  
Parecia descer sôbre o monarcha,  
A fronte lh'illumina a um tempo, e a lingua,  
Que assim diz: «Povo amigo; que ao meu throno  
Subirei, se bastar um throno a um povo!  
Vinde pois, ajudae-me soccorrei-me,  
Com a vossa a formar minha ventura;  
Quanto esperar d'um rei póde o vassallo

Ceder tudo ao vassallê o rei promette! »  
Palavras talvez nunca proferidas  
Per outro algum monarcha; e que lavrando  
Nos corações, os mais empedernidos,  
Poderam afogar per algum tempo  
Quaesquer sementes de cizania ou d'odio,  
Plantando em seu logar amor, doçura,  
Sôlta em aclamações, applausos, gritos  
De viva-o-rei! com que per longo espaço  
Versalhes resooou, com que indagora  
Resoaria, s'echo mais terrivel  
D'alarido feroz o não viesse  
Em breve sufocar: como aos gorgeios.  
Da grata philomella em brando outomno  
Faz logo emmudecer sanhudo inverno  
Com seus rebombos do trovão medonho!...

Não que eu profira, que na côrte espuria,  
Ao primo seu nascer de ferro armada,  
E uns tragando-se aos outros, como os dentes  
Per Cadmo semeados, não se vissem  
Um recto e muitos rectos: mas seu voto,  
Á maneira da pedra em golpho immenso,  
Se perdia absorvido; e s'escaparam  
De serem tristes victimas do novo  
Devastante instrumento; asylo estranho  
Necessario lhes foi, qual o fizeram  
Os Meuniers, os Reignaults, os Tolendales.  
Eis que empunhado o sceptro seu de bronze

A dynasta assembleia mais suberba  
Da representação que obteve em dôbro ,  
E por cabeça , orige' a mor tumulto ,  
A mor desorde' , em nada concordando ,  
Concordar parecia tam somente  
Em seu odio jurado á monarchia!  
E em logar de solícita empregar-se  
Nas urgencias do estado , e nos subsidios  
Que convocado a tinham , so cuidava  
De vans chymeras , d'árvores sem fructo ,  
D'aerias igualdades ( confundindo  
Direitos do homem c'os do bruto inerte ,  
San liberdade , e van libertinage , )  
De cocares , de topes tricolores ,  
De frios formularios , d'etiquetas...  
E arrogando-se ja constituinte ,  
Executiva ja , legisladora ,  
Inviolavel , uma , indivisivel ,  
Omnipotente! em mais não tinha a mira ,  
Que arrasar , demolir dos alicerces  
Um throno em tantos evos consagrado!...

Ja então por desgraça essa nobreza ,  
D'um grande chefe seu decapitada ,  
Corrupta ja em muitos de seus membros ,  
Off'recia mais facil a conquista.  
D'uma parte Orleans facinoroso  
Com o oiro , lingua sua ; e d'outra parte  
Com a lingua , oiro seu , Mirabeau destro ,

Um fuzilando, e outro trovejando,  
Haviam feito a muitos perveter-se  
D'essa aura popular que os deslumbrava;  
E os que com melhor senso conheceram  
Do novo grilhão aureo o jugo infame,  
Repulsados da tropa e da marinha,  
Ou livres emigrando, a longes climas  
Foram levar, a trôco da fortuna  
E dos perdidos bens, remida a face  
Do vergão deslustroso que expelliram...

Ja perdido o decoro á magestade,  
Desde então desvairou na Gallia o siso,  
E mais dique não houve que podesse  
Atalhar nas familias a discordia.

Foi um d'estes infaustos, negros dias,  
Em que alli succedeu, segundo é fama,  
A aventura dos quatro malfadados,  
Por este mesmo nome conhecida.  
Doce, meigo casal, que no seu bairro  
Passava por modelo do mais nobre,  
Puro amor conjugal, dous filhos tinha  
Sem outra alguma prole, adultos ambos,  
Que do fraterno amor eram não menos  
O mais perfeito espelho; uma vontade,  
Um so gôsto regia os quatro peitos,  
Que parece animar uma so alma!  
Loduvico era o pae, que encanescêra

Nos arraiaes de Marte, onde ganhára  
Vigor e intrepidez que inda não perde,  
E que do primogenito formava  
O seu maior prazer, como primicias  
D'um consorcio mimoso : era Philippa  
Da mãe o nome, activa e resoluta  
Quanto o sexo o permite, e que outro tempo,  
Em mais florente idade ao bom marido  
Seguira sôbre as horridas campanhas;  
Umaz vezes tomando-lhe em seus hombros  
O pesado fardel na longa estrada,  
E marchas trabalhosas; outras vezes  
Dispondo-lhe a escopeta e o rijo sabre;  
E do filho menor suas delicias  
Fazia então qual último seu fructo.

N'um parco esteio licito, e poupado  
Dos soldos seus, vivia o par contente,  
Juncto da cara prole, que ao serviço  
Das armas d'igual modo se propunha...  
Ditosa condição, ditosa gente! \*  
Inda agora ditosa, se o demonio  
D'atroz revolução lhe não viesse  
Quebrar ésta harmonia, e derramar-lhes  
Seu azebre, seu fel e seu veneno!...

De novellas se apraz a mocidade,  
Que por officio, ao solido, ao maduro  
Hade sempre antepor o falso e o futil,

\* Verso de Camoes.

Com tanto que brilhante. Illudido ,  
Hallucinado o jovene mais tenro  
D'esses nomes , á moda alli talhados ,  
Apparatosos , vãos , de fraternismo ,  
De liberdade , e d'outros mil phantasmas  
Da nova seita , d'ella se namora ,  
E a loquela adoptando-lhe e a divisa ,  
Em casa vai entrar ornada a testa  
Do laço tricolor que ja grassava :  
O mais velho que o ve , o increpa , o exprobra ,  
E lh'estranha a p'rigosa novidade ;  
Porém de balde ; que altercando em furia  
Um e outro mais e mais , enfim vieram  
Das palavras ás mãos , das mãos ao sangue ,  
Pois raivoso , e choleric o mancebo  
A espada arranca , e subito investindo  
Ao grato irmão , o peito lhe atravessa  
Aos olhos mesmo , e mesmo sôbre os braços  
Da mãe que contra o golpe em vão se empenha !.  
O moribundo cai , e o moço estulto  
Sai deixando o galero , e o ferro tinto.

A noite s'avançava , quando chega  
O propecto ancião , que escorregando  
No fresco sangue , esbarra sôbre o corpo  
Do filho amado: eis se ergue , attenta observa ,  
E reconhece o tepido cadaver !  
A mãe lhe narra o caso lastimoso ;  
Horroriza-se o pae , e a si chamando



Todo o prisco furor de seus combates ,  
Protesta castigar o feito enorme ,  
E quer sahir : de balde a mãe pretende  
Os passos suspender-lhe , e fatigada  
Dos inuteis esforços desfallece  
Sôbre vizinho assento. O pae presiste  
No firme intuito seu , á pressa toma  
Chapeo e espada , o instrumento e a causa  
Do crime. . . . .

Volve a si entretanto a mãe piedosa ,  
E ao consorte não ve ; mais nada attende ;  
As vestes femininas troca logo  
Polas do filho morto ; depois busca ,  
Para que se lh'acate mais respeito ,  
Pequena arma de fogo , que o marido  
Por caução conservava sempre prompta  
Contra insulto qualquer ; e louca e cega  
Voa a fim de estorvar o novo crime.

Peado do delicto e do remorso ,  
Vagava incerto o nescio fraticida ;  
E não muito distante o pae o encontra.  
« Malvado ! ( elle lhe grita ) que protervo  
Contra teu proprio irmão armou teu braço ? »  
— « Não , ó meu pae ! ( o filho lhe responde )  
O irmão eu não matei , matei o imigo  
Da patria , opposto á pública ventura. »  
— « Que ventura ! ( lhe torna o velho ancioso )

Ou patria á natureza prevalece? »

— « Natureza não ha, ou sangue, ou carne,  
Que se não deva á patria em sacrificio »

( Lhe volve o filho ). — « Bem : ( o pae replica  
Delirando em rancor ) poisque essa patria,

Dos homens creação, é preferivel

Á producção dos ceos, á carne e ao sangue,

Fechando eu olhos, a essa natureza,

A patria vou livrar tambem d'um impio,

D'um barbaro assassino : morre, ingrato ! »

E sôbre o coração lhe crava o ferro

Inda morno talvez do sangue amigo.

Treme, arqueja, recua, bambaleia

O moço infausto; e o pae se lhe aproxima,

Póde ser que a valer-lhe pezaroso,

Quando perto de si, não proferindo

Um e outro voz alguma que os descubra,

Subito encara, armado de pistola,

Másculo vulto estranho, que em distancia

Sem que os oiça, luzir so vira o ferro

Das trevas apezar, e que enganado

Do tope refulgente, que o bom velho

Não usára jamais, um novo golpe

Frustrar queria ao moribundo ignoto :

O pae em nova cholera se abrasa,

Suppondo ser do filho algum sectario;

Ao vulto investe, e lhe traspassa o ventre,

Mal presumindo o triste que traspassa

O ventre em que gerára os mortos filhos!...

Mas ai! tanto o não faz a proprio salvo,  
Que ferida a mulher ao mesmo tempo  
Lhe não descarregasse sôbre a testa  
O tubo acceso. — «Morto estou (diz elle).»  
— «E eu morta (ella então diz).» A cujos echos  
Conhecendo-se um e outro, bemque tarde:  
«Oh Philippa!» (elle grita) «Oh Loduvico!»  
(Grita ella) e sem dizerem mais palavra  
Cai um, cai outro juncto ao filho em terra...  
Ah! que arrastando a custo os membros lassos,  
Inda um se abraça ao outro, e alli misturam,  
(Até os separar de todo a morte)  
Suas almas, seus osculos, seu sangue!

Um profundo gemido, que resoa  
Em toda a comitiva, por um tanto  
Desafogar deixando a mágoa justa,  
Obriga ao alto orador a breve pausa:  
E porque essas nocturnas, sans espias  
Do tráfico, ou discurso, ou somno humano  
(Perennes olhos do potente Jove),  
Ja da longa vigia fatigadas,  
À similhaça do homem, pareciam  
Amolleczer tambem, e ao grande Phebo  
D'algum modo pediam que as rendesse;  
Contra a suave briza matutina,  
Que aviva mais, real gentil copeiro,

Mestre em manipular subtis licores  
Que o corpo vigorizam, a alma espertam,  
Per si proprio ministra á roda illustre.....  
Quente mixto aromatico; e primeiro  
Ao sublime Bretão, que segue logo :

« Antes que o fio, ó inclytas princezas,  
Eu retome de miuha teia longa,  
Preciso é obviar breve reparo,  
Que julgo suscitar-se em vosso espirito :  
Como é crível, direis talvez comvosco,  
Que o mesmo povo, que demente ou ébrio  
Viu pouco antes á custa de seu sangue,  
Rios de sangue, de fazenda e d'honra,  
Concutir, baquear, jazer o solio  
Que o brilho e a duração aos proprios astros  
Se disputava; involta em mil ruínas  
Com o melhor dos reis a prole innocua,  
Como se original a culpa fosse;  
Socegado e risonho visse logo  
Desfazer a sua obra homem protervo,  
Ignobil forasteiro, e n'esse throno,  
Qu'outra vez arranjou, sentar-se altivo,  
E d'elle moldar outros para toda  
A sua jerarquia, nem que o proprio  
Seu merito, se merito elle conta,  
Dom sobrenatural ou commum graça  
Fosse nos seus?... Porém se vós, princezas,  
Escutado lhe houvesseis dolo, embustes,

Chymericas virtudes , falsos dotes ,  
 A seu modo , e a seu geito propagados  
 Per seus feios apóstolos malignos ;  
 Se visto lhe tivesseis a nefanda ,  
 Enorme hypocrisia , mais cruenta ,  
 Mil vezes mais nociva e mais temivel  
 Que os barbaros fuzis e que as baionetas  
 De seus grandes exercitos sanhudos ;  
 Vós mesmas vos verieis enredadas  
 Na fraude e na esperança que illudiram  
 Não so Gallia , mas quasi o orbe inteiro...

Está meu pasmo , e minha maravilha  
 Em que inda a sangue frio , em tempos doces ,  
 E quasi de repente um povo egregio ,  
 Um povo alimentado em sans escholas ,  
 Elle todo insanisse , não restando  
 Uma voz imperiosa , que se erguesse  
 Prognosticando a tumida borrasca  
 Que se ia suscitar e perder tudo !  
 Um povo , que por seu discernimento  
 Nas artes , na moral , por suas luzes ,  
 Umhas nacionaes , outras estranhas ,  
 Parecia dar leis á Europa e ao mundo ;  
 Um povo , onde serviam sem limite  
 Os Lavoisiers de paes medrando em filhos ,  
 Os Baillys , os Merciers , os Eglantines.

. . . . . Tu , De Lille ,

Que preservado pela musa ingenua  
 Livre eras do contagio; tu que o sangue  
 Não vias enchorrar, mas que sentiras  
 Rañger emtórno a guilhotina enorme,  
 Ah! porque refinando a doce lyra  
 Não serenaste os animos discordes?  
 E tu, ó erudito, ó bom Philinto,  
 Tu que ao som de teus magicos harpejos  
 Havias tantas vezes para ouvi-los  
 O curso suspendido ao douto Sena,  
 Oh! agora que o vias delirando,  
 Porque do teu sal attico instructivo  
 Não o increpaste, e ver-lhe não fizeste  
 Como s'acata em Lysia um rei sagrado?

Não de repente, e não a sangue frio  
 Oh principe extremado (Smit prosegue),  
 Tantos e taes talentos insaniram!  
 Commum, pura intenção a muitos d'elles  
 Involveu na cathastrophe terrivel:  
 Como porém succede vezes muitas  
 Enfermar o que vai tractar d'enfermo,  
 E deixá-lo talvez immune e salvo  
 Do mal que lh'absorveu; assim na Gallia  
 O contagio grassou em tempo breve.  
 Salto não fez jamais a natureza,  
 Que sempre obra tranquilla: d'igual modo  
 Que sôbre a corpo physico a doença  
 Se diffunde per graus; as mesmas crises

Segue ella no politico chamado.  
 A tristeza, o fastio commumente  
 São os preludios da feroz molestia,  
 A quem para atalhar talvez bastára  
 Branda, simples dieta; mas desejo  
 De terminar á pressa o grave damno;  
 Que ganhára por tempos surda fôrça,  
 Faz que o egro infeliz ao primo insulto  
 A mão deite de medicos inhabeis,  
 Pôstoque d'outra parte doutos, destros,  
 Que imprudentes, em vez de rechaçá-lo,  
 O morbo auxiliando, pouco e pouco  
 A desordem promovem d'onde brota  
 Ja nova enfermidade, a quem cumpria  
 Accudir desprezando-se a primeira:  
 Eis que tudo s'embrulha, eis se confunde  
 Symptoma, com symptoma; frio á febre,  
 Febre ao frio desmente; ao são corrompe  
 Humor infecto, e dentro em pouco espaço  
 Tudo é dissolução. . . . .

Esripto era nos ceos o sacrificio  
 De Luis; e um minuto, um so instante  
 Não podia encurtar-lhe, ou distender-lhe  
 A dura execução!... Em quanto ao longe  
 Uma ebria junta, um povo embriagado.  
 Os pezames se dão da régia presa,  
 Que lhes tem escapado; o bom monarcha  
 Que deixar seus estados não deseja,

E que em suas fronteiras so procura  
( Em Montmedi se diz ) alguma praça  
Que lhe seja guarida a taes insultos ;  
Mal que chega a Mené , que um torpe espia...  
O conhece , o delata , o denuncia ,  
E o cunduz a Varennes , sob pretexto  
D'averiguar escrupulos movidos  
Sôbre seu passaporte. Outro malvado ,  
Proscripto em terra , em ceos , chamado Sausse ,  
A proterva cidade alli regia :  
« Senhor ! (lhe diz o rei) não me demores ;  
Un commerciante eu sou bem conhecido ,  
( Ah ! de salvar seus dias traficava ,  
E não mente o monarcha ! ) que com minlia  
Familia busco as raias d'este reino  
Sôbre justo negócto , onde nociva  
Se me pôde volver qualquer delonga... »  
Afirm que tudo alli se conspirasse  
Contra Luis , o mesmo Luis proprio ,  
Para um retrato seu , que tinha acaso ,  
O faz então olhar ; o rei se assusta ,  
E d'est'arte lhe torna : « Se conheces  
Que aquelle eu sou , que sou o teu monarcha ,  
O teu rei , oriundo de reis tantos ,  
Dos ceos sancido ; eu supplice te rogo  
Que ao teu monarcha , que ao teu rei tu valhas :  
Livra-me dos punhaes , e d'esses tigres ,  
Que em minha capital meu sangue anhelam !  
Ou tu mesmo , em lugar de consentires



Que o teu rei n'um patibulo pereça ,  
Toma com tuas mãos uma baioneta ,  
E d'ella o atravessa... dize logo ,  
Que t'enganaste , e t'illudiu teu zêlo ,  
Pensando assassinar um vagabundo ,  
Que aleivoso e sacrilego dizia  
Ser teu monarcha !... ou se talvez te doem  
Teu rei , tua rainha , com seus filhos ,  
E deixas proseguir nossa viagem ,  
Tu a meu lado irás affoito , immune  
Sob a minha tutela ; do meu reino  
O primeiro serás ante meus olhos ,  
E ésta tua cidade a mais famosa ,  
Mais opulenta ! apar d'esse retrato  
O teu collocarei , que um se não veja  
Sem ver-se o outro , que jamais se falle  
Do teu rei sem de ti fallar-se a um tempo. »

Éstas com outras preces interpunha  
O monarcha ao vassallo ; mas debalde  
Que a nada d'isto o bruto se movia. \*

Eis que a rainha , pela mão tomando  
O mimoso Delphim , curva com elle  
Aos pés do monstro , em lagrymas se funde ;  
Mas em vão ; Sausse é mais que pedra , é ferro  
Chapeado de bronze pela turba

\* Verso de Camoes.

Que mais e mais a instantes se lh'aggrega!...

Qual o salteador, ou bandoleiro,  
Que primeiro vagou em erma estrada,  
Onde roubou, feriu; e á frente logo  
D'ascorosa quadrilha em rica aldeia  
Sacerdotes matou, saqueia altares,  
O sacrario profana, abraza o templo!  
Té que preso depois per digna escolta,  
Tolhido de grilhões co' a vil cohorte,  
Tende ao supplicio seu pelos logares  
Onde travou o barbaro delicto,  
Exposto á irrisão, ao odio e ás chufas  
D'um sexo e d'outro, velhos e meninos:  
Tal cercado de mais de cem mil lobos,  
E milhanos crueis, o rancho debil  
De pombas e cordeiros, sem mais culpa  
Que a de fugir á morte, e sem mais guarda  
Que tres soldados de renome eterno,  
De Valory, Moutier e de Muldane,  
A passo lento, que melhor o inculque,  
Tostado pelo sol em quadra infecta:  
Per entre imprecações é conduzido  
Á sua capital, e a seu palacio,  
Seu palacio, e seu carcere não menos!...

..... D'êsta crise infausta  
É donde eu dato o último suspiro  
Da monarchia, e o folego primeiro

D'essa fatal republica , que um chorro  
De sangue foi depois , como d'intriga  
Será sempre um caudal ! Eis cōstrangido  
É o rei a acceitar a monstruosa  
Nova constituição , que inda o vão nome  
De rei lhe deixa , o nome so , mais nada.....

Sim , de nome mudou , de membros muda  
O duro tribunal , que de assemblea  
Foi convenção ; mas não mudou d'estylo ,  
Não de cruas entranhas , poisque todos,  
Uns e outros feitos são da massa azeda  
Que Pethiões formou , formou Santerres!...

Enraivada matilha late , espuma ,  
E se arroja ao palacio ; o rei espera  
C'o valor que lhe é proprio , e co'a brandura ,  
Que famintos leões desarmaria ,  
Pois ah ! inda não era vinda a hora ,  
Em que s'immole a hostia ; mas é tempo ,  
Como sempre o tem sido , d'ultrajá-la !  
Um malvado pertende que se cubra  
Do seu rubro barrete ; o rei se cobre.  
Outro mais insolente , que lh'entrega  
Sordido vaso de licor grosseiro ,  
Quer que brinde á nação ; brinda o monarcha ,  
Que a mão d'um granadeiro então colloca  
Sobre seu peito , porque sinta e veja  
Se , fóra do usual , n'elle palpita

O firme coração ! No se contenta  
 A bruta sanha sem que o fira n'alma ,  
 Que na rainha o fira ; a grandes echos  
 Ella se chama , e busca ; eis que por ella  
 A formosa Isabel se offrece aos monstros ,  
 Que cegos lhe remettem ; ha quem diga  
 Não ser a mesma : « Oh ! não (lhe grita a bella )  
 Não os desenganeis , ah ! com meu sangue  
 Deixae-os saciar !... » bravura heroica ,  
 Que sobejára a sublimar seu sexo ,  
 Seu nome eternizar , subi-lo aos astros.....

Em quanto pouco e pouco s'esvaecem,  
 Terrores d'esta convulção maligna ,  
 Fermentava em seu centro essa montanha  
 De mais cruel Vesuvio , ou Ethna novo ,  
 Cujos materiaes , á similhaça  
 D'um tartareo dragão , Danton combina ;  
 E cujas fendas Orleans raivoso ,  
 Porque não s'evapore intempestiva ,  
 Onde é que as via , atafulhava d'oiro ,  
 Que logo se converte em pez , betume ,  
 Salitre , enxopre , afim que mais s'inflamme  
 E do vulc o rebente a lava inteira ,  
 Que pouco logo arrasta apos o throno ,  
 Ingenho , artes , razão , philosophia ,  
 Vetustas Togas , capitães provectoros ;  
 E per conselho de Thuvot maldicto  
 Templos vai alluir , prostrar palacios ,

Monumentos , padrões , estatuas , bustos ,  
Digno premio ao valor, premio á virtude;  
Como foi a do grande Henrique eterno ,  
E as vossas , oh tres ultimos Luises ,  
Condemnados no bronze por accordam  
D'impia sentença a resurgir em peças  
Que infundam novo horror ! Nem a vós mesmos,  
Vosso repouso , oh tumulos sagrados ,  
D'escusa servirá ; qual tu , Turenne.....  
Mandado inda outra vez brotar em ferro ,  
Que da França amedronta os inimigos.

Eis toca o ponto da explo so terrivel ;  
E á maneira que eu vi com estes olhos  
De sua madre extravasando o Nilo ,  
Mais e mais infartar , e despenhar-se  
Das roucas catadupas , tudo emtorno  
Desarraigando , troncos e penedos ,  
O feio turbilhão que na levada  
Derruba quanto encontra até volvé-los  
Per suas sette bocas ao mar fundo :  
Assim d'um lado , e d'outro desfilando  
Em torpe alluvião a gente iniqua ,  
Busca os paços reaes , levando á frente  
Santerre e Petion , que mitigá-la  
So devem , e a borrasca so promovem.....

Dobra e cresce o tumulto ; os ventos berram  
D'um lado e d'outro ; d'uma parte e d'outra

Fuzila, trôa! os paços são cercados  
É atropellada a guarnição que tinha.  
Ja do gran' Carroussel a praça inunda  
Em bronze, em ferro; os tigres s'alvorotam,  
Se congratulam, e co'a presa á vista  
Garras affia aquelle, este se lambe...  
Ferve a tormenta; a senha so se aguarda  
Para o diluvio; e se inda a vida existe,  
É porque irresoluta pende a morte  
Onde se volva a completar primeiro  
Seu officio e seu gôsto! Lavra em tanto,  
Geral seu precursor, um frio interno  
Com que tudo enregela, iniquo, e justo.  
Tremeu a bom Luis; tremeu não menos  
Essa impia Convenção, vendo a carranca  
Da voraz tempestade que ella mesma  
Excitou, e a ser propria de remorso  
Um pouco da sua obra lhe pezára.  
So não tremeste, esmalte das rainhas,  
Oh divina Antonieta; que teu sexo  
Tu então transcendes-te, e teu character!  
« Senhor, ( diz ella ao rei a quem off'rece  
Dura pistola ) pega-lhe, e teu seja  
O signal da batalha; es o monarcha,  
E onde é que estás ser deves o primeiro  
Em tudo; busca, escolhe um alvo digno  
D'um teu golpe, e a morte aqui t'espera,  
D'algum modo, ó senhor, morre vingado! »  
Mas sangue o rei não quer, que seu não seja...

Chegado á curia insana o rei piedoso,  
Que trezentos Suissos traz consigo,  
E outros tantos feroces granadeiros,  
Podendo inda á maneira d'Alexandre,  
D'um so golpe romper, cortar d'um jacto  
Esse novo nó Gordio; elle se occupa  
De brandura perder, de frustrar geito,  
Em discutir, em disputar com monstros!  
A guarda que trouxera então despede;  
Á que em palacio tem de novo ordena  
Que não resista, manda fazer alto  
Ao resto que marchava de Ruele;  
E contra corações forrados d'aço  
Elle se deixa estar munido apenas  
De razão, d'innocencia, de palavras !...  
Alli tres dias é, que são tres evos  
Por sua intensidade d'ignominias,  
E d'ultrajes, sem calculo, sem conto,  
E tam so numerados pelos golpes  
Do ferro, que entretendo, ao longe, ao perto  
Degola, abate, prostra, despedaça;  
E pelos ais dos que escapando ao ferro,  
Insufficiente ao cômputo das hostias,  
Vivos devora o fogo, engole o rio !...

Eis que ao templo fatal levado é logo  
Per Petion sem lei, em companhia  
De Manuel sem Deus, que em sua estrada  
Ver-lhe fazem na praça de Vendome

Rotos, apesinhados, desparzidos  
Pela barbarie os miseros destroços  
Do vencedor dos Guises, dos Mayennes!

Recluso sôbre o novo seu palacio  
O hom monarcha, o mesino foi soltar-se  
Quanto descaramento, arrôjo quanto  
Pensar-se póde; e especie d'honras novas,  
Ou d'obsequios não ha, que não lhe rendam  
Seus briosos vassallos! alli ouve,  
Porque o firam no sangue, e n'amisade,  
De Polignac o barbaro assassinio,  
C'o do velho Brissac, e a morte indigna  
D'innocentes prelados, bispos sanctos.  
Mas não basta aos crueis, que lh'atormentem  
Seus ouvidos; convem quebrar seus olhos,  
Torcer-lhos, deprimir-lhos, arrancar-lhos,  
Expondo a elles sôbre poste infame,  
Ohceos! como o direi! da virtuosa  
Alambále a cabeça; a cuja vista,  
E enorme atrocidade, a ella adjuncta;  
Inda o mesmo Astaroth se horrorizára!...

Um templo vasto era prizão folgada -  
Para um reo de taes crimes: bem que crimes  
Que apenas existiam na toldada  
Mente de seus preversos delatores!  
E transferido é logo o rei sagrado  
Ao recinto da tôrre d'esse mesmo



Templo execrando :... eis largo fòsso em roda  
Vivo o quer separar do franco aos vivos  
Commércio humano; pois os mais que o tractam,  
São so feras, são monstros! a luz mesma  
Dos ceos, patentes ao mais rude escravo,  
Se lhe tolhe, e a favor d'escassa fresta  
Mal lhe dão que respire um ar corrupto.  
Sette portas de bronze, e outros tantos  
Postigos, de que pende massa enorme  
De ferrólho tenaz, mais o resguardam;  
Arrepiam-se as carnes, e o cabelo \*  
D'ouvir-lhes o estridor, de o vulto olhar-lhes!  
La privados lhe são os utensilios  
Necessarios á vida : mesmo aquelles  
Que mais perto o vigiam, no teem arma;  
E o comer proprio alli se lhe examina,  
Afim de que entre tantos scelerados  
Um talvez não se encontre, que piedoso  
A morte lh'antecipe!... É d'éta horrenda  
Masmorra, onde Chambom, recente *maire*,  
Vem conduzi-lo á barra criminosa,  
Que busca interrogá-lo sôbre culpas  
Que ella so cometteu : e alli, sustido  
Per algum anjo interno, inda resfolga,  
Respirando a questões, que em próva sua  
So teem por documentos fraude e dolo;

\* Verso de Camoes.

Cuja refutação e longo exame,  
Se lh'aprazam somente per dous dias!

Mas em seu exterior sêm gala, ou pompa,  
Sem nada mais de rei, que a voz e alma!  
Ao ver-lhe a face macerada, e o roixo  
Labio mudo, seu traje mais que simples,  
C'o a longa barba intonsa, parecêra  
Um d'esses infelices, que seu erro,  
Ou alheia omissão, per tempos largos  
Subterrado escondeu; mas que de resto  
Á luz volve de barbara enxovia!

Ao ouvir-lhe a phrase magestosa, e augusta,  
Julgar-se-hia algum d'esses venerandos  
Inspirados dos ceos, que após d'austera  
Penitencia em deserto, ou lapa obscura  
Olhou a primitiva, annunciando  
Alta serie d'incognitos futuros!...

Desde a manhan viera, e alli retido  
Até a tarde longa, em quanto chega  
O duro conductor, não o monarcha  
De vinte milhões d'almas, que nutrira,  
Mas a debil cansada natureza  
Solicita, oh! requer fatia breve  
D'humilde pão, que possa confortá-la!...

Debalde o velho illustre Malesherbes,  
D'oitenta annos o gêlo saccudindo,

Toma um fresco vigor em defendê-lo ;  
 Nem com mais fructo o jovene de Sése  
 Chama a si a propecta madureza  
 D'outro Cicero novo , que faria  
 Revogar a sentença a novo Cesar !...  
 Mas em logar de Cesar, feios brutos ,  
 Brutos por condição , mais que por nome ,  
 Alli so ha , e torpes conspirados ,  
 Que d'um lado Orleans , co'a venenosa  
 Lente sua escandece , e d'outra parte  
 Accende Robespierre , esse perverso ,  
 Successor em maldade comoem sangue ,  
 Do infame Damiens , porque o assassinio  
 Que o avô verificar no avô não pôde ,  
 O neto o verifique sôbre o neto !

Ah ! chega finalmente a crise enorme  
 De proferir-se a barbara sentença !  
 Forçada lei d'um tribunal forçado ,  
 Nullo abuso illegal , inconsequente  
 Nos seus mesmos principios , per effeito  
 D'uma arrastada e falsa maioria  
 Onde um voto se compra , outro s'inverte ,  
 ( Qual o teu , Valasé , qual o de muitos ! )  
 Manda que expire o rei ; é d'elle o crime  
 Vontades d'elles ! . . . . .

Mas onde , onde haverão peitos de bronze  
 Que possam intimidar-lhe a atroz sentença ?...

Nada em que mais abunde a curia infame!  
Garat e Hebert são d'ella os conductores :  
Constante o rei os ouve inalteravel...  
E mais não pede, do que so dous dias  
De dilação, a fim de preparar-se  
A responder em tribunal mais justo,  
Onde um dia eu, e vós responderemos !  
Porém o curto prazo, concedido  
Ao reo mais depravado, ao rei se nega;  
E lhe annunciam, que a manhan seguinte  
A postrema será que o sol lhe raie!

Seu esp'rito depura, e o fortalece  
C'o mysterioso pão, que n'outro tempo  
Partiu per seus amados o escolhido,  
E que na grave ceia consagrado  
( Segundo a veneranda crença sua )  
Perdeu o antigo ser, e Deus foi logo !...

D'est'arte preparado, assim disposto  
Mais não resta, que ver em despedida  
Sua angusta familia :... ah com que côres  
Pintar-vos poderei, pois mando é vosso,  
Sem que falhe o pincel, os tristes lances  
D'uma scena a mais tragica? Immatura,  
Crua separação d'esposo e esposa  
Os mais ternos! Um laço, que nefando  
Golpe duro cortou, mas que outro golpe  
Reúnir ádepressa sôbre o mesmo

Jazigo , em cal involto , e raza a campa ,  
Sem orador que o fado lhes enfeite ,  
Sem pranto que lhes honre a sepultura.

Depois que o rei á tôrre se passára ,  
Atélli não lhe fóra concedido  
Sem testemunhas ver sua familia ;  
E ao vê-lo agora so , inesperado ,  
Tranquillo o rosto , e proprio da grandeza  
De seu peito immutavel , suppõe ella  
Talvez os seus trabalhos terminados ;  
Ah ! terminados sim , mas duro ferro  
Terminá-los devia ! e mal que escuta  
A pena capital , que lh'era imposta ,  
É um grito geral o acolhimento  
Da funesta noticia ; um grito informe,  
Que nas feias abobadas retumbá ,  
E que enfiando as breves gelozias  
Vai longe divulgar a mágoa acerba !  
Apos vária attitude , gestos varios ,  
Que a seu arbitrio a livre dor motiva ,  
Póde o terno Delphim poupar-se aos guardas  
E voa até aos pateos , van clemencia  
Implorando d'um povo , que raizes  
Tem sôbre o coração , e tronco é duro ;  
Ah ! misero menino ! inda os teus mesmos  
Dias não serão longos ! D'outra parte  
S'escapa Elisabetha em vão buscando  
Levar seus ais , seus rogos a uma juncta

Petrificada , que nem ve , nem ouve ;  
E que fera , insensivel pouco logo  
Irmãos no berço irmanará na tumba !

A rainha entretanto , que em delirio  
Feria a nivea fronte contra as portas  
Do pavaroso carcere , é chamada  
Pelo rei , que n'um extasi d'espasmo  
Atélli a cathastrophe medira ;  
Volve ella á voz amada , por effeito  
D'um socegado , subito transporte ,  
Que pareceu milagre : « Rei , e esposo ,  
( Assim lhe torna ) unido ao teu meu peito ,  
De longos annos , que julguei minutos ,  
Uma lei houve em ambos , um so gôsto ;  
E agora que me dás tam nobre exemplo  
Do valor de tua alma incomparavel ,  
Deveria Antonieta desmentir-se !...  
Oh ! não , não ! tanto ao rei , como ao vassallo  
Contados são os dias n'esse livro  
D'eternos caracteres ; transgredir-lhe  
Ninguem póde um so dia o fixo prazo :  
Vai completar-se o teu ; o meu não tarda !  
Quando porém transpor-lhe o termo curto  
Permittido nos fosse ( o que seria  
Por mais , ou menos anno ) além do prigo  
D'aggregar-mos mor cômputo d'angústias  
Quem sabe se , no apêgo d'uma sempre  
Vida incerta , illudir-nos poderiam

Para bem rematá-la o fausto e a pompa,  
 Que nada tem c'o home' á dor sugeito,  
 No burel, ou na purpura?... Oh! baldemos,  
 Sim, frustremos a um povo encarniçado,  
 Tornando-o a nosso bem um rancor louco,  
 Ja que está n'isso a unica vingança,  
 Que sem crime nos resta!... Eu pois contigo  
 Desde ja me conformo aos fados nossos,  
 Sem que d'elles me fique alguma queixa  
 Mais que a de não mandarem, que a um tempo  
 Eu possa acompanhar-te... Ah troca, troca  
 Um precario diadema por um sceptro,  
 Onde os punhaes do mundo alçar não podem!...»

E com isto a Luis os braços deita  
 N'um longo amplexo, soffocados ambos  
 D'um pranto, que não quiz a natureza  
 Deixa-lo supprimir por vãos esforços  
 D'arte van, ou d'aéreos raciocinios!

Inda eram abraçados, quando ruge  
 Sôbre os gonzos com rispido arruido  
 A ferrea grade; e entra a chusma horrenda  
 Que tragar deve a victima innocente!  
 Retiram-lhe a rainha; e em leda face  
 Desce o monarcha, e sobe logo ao coche...

Eis ja se arrosta o cadafalso iniquo;

Alli lhe prende as mãos, as mãos sem culpa  
 Carnifice maglino; alli lhe corta  
 Verdugo enraivecido os seus cabellos,  
 Que, apos outro malvado erguer aos ares  
 A frente dona sua, irão vender-se  
 Em público pregão a um povo insano!

« Filho de san' Luis! ide com elle  
 Gosar da palma que vos é disposta. »  
 Como por uma inspiração divina  
 Lhe exclamou Adjuvort. Sobe o monarcha  
 A passo magestoso, nem que fosse  
 Para um triumpho seu! chega-se ao lado  
 Do sinistro theatro, e em despedida  
 Busca inda protestar em branda phrase  
 Á ingrata nação seu nimio affecto  
 Mas Santerre, maldicto commandante  
 D'uma tropa maldieta, faz que um rufo  
 Rebombe emtórno, a cujo som medonho  
 Toma o rei seu assento, a vida entrega  
 Aos nefandos, crueis executores!...

Mais caridosa, mais sensivel que elles,  
 Hesita um pouco a máchina terrivel;  
 Até que emfim se descarrega o golpe!...  
 Ás sacrilegas mãos d'algoz protervo  
 Luis perde a cabeça veneranda.....  
 Geme a virtude em sacrificio horrendo!....



Aqui Sydnei chegava, quando emtorno  
Um lugubre gemido, d'esde muito  
Suffocado, o silencio alli quebrando,  
Interrompe o orador, que mais não ousa.

SANTOS E SILVA, *Braziliada*.

## O ALCAÇAR DA MORTE.

Eis repentino o sol no ethereo assento  
Mostra dos ceos a cupula azulada :  
Obra d'inghenho Luso , ergue o instrumento  
Alemquer , com que mede ao sol a estrada ;  
O gran' genio astronomico fallece ,  
E o mar que corta absorto desconhece.

Em quanto se affadiga , equoreo bando  
Das alcyoneas aves lhe resoa  
Juncto ao bordo da nau , e o ar rasgando ,  
Via que buscava a terra erguida á proa :  
Balsamico vapor suave e brando  
Sôbre as asas dos zephyros revoa ;  
Ceilão dest'arte ao longe o nauta sente  
Pelo espargido cheiro em cópia ingente.

Começam montes de chegar-se umbrosos ,  
Que pelas nuvens vão metendo a fronte ,  
E a dilatar-se os valles deleitosos ;  
D'aqui d'alli rompendo argentea fonte :  
E , quando o sol de raios luminosos  
Do mais alto dos ceos enche o horisonte ,

A fertil terra se descobre toda,  
Parece que do mar banhada em roda...

Qual ja fôra o jardim delicioso,  
Habitação de humana creatura,  
Antes que o pomo infausto e luctuoso  
Dos abysmos chamasse a morte escura:  
Tal se descobre desde o pego undoso  
Da terra ignota a magica pintura;  
Mostra no verde chão, no azul da esphera,  
Ser estação: continúa a primavera.

Batia priguiçoso o mar na areia,  
Em leve espuma d'ella se escoava;  
De um largo rio crystallina veia  
Se mostra, e sem fragor no mar entrava:  
Um vergel innaccessso á luz phebeia  
As encurvadas margens lhe assombrava,  
Onde aves, que voando os ares fendem,  
Entre as folhas c'o canto os ventos prendem.

De toda a parte os livres horisontes  
D'auri-rosadas nuvens se guarnecem;  
No longo fio de não rudes montes  
(Painel suberbo!) os olbos desfallecem:  
Rebentam-lhes da falda argenteas fontes,  
Que os umbriferos valles humedecem;  
Fórma o matiz das peregrinás flores  
Ao longe uma so côr de immensas côres.

O viço e côr dos lindos campos era,  
Qual do Ganges esmalta os ferteis prados,  
S'intenso brilha o sol, o ardor modera  
Nos vapores da terra ao ar levados,  
E se torna suavissima a atmosphaera,  
Com perfumes de balsamo exhalados:  
Tal a incognita terra, que apparece,  
Aos Lusos como extaticos s'off'rece.

Lançam logo um batel nas ondas frias,  
E aventureiro intrepido Velloso  
Quer explorar as solidões sombrias,  
Que pelas margens vêem do rio undoso:  
Não teme expor da vida os frageis dias,  
Nos mais difficeis transes animoso;  
Ao lado seu o interprete não falta,  
Com elle explorador na terra salta.

Não muitos passos dão na ignota areia,  
Eis que se embrenham logo em selva escura,  
Onde da clara alampada phebeia  
Entrava frouxamente a chamma pura:  
De palmares umbriferos se arreja  
Aquelle estranha, lugubre espessura;  
Triste a copa dos cedros corpulentos  
Suturnos echos reproduz dos ventos.

Rompem n'um valle ameno e dilatado,  
Andando um pouco os Lusos caminhantes;

Era de fórma circular, fechado  
Em roda está de teixos verdejantes;  
No mais remoto fundo um levantado  
Templo se ve de marmores brilhantes;  
Que levantára egypcia architectura  
Per onde vai do Nilo a lympha impura.

Seis columnas o portico sustentam,  
Entre uma e outra em pedestaes erguidas,  
Bronzeas estatuas vêem, que representam  
Divindades télli desconhecidas,  
Que temor, que esperanças alimentam,  
Nas gentes d'Asia em sombras involvidas:  
Extaticos os Lusos se suspendem,  
De estranhas scenas taes nenhuma intendem.

Volve-se a tudo a vista, e se arrebatada  
No angusto templo colossal; e tudo  
Da phantasia o término dilata;  
Quanto c'os olhos se descobre é mudo:  
De humanos pés se julga a terra intacta.  
Eis de aspecto nem barbaro, nem rudo,  
Subito um velho aos Lusos se apresenta,  
Que assombro, e não pavor n'alma lhe augmenta.

Trajado vem de negra vestidura,  
Que desde o collo aos pés fluctua ondeada;  
Tem rosto venerando, a côr escura,  
Rugosa a frente, a barba dilatada:

A nobre, não vulgar, alta estatura  
Do tempo ao pêso tras como encurvada;  
Tem nas robustas mãos nodosa vara,  
E, mal descobre os Lusitanos, pára.

Não se perturba o generoso peito  
Do Portuguez c'o vulto inopinado,  
Co'a triste côr da veste, e turvo aspeito,  
De um modo estranho, livido, escarnado:  
Rompe o velho o silêncio, e com respeito  
Em doce tom de voz grave e pousado:  
« Quem sois, lhes diz, mortaes que vejo e admiro  
N'este do mundo incognito retiro? »

Da Arabiga language o noto accento  
Pasma de ouvir. « Nós somos (um responde)  
D'esse imperio que o sol no firmamento  
Na Europa último ve quando s'esconde.  
Pelos campos do tumido elemento  
Buscando vimos os paizes, onde  
No berço a aurora aos homens apparece,  
Onde a Asia mais s'eleva e mais florece.

Involto pelo mar no manto escuro  
De um, como noite espesso, nevociro,  
Da vista nos fugiu brilhante e puro,  
Baliza em pólo austral, vivo cruzeiro:  
Té que o veo sepulcral, medonho, impuro  
Rompeu do mundo avivador luzeiro;

Ésta, incognita a nós, terra tocámos,  
E aqui dos homens o vestigio achámos.

Tu nos descobre que paiz é este,  
Sê dista muito o lucido Oriente;  
Que terra é ésta que s'enfeita e veste  
De viva primavera em ceo clemente?  
Se a habita um povo que socorros preste  
A quem batido vem do mar tumente;  
Quem sejas tu; que portentoso templo  
É este que elevar-se ao ar contemplo?»

«Estais (lhe diz o velho) em dilatada  
Ilha, que cêrca o Indico Oceano;  
D'essa riqueza e mérces abastada,  
Por quem se affana tanto o peito humano:  
É ésta augusta máchina sagrada  
Dos ceos, da terra e mar ao soberano;  
E d'outra vida em solida esperança,  
Dos nossos reis a cinza aqui descança.

Alcaçar é da morte: eu consagrado  
Seu sacerdote sou n'este profundo  
Prophetico silencio, e separado  
Da estrepitosa confusão do mundo:  
Da eternidade nos umbraes lançado,  
A solidão me apraz, so me é jucundo  
Da morte e do sepulcro o pensamento,  
D'elle me ánimo, d'elle me apascento.

Do tracto humano longe, e mui distante  
Existo aqui da côrte populosa;  
Vinde admirar na máchina prestante  
Sentada a morte em cinza luctuosa.  
Sobe os degraus de mármore brilhante,  
C'os Lusos entra a porta sumptuosa,  
E no recinto vêem d'ambos os lados,  
Os mausoleos de pórfido lavrados.

Sôbre leões de bronze alto s'erguam  
Funestas urnas de inscripções coalhadas;  
Emtôrno aureas alampadas que ardiam,  
D'alli affastam sombras carregadas:  
Com desusado assombro os Lusos viam  
Em jaspe oriental as entalhadas  
Effigies de reis barbaros; sustinham  
Na dextra a espada, e diademas tinham.

No centro bem do templo, e levantado  
Mais que os outros, um tumulo se ostenta;  
De mais suberbos symbolos ornado,  
Aos enlevados Lusos se apresenta:  
De alabastro finissimo lavrado  
Feminil busto a magestade augmenta,  
E diz que illustre cinza alli se encerra,  
(Se é nobreza o que é cinza!) e escura terra.

«Que despojos mortaes no seio occulta  
(Velloso exclama) a triste sepultura,



Que entre os suberbos mausoleos avulta  
Mais na funerea pompa e na esculptura? »  
« Este o podêr dos seculos insulta  
Tropheo de amor, e tymbre da ternura,  
( Lhe diz o velho; e se lhe enfia o rosto,  
Onde se pinta a imagem do desgôsto. )

Aqui s'esconde misera donzella,  
( Torna em soluços ) que a mesquinha sorte  
Fez entre todas por extremo bella;  
Deu-lhe a belleza um throno, e deu-lhe a morte:  
A seu berço fulgiu maligna estrella;  
Do que hoje é nosso rei ja foi consorte,  
E a mesma augusta mão que a eleva tanto,  
Á morte a quiz votar, e a nós ao pranto.

Desde a origem do imperio é lei guardada,  
Que esposa veda ao regio dominante,  
Que possa ao throno alçar-se, e ser chamada  
Sôbre estes povos árbitra e reinante:  
Lindára, tanto por seu mal amada,  
Tanto soube prender o incauto amante,  
Que elle da lei fundamental se absolve,  
E erguer ao solio a misera resolve.

Chega o termo fatal; fausto, e grandeza  
Se contemplava em tudo, em tudo havia:  
Subia ao throno; toda a natureza,  
Vendo-a no solio, é subito sombria:

Eu vi n'um veo de funebre tristeza  
A nossos olhos esconder-se o dia;  
Eu tudo em lucto vi, tudo em desmaio,  
E vi sem nuvens fuzilar um raio.

Lindára muda a côr, treme a s'espanta,  
E cuida o rei que o ceo se mostra irado,  
Que manda o raio porque a lei quebranta,  
Que não permite esposa ao regio estado:  
Do magestoso throno se levanta,  
Como da morte horrifica assombrado;  
Mais e mais cresce a sombra horrenda e feia,  
O ceo fuzila, a terra balanceia.

Com tam tristes signaes espavorido,  
Cuida escutar a voz de eterno arcano;  
(Do fanatismo barbaro opprimido,  
Seu mesmo mal abraça o peito humano;)  
Julga que o ceo se aplaca, enfurecido,  
A golpes, qual não dera um tigre hircano:  
Sem se abalar da natureza ao grito,  
Julga virtude heroíca um delicto.

Assim confuso, trémulo e suspenso,  
Co'a malfadada esposa premanece;  
Mais se carrega o ar sombrio e denso,  
Que subito relampago esclarece:  
Rompe o lume trisulco o espaço immenso,  
Lambe-lhe o sceptro e purpura, e fenece:

Elle a chamma fatal vendo apagada ,  
N'um ponto arranca a fulminante espada ;

E clama : « Eu quiz no throno a formosura ,  
Qual nunca a natureza a humanos dera ;  
Não foi cego capricho da ventura  
Quem Lindára conduz do throno á esphera ;  
Mas oiço a voz do ceo na sombra escura  
Que me intima do imperio a lei severa ;  
Sacrifique-se á lei de amor a chamma ;  
Que do estado o dever mais alto clama.

Eu sei cortar d'amor o laço estreito... »  
E abaixa a espada triumphante em guerra ;  
Todo no eburneo , delicado peito  
O ferro infausto e deshumano enterra :  
So ficam lirios no formoso aspeito ,  
E corre o sangue em borbotões na terra...

Do tremendo espectaculo da morte  
Mudo se aparta o povo espavorido ;  
Nos annaes que com sangue escreve a sorte  
Nunca foi quadro semelhante ouvido :  
Nada póde existir que o rei conforte ,  
Inda hoje em mágoa , em sombras involvido ;  
E é testemunha o mausoleo soberbo  
Do amor antigo e do tormento acerbo. »

Com tam barbara scena ambos os Lusos ,  
Sem saber ond'estão , se olham pasmados ,

Os olhos volvem tremulos, confusos,  
Pelos tristonhos tumulos sagrados :  
Crem que magica vara os tenha illusos !  
O sacerdote que interpreta os fados,  
Vendo o assombro que n'elles se derrama,  
Com tom de voz prophetica lhe exclama :

« Em voz de assombro a imagem se devisa,  
Offendida observando a natureza;  
D'est'arte o fanatismo a tyranniza,  
E os brados seus indomito despreza :  
Assim despota horrendo insulta e piza  
Ternura, amor, podêr, sceptro e grandeza,  
E d'Asia, onde ides, os imperios cheios  
São d'estes quadros horridos e feios.

Este onde estais imperio poderoso  
Abrange quasi a fertil Taprobana :  
Grande em commêrcio, em guerras é famoso,  
De antiga origem de tropheos se ufana :  
Talvez que seja o berço glorioso  
Onde teve princípio a especie humana ;  
Mas perdem-se os annaes, perde-se a historia  
N'êsta, escondida em seculos, memoria.

Mas no meio uma voz d'antiga gente,  
De gerações em gerações mandada,  
Nos diz que uma nação, desde o Occidente,  
Virá do mar cortando a vitrea estrada;

Um povo , ao qual captiva inclina a frente  
Asia presa em grilhões , Asia domada :  
Sois vós por certo o promettido povo ,  
Que deve dar á terra aspecto novo.

N'este templo é guardado o grande arcano.  
Disse , e bronzeo ferrólho a um cofre abria ;  
D'elle um lenço extrahin , que ao Lusitano  
Estranhissimo quadro offerencia.  
« Quando ( o velho lhe diz ) for do Oceano  
Cortada a parte austral profunda e fria ,  
Per mui fortes barões , de ferro armados ,  
Mudar-se-hão d'Asia de repente os fados.

Nova lei se ha de ouvir nos climas , onde  
O Indo , o Ganges , retalhando a terra ,  
Dentro das ondas tumidas s'esconde ,  
Mais que tributo , ao mar trazendo a guerra :  
Virá grande nação das partes d'onde  
Á Europa pôsto o sol s'esconde e encerra ;  
Com quantos golpes e com fôrça quanta ,  
Quasi o Globo este povo opprime e espanta !

Vós que o ferro trajais , ao mar lançastes  
O pesado grilhão nunca sentido ;  
Vós no escuro Occidente o sol deixastes ,  
É este o vosso aspecto , este o vestido :  
Vós co'a espada , que em guerra fulminastes ,  
Tendes grandes nações d'assombro enchido ;

A tal empreza vos tem certo o fado ,  
Desde a origem dos seculos , guardado...

Os Lusos dous attonitos voltavam ,  
Todos absortos na impensada scena ;  
A conhecida estrada atravessavam ,  
Que do templo divide a selva amena :  
A fluctuante armada demandavam ,  
Ja quando a noite placida e serena  
O veo de estrellas recamado abria ,  
E a lua o rosto no horisonte erguia.

C'o mesmo assombro o capitão famoso  
A maravilha annunciada escuta ,  
No peito a volve insomne e cauteloso ,  
Em quanto o veo da noite o mundo enluta :  
Mal do Ganges assoma o sol formoso ;  
Ao som do bronze chama a resoluta  
Náutica chusma ; co'a maré ja cheia  
Sobe do rio a crystallina veia.

J. A. DE MACEDO , *Oriente.*

## CAMÕES

EMPRENDE E COMPLETA OS LUSIADAS.

« Nada na cõrte obtive contrastado  
 Per tam forte inimigo e poderoso \*.  
 Sem arrimo, sem pae — ( Como eu, perdido  
 Entre o obscuro tropel dos desyalidos,  
 Que o sangue pola patria não barateado  
 Para perder á mingoa o resto d'elle,  
 Meu pae de pura mágoa, e de despeito  
 Fenecêra em meus braços ) so no mundo  
 Que me restava? Perecer como elle,  
 Ou per um nobre feito despicar-me,  
 Vingar a affronta d'uma patria ingrata.

« De taes ideias combatido o ânimo,  
 Um dia ás margens do formoso Tejo,  
 Curtindo acerbas dores, passeiava,  
 E os olhos desvaírados estendia  
 Per essa magestade de suas aguas  
 Coalhadas de baixéis, que as ricas pareas,  
 Que os tributos do Oriente véem trazer-lhe.

\* O 1.º conde de Castanheira, D. Antonio de Atayde, grande valido d'el-rei D. João III.

Andando, meu espirito agitado  
Se enlevava nas glórias, nos prodigios  
Que a tam pequeno canto do universo  
Ametade da terra avassallaram.  
Transportava-me o ardente pensamento  
Aos palmares do Ganges envergados  
De tropheos portuguezes; via o nauta\*,  
Que ousou galgar o tormentorio cabo,  
E nos balcões da descuberta aurora  
Hasteou as Quinas sanctas. Retiniam-me  
Nos tremulos ouvidos os trabucos,  
Que a golpes crebros as muralhas prostram  
Do rico Ormuz, da próspera Malaca,  
E da suberba Goa, emporio novo  
Do novo imperio immenso. Via acurvados  
Reis de Siam, Camboje, de Narzinga  
Aos pés do vencedor depor os sceptros;  
E render, supplicantes, vassallagem  
Ao ferro lusitano. Os nobres muros  
Vi de Diu estalar, saltar aos ares  
Per infernal ardil; e entre as ruinas  
Dos inflammados bastiões, — dispersos  
Os palpitantes membros d'esse filho\*\*,  
Por quem não correm lagrymas paternas;  
Não, que martyr da patria é morto o filho.

\* Vasco da Gama.

\*\* D. Fernando de Castro, filho de D. João de Castro.



« D'esse pae venerando , — esse Fabricio  
 Da lusitana historia , renovando  
 Sob os arcos triumphaes da inclita Goa  
 Altas pompas de Roma , e altas virtudes  
 Que so geraram Lusitania e Roma , —  
 De Vasco , de Pacheco , de Albuquerque  
 Inflammavam n'um extasi de raptó  
 Meu peito portuguez memorias grandes.  
 Quem taes milagres d'heroismo , e d'honra ,  
 Quem tanta glória a tam pequeno berço  
 Foi tam longe ganhar ? Quem a um punhado  
 D'homens , á mais pequena nação do orbe  
 Deu máres a transpor , veredas novas  
 A descubrir na face do universo ;  
 Povos a subjugar , reis a humilhá-los ,  
 Ignotos mundos a ajunctar ao velho ,  
 E , a dilatar-lhe a superficie , a terra ?  
 Elles. — E a patria , por quem tanto hão feito ,  
 Que digno prémio lhes ha dado ? — A fome  
 N'um hospital galardoou Pacheco ;  
 A Albuquerque a deshonra ao pé da campa ;  
 Castro a pobreza , que os soccorros ultimos  
 Sôbre o leito da morte mendigava \*.

\* Peço-vos ( dizia esse governador aos assistentes )  
 que em quanto durar ésta doença , me ordeneis da  
 fazenda-real uma honesta despesa e pessoa per vós  
 determinada , que com modesta taixa me alimente.

FREIRE, *Vida de D. J. de Castro.*

« Ingrata — ingrata patria . — Fatigado  
 Como de tanta glória , e tal vergonha ,  
 Parei. Juncto me achava então do templo \* ,  
 Que a piedade e fortunas apregoam  
 De Manuel o feliz : padrão sagrado  
 De glória e religião ; esmêro d'artes  
 Protegidas d'um rei , que soube o preço  
 — Alguma vez ao menos — ao talento ,  
 A' lealdade , ao valor, ao patriotismo.  
 — Nem sempre; mas tam pouco de virtude  
 Basta n'um rei para esquecer-lhe os crimes !

« Aberta em pár do templo estava a porta ;  
 Entrei. Nas vivas telas animadas  
 Dos pinceis de Campello \*\* se pasciam  
 Meus olhos admirados. Dei c'o tumulo ,  
 De custoso lavor, que ahi resguarda  
 As cinzas do monarcha afortunado :  
 Afortunado em vida; — a morte , fecha-lhe  
 Sêllo do Eterno os labios descarnados :  
 São segredos de Deus os do sepulcro.  
 Mais cansado , que pio , ajoelhei-me  
 Sôbre os degraus do tumulo; insensivel ,  
 No recostado braço a frente inclino ,

\* Igreja do convento de Belem.

\*\* Manuel Campello estudou em Italia a pintura  
 na eschola de Miguel Angelo , e de volta á patria ,  
 foi nomeado pintor d'el-rei D. João III.

E descahi n'um languido deliquio ,  
Que nem morte, nem somno, mas olvido  
Suavissimo é da vida. Somno embora  
Lhe chamaria, se as visões tam claras  
Mais rapto d'alma em extasi sublime,  
Que imagem van de sonhos, as não visse.  
Talvez seria natural effeito  
De agitados sentidos; porventura  
Mui credulo serei: mais alta causa  
Do phenomeno estranho então a tive.

« Oh! sonho não foi esse. — Afigurou-se-me  
Ver do moimento erguer-se um vapor leve,  
Raro, como de nuvem transparente,  
Que mal embaça o lume das estrellas  
No puro azul dos ceos: — foi pouco a pouco  
Condensando-se espesso, e longes dava  
De humana fórma irregular, — qual sohem  
Ao pôr do sol phantásticas figuras  
As nuvens debuxar pelo horisonte. —  
Logo mais certas, mais distinctas fórmas,  
Qual molle cera em mãos d'habil artifice,  
Tomando foi. Ja claro ante mim era.  
Roupas trajava alvissimas e longas:  
Seus braços de extensão desmesurada,  
Um sóbre o peito c'o indice apontava  
Ao coração, que as vestes resplendentes  
Transparecer deixavam. Viva chamma,  
Como luz de carbunculo, brilhava

Na viscera patente ; e em radiosas  
Lettras lhe soletrei — *Amor da patria.*

« Da maravilha como por incanto ,  
Sem receio , ou terror a contemplava ,  
Quasi de tal prodigio infetiçado ;  
Quando estes sons , entre aspero e suave ,  
Mas solemnes ouvi : — « Joven ousado ,  
Grande empresa te coube \* , — acerba glória ,  
De que não gozarás. Desgraças cruas  
Fadam teus dias... Mas a glória ao cabo.  
A patria , que foi minha , que amei sempre ,  
Que amo inda agora , gran' serviço aguarda  
De ti. Um monumento mais duravel  
Do que as moles do Egypto , erguer-lhe deves.  
Pyramide será , per onde os seculos  
Hão de passar de longe , e respeitosos.  
Galardão , não o esperes. — Enganado  
Por tredo aconselhar , ingrato hei sido ,  
E a quem ! — Maiores de meu sangue ainda  
Ingratos nascerão. Tu serve a patria :  
É teu destino celebrar seu nome ,  
Os homens não são dignos nem d'as queixas  
Escutar do infeliz. Segue ao Oriente ,  
Salva do esquecimento essas ruinas ,  
Que ja meus netos de amontoar começam  
Nos campos , nos alcaçares de glória ,

\* Compor o poema dos Lusíadas.

Preço de tanto sangue, e mais virtudes.  
 Um dia... — Envão perante o excelso throno  
 Do Eterno me hei prostrado; irrevogavel  
 A sentença fatal tem de cumprir-se. —  
 Um dia inda virá, que envilecido,  
 Esquecido na terra, envergonhado  
 O nome portuguez... — Opprobrio, mágoa,  
 Dura pena de crimes! — tábua unica  
 Lhe daras tu para salvar-lhe a fama  
 Do naufragio. Tu so dirás aos seculos,  
 Aos povos, ás nações: *Alli foi Lysia.*  
 Como o encerado rôlo sôbre as aguas  
 Unico leva á praia o nome e a fama  
 Do perdido baixel. — Parte. Salvá-lo!  
 Salvá-lo, em quanto é tempo! — Extincto... Infamia!  
 Extincto Portugal... Oh dor!... » — Rompeu-lhe  
 O derradeiro accento d'éstas vozes  
 Em som de pena tal, e tam tremendo,  
 De tam profunda mágoa, que inda agora  
 Nos cortados ouvidos me rimbomba.  
 Estremeci, olhei; ja nada vejo:  
 Ou acordei, ou a visão se fôra.

« Dir-vos-ei que serena a mente e placida,  
 Que as ideias distinctas conservava,  
 Não como é d'uso ao despertar d'um sonho?  
 Fe me não prestareis: mas em minha alma  
 Tam claramente li como um reflexo  
 De inspiração maior que humana cousa,

Que sem hesitar mais , sem um momento  
De incerto duvidar, assentei firme  
No presuposto de seguir meu fado ,  
E ás descubertas plagas do Oriente  
Ir demandar essa escondida sorte,  
Esse feito , essa glória promettida  
De engrandecer o ninho meu paterno.  
Uma so cousa. — Confessá-lo é fôrça ,  
Mas que dizê-lo peje — acobardava  
A tenção resoluta. Ir mar em fóra  
A terras la tam longes , e deixá-la,  
Deixá-la... e sem esp'ranças , nem aomenos  
De inda a tornar a ver !... Sabeis quem digo ;  
Poupae-me a dor de proferir seu nome.  
Dura , e ferida n'alma se travavam  
Batalha amor, e patria. Amor vencia  
Quasi... — Não triumphou... »

« Com pensamentos taes sahi do templo :  
Escondia-se o sol d'além dos montes  
Da outra margem do Tejo : alva e sem lume  
Parecia no azul dos ceos serenos  
Infante a lua , como um arco eburneo ,  
Que ao numen , que n'esse astro afiguraram ,  
Derau antigos vates. Mais sereno ,  
Mais bello pôr de sol jamais o hei visto  
Nos desvairados climas decorridos  
Em minha incerta vida. Ao longo vinha  
Da solitaria praia respirando

A fresca viração, que mal das aguas  
Leve encrespava a superficie apenas :  
Uma voz me chamou, — voz que em meu peito  
Ouve inda o coração — voz doce e meiga,  
Que nunca mais... Oh ! nunca mais na terra  
Escutarei dos vivos... — volvo o rosto.  
De baixa gelosia me acenava  
Com um candido veo mais nivea e candida,  
Formosa e breve mão. Fluctuando ao vento  
O veo cahiu, e a dextra desaparece.  
Ergui-o palpitando : um nó o atava,  
E verde fio de ligeira seda \*  
Fecha um bilhete; abri-o, li : — « Roubado  
Foi este instante a barbaros tutores.  
Insensatos ! vigia mais do que elles  
Amor, que póde tudo. A minha glória,  
Pu-la em teu coração; minha ventura,  
Minha vida, o meu ser de ti confio.  
Parte — é fôrça partir... — Ausencia dura,  
Separação cruel so póde unir-nos.  
Sai a frota ámanhan : vai alistar-te :  
Campo no Oriente a grandes feitos se abre.  
Volta com nome tal, que tudo vença.  
Eu viverei de lagrymas... — Embora.  
Matar-me-hão saudades... — Não, não hão-de.  
Ver-me-ás ainda; um anjo hontem m'o disse

\* Era esse o modo de fechar as cartas n'aquelle tempo.

N'um sonho tam feliz! — Era eu vestida  
 De riquissimas galas; e alva c'roa  
 De rosas me toucava : tu a um lado,  
 Triste — não sei porquê ; outros de lucto ;  
 Não me admirou , que nosso amor não querem.  
 E o anjo assim me disse. E mais , que um dia  
 Tamanho se fará teu nome e glória ,  
 Que encha o universo.—Vai : adeus!... Terrível,  
 Amargo adeus é este... Não importa.  
 Parte... e jamais te esqueças... »

Uma lagryma

Dilira o mais das lettras; — quente ainda  
 A senti no papel... — Mudo e sem vida  
 Horas longas fiquei parado , estatico ,  
 No coração a carta , os olhos fitos  
 Na avara gelosia. Alta ia a noute;  
 Agua acima passava uma falua :  
 Bradei , accodem , a Lisboa volto ,  
 E ao outro dia , na maré da tarde ,  
 Da poppa d'um galeão via fugindo  
 O Tejo , as suas ribas deliciosas ,  
 Depois a terra ; — alfim o ceo e as aguas  
 Sos com minhas tristezas me ficáram.

« Annos sette vaguei de terra em terra ,  
 Ora vendo essas ilhas \* , onde aquece  
 Eterno fogo desusada fôrça ,

\* Molucas.



Ora os deliciosos habitantes  
 Da malaia península. — Um repouso ,  
 Placido quanto o gozam desgraçados ,  
 Encontrei na escavada penedia ,  
 Onde na roca esteril se alevanta  
 Macáo, fertil agora das riquezas ,  
 Que o manancial do tráfico lhe verte.  
 Alli , so com meus tristes pensamentos ,  
 Livre aomenos dos homens, so comigo ,  
 Co'as lembranças da patria, co'as saudades ,  
 Que la me tinham coração e vida,  
 Se não feliz vivi, sequer tranquillo.

« Nas penhas d'essa ilha abriu natura  
 Cava na rocha, solitaria grutta \*,  
 Onde as nayades frias vão coitar-se  
 Do ardor da sésta : á entrada lhe vicejam  
 Recendentes arbustos, heras crespas ;  
 E no vivo rochedo lhe entalharam  
 Mysteriosas mãos ignotas lettras.  
 Talvez em longes eras meditasse  
 Solitario discip'lo de Confucio  
 N'essa caverna as eternaes verdades  
 Do grande *Tien*, do deus da natureza ,  
 Que ao Socrates da China se amostrára  
 Mais temporão, se lhes não mentem chronicas ,  
 Que ao amante de Phedon \*\*. — Vem quebrar-se

\* Chamada ainda hoje a grutta de Camões.

\*\* Socrates.

Perto o mar, que se espraia longo e longo,  
 Té se perder no extremo do horisonte.  
 Alli, de soledade amarga e doce,  
 Esquecidas passei horas ditosas;  
 Ditosas, — se jamais fio d'areia  
 Na voadora ampulheta me ha corrido  
 Horas, que taes se chamem. — N'esse poiso  
 De suave tristeza me accodiam  
 Á memoria as ideias do passado,  
 Magoadas co'as lembranças do presente,  
 De envolta com receios do futuro;  
 E acaso de esperança verdejava  
 Leve folha dos ventos assoprada.  
 Patria, oh patria! — dizia — é pois um sonho  
 Essa visão, que por celeste a tive?  
 Teu nome eternizar, dar brado á fama,  
 Que de ti digno, digno de Natércia \*  
 As gerações pasmadas me apregoem...  
 Assim vos dissipais, visões de glória,  
 Como fumo que se ergue da choupana  
 Para subir aos ceos, — que Euros dispersam,  
 Quasi punindo-o de tenções tam altas!  
 Que póde em pro da patria um desgraçado,  
 Perseguido, no exílio inmerecido?...

« Uma voz ca do íntimo do peito  
 Cuidei ouvir que assim me respondia:

\* D. Catherina de Atayde, de quem sempre fallou  
 Camões, nos seus versos, com este anagramma.

—Póde mais do que a espada, a voz e a penna;  
Feitos de glória immortaliza o canto,  
Salvam do olvido as musas. Vive a fama,  
Que em versos divulgáram numerosos  
Vates de Grecia e Roma. É menos digno  
De eterno carne o peito lusitano\*,  
A quem Neptuno e Marte obedecêram,  
Que essas do sabio Grego, e do Troiano  
Navegações mentidas, fabulosas?  
Um Nuno fero, um Egas, um dom Fuas  
Não excedem os sonhos mal fingidos  
De Orlandos falsos, e de vãos Rugeiros?  
Do incerto Eneas para si não toma  
Fama e renome aquelle Gama illustre,  
Que ousado em p'rigos, e esforçado em guerras,  
Mais do que permittia humana fôrça,  
Cometteu e prefez acção tammanha?

« Na mente, como c'um impetu invencível,  
Me dava abalo o altivo pensamento.  
Grande é o arrôjo, desmedida a altura,  
Onde me afouta de subir a ideia.  
Embora, embora; seguirei meu fado.  
As nymphas invoquei do Tejo ameno,  
Que em mim creassem novo ingenho ardente,  
Que a tam subida empresa se elevasse.  
Emprendi, persev'rci no ousado intento;

\* Lus., cant. I. est. 3, até 12.

Trabalho d'annos foi : alfim completo ,  
Com elle á doce patria me voltava  
No benigno favor esperançado  
De meus concidadãos , no de um monarcha  
Prezador das virtudes , do heroismo ,  
Que em meus versos cantei.—Mais doce ainda ,  
De mais subido premio outra esperança  
Me alentava... Ai de mim ! um longo sonho  
Minha existencia ha sido. — E pois que nada ,  
Nada ja'gora me ficou na terra...  
Sem *ella*... oh! nada—que me resta?...A morte.»

ΑΝΟΝΥΜΟ, *Camões poema.*

---

 MORTE DE CAMÕES.
 

---

. . . . . Emtanto as velas  
 Ja pelo Tejo undivago branqueiam;  
 As phalanges de intrepidos guerreiros  
 Cobrem suas longas praias. Lamentando  
 Estão d'emtórno as mães, ternas esposas,  
 Os filhinhos nos braços amostrando  
 Aos paes, que o gesto angustiado voltam  
 Para os não ver, que se lhes parte a alma.  
 Mas quem são esses dous, que ahí sôbre a praia  
 Tam estreitos se abraçam? Correm lagrymas  
 Per olhos, que a vertê-las não costumam;  
 Em peitos se reprime o adeus sentido;  
 Peitos, que o não contêm.

— «Adeus!... A vida  
 É mais difficil, filho, do que a morte.  
 Supportae-a; mostrae-lhes que sois homem,  
 Que sois christão : perdoae...»

— «Perdoar eu!... Nunca.  
 Malvados, que me roubam tal amigo!  
 Unico amparo so que me restava;  
 Que d'envolta co'a patria, co'as esp'ranças  
 D'um povo inteiro, a vil sepulcro o levam!

Oh! perdoar-lhes, nunca : o derradeiro  
 Accento de meus labios moribundos  
 Será de maldição sôbre essas frentes  
 Carregadas de crimes.»

— «Perdoae-lhe,

Perdoae-lhe : a affronta propria é juiz suspeito.»  
 — «A minha affronta, oh ! essa, eu lh'a perdoo.  
 Mas a da patria...»

— «Adeus, adeus !»

Chegava

El-rei então ; signal de partir soa :  
 Ja se movem as naus ; e as altas pontes  
 Se eriçam de belligeras phalanges.  
 Redobra o pranto. — Anchora sobe ; antenas  
 Se expandem... La te vas, e para sempre !  
 Nas pandas azas dos traidores ventos,  
 Independencia, liberdade e glória.

« Que me resta j'agora? » os olhos longos  
 Para a frota, que perde no horizonte,  
 Comsigo o vate diz: « O que me resta  
 Sôbre a terra dos vivos? Um amigo,  
 Um amigo, n'este arido deserto .  
 Da vida, me fallece. Um bordão unico,  
 A que me arrime na escabrosa senda,  
 Me não ficou. O número está cheio  
 De meus dias contados por desgraças,  
 Marcados, um por um, na pedra negra  
 Do fado negro e mau. Posso eu acaso

Nos corações contar dos homens todos  
 Uma so pulsação, que por mim seja?  
 Posso dizer... » — Gemido, que ouve perto,  
 O interrompeu. Era o seu Jáo, que afflicto  
 O escutava. Do humilde e pobre escravo  
 O coração fiel se retalhava  
 De ouvi-lo assim queixar.» Ah! se eu não fôra  
 ( Com os olhos e as lagrymas dizia;  
 Com os olhos, que labios o não ousam ).  
 « Ah! se eu não fôra um desgraçado escravo,  
 Que coração que eu tinha para dar-lhe! »  
 Tu, generoso amo, lhe intendeste  
 Seu fallar mudo, seu dizer de lagrymas.  
 — « Tens razão; injustiça é grande a minha:  
 Inda tenho um amigo. »

Pausa longa

Seguiu éstas palavras, que no peito  
 Ao generoso Antonio desafogam  
 O coração, que lhe apertava a mágoa;  
 Nos olhos, rasos do chorar ainda,  
 A alegria lhe ri per entre o pranto.  
 E o amo, a quem signaes de tanto affecto  
 Movem no íntimo d'alma; sente um golpe  
 De balsamo cahir-lhe sôbre as chagas  
 Do coração lanhado: a dextra languida  
 Poisa no hombro fiel, o peito encosta  
 Sôbre o peito leal do amigo... — Amigo  
 Direi; amigo sim: peja-te o nome,  
 Orgulho do homem vão, por dado a escravos?

E que és tu mais? — Era de ver, e digno  
 Espectaculo, aonde se cravaessem  
 Os olhos todos d'essa raça abjecta,  
 Que se diz de homens, a figura nobre  
 Do guerreiro, onde toda se debuxa  
 A altivez, a grandeza, a fôrça d'ânimo,  
 C'um andrajoso humilde e pobre escravo  
 Em attitude tal. Rira-se o mundo;  
 O homem de bem, de coração, chorára.

— « Oh meu amigo, oh meu Antonio »—disse,  
 No remendado seio a face altiva  
 Escondendo o guerreiro — « Oh! ésta noute  
 Aonde, em que poisada a passaremos?

— Meu bom senhor, um gasalhado tenho  
 Achado ja; que bem vi eu não ieis  
 Nunca mais ao mosteiro. Digno, certo,  
 De vós não é; mas sabeis...»

—« Sei, amigo,  
 Que so tu, n'este misero universo,  
 — E o sepulcro tambem — alfim me restas. »

Junctos á margem vão do Tejo andando  
 A lento passo. A noute era formosa,  
 Clara e brilhante a lua. Oh! que memorias  
 N'alma do vate, esse astro, a hora, o sitio  
 Não suscitam amargas? Perto passa  
 Daquella gelosia, aquella mesina,



D'onde os doces pinhões, d'onde a carta  
Recebêra fatal. Quam demudada,  
Quam differente está, do que a ja vira,  
Essa praia tam placida e saudosa.  
Um plátano frondoso, que hi crescia,  
Em cujo liso tronco tantas vezes  
Se encostou, aguardando a hora tardia,  
( Praso dado d'amor, que é tardo sempre )  
Cuja sombra em luar, pouco propicio  
A amantes, o occultou de agudas vistas  
De curiosos-profanos, e inimigos;  
Ai! sêcca jaz em terra, e despojada  
De viço e folhas a árvore querida.  
Tudo, tudo acabou, menos a mágoa,  
Menos a saudade que o consume.

Sua pobre habitação os dons entráram;  
E tristes horas, dias, mezes passam  
Arrastados e longos, — qual o tempo  
Para infelizes anda, — sem que a sorte  
Mais ditosos os visse, ou a amizade  
Menos unidos. — Mas a mão tremente  
Encarquilhada e sêcca ja sôbre elles  
Ia estendendo a pallida indigencia;  
E a fome... a fome alfim. — Clamor pequeno,  
Que de minhas endeixas tenue soa,  
Se juncte aos brados das canções eternas,  
Com que o teu nome, generoso Antonio,  
Já pelo mundo engrandecido echoa.

Vêde-o, vai pelas sombras caridosas  
 Da noite, de vergonhas coitadora,  
 De porta em porta tímido esmolando  
 Os chorados seitis, com que o mesquinho,  
 Escasso pão comprar. *Dae, Portuguezes,*  
*Dae esmola a Camões.* Eternas fiquem  
 Êstas do estranho bardo \* memorandas,  
 Injuriosas palavras, para sempre  
 Em castigo, e escarmento, conservadas  
 Nos fastos das vergonhas portuguezas.

Não póde mais o coração co'a vida;  
 E lenta a morte c'o infezado sangue  
 Caminho vem do peito. O espaço mede,  
 Que lhe resta na arena da existencia;  
 Perto a barreira viu... Ah! jaz o tumulo.  
 Chegado é pois o dia do descanso.  
 Bem vinda sejam hora de repouso.  
 Com a trémula mão tenteia às cordas  
 Daquella lyra, onde troou a glória,  
 Onde gemeu amor, carpiu saudade,  
 E a patria...—Oh! e que patria os ceos lhe deram!  
 Offrendas recebeu de hymnos celestes;  
 Pela última vez as cordas fere,

\* M. Raynouard, na sua ode a Camões. Esta ode traduzida per tres Portuguezes em Paris, e moderadamente annotada, foi impressa na regia officina typographica de Lisboa.

E este adeus derradeiro á patria disse,  
 Cortando-lhe o alento enfraquecido  
 Agora os sons, agora a voz quebrada:  
 Terra da minha patria! abre-me o seio  
 Na morte aomenos. Breve espaço occupa  
 O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho...  
 Em que te hei desmer'cido, ó patria minha?  
 Não foi meu braço ao campo das batalhas  
 Segar-te louros? Meus sonoros hymnos  
 Não voáram por ti á eternidade?  
 E tu, mãe descaroavel, me ingeitaste.  
 Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;  
 Sou filho teu: meus ossos cobre aomenos,  
 Terra da minha patria, abre-me o seio.

» Vivi: que me ficou da vida, agora  
 Que baixo á sepultura? Não remorsos,  
 Vergonhas não. Para a corrida senda  
 Sem pejo os olhos de volver me é dado.  
 E tranquillo direi: *vivi*; — tranquillo  
 Direi: *morro*. Não dormem no jazigo  
 Os ossos do malvado! Não: continuo,  
 Na inquieta campa estão rangendo  
 Ao som das maldições, deixa de crimes,  
 Legado ímpio dos maus. Eu socegado  
 Na terra de meus paes heide encostar-me.. ..

» Ja me sinto ao lumiar da eternidade:  
 Veo, que ennubla, na vida, os olhos do homem,

Se adelgaça : rasgado , os seios me abre  
 Do escondido porvir... — Oh! qual te has feito,  
 Misero Portugal. — oh! qual te vejo ,  
 Infeliz patria! Serves tu , princeza ,  
 Tu , senhora dos máres!... Que tyrannos \*  
 As aguas passam do Guadiana? A morte,  
 A escravidão lhes tras ferros e sangue...  
 Para quem? Para ti , mesquinha Lysia.  
 Que naus são essas , que ufanosas surcam  
 Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros  
 Varrem o Oceano \*\*, que pasmado busca ,  
 Em vão! nas poppas descobrir as Quinas.  
 Em vão; da hastea da lança escalavrada  
 Roto o estandarte cai dos Portuguezes.

» Cinza , esfriada cinza é todo o alcaçar  
 Da glória lusitana... Uma fáiça ,  
 Esquecida a tyrannos , la scintilla  
 Mas quam debil que vens , sôpro de vida .  
 Um-so momento com vigor no peito  
 O coração te pulsa. Exangue , enferma  
 So te ergues d'esse leito de miseria  
 Para cahir , desfallecer de novo.

» Onde levas tuas aguas , Tejo aurifero ?  
 Onde , a que máres ? Ja teu nome ignora

\* Os Hespanhoes.

\*\* As naus hollandezas.

Neptuno, que tremeu de outrora' ouvi-lo.  
 Suberbo Tejo, nem padrão aomenos  
 Ficará de tua glória? Nem herdeiro  
 De teu renome?... Sim : recebe-o, guarda-o,  
 Generoso Amasonas, o legado  
 De honra, de fam , e brio : não se acabe  
 A lingua, o nome portuguez na terra.  
 Prole de Lusos, peja-vos o nome  
 De Lusitanos? Que fazeis? Se extineto  
 O paterno casal cabir de todo,  
 Ingratos filhos, a memoria antiga  
 Não guardareis do patrio honrado nome?

» Oh patria, oh minha patria!... »

A voz, que afrouxa,  
 Inerromperam sons desconhecidos  
 De voz de estranho, que na estancia humilde  
 Entra do vate. — « Perdoae, se ousado  
 Entrei, senhor; mas... »

— « Quem sois v s? Ha inda  
 Homem no mundo, que a poisada obscura  
 D'um moribundo saiba? »

— « Cavalleiro,  
 Desde o alvor da manhan que vos procuro :  
 De Africa hoje cheguei... »

— « Ah! perdoae-me.  
 Sois v s, conde? Voltastes? E que novas  
 Me trazeis? »

— « Tristes novas, cavalleiro.

Ai! tristes. D'êsta carta que vos trago  
Sabereis tudo. » —

Ao vate a carta entrega :

Do missionario \* era, que dos carcerees  
De Fez a escreve. Saúdoso e triste,  
Mas resignado e placido lhe manda  
Consolações, palavras de brandura,  
De alívio e de esperança. — « Extincto é tudo  
N'êsta mansão de lagrymas e dores ;  
( As lettras dizem ) tudo ; mas a patria  
Da eternidade, so a perde o impio.  
Deus, e a virtude restam : consolae-vos... »

» Oh! consolar-me... (exclama, e das mãos trémulas  
A epistola fatal lhe cai ) Perdido  
É tudo pois!... » No peito a voz lhe fica ;  
E de tammanho golpe amortecido  
Inclina a frente, e como se passára,  
Fecha languidamente os olhos tristes.  
Anciado o nobre conde se aproxima  
Do leito... Ai! tarde vens, auxilio do homem.  
Os olhos turvos para o ceo levanta ;  
E ja no arranco extremo : — « *Patria, ao menos  
Junctos morremos... E expirou co' a patria.* »

\* Fray Josepe Indio. Veja-se a nota do poema,  
pag. 204,

ANONYMO, *Camões poema.*

INDEX.

---

---

INDEX  
DO TOMO Iº.

---

|   |      |       |
|---|------|-------|
| <i>A quem ler.</i>  | Pag. | I     |
| <i>Bosquejo da historia da poesia et lingua portugueza.</i> |      | VII   |
| <i>Da Arte poetica.</i>                                     |      | LXXIV |

EPICOS.

CAMÕES.

|   |    |
|---|----|
| <i>Venus intercede a Jupiter polos Portuguezes.</i> | I  |
| <i>Descripção da Europa.</i>                        | 9  |
| <i>Iguez de Castro.</i>                             | 15 |
| <i>Partida de Vasco da Gama de Lisboa.</i>          | 21 |
| <i>Adamastor.</i>                                   | 28 |
| <i>Os doze de Inglaterra.</i>                       | 36 |
| <i>A ilha dos amores.</i>                           | 44 |

CORTEREAL.

|  |    |
|--|----|
| <i>Descripção das tres partes do mundo antigo.</i> | 65 |
| <i>Morte de D. Leonor.</i>                         | 73 |



## LUIS PEREIRA.

|                                       |      |    |
|---------------------------------------|------|----|
| <i>El-rei D. Sebastião em Cintra.</i> | Pag. | 79 |
|---------------------------------------|------|----|

## QUEVEDO.

|  |  |     |
|--|--|-----|
| <i>O Oceano festejando a armada portugueza.</i>  |  | 86  |
| <i>Zara supplicando ao pae o perdão dos captivos.</i>  |  | 90  |
| <i>O principe D. João nos jardins encantados.</i>  |  | 97  |
| <i>A noite suspende o assalto de Arzilla.<br/>Zaphyra procura o corpo de Hali<br/>no campo da batalha.</i> |  | 118 |

## LOBO.

|   |  |     |
|---|--|-----|
| <i>D. João I. eleito e acclamado nas côrtes de Coimbra.</i> |  | 124 |
| <i>Nun' Alv' res Pereira no seio de sua familia.</i>        |  | 127 |
| <i>Batalha de Aljubarrota.</i>                              |  | 130 |

## CASTRO.

|  |  |     |
|--|--|-----|
| <i>Helena depois da destruição de Troia.</i> |  | 149 |
| <i>Combate de Achilles e Heitor.</i>         |  | 152 |

|                                       |      |     |
|---------------------------------------|------|-----|
| <i>Calypso e Ulysses.</i>             | Pag. | 161 |
| <i>Calypso abandonada de Ulysses.</i> |      | 167 |

## SA DE MENEZES.

|  |  |     |
|--|--|-----|
| <i>Descrição do Averno.</i>  |  | 173 |
| <i>Glaura procurando no campo de batalha o corpo de Batrão seu esposo.</i> |  | 182 |

## DURÃO.

|               |  |     |
|---------------|--|-----|
| <i>Moema.</i> |  | 188 |
|---------------|--|-----|

## J. BAZILIO DA GAMA.

|                 |  |     |
|-----------------|--|-----|
| <i>Lindoya.</i> |  | 191 |
|-----------------|--|-----|

## SANTOS E SILVA.

|                           |  |     |
|---------------------------|--|-----|
| <i>Morte de Luis XVI.</i> |  | 204 |
|---------------------------|--|-----|

## J. A. DE MACEDO.

|                            |  |     |
|----------------------------|--|-----|
| <i>O alcaçar da morte.</i> |  | 244 |
|----------------------------|--|-----|

## ANONYMO.

|  |  |     |
|--|--|-----|
| <i>Camões emprende e completa os Lusíadas.</i> |  | 257 |
| <i>Morte de Camões.</i>                        |  | 271 |







